



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**MARCELO LOPES ROSA**

**O CONCEITO DE CIÊNCIA EM GIAMBATTISTA VICO**

Linha de Pesquisa: 01 – Metafísica e Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos

**MARINGÁ - PR**

**2019**

**MARCELO LOPES ROSA**

**O CONCEITO DE CIÊNCIA EM GIAMBATTISTA VICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa 1: Metafísica e conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos

MARINGÁ - PR

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R788c Rosa, Marcelo Lopes

O Conceito de ciência em Giambattista Vico / Marcelo Lopes Rosa. -  
Maringá, 2019.  
173 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Vladmir Chaves dos Santos.  
Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de  
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2019.

1. Ciência – Tese. 2. Anticartesianismo – Tese. 3. Humanidade – Tese.  
I. Santos, Vladmir Chaves dos. II. Universidade Estadual de Maringá.  
III. Título.

(23. ed.) CDD: 100

Bibliotecária Responsável/ Zineide Pereira dos Santos - CRB 9/1577



**MARCELO LOPES ROSA**

**“O CONCEITO DE CIÊNCIA EM GIAMBATTISTA VICO”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como condição parcial para a obtenção do grau de *Mestre em Filosofia* sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos.


Este exemplar corresponde à versão definitiva da dissertação defendida perante a Banca Examinadora.

Aprovado em 01 de abril de 2019.



Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos  
Presidente/Orientador – UEM

  
Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto  
Membro Externo – UFU

  
Prof. Dr. Max Rogério Vicentini  
Membro Interno – UEM

## DEDICATÓRIA

À minha amada esposa,  
aos meus filhos,  
à minha mãe,  
às minhas irmãs,  
aos meus sobrinhos,  
aos meus alunos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Vladimir Chaves dos Santos, por toda sua generosidade, confiança e cuidado.

Aos professores Dr. Max Rogério Vicentini e Dr. Sertório Amorim e Silva Neto por suas contribuições na qualificação e pela publicação e tradução de textos que me auxiliaram nesse trabalho.

Agradeço aos pesquisadores do Centro de Investigaciones sobre Vico da Universidad de Sevilla pela generosidade de publicar e disponibilizar gratuitamente para consulta textos e traduções de qualidade, por meio da revista *Cuadernos sobre Vico*, que foram importantíssimos para minha pesquisa.

Ao Instituto Federal do Paraná por sua política institucional de incentivo à qualificação de seus servidores, que foi criada por pessoas que, tempos atrás, percebiam a educação como um importante investimento social, e que sem tal incentivo eu não teria como realizar este sonho antigo de dedicar-me ao mestrado.

À coordenação do Programa de Pós-graduação em Filosofia PGF-UEM, professora Dra. Patrícia Coradim Sita, atualmente coordenadora adjunta, e aos demais professores que contribuíram muito para a minha formação.

À secretária do PGF-UEM Rosângela Scoaris por toda a sua atenção e ajuda.

Aos meus colegas de trabalho que me incentivaram e me apoiaram na realização desse trabalho.

Ao Giovani Monteiro por sua leitura e ajuda em minhas dificuldades de redação.

À minha amada esposa e à minha mãe que foram um importante suporte que permitiu a minha dedicação a esta pesquisa.

Ao bom Deus, Providência que me guarda e que me prepara caminhos por boas trilhas que eu não poderia imaginar.

# O CONCEITO DE CIÊNCIA EM GIAMBATTISTA VICO

## RESUMO

A presente pesquisa é um estudo sobre o conceito de ciência em Giambattista Vico a partir de suas primeiras obras. Trata-se de uma investigação de caráter bibliográfico das obras, de seu contexto histórico e de seus comentadores, e as tenta comparar com a leitura de Vico sobre a teoria cartesiana. Enquanto filósofo e professor, Vico preocupou-se com um conceito de ciência que levasse em conta as características específicas da humanidade e buscou estabelecer um conhecimento científico sobre ela. No contexto em que ele viveu, crescia uma tendência científica de se tentar aplicar o mesmo método utilizado para estabelecer uma ciência sobre a natureza para a compreensão das ações da humanidade. Outro problema que ele tentava enfrentar era o de que os estudos que se dedicavam a entender os problemas humanos não eram considerados sequer científicos. Vico se esforça em interpretar o que seria o conhecimento científico e tenta garantir que o estudo da humanidade também receba o *status* de ciência. Para compreender o conceito de ciência proposto por ele, decidimos dar uma atenção especial às suas primeiras obras, *De Ratione* e *De Antiquissima*, pois elas configuram uma metodologia para a ciência, para a formação e a educação do homem, em um diálogo com o cartesianismo. A teoria de Vico consegue se estender por sobre um amplo espectro de temas que nesse estudo foi destacado. Contudo, os limites dessa pesquisa são sobre a necessidade humana de uma ciência que compreenda a humanidade, que se encontra em permanente estado de mudança, e de uma proposta de ciência que seja capaz de perceber as fragilidades, limites e imperfeições do homem em busca de um conhecimento verdadeiro. Portanto, de acordo com a teoria de Vico, o homem, mesmo limitado e imperfeito, é capaz de produzir uma ciência útil mediante o uso do método sintético que lhe permite o uso da imaginação, da abstração e do entendimento; mas, ao mesmo tempo, o homem precisa estar atento aos riscos de fracasso se ele se utilizar de um método ineficaz de ciência. Em conclusão, buscamos contextualizar o pensamento viquiano, relacioná-lo à e diferenciá-lo da teoria cartesiana e investigar como Vico aplica tais conceitos e tal metodologia a partir de suas primeiras obras.

**Palavras-chave:** Ciência. Anticartesianismo. Humanidade.

# GIAMBATTISTA VICO'S SCIENCE CONCEPT

## **ABSTRACT**

This research is a study on the Giambattista Vico's science concept from his early works. It consists in a bibliographical investigation of the works, their historical context as well as their commentators and tries to compare them with Vico's own understanding of the theory of Cartesianism. As a philosopher and a teacher, Vico was concerned with a concept of science that took into account the specific characteristics of humanity and sought to establish scientific knowledge about it. In the context he lived, there was grown a scientific tendency to try and apply the same method used to establish a science about nature to the comprehension of humanity's actions. Another problem that he tried to face was that the studies that were dedicated to the understanding of human problems were not even considered scientific. Vico strives to interpret what scientific knowledge truly is and tries to ensure that the study of humanity may also receive the status of science. In order to understand the concept of science proposed by him, we decided to pay special attention to his first works, *De Ratione* and *De Antiquissima*, since they constitute a methodology for science, for the formation and education of man, in a dialogue with Cartesianism. Vico's theory can extend over a broad spectrum of issues that this study was highlighted. However, the limits of this research are on the human need for a science that understands humanity, which is in a permanent state of change, and a proposal for science to be able to realize weaknesses, limits and human imperfections in search of a true knowledge. Therefore, according to Vico's theory, man, even limited and imperfect, is capable of producing a useful science by using the synthetic method which allows him to use the imagination, the abstraction and understanding; but at the same time man must be aware of the failure's risks if he uses an ineffective method of science. In conclusion, we sought to contextualize Viquian thought, to relate it and differentiate it from Cartesian theory, and investigate how Vico applies such concepts and methodology in his early works.

**Key words:** Science. Anticartesianism. Humanity.



## LISTA DE ABREVIATURAS

*De Rat.* - *De nostri temporis studiorum ratione* (1709)

*De Ant.* - *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda* (1710)

*Sn* – *Scienza nuova* (1744)

*Vita* – *Autobiografia* (1728)

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZANDO A TEORIA DE GIAMBATTISTA VICO.....	16
1 O CONTEXTO DE VICO.....	16
1.1 Considerações sobre o contexto histórico de Vico.....	17
1.2 A amplitude das discussões da teoria de Vico a partir de uma leitura de Isaiah Berlin.....	43
1.3 Considerações sobre a escolha das obras <i>De Antiquissima e Ciência Nova</i> para a pesquisa.....	53
CAPÍTULO II: VICO E A PROPOSTA DE UMA NOVA CIÊNCIA.....	60
2.1 Uma ciência que compreenda a humanidade em mudança.....	62
2.2 A teoria cartesiana a partir de um ponto de vista viquiano.....	66
2.3 A proposta de uma nova ciência.....	73
CAPÍTULO III: A TEORIA DE CIÊNCIA DE VICO E O DIÁLOGO COM O CARTESIANISMO.....	87
3.1 Uma nova ciência de rigor matemático: uma leitura da proposta cartesiana de ciência.....	88
3.2 <i>Verum e certum</i> : sobre a possibilidade de um conhecimento científico....	104
3.3 “Sobre o verdadeiro e o feito”: o conhecimento humano é criador.....	108
3.4 Análise e síntese: a ciência humana enquanto uma sorte de “anatomia” das obras da natureza.....	128
CONCLUSÃO.....	141
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICE.....	153
APÊNDICE A – O compasso mesolábio e a geometria analítica.....	153

APÊNDICE B - 1 Breve cronologia da vida e das obras de Vico a partir da Vita .....	157
2 A produção bibliográfica de Vico.....	170
2.1 As obras de Giambattista Vico publicadas em vida.....	170
2.2 Obras póstumas.....	171

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é um estudo sobre o conceito de ciência nas primeiras obras de Giambattista Vico. Nossa principal hipótese é que Vico forma um conceito de ciência próximo do experimentalismo nas primeiras obras e que tem algumas relações de aproximação e de distanciamento do pensamento cartesiano. Tal conceito viquiano de ciência sofre algumas mudanças em sua obra principal, a qual foi necessário fazer algumas referências nesse trabalho. Tentaremos limitar a nossa investigação principalmente às primeiras obras, levando-se em conta a complexidade do pensamento de Vico e os prazos que temos para conclusão desse estudo, e fazer algumas referências à *Ciência nova* quando necessário para confirmar nossa hipótese. No decorrer desses quase três séculos de existência, verificamos que as opiniões sobre a teoria de Vico entre seus comentadores são, por vezes, conflitantes. Apresentaremos alguns dos principais pontos debatidos por eles, buscando evitar ser juízes de tal discussão. Vico abordou temas sobre os quais ainda podemos refletir em nosso século, como o lugar das humanidades nas ciências ou na educação de jovens, mas evitaremos, na medida que for prudente, tratá-lo como precursor das discussões de nosso tempo ou incorrer em anacronismos. Desejamos reconhecer o mérito de Vico ter percebido, em seu tempo, problemas científicos e filosóficos que ainda nos atingem, de alguma forma.

Enquanto filósofo e professor, Vico preocupou-se com um conceito de ciência que levasse em conta as características específicas da humanidade e pudesse estabelecer um conhecimento científico sobre ela. No contexto em que Vico viveu, crescia uma tendência científica de se aplicar o método da ciência da natureza à compreensão das ações da humanidade. Sequer consideravam-se científicos os estudos que se dedicavam a entender os problemas humanos. Vico se

esforça em interpretar o que seria o conhecimento científico e tenta garantir que o estudo da humanidade também seja considerado científico.

O presente texto é uma investigação das obras e do contexto histórico de Vico que tenta contrastar a proposta deste com a do cartesianismo. As primeiras obras de Vico, *De nostri temporis studiorum ratione*, 1709, e *De antiquíssima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*, 1710<sup>1</sup>, configuram uma metodologia para a ciência, para a formação e a educação do homem, em um diálogo que contrapõe o cartesianismo em vários pontos. As poucas referências à obra *Ciência nova*<sup>2</sup> servirão para verificar como o conceito e o método de ciência estabelecidos por Vico modificaram-se em sua obra principal. Portanto, pretendemos, com essa pesquisa, buscar nas primeiras obras qual a definição de ciência e sua metodologia propostas por Vico. Julgamos que a reconstituição do contexto de Vico e a análise das primeiras obras, realizados no primeiro capítulo, são importantes para a compreensão da concepção de ciência.

O filósofo e professor Giambattista Vico foi um napolitano que viveu entre os séculos XVII e XVIII e elaborou um conceito de ciência que ultrapassava as discussões de uma ciência sobre a natureza. Em sua obra principal, a *Ciência nova*, não é difícil notar que existe uma convergência entre os conceitos de política, história, poesia, linguística, mitologia, teologia, direito, metodologia científica, retórica, lógica, pedagogia, metafísica, física, filosofia e filologia. Vico se propôs a estabelecer um conceito novo de ciência que fosse capaz de compreender a humanidade.

De acordo com a teoria de Vico, é preciso recorrer à pluralidade de produtos da própria tradição para reunir os elementos em vista da elaboração de uma pesquisa que pretende ser uma ciência da humanidade. O autoconhecimento do homem requer uma consideração global da cultura. O homem precisa ser localizado enquanto produto de sua história e, enquanto tal, ser constituído nela. Na história, há

---

1 Ao longo do texto, nomearemos a primeira obra apenas como *De Ratione* ou *De Rat.* e a segunda obra como *De Antiquíssima* ou *De Ant.*

2 Utilizaremos a tradução da terceira edição de Vico, de 1744. Originalmente seu título é "*Principj di Scienza nuova* di Giambattista Vico *d'intorno alla comune natura delle nazioni*, in questa terza impressione dal medesimo autore in un gran numero di luoghi corretta, schiarita e notabilmente accresciuta", sendo considerada a principal obra filosófica de Vico. Abreviaremos a referência à obra como *Ciência nova* no corpo do texto e como *Sn* nas notas de rodapé.

a construção de um mundo humano que pode ser conhecido e do qual se podem compreender algumas verdades.

Na época de Vico, havia uma grande discussão acerca da proposta cartesiana para o estabelecimento de uma ciência verdadeira. Nesse debate, Vico aproxima tal proposta da metodologia estoica, sobretudo da crítica, a arte do juízo. Na elaboração de sua própria teoria, ele não descarta a crítica enquanto integrante da ciência, assumindo que sua ciência nova seria uma nova arte crítica<sup>3</sup>. Nas primeiras obras, Vico adverte que a ciência não poderia resumir-se à crítica, mas deveria estabelecer um lugar para a tópica, ou seja, a arte da invenção, proveniente da tradição retórica<sup>4</sup>. A tópica deveria preceder a crítica conforme a ordem correta de produção do conhecimento. Nesse sentido, a teoria cartesiana não é plenamente descartada por Vico.

Sobretudo o cartesianismo de Port-Royal, que desprezava a tópica, é o alvo da crítica de Vico. Tal concepção cartesiana aprofunda a discussão sobre a impossibilidade de uma ciência verdadeira sobre a humanidade. Para essa concepção, somente o conhecimento claro e distinto poderia ser a base para a ciência; com isso, ela buscava o estabelecimento de um modelo universal de ciência. Ademais, para essa concepção, as discussões que envolveriam as questões da humanidade gerariam inúmeras controvérsias e produziriam um conhecimento meramente verossímil<sup>5</sup>. A tópica viria a ser alvo do cartesianismo de Port-Royal por sua capacidade de fazer aparentar como verdadeiras afirmações que seriam falsas<sup>6</sup>. A metodologia científica proposta por Vico contrapõem-se a tal concepção ao afirmar

---

3 *Vita*, 1998, p. 149.

4 “Por filosofia crítica entenda-se a filosofia cartesiana, dirigida pelos juízos analíticos, cuja aridez é visível no solipsismo do *cogito*. A filosofia tópica, de matiz humanista, contribui para o desenvolvimento das ciências singulares e do saber prático, daí o seu vínculo com as noções de *techne* e *poiesis* da filosofia grega”; GUIDO, 2004, p. 31.

5 No início da terceira parte do *De Rat.*, Vico declara que “... [a crítica] para expurgar sua verdade primeira não somente de todo o falso, mas também de toda a suspeita de falso, prescreve que se expulse da mente as verdades segundas e o verossímil como se fossem falsos.” *De Rat.*, 1998, III, p. 407. O texto que citamos do *De Rat.* é a tradução do latim para o espanhol de Francisco J. Navarro Gómez. Todas as citações a seguir serão nossa tradução do espanhol para o português.

6 “(...) Arnauld, homem doutíssimo em todos os campos, a despreza [a tópica] e a considera infrutífera. Em qual dos dois devemos crer, Arnauld, que a nega, ou Cícero, que afirma e confessa haver chegado a ser eloquente sobretudo pela tópica? Julguem-nos outros (...)” *De Rat.*, 1998, III, p. 409. A tópica assumirá importância na teoria viquiana para uma educação moral dos jovens. Entretanto, Vico reconhece o risco da tópica tomar como verdadeiro aquilo que é falso.

que o conhecimento deveria partir da inventividade para a crítica. Vico valorizava a tópica como arte de invenção. Além disso, não faz sentido uma metodologia única e válida para todas as pesquisas científicas, aplicável a todos os objetos da mesma forma. O cartesianismo universalizaria um único método para a ciência. Contrapondo-se a tal concepção, Vico recorre a uma analogia dando o exemplo da medicina que precisa de uma metodologia indutiva para verificar cada doença e definir um tratamento para cada caso. Não é possível aplicar um mesmo remédio ou procedimento para todo e qualquer caso de enfermidade<sup>7</sup>.

Dessa forma, o conceito de ciência viquiano das primeiras obras aproxima-se do método de Francis Bacon de observação da natureza para seu posterior desenvolvimento. Primeiro, observa-se o objeto e depois produz-se o instrumental teórico e metodológico necessário e adequado ao fenômeno a se investigar. Em primeiro plano: o objeto. E o que se aplica a um caso pode não ser aplicável a outro caso investigado. Não há uma fórmula pronta e acabada. Cada caso precisa ser cuidadosamente investigado e avaliado para que suas conclusões possam ser satisfatórias.

Ao mesmo tempo, Vico não abre mão do princípio de que a ciência deva ser universal. A ciência é sempre algo universal<sup>8</sup>, ou seja, envolve a metafísica. No entanto, a metodologia precisa ser adequada a cada situação. Nesse contexto, surge a proposta de Vico de uma ciência sobre a humanidade. Uma ciência adequada às mais diversas situações da realidade do mundo humano, que se pretende mais rigorosa que as ciências sobre a natureza. Vico ousa afirmar que a tarefa de se fazer uma ciência sobre a natureza, como à que os cartesianos se propunham, seria uma tarefa, a rigor, impossível. Só seria possível haver ciência

7 “... Verulamio fazia notar que os seguidores de Galeno conjecturavam incorretamente as causas das enfermidades com um silogismo, assim eu diria que os mais modernos nos apresentam incorretamente o mesmo com um sorites. (...). Um silogismo não apresenta nada novo, porque na premissa maior ou na menor está compreendida a conclusão. (...) De outra forma, as doenças são sempre novas e diversas, como sempre distintos são os pacientes. (...) a decisão mais segura é seguir os casos particulares; e não usar o sorites nesse assunto mais do que o necessário, mas basear-se melhor na indução.” *De Rat.*, 1998, VI, p. 414. Em outra obra Vico afirma que “ao sorites dos estoicos corresponde o método geométrico de Descartes”, *De Ant.*, 1999-2000, V, p. 480, reforçando o argumento de aproximação entre a abordagem lógica e o modelo de ciência proposto pelo cartesianismo.

8 “(...) Platão, depois de Pitágoras, é da opinião de que a ciência é sobre coisas eternas e imutáveis”. *De Ant.*, 1999-2000, cap. IV, I, p. 458. Em outra passagem Vico afirma que “a metafísica é fonte de toda a verdade, e de onde se derivam todas as demais ciências”. *Ibid.*, cap. IV, II, p. 459.

sobre aquilo que o homem faz, sobre aquilo que seria artificial, não natural. Ou seja, somente seria possível uma ciência cujos objetos são observados em situações artificiais que dependem do arbítrio humano. Em última instância, toda ciência que conhecemos é humana, e não natural.

Sabedoria e ciência são as mesmas coisas? Para Vico a resposta é não. Na *Ciência nova*, estabelecem-se os padrões quanto ao tipo de conhecimento em cada época da história da humanidade. Ao longo do desenvolvimento da humanidade, haveria uma sabedoria, uma metafísica, uma lógica, uma moral e uma economia específicas. As primeiras nações teriam todos esses elementos de características muito diferentes do que os das nações que se seguiram depois. Os primeiros homens, além ter uma linguagem poética, também teriam uma economia, moral, lógica e metafísica igualmente poéticas. Somente com uma metodologia científica que possa se adaptar a tentar compreender essa humanidade que se altera ao longo do tempo seria possível um conhecimento verdadeiro. Emprestar conceitos e comportamentos do homem moderno para entender o homem primitivo seria um erro contra o qual Vico busca alertar.

Qual seria, então, o modelo científico de Vico? Este tem características indutivas, por composição e observação, admite a experimentação e constitui-se por conjecturas e raciocínios apoiado em dados coletados, mas exige engenho e imaginação no primeiro momento quando da coleta dos fatos e do estabelecimento das conjecturas. É uma ciência que deve procurar o universal, mas permanece fundada em fatos particulares. Nesse sentido, até a linguagem utilizada para a elaboração do pensamento científico deve ser adequada ao modelo que Vico propõe.

No primeiro capítulo, buscamos demonstrar alguns fundamentos que permitirão o desenvolvimento dos argumentos que se seguirão nas próximas seções desta pesquisa. Iniciaremos com uma contextualização, seguida pela repercussão de Vico em seu tempo, utilizando-nos principalmente de sua obra *Vita* e dos seus principais comentadores, além de destacarmos a amplitude que a obra viquiana atinge, segundo Berlin, e explicaremos o motivo de nos determos nas primeiras obras para a pesquisa do conceito de ciência. No segundo capítulo, faremos



algumas considerações sobre a necessidade de uma ciência que compreenda a humanidade em mudança; pontuaremos algumas das contraposições que Vico estabeleceu com as teorias de seu tempo, principalmente com a teoria cartesiana, e traçaremos um panorama da concepção viquiana para uma nova ciência. É um capítulo introdutório para o terceiro, no qual buscaremos aprofundar as discussões de Descartes sobre a sua proposta de uma ciência com rigor matemático, a partir de sua pesquisa sobre a relação entre a geometria e a aritmética aplicados ao estudo de compassos; e compararemos à teoria de Vico presente nas primeiras obras que reflete sobre a possibilidade humana de um conhecimento que seja científico; discutiremos a concepção de Vico sobre como o homem é criador de conhecimento; e, por fim, de acordo com Vico, pretendemos apresentar como ocorre o processo de produção dessa ciência humana, na qual deve prevalecer o aspecto sintético sobre o analítico.

## CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZANDO A TEORIA DE GIAMBATTISTA VICO

### 1 O CONTEXTO DE VICO

Para compreender melhor o pensamento de Vico sobre o conceito de ciência nas suas primeiras obras, esboçamos o contexto intelectual em que ele estava situado. Para melhor compreensão de sua teoria, é importante perceber que a obra de Vico se faz no tempo e dialoga com ele<sup>9</sup>. Segundo Pereira Filho, quando Vico escreve a primeira frase de sua *Autobiografia* ele se apresenta imerso na Nápoles do século XVIII<sup>10</sup>, portanto, um panorama de seu contexto se faz necessário para melhor conhecer a sua teoria. Tentamos reunir as diferentes opiniões, por vezes até contraditórias, de seus principais estudiosos sobre a relação de Vico com as teorias de seu tempo. Procuramos não nos colocar como juízes dessas discussões entre autores tão importantes.

Por meio dos estudos de suas primeiras obras, da *Ciência nova* e da *Vita*, tendo como apoio os seus diversos comentadores, traçamos aspectos gerais das relações de Vico com o renascimento, com o barroco, com as mudanças nos paradigmas científicos em curso e com a conflitante e complexa relação entre a Igreja, o domínio espanhol e os intelectuais das academias napolitanas. Partindo da leitura de alguns textos de Isaiah Berlin, introduzimos, de forma geral, a amplitude de temas que as discussões de Vico alcançam. A intenção é demonstrar quão ampla é a teoria de Vico. No entanto, por conta dos limites dessa pesquisa, na sequência

---

9 PEREIRA FILHO, 2012, p. 188; 199.

10 Ibid., p. 188.

apresentamos os motivos que nos levaram a priorizar os estudos sobre o conceito de ciência nas primeiras obras, principalmente no *De Antiquissima*.

Aparentemente, Vico teria formulado um conceito de ciência nas primeiras obras e que, após os estudos de Grocio, teria promovido alterações desse conceito em sua obra principal. Nossa pesquisa dedicará a sua atenção principal aos aspectos da teoria de ciência das primeiras obras, entretanto, recorreremos à *Ciência nova* quando necessário. Para isso, a caracterização do contexto relacionado à sua teoria torna-se importante, pois Vico teria elaborado uma teoria que apresenta o homem enquanto um ser histórico que se constrói e se determina em suas relações com o mundo exterior. O presente capítulo tem a intenção de localizar Vico como um ser histórico.

### **1.1 Considerações sobre o contexto histórico de Vico**

Giambattista Vico, professor universitário e particular, viveu uma vida modesta e com uma família numerosa. Filho de uma família pobre, ele “era um membro da plebe que dela se separou unicamente alcançando uma educação e convertendo-se em um profissional ou assalariado civil”<sup>11</sup>. Ele dedica a maior parte de sua vida ao ensino, desde seus 18 anos de idade, quando se torna preletor em Vatolla, até seus 73 anos, quando deixou sua vida acadêmica e dedica-se a terminar a terceira edição de sua principal obra filosófica, a *Ciência nova*.

Vários críticos especializados trataram Vico como alguém que nasceu antes de seu tempo<sup>12</sup>. No entanto, é preciso situar o Vico como homem de seu tempo, que se construiu nele e que acompanhava as principais discussões acadêmicas<sup>13</sup>. Vico

---

11 PINTON, 1997, p.126.

12 GUIDO, 2004, p. 12. Peter BURKE, 1997, dedica o seu primeiro capítulo, de título “O mito de Vico”, p. 13 – 21, e o quarto capítulo, “Vico e a posteridade”, p.99 – 105, a discussão sobre as imagens que foram criadas sobre a teoria de Vico por Michelet, Marx, Croce, James Joyce, Collingwood e Berlin.

13 SANTOS, 2012, p. 157-178, elaborou um estudo sobre as leituras que Rossi e Badaloni capitalizaram sobre o lugar de Vico na modernidade, avaliando se Vico estaria atento ou não às questões que envolveriam a ciência sobre a natureza. Envolvendo uma lista de outros autores, ele identifica uma polarização que ora classificam-no como ortodoxo, preso ao século XVII e que não compreenderia a teoria galileana, ora como heterodoxo, participativo das discussões do século XVIII e consciente dessas teorias.

foi um intelectual que participou de vários salões literários e academias, teve uma vida universitária ativa, era conhecido e requisitado para orações fúnebres, discursos laudatórios de nobres, recepções de autoridades religiosas, entre vários outros trabalhos que lhe eram encomendados pelas autoridades de seu tempo<sup>14</sup>.

Isaiah Berlin descreve as contribuições de Vico como “assombrosas”, embora este não tenha recebido o mesmo reconhecimento de outros autores, como: Descartes, Leibniz, Locke, Berkeley ou Hume, possivelmente por conta de sua “obscuridade e da natureza caótica de sua obra”. Para ele, Vico:

Propôs ideias audaciosas e importantes sobre a natureza do homem e a sociedade humana; atacou as noções vigentes sobre a natureza do conhecimento, da qual revelou, ou, pelo menos, identificou, uma variedade fundamental que até então não havia sido discutida; descobriu virtualmente a ideia de cultura; sua teoria sobre matemática teve que aguardar até o nosso século para que se reconhecesse como revolucionária; antecipou a estética dos românticos e historiadores e quase chegou a transformá-la; criou virtualmente a antropologia e a filologia comparadas e inaugurou a nova aproximação entre a história e as ciências sociais que ela supôs; suas noções de linguagem, mito, direito, simbolismo e a relação do social com a evolução cultural comportam intuições de gênio; foi o primeiro a enfatizar a celebrada distinção entre ciências naturais e humanidades que tenha sido crucial desde então. Entretanto, (...) tem-se mantido fora da tradição central.<sup>15</sup>

O período de vida e produção intelectual de Vico compreende a Nápoles do final do século XVII até próximo da metade do século XVIII, na qual fervilhavam estudos sobre obras e teorias acerca de assuntos como metafísica, ciência e política em vários salões literários e academias que participava<sup>16</sup>. Ele está inserido em um período de intensos debates e acontecimentos que vinham reverberando desde alguns séculos entre os intelectuais europeus e que ainda se estenderam por mais algum tempo depois. Entre outras coisas, Vico assimila o platonismo do

---

14 Pinton, 1997, realizou um estudo sobre a Nápoles física entre 1688 e 1744 pois, segundo ele, “me parece que quase a totalidade dos estudiosos de Vico abordaram-no como se fosse uma peça de museu”; p. 116. Ele indica que o próprio Vico afirmava que a cronologia e a geografia eram os olhos da história e que, portanto, conhecer essa Nápoles física permitiria compreender melhor a sua obra e o seu pensamento. Com base em tal estudo, Pinton sustenta que “Vico foi uma figura pública em seu próprio mundo, bem conhecido, popular entre as classes sociais, que foram objeto de seu interesse como jurista, como professor de retórica e como filósofo”; p.115; “Vico era certamente bem conhecido por toda a cidade de Nápoles e querido pela maior parte dela”, p. 132, afirma Pinton quando faz um balanço de todas as academias que Vico participou.

15 BERLIN, 1998, p. 12.

16 “Nas academias, no início do século XVIII, reuniam-se os ‘doutos’ para discutir – principalmente – sobre filosofia cartesiana (que afrontava o problema da relação entre fé e razão) e sobre literatura, sem descuidar de temas de história e direito, contribuindo na criação de um grupo de intelectuais”. SCANDELLARI, 2008, p. 101.

renascimento; avalia as discussões acerca de Deus; pontua as principais discussões sobre a definição do que seria considerado ciência, em meio ao processo de intensificação de autoridade da Igreja<sup>17</sup>. As relações entre Vico, o renascimento e o barroco são bastante controversas entre os seus estudiosos.

### **Vico e o renascimento**

Parte da obra de Vico dialoga com os autores do Renascimento. De acordo com Peter Burke, a

rejeição [de Vico] da Idade Média, sua preocupação com a antiguidade clássica e o papel exemplar que esta desempenhava para ele, tudo isto sugere que Vico era, no fundo, um humanista renascentista, sugestão esta confirmada por suas frequentes e favoráveis referências a outros humanistas, de Petrarca a Lípsio. Era sem dúvida um humanista tardio, um dos últimos da raça, cõnscio da Revolução Científica do século XVII e marcado pelas ideias de Descartes, ainda que as rejeitasse e as refutasse.<sup>18</sup>

Considerando que o Renascimento filosófico tenha sua origem na península itálica<sup>19</sup>, há uma característica de oposição à tradição escolástica e uma tendência de retorno ao platonismo e neoplatonismo. Essa tendência é percebida entre os humanistas, os pensadores da Academia Platônica de Florença, de 1440, e também na Academia Romana, de Lorenzo Valla a Luis Vives<sup>20</sup>. Tal oposição não levava em conta as influências do próprio platonismo e neoplatonismo sobre a filosofia escolástica, nem mesmo as contribuições aristotélicas para tal pensamento. Os pensadores renascentistas aproximam-se ainda da filosofia estoica, de sua ataraxia e da busca de viver segundo a natureza. Cícero e Quintiliano são citados como grandes filósofos e são equiparados a Platão. Adotam uma imagem dos antigos superficial e falsa<sup>21</sup>, de acordo com Marías.

Durante o século XV, surgem humanistas importantes na Academia Platônica, como o cardeal Bessarion, Marsílio Ficino, Pico della Mirandola, entre outros. Hermolao Bárbaro e Pietro Pomponazzi buscaram estabelecer uma nova interpretação do aristotelismo distante da tradição escolástica. Campanella escreve

17 SANTOS, 2012, p. 159.

18 BURKE, 1997, p. 84 – 85.

19 MARÍAS, 2004, p. 206.

20 Ibid, p. 205.

21 Ibid, p. 206.

uma utopia política, a obra *Civitas Solis*, inspirada na *República* de Platão. Maquiavel escreve o *Príncipe*, em que o Estado não se subordina a nenhuma instância superior, seja ela moral ou religiosa. Entre Leonardo da Vinci e Bernardino Telesio surgiria uma tendência naturalista que se configuraria como modelo de ciência natural em Galileu Galilei<sup>22</sup>.

O contato de Vico com o estudo do platonismo iniciou-se com o Padre jesuíta Giuseppe Ricci (1650-1713)<sup>23</sup>, professor de filosofia e teologia no Colégio de Nápoles. A presença de Ricci na vida de Vico surge em oposição ao nominalismo proposto por Balzo, quando lhe permite compreender maior realidade nas substâncias abstratas do que nos modos do nominalismo<sup>24</sup>. Nesse momento, Vico abandona a escola pela segunda vez. Ele entra em contato com a obra *Disputationes metaphysicae* de Francisco Suárez (1548-1617), publicada em Salamanca, 1597, e que, entre os séculos XVII e XVIII serviu de texto base para várias universidades europeias. Suárez foi um jesuíta espanhol, tendo sido um grande representante da escolástica do século XVI, após Ockham. Ele estabeleceu uma sistematização de metafísica e de filosofia jurídica e política, sendo ainda hoje estudado como referência nos estudos quanto ao direito internacional. Propôs uma separação entre a metafísica e a teologia e elaborou uma construção sistemática da filosofia primeira, com base em Aristóteles, mas com suficiente independência dele<sup>25</sup>. Suárez exerceu influências em Descartes, Leibniz, Grócio, Espinosa e Heidegger. Alguns autores chegam a aproximá-lo da corrente chamada humanismo.

Em sua *Vita*, ele deixa claro quando abandona os estudos de Suárez para dedicar-se mais ao platonismo. Vico considera que os estudos de Aristóteles, a partir de Suárez, conduziam a um princípio físico em que Deus seria um oleiro que trabalharia as coisas fora de si mesmo. De outra forma, Platão, por meio da Ideia eterna, “conduziria a um princípio metafísico em que Deus saca de si e cria a matéria, como um espírito seminal, que ele mesmo forma”<sup>26</sup>. A compreensão de que

---

22 MARÍAS, 2004, p. 203 – 207.

23 *Vita*, 1998, p. 85.

24 *Ibid.*, p. 85 – 86.

25 MARÍAS, 2004, p. 223.

26 *Vita*, 1998, p. 94. A relação entre produzir as coisas *ad intra* e *ad extra* foram exploradas no primeiro capítulo, seções I e II, da obra *De Ant.* Essas relações vão caracterizar a diferença entre a ciência dos homens e a divina, para Vico. Os atributos *ad intra* das coisas relaciona-se com a ciência e a vontade que são aspectos da eternidade. Já os *ad extra* referem-se a criação,

haveria um direito ideal eterno, com o desenho da Providência, fundamentou-se no ideal de república embasado em Platão e, posteriormente, sofreu as influências da teoria de Grocio.

As referências ao estudo de Dante também são descritos na *Vita*, embora alguns historiadores não o situem no período renascentista. Dante torna-se objeto de leitura e estudo em Vatolla, junto a Petrarca e Bocaccio<sup>27</sup>. Em “Carta” a Gerardo Degli Angioli, em dezembro de 1726, Vico escreve sobre a índole da verdadeira poesia com comentários sobre Dante<sup>28</sup>.

Além de uma retomada do platonismo e das repercussões do renascimento, o tempo de Vico ainda é rico nas discussões sobre Deus. Segundo Mariás, o papel de Deus, na filosofia europeia do século XVII, “deixa de ser o *horizonte* sempre visível para se transformar no *solo intelectual* da mente europeia do século XVII”<sup>29</sup>. A filosofia moderna não abandona as discussões sobre Deus, mas antes lhe dá um novo significado e ainda o mantém enquanto parte das teorias. Nos textos de Galileu, Bacon, Descartes, Leibniz, Newton, entre outros, pode-se encontrar o conceito de Deus nas teorias.

Em sua obra principal, *Ciência nova*, Vico elege, enquanto parte fundamental de sua teoria de história ideal eterna, a *Providência*. Na *De Antiquissima*, em seu livro *Metafísico*<sup>30</sup>, há o estabelecimento da ciência divina e da

---

conservação e providência que englobam a potência divina e se manifestam na temporalidade. Somente Deus seria capaz de reunir os aspectos interiores e exteriores da criação. A ciência humana seria uma imitação da ciência divina tentando compreender esses dois atributos. “(...) a ciência humana é imitadora da divina, pela qual Deus, enquanto conhece o verdadeiro, o cria desde a eternidade a partir de *dentro* e o faz desde *fora* no tempo”. *De Ant.*, 1999-2000, p. 450. Deus reuniria os aspectos interiores e exteriores da criação, os eternos e os mutáveis.

27 *Vita*, 1998, p. 93.

28 BADALONI, 2008, p. 126. Na tradução de SILVA NETO, 2016, p. 178 – 192, são apresentados dois textos de Vico: *Sobre Gherardo Angioli*; *Sobre a índole poética de Dante*. Silva Neto Faz uma introdução detalhada sobre o papel de Dante, Homero e do jovem Gherardo. Homero estava situado em uma sociedade de uma barbárie poética em seu princípio. Dante é situado em um período de barbárie decadente, divididos entre guelfos e gibelinos, em que Florença transforma uma cidade em uma selva perigosa. Gherardo é um jovem contemporâneo à Vico, que mesmo vivendo em um período de paz e tranquilidade, consegue mergulhar na barbárie da poesia e escrever de forma sublime.

29 MARIÁS, 2004, p. 268. Grifo do autor.

30 No projeto inicial de Vico, a sua obra *De Ant.* seria composta por três livros: *Metafísico*; *Físico e Moral*. No entanto, Vico publicou apenas o primeiro livro: *Metafísico*, dedicado a Paolo Matia Doria, cf. *Vita*, 1998, p. 132. Dessa forma, sempre quando fazemos referência ao *De Ant.* estamos apresentando apenas o livro primeiro ou *Metafísico*. LOMONACO, 2018, produziu um texto que apresenta as mudanças na teoria de Vico que conduziram-no a abandonar o projeto inicial de sua obra e sobre os possíveis motivos que levaram-no a abandonar os outros dois

ciência humana. Em Vico, Deus não é acidental, mas essencial à sua teoria. Embora a superstição dos primeiros homens sobre Deus seja um engano, por cultuar o raio como divindade e não o “Deus verdadeiro”, a Providência age na história humana e a preserva da destruição que esta poderia causar a si mesma, sendo a religiosidade uma das causas dessa conservação. Os próprios ciclos históricos da humanidade têm relação com a Providência. Essa concepção da história ideal eterna, que teve como fundamento os estudos sobre Grocio, assume uma nova forma com a inserção da Providência e da história do povo judaico na teoria de Vico, desde o dilúvio<sup>31</sup>.

### **Vico e o barroco**

Vários autores apresentaram uma relação entre Vico e o barroco, principalmente pela forma como ele reescreveu as edições da *Ciência Nova* de 1730 e de 1744. Vico teria reelaborado sua obra principal adequando-se ao estilo barroco<sup>32</sup>. Nuzzo<sup>33</sup> fez um estudo sobre a relação entre a escrita de Vico e sua relação com o barroco. Em seu artigo, ele abordou o conceito “linguístico” do barroco em seus aspectos “exteriores”, “engenhosos”, com suas formas “estilísticas” e seu alcance retórico. Em sua investigação sobre o “barroco na filosofia” de Bruno e de Vico, avaliou as formas linguísticas do embelezamento, da capacidade persuasiva e das intervenções dos vazios provocados pela *inopia linguae*. Nuzzo desconsiderou a possibilidade de que o barroco esteja desvinculado a um período determinado, como experiência “meta-histórica”, mas antes adotou a perspectiva de que sua condição é historicamente determinada. Ele identificou que são muitos os autores que localizam Vico na “cultura barroca”, enquanto outros chegam a tê-lo como último barroco, superando-o<sup>34</sup>.

Vico teria uma relação inegável com o barroco, conforme aponta Nuzzo. No entanto, a compreensão de seus estudiosos sobre a relação entre Vico e a “cultura barroca” foi organizada em duas vertentes principais. Uma primeira posição é relativa aos seguidores de Croce, que o julgaram como “um solitário em seu próprio

---

livros. Cf. também SILVA NETO, 2012.

31 BADALONI, 2008, p. 3.

32 “A *Ciência Nova* é um texto tipicamente barroco”. GUIDO, 2004, p. 13.

33 NUZZO, 2009-2010.

34 Ibid., p. 53-54.



tempo”. Nessa perspectiva, o uso de imagens feita por Vico em seu texto superava os aspectos abusivos do barroco e dariam relevo para o seu próprio pensamento<sup>35</sup>. Já em uma segunda linha de investigação mais recente, Vico é considerado como pertencente à cultura barroca. Essa vertente associa Vico à tradição retórica clássica humanista do *Seiscentos* sem grandes discontinuidades. Autores como Grassi, Verene, Paolo Rossi, Battistini, etc. estariam mais próximos dessa linha<sup>36</sup>.

Nuzzo não nega que Vico possa ter tido algumas influências do barroco. Porém, ele nota que também existem alguns aspectos de sua teoria que o distanciam de tal “cultura”. Existiriam algumas dívidas temáticas de Vico com a “cultura barroca” que são bastante problemáticas. Suas dívidas essenciais seriam “relativa às matérias, aos saberes, às disciplinas, às faculdades cognoscitivas”<sup>37</sup> pertencentes aos termos do “verossímil”, “imagem”, “metafórico”, “figural”, “sintético” e do “engenho” que seriam todos temas mais próximos da “cultura barroca”. No entanto, o procedimento de “conexão-implicação” que a capacidade de engenho pode proporcionar para o “verdadeiro” e “certo”, “filosofia” e “filologia”, “máximas” e “práticas”, entre outros, tem sua verdade conceitual muito distante da capacidade inventiva barroca.

Ao analisar o aspecto sobre a metáfora do “sangue” que deve alimentar todo o organismo do saber e da escritura da ciência nova, Nuzzo identifica nesse uso metafórico algumas características barrocas no texto<sup>38</sup>. No entanto, o ponto central da teoria de Vico está mais próximo do termo “sementes do eterno verdadeiro”, que nada teria de barroco. A sentença é uma antiga figura estoica, aproveitada pelo aristotelismo, que é relacionada a uma conceituação da dinâmica da substância humana, ao longo de seu desenvolvimento<sup>39</sup>, não sendo barroca.

Vico, portanto, também sofreu a influência e constituiu-se como parte do que veio a ser chamado de “cultura barroca”. Parte de seus estudiosos o leu como alguém que se relacionou com a cultura e a superou, outra parte o compreendeu

---

35 NUZZO, 2009-2010, p. 54.

36 Ibid., p. 54; e nota 11, p. 63.

37 Ibid., p. 55.

38 Ibid., p. 60-61.

39 Ibid., p. 60.

como alguém que participou efetivamente dela. Nuzzo, por sua vez, identificou aspectos que o aproximam e o distanciam de tal “cultura”.

Para além dos elementos do renascimento e do barroco, é importante recordar um breve percurso das mudanças na ciência que Vico vivenciou e a qual ele se dedicou a pesquisar e estudar.

### ***Vico e as mudanças na ciência de seu tempo***

Vico também estabelece um diálogo com o conceito de ciência de seu tempo. As teorias de Galileu e de Descartes eram intensamente debatidas nos salões literários de Nápoles, dos quais fazia parte. Em suas orações inaugurais e nas suas primeiras obras, Vico aproxima-se da teoria de Galileu e Bacon e faz críticas ao pensamento cartesiano e a Port Royal.

Vico viveu no tempo da consolidação da teoria moderna de ciência. Nesse período, segundo Rossi<sup>40</sup>, as teorias sobre a física e a mecânica sofriam uma revolução radical em relação à teoria antiga.

A história da física, a partir das elaborações escolásticas tardias da teoria do *impetus* até as páginas cristalinas dos *Principia* de Newton, é a história de uma profunda revolução conceitual que leva a modificar em profundidade as noções não só de movimento, mas também de massa, peso, inércia, gravidade, força e aceleração. Trata-se, ao mesmo tempo, de um novo método e de uma nova concepção geral do universo físico. Trata-se, além disso, de novas formas de determinar as finalidades, os papéis e os objetivos do conhecimento da natureza.<sup>41</sup>

Os modernos consideraram que as generalizações da física antiga haviam nascido de experiências cotidianas e foram lhes substituindo por abstrações que tinham como plano de fundo a sua matematização.

A ciência moderna não nasceu no campo da generalização de observações empíricas, mas no terreno de uma análise capaz de *abstrações*, isto é, capaz de deixar o nível do sentido comum, das qualidades sensíveis da experiência imediata. O instrumento principal que tornou possível a revolução conceitual, como é notório, foi a *matematização* da física. E para os seus desenvolvimentos deram contribuições decisivas Galilei, Pascal, Huygens, Newton e Leibniz.<sup>42</sup>

---

40 ROSSI, 2001, p. 29 – 44.

41 Ibid., p. 33.

42 Ibid., p. 34. Grifo do autor.

A ciência moderna abandonou três generalizações caras ao pensamento antigo: 1) a teoria de que os corpos caem porque são pesados, ou seja, que a velocidade de queda de um corpo era diretamente proporcional ao seu peso; 2) os argumentos contra a existência do vazio, acreditando que a velocidade da queda livre seria diretamente proporcional ao peso e inversamente proporcional a densidade, o que geraria um movimento instantâneo no vácuo, sendo considerado impossível; 3) e, por fim, a noção de que o repouso seria o estado natural dos corpos, o que gerava uma teoria de movimentos naturais e movimentos violentos. Para Rossi, essas generalizações tinham relação com as experiências cotidianas, como a comparação entre a queda de uma pedra e de uma pluma, ou a observação do movimento de uma carroça puxada por um cavalo.

Essa física da antiguidade também estabelecia elo com uma cosmologia que dividia o cosmos em duas realidades distintas. A divisão entre um *mundo celeste*, perfeito, e um *mundo terrestre*, em movimento e mudança, também foi questionada pela ciência que começava a se consolidar no horizonte. De um lado, havia uma física e cosmologia para um mundo em movimento e, de outro, haveria uma astronomia matemática de algo que seria eterno e perfeito. Havia um “divórcio” entre essas áreas de conhecimento<sup>43</sup>. “A astronomia era apresentada por Ptolomeu como campo de atividade para os matemáticos, não para os físicos”<sup>44</sup>.

Entre 1610 e 1710, foram discutidos, criticados ou rejeitados vários pressupostos físicos<sup>45</sup>. Predominou na física moderna a busca por reparar a diferença entre céu e terra. Tentou-se desfazer a convicção nos movimentos circulares perfeitos dos corpos celestes e derrubar o pressuposto da imobilidade e centralidade da Terra. Criticou-se a doutrina dos lugares naturais e sua relação com a crença na finitude do universo. Como consequência da crítica à teoria de movimentos naturais e violentos, abandonou-se a necessidade de explicações sobre o estado de repouso de um corpo. Adotou-se a perspectiva de que era necessário explicar o movimento, estando este em sua forma natural ou sendo provocado por um motor que o produz e conserva. E, por fim, buscou-se reestabelecer a relação entre as hipóteses matemáticas com a astronomia e a física.

---

43 ROSSI, 2001, p. 37.

44 Ibid., p. 38.

45 Ibid., p. 39.

Nesse período, as relações de trabalho também sofreram profundas alterações e produziram consequências para o método de realização da ciência, conforme Rossi. O trabalho manual era desprezado na Grécia de Platão e de Aristóteles, e, além dos próprios trabalhos manuais, também os seus executores eram vistos com desprezo por aquela sociedade. Desde o século XV, no entanto, a vida ativa começa a receber elogios de Bruno, Bacon e Descartes. Georg Bauer, em 1556, fez uma defesa apaixonada da arte dos metais ressaltando a importância da relação de união entre o trabalho técnico e o científico. Guidobaldo del Monte, em 1577, tenta resgatar a importância do trabalho mecânico e dos engenheiros. A figura de Arquimedes passa a ser associada ao trabalho mecânico.

O exemplo da introdução da *luneta* (ou telescópio) nas pesquisas científicas de Galileu, em 1609, é emblemático para o novo contexto da ciência moderna, que não mais desprezava os instrumentos confeccionados no ambiente mecânico. O uso de instrumentos passa a ser aceito no meio científico como fonte de conhecimento. “Ver, na ciência do nosso tempo, significa, quase que exclusivamente, *interpretar sinais gerados por instrumentos* (...) [Estes] implicavam na realidade o abandono de uma imagem milenar da ciência, isto é, implicavam o fim de uma distinção de essência entre o conhecer e o fazer”<sup>46</sup>. A coincidência das artes mecânicas<sup>47</sup> com as artes liberais foi também um dos pontos marcantes do contexto da nova ciência que se configurava na Europa.

Outro aspecto do novo paradigma científico que vinha sendo gerado referia-se ao saber dos Humanistas. Para Rossi, não houve uma continuidade teórica entre a cultura dos Humanistas do século XV e os expoentes da Revolução Científica. Ele destaca as polêmicas de Bacon, Descartes e de outros em relação ao modelo de cultura proposto pelos Humanistas, a recusa do caráter exemplar que viria da cultura clássica, a teoria sobre a igualdade de intelecto e a visão não-antropocêntrica de mundo como elementos de ruptura da Revolução Científica com o Humanismo<sup>48</sup>. Junto a isso, ainda se desenvolvia um processo de secularização das ciências que, apesar da presença de textos filosóficos e científicos que discutiam as Sagradas Escrituras e se referiam a Deus em meio às novas teorias, defendia que a “caridade”

---

46 ROSSI, 2001, p. 44.

47 id., 1992 – A, p. 79.

48 Ibid., p. 45; Sobre “O mito da continuidade” cf. p.121 – 125.

da ciência deveria se preocupar mais com o “bem” da espécie humana<sup>49</sup> e produzir um saber de valor universal, afastando-se, deste modo, lenta e gradualmente da autoridade religiosa.

Vico não estaria alheio a tais mudanças em seu tempo. No *De ratione* fez alguns apontamentos sobre a introdução de equipamentos mecânicos nas ciências, e em outras obras estabeleceu graus das ciências considerando a mecânica mais importante que a física. Inclusive, em alguns textos, dialoga com a teoria de Galileu e de Bacon. Não obstante, ele também se preocupa com os processos da matematização da ciência e da desvalorização do conhecimento comum, pois o *certum* é o conhecimento que preserva a humanidade. Além disso, ele está atento às mudanças que esse novo paradigma científico poderia causar até mesmo na educação dos jovens e sua manifesta ruptura com os estudos sobre a humanidade. No entanto, Rossi propôs uma leitura de que Vico teria acompanhado tais mudanças de forma limitada<sup>50</sup>.

Pereira Filho<sup>51</sup> considera que o primeiro contato de Vico com a teoria cartesiana tenha ocorrido na livraria de seu pai, a partir do texto de Regius, pseudônimo de Henry Du Roy<sup>52</sup>, médico, autor do livro *Fundamenta physicae*, 1646. À primeira vista, a associação entre eles aparenta ser problemática, pois o próprio Descartes havia desqualificado o livro de Regius. Ele teria concluído que a alma e o corpo estariam unidos *per accidens* e que a filosofia não poderia demonstrar a distinção real entre a alma e o corpo, tendo ainda criticado a teoria das ideias inatas

---

49 ROSSI, 1992 – A, p. 84-85.

50 Sobre a leitura que Rossi teria da relação de Vico com as mudanças nas ciências, Santos escreve: “Mondolfo e Rossi afirmam que Vico é estranho aos interesses da ciência experimental de Galileu e Bacon, e o reconhecimento que deles faz seria meramente formal. (...) A ideia de controle da natureza por meio da ciência experimental não teria sido compreendida por Vico. (...) Ao apontar o ‘cansaço’ da razão em todas as ciências, em pleno século das luzes, Vico pode ser taxado de retrógrado. No que concerne às ciências naturais, pode parecer que ele, todo absorto na contemplação do mundo do direito e da história, não tenha se interessado por aquelas disciplinas”. SANTOS, 2012, p. 171.

51 PEREIRA FILHO, 2012, p. 179-202.

52 *Ibid.*, p. 182-186; *Vita*, 1998, p. 102 – 103. Erricus Regius (1598-1679) é o nome latinizado do professor de medicina da Universidade de Utrecht, Hendrijk van Roy, que em 1646, publicou em Amsterdam a obra *Fundamenta physices*, que foi criticada pelo próprio Descartes em sua carta prefácio para o tradutor francês de sua *Principia Philosophiae*, cf. *Vita*, p. 102, nota 44. Sobre o distanciamento entre Descartes e seu ex-discípulo Regius ver GAUKROGER, 2011, p. 30-31. Provavelmente, Vico não teve contato com o texto *Carta-Prefácio dos Princípios de Filosofia* de Descartes.

e as provas da existência de Deus que decorreriam delas<sup>53</sup>. Quando Vico era jovem, ao retornar de Vatolla e tomar conhecimento da fama cartesiana, ele leu a *Fundamenta physicae*. Ele classificou o texto como um "truque gracioso" (*grazioso ingano*) de Descartes, como se este houvesse se utilizado de Regius para divulgar a sua teoria<sup>54</sup>. Ou seja, o jovem Vico julgou que Descartes havia usado Regius para publicar algo que poderia ser perigoso justamente por levar o mecanicismo às últimas consequências, chegando a desprezar a existência de Deus.

Apesar de Vico ter reconhecido que tal afirmação teria sido uma falha na leitura de sua juventude, ele percebeu que haveria um projeto mecanicista e cientificista na teoria cartesiana<sup>55</sup> que se aplicaria, por exemplo, à medicina. Segundo Pereira Filho, "o projeto cartesiano que encontramos desenvolvido no *Discurso do método* tem consequências estruturais e sociais mais amplas que Vico (...) tratará de explicitar"<sup>56</sup>. Mesmo reconhecendo sua falha, Vico busca explicar as consequências do pensamento cartesiano e do projeto mecanicista e naturalista em curso nas discussões sobre ciência. Uma medicina presa à simples causalidade mecânica não estaria atenta aos problemas de um corpo socialmente envolvido. Haveria fenômenos "do corpo e da mente" que também deveriam ser levados em consideração<sup>57</sup> para o desenvolvimento de uma medicina diagnóstica, segundo um modelo hipocrático que vinha caindo no esquecimento. Era necessário que o discurso médico considerasse o homem como um todo<sup>58</sup>.

---

53 Sobre o evento, Descartes escreveu: "Tive há pouco a experiência num daqueles que mais se acreditou querer-me seguir e do qual eu tinha até escrito em algum lugar 'que estava tão seguro sobre seu espírito que não acreditava que tivesse alguma opinião que eu não quisesse admitir como minha'; pois ele publicou no ano passado um Livro intitulado *Fundamenta Physicae* (...); todavia, porque transcreveu mal e mudou a ordem e negou algumas verdades de Metafísica sobre a qual toda a Física deve ser apoiada, sou obrigado a desaboná-lo inteiramente e pedir aqui aos Leitores que nunca me atribuam alguma opinião se não a encontrarem expressamente em meus escritos(...)". DESCARTES, 2003, p. 27-29.

54 *Vita*, p. 102.

55 PEREIRA FILHO, 2012, p.182-183.

56 *Ibid.*, p. 183.

57 *Ibid.*, p. 183, nota 17.

58 Na seção VI do *De Ratione*, intitulado *Quais inconvenientes para a medicina geram nosso método de estudos*, Vico aponta que os antigos eram superiores nos diagnósticos das doenças por se basearem em uma larga observação, em vez de praticar a medicina como um sorites. Segundo Vico: "Verulamio fazia notar que os seguidores de Galeno conjecturavam incorretamente as causas das enfermidades com um silogismo, assim eu diria que os mais modernos nos apresentam o mesmo incorretamente com um sorites. Pois, quem debate com um silogismo não apresenta nada de novo, porque na premissa maior ou na menor está compreendida a conclusão (...). As enfermidades são infinitas (...), assim, tampouco, podemos concluir nada de verdadeiro sobre as mesmas questões. É, pois, a decisão mais segura a de

Em 1695, retorna a Nápoles. Em 1699, é aprovado no concurso para a cadeira de retórica da Universidade de Nápoles. No mesmo ano, ele entrou na Academia Palatina, onde teve contato com as obras de Francis Bacon<sup>59</sup>, um de seus quatro autores de referência. Entre 1709 e 1710 escreveu duas obras importantes: *De nostri temporis studiorum ratione* e *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*<sup>60</sup>. O primeiro trabalho, resultante do seu sétimo discurso inaugural da Universidade de Nápoles, foi uma crítica aos modelos de ensino de seu tempo que privilegiavam uma formação racionalista. O segundo, por sua vez, discute abertamente a filosofia cartesiana e aponta para uma perspectiva que os estudos sobre Bacon haviam proporcionado ao autor<sup>61</sup>. Durante sua vida adulta, Vico sempre participou de vários salões literários e científicos<sup>62</sup>. Sua participação nesses salões permitiu-lhe experimentar um maior contato com a literatura científica de seu tempo nas academias napolitanas, como os estudos de Port Royal.

Antoine Arnauld e Pierre Nicole rapidamente espalharam uma forma de cartesianismo e seu método com o livro *La logique* ou *L'art de penser*. “No início do século XVIII, já havia editado vinte e uma vezes em francês, doze em latim e seguia ganhando aceitação na Sorbona, apesar de seu jansenismo”<sup>63</sup>. Diante do sistema cartesiano em propagação, Vico tenta demonstrar-lhe os limites<sup>64</sup>. Ademais, Vico criticou diretamente o modelo de educação e de ciência proposto pelos pensadores

---

seguir os casos particulares; e não usar o sorites neste assunto mais do que se merece, senão basearmo-nos melhor na indução (...)”, cf. *De Ratione*, 1998, p. 414. A medicina não poderia se prender somente às descrições mecânicas do funcionamento do corpo, mas também deveria levar em consideração todos os aspectos que envolvem a sua saúde de “corpo e mente”.

59 Sobre Bacon, Vico escreve: “(...) Francis Bacon, senhor de Verulamio, homem igualmente de incomparável sabedoria, tanto vulgar como refletida, como a de quem é ao mesmo tempo um homem universal em teoria e prática, assim como raro filósofo e grande ministro de estado da Inglaterra. (...) [Vico] aprendeu [dele] tanto que concluiu que, do mesmo modo que Platão é o príncipe do saber dos gregos, e os gregos não têm um Tácito, assim um Bacon falta tanto aos latinos como aos gregos.(...) E, havendo Vico se proposto ter sempre diante dos olhos a esses três singulares autores, tanto em suas meditações quanto em seus escritos, dessa forma foi elaborando seus trabalhos de engenho, que depois lhe levaram a sua última obra *De universi iuris uno principio*, etc”. *Vita*, p. 115.

60 Abreviadas como *De Ratione* e *De Antiquíssima*, respectivamente.

61 “Enquanto isso, Vico com a leitura do mais engenhoso e douto que verdadeiro tratado de Bacon de Verulamio *De sapientia veterum*, foi motivado a buscar seus princípios para além das fábulas dos poetas, impulsionado pela autoridade de Platão que no *Cratilo* o houvera investigado nas origens da língua grega (...)”, *Vita*, p. 126.

62 PINTON, 1997, p. 129-133, apresenta uma detalhada relação das academias que Vico participou e de seus membros mais conhecidos.

63 DAMIANI, 2000, p. 21.

64 *Ibid.*, p. 21-22.

de Port Royal<sup>65</sup> confrontando-o com os modelos clássicos da *paideia* grega e da *humanitas* romana<sup>66</sup>. “Frente ao otimismo dos novos métodos pedagógicos, Vico avalia, equilibradamente, as vantagens e inconvenientes de ambos os sistemas de estudos: o antigo e o moderno”<sup>67</sup>. O modelo jansenista tinha relações diretas com o pensamento cartesiano e indicava um modelo de educação que desprezava a formação da criatividade e da imaginação, priorizando uma formação racionalista. Vico não despreza a formação racionalista, mas indica qual deve ser a ordem dos estudos dos jovens. Em primeiro lugar, deve-se estimular neles a criatividade e imaginação, para mais tarde apresentar-lhes os métodos racionalistas de investigação da verdade<sup>68</sup>.

Vico discute nas seções III, VII e XI do *De Ratione* a respeito de como a nova crítica criaria obstáculos para a formação da prudência, da fantasia, da memória, da eloquência e da jurisprudência dos jovens. Ao se valorizar um ensino que expulse todo o verossímil e conhecimento comum como se fossem falsos<sup>69</sup>, ocorreria que esse mesmo ensino bloquearia toda a criatividade e imaginação necessárias para o desenvolvimento da eloquência, da memória e da fantasia, além de que prejudicaria o desenvolvimento da jurisprudência, enquanto arte de unir

---

65 “Porque hoje o único fim dos estudos é a verdade, investigamos a natureza das coisas, pois parece certa; mas, não investigamos a natureza humana, porque devido ao seu livre arbítrio, é muito incerta. No entanto, este método de estudos acarreta aos adolescentes os inconvenientes de que, no futuro, nem se conduzam na vida civil com suficiente prudência, nem saibam, de maneira suficiente, ter seu discurso de moral nem inflamá-lo de emoções”, *De Ratione*, 1998, p. 415. Uma formação que privilegie a formação somente para a verdade da ciência não prepararia os adolescentes para perceber os discursos dissimulados e lhes tornariam socialmente vulneráveis a discursos falsos.

66 DAMIANI, 2000, p. 22.

67 DAMIANI, loc. cit.

68 Para a formação de uma pessoa existem duas categorias diferentes: a da ciência, que se detém às “sumas verdades”, e a da prudência, ligada às “verdades ínfimas”. A primeira tem um caráter de formação intelectual e a segunda teria um caráter mais próximo do conhecimento para a vida prática em sociedade. A relação entre a ciência e a prudência formaria quatro tipos de homens: os néscios, que não se atentam nem às sumas verdades nem às ínfimas; os iletrados astutos, que desconhecem as sumas, mas conseguem perceber as ínfimas e são espertos na vida social; os doutos imprudentes, “que da verdade universal prosseguem em linha reta até as particulares, andam aos tropeços pelos desfiladeiros da vida”, *De Rat.*, 1998, p. 415; e os sábios, “que através das trilhas tortuosas e incertas da prática têm seus olhos postos na verdade eterna, já que não podem fazê-lo em linha reta, dão a volta; e tomam decisões que lhes serão úteis ao longo do tempo, na medida que a natureza lhe permite”, *Ibid.*, p. 415. Os riscos da educação de seu tempo é transformar os adolescentes em doutos imprudentes. Embora pudessem conhecer muito das “sumas verdades”, estes apresentariam muitas dificuldades para viver em sociedade. O ideal de formação que Vico defende é aquela que possa, além de dar uma boa formação intelectual, também preparar esses adolescentes para a vida.

69 *De Rat.*, 1998, seção II, p. 407.



pontos distantes através de um raciocínio agudo. Geralmente, na prática do direito, as defesas têm poucas horas para serem organizadas. Sem o uso da tópica e do recurso ao conhecimento comum, os jovens tornam-se mais arrogantes e menos eloquentes. Eles passam a ter uma preocupação maior com a verdade devido à sua formação racionalista, porém acabam tendo sua capacidade de eloquência e imaginação reduzida. Daí resulta a preocupação de Vico sobre a ordem da formação dos jovens, que deveria primeiro se dedicar à formação da fantasia e da memória, para depois apresentar as regras do raciocínio crítico.

Sobre a proposta de Vico para a ordem correta dos estudos, que estaria sob a influência de Francis Bacon no que diz respeito a tópica, Santos escreve:

Ao método cartesiano e suas implicações pedagógicas, Vico contrapõe o processo natural do conhecimento e do aprendizado: do verossímil ao verdadeiro, da certeza relativa do senso comum ao domínio completo dos primeiros princípios. Contra Arnauld, reafirma a necessária precedência da tópica em toda forma de saber, já que é impossível avaliar a própria verdade dos argumentos, se antes não forem descobertos e ordenados. A *inventio* e a tópica devem preceder a conclusão do juízo e da crítica. O método tópico tem um defeito quando usado de modo descontrolado: a aceitação do falso, não menos perigoso que o descarte do verossímil. No plano pedagógico, sua proposta de conciliar tópica e crítica já antecipa o entrelaçamento entre filologia e filosofia. (...) Seu programa de formação intelectual pretende ser integralizador: propõe instruir em todas as ciências e artes; exercitar todas as faculdades humanas; enriquecer a mente com a invenção argumentativa da tópica; ensinar o senso comum para desenvolver a prudência e a eloquência; e, só por último, inculcar a crítica cartesiana, de modo a formar inteligências capazes de julgar o verdadeiro e o verossímil, utilizar os diversos instrumentos ou faculdades e servir-se das técnicas analíticas não menos que das retóricas, habituando os jovens a experiências culturais múltiplas, abertas a todos os campos do saber<sup>70</sup>.

Vico percebeu que as mudanças no paradigma científico implicariam em consequências na formação dos jovens, podendo torna-lhes limitados. Principalmente no *De Ratione*, ele se dedica a mostrar as vantagens e desvantagens dos modelos antigo e moderno de conhecimento e de educação. Ele chama à atenção sobre como a ciência, que está se formando naquele período, poderia ter implicações na formação de jovens, como a de lhes tornar incompletos. Ele defende uma formação que leve em conta os diversos aspectos da humanidade, como a ciência, a arte, a poesia, a prudência e a vida civil para que os jovens

---

70 SANTOS, 2009, p. 59.

possam ter a autonomia de pensar por si mesmos, sem depender apenas dos ditames de seu mestre. Vico afirma:

(...) eu estimo ser adequado que os adolescentes sejam ensinados nas ciências e nas artes todas com juízo íntegro, para enriquecer os lugares da tópica, e, em seu ínterim, que obtenham forças com o sentido comum para a prudência e a eloquência, e ganhem firmeza com a fantasia e a memória para as artes que se destacam por estas faculdades mentais; que aprendam logo a crítica; e então julguem de modo íntegro com seu próprio juízo sobre aquilo em que lhes seja instruído; e se exercitem em dissertar sobre ele em um sentido e em seu oposto. Resultaria, assim, verazes nas ciências, experimentados na prudência, férteis para a eloquência, fantasiosos para a poesia e a pintura e memoriosos para a jurisprudência; além disso, se evitaria que resultassem temerários, como quem debatem sobre assuntos a meio aprender; e dogmaticamente comprometidos, como aqueles que nada reputam verdadeiro salvo os ditados de seu mestre<sup>71</sup>.

Em relação ao iluminismo<sup>72</sup>, Vico se afasta de suas tendências mais cartesianas, de acordo com Santos<sup>73</sup>. A Nápoles de seu tempo viveu tendências de ecletismo<sup>74</sup>. Autores, como Badaloni, Mondolfo e Rossi, discordam entre si sobre as leituras que Vico fez das teorias sobre as ciências naturais, capitalizadas em Bacon e Galileu<sup>75</sup>. Segundo Santos, Rossi reúne os estudiosos que consideram Vico como mais próximo dos aspectos ortodoxos do que dos heterodoxos de seu tempo, estando mais atento às leituras do século XVII<sup>76</sup>. Badaloni centraliza as discussões que tratam de um Vico predominantemente heterodoxo desde o *De Antiquissima*, em que as teorias sobre o *conatus* e a *facultas* permitiriam um Vico mais próximo da teoria galileana na *Ciência Nova*<sup>77</sup>. Segundo Santos<sup>78</sup>, Vico aponta para o "cansaço" da razão durante o período do Iluminismo, criticando o princípio de que a natureza pode ser dividida e reduzida a medidas abstratas de figura, peso e mecânica de

71 *De Rat.*, 1998, p. 410.

72 Vide BERLIN, 1976, pp. 640-653.

73 SANTOS, 2012, p. 157-178.

74 ROSSI, 1987, p. xv-xvi, apresenta que muitos estudiosos consideraram a Nápoles de Vico eclética, mas de uma maneira depreciativa. Porém, ele destaca que os estudos mais recentes perceberam que naquele ambiente coexistiam atitudes científicas e naturalistas, inspirações antissistemáticas e antiautoritárias, além de a valorização dos experimentos e dos documentos nas pesquisas históricas convivendo com correntes jurídicas tradicionais. O Mecanicismo, platonismo e as teorias de Galileu eram estudadas em conjunto.

75 SANTOS, 2012.

76 "Essa interlocução direta o leva a ver Vico todo imerso no século XVII e estranho aos seus contemporâneos do século XVIII; conta com o suposto isolamento de Vico, que teria parado de ler os livros de sua época, além de não conhecer as línguas estrangeiras modernas". *Ibid.*, p. 175.

77 "Sugere que Vico se inspira na mesma mistura que Galileu: aquela de um materialismo lucreciano e de um empirismo convergindo com um platonismo". *Ibid.*, p. 171.

78 *Ibid.*, p. 171-172.

movimentos. Vico reconheceu o gênio da ciência experimental de Descartes, Newton, Leibniz e Galileu<sup>79</sup>.

De acordo com a perspectiva de um Vico mais heterodoxo, Badaloni<sup>80</sup> indica um Vico que se aproxima de Galileu, promovendo uma mistura entre o “materialismo lucreciano e um empirismo que converge com um platonismo”<sup>81</sup>, ou entre um novo platonismo e uma ideia de materialidade em Deus. A partir de uma perspectiva de um Vico mais ortodoxo do que heterodoxo, Mondolfo e Rossi afirmariam que ele teria sido estranho ao experimentalismo de Galileu e de Bacon, e que o reconhecimento que teria deles seria apenas em função da polêmica contra o cartesianismo<sup>82</sup>.

Vico elogia os benefícios que a filosofia experimental empresta à humanidade, assim como sua relação com a matemática nos experimentos, estando, esta, claramente, ligada a Galileu<sup>83</sup>. Aliás, parece compreender perfeitamente o experimentalismo proposto por Bacon e Galileu. Para Rossi, porém, a dificuldade de Vico pode estar na compreensão da diferença entre o método indutivo de Bacon e o método matemático-hipotético de Galileu<sup>84</sup>. Embora o próprio Vico tenha reconhecido a sua inaptidão para a matemática<sup>85</sup>, Santos apresenta os

79 SANTOS, 2012, p. 173.

80 BADALONI, 2008, p. 3 -5. Cf. SANTOS, 2012, p. 170.

81 SANTOS, 2012, p. 171-176.

82 Ibid., p. 171.

83 Ibid., p. 173.

84 SANTOS, 2012, p. 172.

85 *Vita*, 1998, p. 96. Na tradução do *De Ant*, 2002, Francisco N. Gómez questiona se Vico teria cometido um erro matemático intencional ou não na nota 243, p. 287, quando Vico, no final do cap. VII, afirma que **“dois ângulos de um triângulo são, ambos, maiores que o terceiro”**, cf. p. 187. Isso somente seria possível em um triângulo específico com três ângulos agudos, chamado de triângulo acutângulo e comum à face triangular das pirâmides. Se o triângulo tiver um dos ângulos reto ou obtuso a soma total dos ângulos não poderá ultrapassar 180° e a afirmação de Vico fica em dificuldade de interpretação, conforme percebe Gómez. Talvez Vico tenha se referido à quinta meditação de Descartes sobre as propriedades do triângulo, quando este afirma “quando imagino um triângulo, ainda que não haja talvez em nenhum lugar do mundo, fora de meu pensamento, uma tal figura, e que nunca tenha havido alguma, não deixa, entretanto, de haver uma certa natureza ou forma, ou essência determinada, dessa figura, a qual é imutável e eterna, que eu não inventei absolutamente e que não depende, de forma alguma, de meu espírito; como parece, pelo fato de que se pode demonstrar diversas propriedades desse triângulo, a saber, **que os três ângulos são iguais a dois retos, que o maior ângulo é oposto ao maior lado e outras semelhantes**, as quais agora, quer queira, quer não, reconheço mui clara e mui evidentemente estarem nele, ainda que não tenha antes pensado nisto de maneira alguma, quando imaginei pela primeira vez um triângulo; e, portanto, não se pode dizer que eu as tenha  **fingido e inventado**”; *Meditações*, 1983-B, p. 124; grifos nosso. No entanto, ao final do cap. II do *De Ant* Vico afirma: “mas todo triângulo tem ângulos iguais a dois retos”, 2000, p. 149. Essa passagem reforça que ele não ignorava a soma dos ângulos de um triângulo.

estudos de Levine, sobre quando Vico responde à questão da *Querela entre antigos e modernos*, que polemizou na França entre 1715-1716 acerca do lugar de Homero na cultura ocidental, para ilustrar um Vico atento ao seu tempo. Garin, quando avalia as reflexões propostas por Vico naquele episódio sobre “o verdadeiro Homero” cogita que ele poderia ser considerado como o mais revolucionário dos modernos. Sobre o lugar de Vico na modernidade, Santos conclui que “em certas questões, Vico parece ortodoxo, em outras, heterodoxo; em certos temas, ligado ao século XVII, em outros, ao XVIII”<sup>86</sup>.

Sobre as diferentes opiniões dos pesquisadores sobre as contribuições de Vico, Pons<sup>87</sup> afirma existirem basicamente duas tendências: por um lado, há alguns que o interpretam como um humanista atrasado, atemorizado pelo pensamento “moderno” que se impõe sobre as ciências da natureza, sobre as ideias filosóficas, morais, políticas e religiosas; por outro, há uma tendência que o toma como precursor da teoria das línguas, da gênese das instituições políticas, da evolução do direito moderno, da interpretação dos mitos, das origens da sociedade e do lugar dos homens primitivos no decorrer da humanidade, e de uma concepção de história como história da civilização<sup>88</sup>.

Esse caráter precursor de Vico, segundo o autor, deve ser entendido mais como uma “coincidência” do que propriamente uma “influência” de Vico sobre os autores do século XVIII em diante. Para ele, Vico estaria atento a fratura definitiva entre uma tradição do pensamento “humanista” e a sedução das novas ciências da natureza, que corriam o risco de desumanizar a sociedade dos homens<sup>89</sup>. “Que esta fratura seja evitável é o que Vico queria provar ao fundar uma ciência ‘nova’, ou seja, ‘moderna’, aplicada a um objeto preciso, a saber, estas unidades sociais políticas e históricas que são as nações”<sup>90</sup>. Vico percebeu a fratura que se constituía e propôs uma nova ciência que a evitasse. Boa parte daquilo que ele propôs em seus estudos

---

86 SANTOS, 2012, p. 176.

87 PONS, 2016-2017, p. 335-336.

88 Burke avalia que alguns autores chegaram a tratar Vico como um “precursor da psicanálise, do existencialismo, do estruturalismo e de outros movimentos intelectuais contemporâneos”, comparando tais autores à tradição cultural ocidental de recorrer ao mito do precursor São João Batista, cujas imagens que foram criadas por seus leitores estariam a serviço de suas próprias teorias e resultaram em um Vico que poderia ser lido como “um revolucionário, um reacionário, um romântico, um positivista, um antipositivista e assim por diante”; cf. BURKE, 1997, p. 20.

89 PONS, 2016-2017, p. 336. Sobre a ruptura cf. ROSSI, 1992 – A, p. 45.

90 PONS, 2016-2017, p. 336.

foi, de certa forma, realizado por outros pensadores, entretanto, não há evidências que isto tenha se dado por conta de sua influência, segundo Pons.

Vico viveu em um contexto de múltiplas facetas, nos tempos do Iluminismo em que convergem as ideias de Galileu, Bacon, Descartes, Leibniz, Newton e as dos antigos filósofos gregos e romanos, sem contar os autores medievais e renascentistas. Em Nápoles, as principais tendências científicas europeias eram lidas e debatidas em uma grande quantidade de academias e salões literários que gozavam de uma relativa liberdade. Entretanto, também há registros de intervenções bastante duras da Santa Sé no contexto napolitano.

### ***A Igreja, a inquisição e a Nápoles de Vico***

No tempo de Vico, era comum os filósofos de Nápoles submeterem seus textos aos censores da Igreja para sua aprovação, como ele também o fez. Além disso, a sua formação inicial foi fortemente influenciada pelos jesuítas e ele manteve um bom relacionamento com eles. Vico enviou sua obra principal ao cardeal Lorenzo Corsini (1652-1740), futuro papa Clemente XII, com a possibilidade de ser por ele financiada, se ela lhe fosse dedicada, mas o cardeal desistiu do patrocínio. Vico teve que diminuir drasticamente o tamanho de sua obra e penhorar uma joia familiar para custear sozinho as despesas de sua impressão. Mesmo assim, em 1730, ele dedicou a sua segunda edição à sua Santidade. O financiamento de intelectuais por parte do clero era uma das armas da Igreja no combate contra a Reforma Protestante e outros problemas que ela vinha enfrentando, como seu processo de fragmentação e o crescente movimento em direção à laicização. Em Nápoles, isso tornou ainda mais complexo o relacionamento entre os intelectuais e a Igreja, pois havia um conflito político entre a dominação espanhola e o poder de Roma<sup>91</sup>.

Durante sua juventude, Vico se aproximou do epicurismo ao escrever o poema *Gli affetti di un disperato*. Pouco tempo depois, ele buscou desvincular sua reputação de tal concepção e sequer comentou a existência de tal poema em sua biografia. Essa tendência não era bem-vista em Nápoles, pois a Santa Sé a associava às tendências ateístas, bem como ao materialismo. Vico se afasta dessa

---

91 SCANDELLARI, 2008, p.100.

tendência e a crítica, mas mantém o seu relacionamento com a *Accademia degli Uniti*, com Giuseppe Valleta e com alguns filósofos tidos como “ateístas”. Niccolò Caravita (1647-1717), tido como “protetor dos intelectuais” e expoente do ambiente anticurialista<sup>92</sup>, é uma das pessoas próximas a Vico.

Ele teve papel decisivo na sua conquista da cátedra de retórica, que lhe garantiu certa autonomia financeira e lhe possibilitou iniciar a sua família. Em sua obra *De Antiquíssima* constam votos de estima e consideração aos advogados e matemáticos Giacinto de Cristoforo (1650-1725) e a Nicola Galizia (1663-1730), que haviam respondido a um processo da Inquisição por ateísmo, devido à sua adesão ao cartesianismo<sup>93</sup>. Segundo Guido, o processo do tribunal da inquisição ocorreu entre os anos de 1686 e 1693<sup>94</sup> e os implicados foram condenados a alguns anos de prisão, escapando de uma pena mais severa por pertencerem às famílias prestigiadas<sup>95</sup>.

Costa<sup>96</sup> apresenta uma Nápoles de relações complexas entre a Santa Sé e os intelectuais. Primeiro, a Igreja, principalmente na Itália, ainda se recuperava dos conflitos com seus intelectuais e de sua imagem negativa resultante de suas ações no século XVI. Era uma situação delicada, pois ela não podia decretar uma guerra contra todos os intelectuais porque também pretendia receber deles a sua colaboração. Com isso, houve alguma liberdade na leitura de textos considerados perigosos à fé, porém, por outro lado também havia um certo cuidado dos intelectuais napolitanos em buscar refutar tais teorias perigosas em seus escritos. Em Nápoles, nesta época, surgiu uma enorme quantidade de salões literários e

---

92 O anticurialismo em Nápoles foi um movimento que se surgiu da fragmentação e disputa do poder entre Roma, Espanha e a aristocracia napolitana dividida. Havia um descontentamento com a forma de cobrança de impostos e as isenções da Igreja. Algumas pessoas próximas a Vico tiveram relação com o movimento.

93 GUIDO, 2004, p. 27 – 28. O próprio Descartes temeu as ações da Inquisição. Na sexta parte de seu *Discurso do método*, ele relata que desistiu de realizar a sua publicação sobre física por medo de que sua teoria fosse associada a uma opinião que fosse considerada nociva à religião ou ao Estado: “O que bastou para me obrigar a mudar a resolução que eu tomara de publicá-las”, DESCARTES, *Discurso do método*, 1983-A, p. 62. Segundo GAUKROGER, 2011, p. 28, “Descartes suspendeu a publicação de *O mundo* e de *O tratado do homem* ao saber da condenação de Galileu e, assim, esses textos não apareceram durante sua vida”. Tais obras somente foram publicadas entre 1662 e 1664, postumamente.

94 De acordo com o estudo de SILVA NETO, 2015, p. 153, nota 22, o processo ocorreu entre 1688-1697, a partir da obra de OSBAT, L. *L'inquisizione a Napoli. Il processo agli ateisti. 1688-1697*.

95 GUIDO, 2004, p. 27.

96 COSTA, 2013.

academias que discutiam teorias variadas de toda a Europa. Os censores tinham dificuldade em vigiar tudo que ali se discutia. Mesmo que houvessem teorias perigosas à fé sendo discutidas em tais grupos, possivelmente as pessoas receariam denunciá-las e serem também punidas, de alguma forma, por serem tidas como membro deles.

Além disso, a dominação espanhola também era um fator que complicava o exercício de poder da Igreja sobre uma Nápoles fragmentada. Segundo Scandellari temos que:

Em Nápoles, desde a época do governo espanhol, no século XVII, houve uma “liquidação” do domínio real e o equilíbrio entre estatização e feudo rompeu-se favorecendo o segundo. O resultado desta política foi um fortalecimento dos barões encarregados da administração da justiça e do exercício de polícia em seus territórios e, conseqüentemente, do estado feudal. Juristas e advogados formavam parte de outro centro de poder na vida político-administrativa e constituíram um freio às pretensões e intromissões de Roma, defendendo as prerrogativas reais, contra as teses canonistas<sup>97</sup>.

Vico entregou a sua primeira edição da *Ciência nova*, 1725, ao teólogo Giovanni Rossi (1688-1750), procurador geral dos Teatinos e qualificador do *Index* do pontífice Benedicto XIII, para avaliação. Em 19 de outubro de 1729, ele afere uma censura devastadora à primeira edição da obra de Vico, em seus aspectos intelectual e religioso<sup>98</sup>. Primeiro, ele considera a obra de Vico como obscura. Outro aspecto é o de que Vico teria defendido a religião cristã recorrendo a fábulas inconciliáveis com a Sagrada Escritura. Ainda outra implicação fora a de que a sua tese sobre o “andar entre feras” seria execrável, segundo o teólogo Rossi. Nessa tese, os homens teriam vivido sem conhecer Deus antes do fenômeno do raio. De acordo com a Bíblia, isso não havia acontecido. Noé viveu muito tempo depois do dilúvio, e seus filhos teriam transmitido a religião do verdadeiro Deus e a humanidade permaneceu unida até quando se construiu a Torre de Babel. Essa tese aproximava Vico das hipóteses dos pré-adamitas<sup>99</sup>, e dentre eles principalmente de Isaac Le Peyrère, um calvinista que se converteu temporariamente ao catolicismo. No entanto, essa aproximação entre Vico e as teorias pré-adamitas se mostraria

---

97 SCANDELLARI, 2008, p. 100.

98 COSTA, 2013, p. 44 – 45.

99 Sobre o perigo de uma ideia materialista e a tese de uma antiguidade pré-adâmica na teoria de Vico Cf. SANTOS, 2012, p. 163 – 166; vide também BURKE, 1997, p. 77.

como problemática. Vico cita Le Peyrère na sua segunda edição da *Ciência nova* de forma bastante negativa.

A alusão a La Peyrère pode parecer demasiado negativa e apressada para confirmar a hipótese de uma relação La Peyrère-Vico. Mas é preciso ter presente que um autor obrigado a escrever sob as rédeas da censura eclesiástica não podia permitir-se ser demasiado explícito. As autorizações para ler os livros proibidos eram concedidas somente com o fim de refutá-los e as refutações não deviam causar escândalo às almas pias, oferecendo uma imagem muito precisa das teorias heréticas. Vico, que havia omitido o nome de La Peyrère na primeira edição da *Ciência nova*, o fez na segunda para defender-se da fama de ser seu seguidor<sup>100</sup>.

A Congregação do Índice recebeu a censura de Rossi, mas buscou outra avaliação, bloqueando a reimpressão da primeira edição. Ela foi avaliada por Fortunato Tamburini, contrário à censura eclesiástica e que, não tendo como negar as contradições do texto, afirmou que seria um livro medíocre e não mereceria consideração. Depois, o padre Tommasio Sergio examinou a sua obra, mas não se sabe qual foi o relato. No entanto, ele conseguiu publicar a sua segunda edição, em 1730, e manteve a teoria dos homens ferozes. Nela, os homens teriam se esquecido de Deus, tornando-se bestiais. Perturbados pelo raio, começaram a cultuar Júpiter. Tendo se esquecido da língua de Noé, passaram a criar novas línguas. Segundo Costa, essa teoria não agradaria Roma. Ele argumenta, que sua segunda edição provavelmente não foi censurada pelo papa Clemente XII, não somente porque seria uma obra dedicada a ele, mas também porque “o novo pontífice, horrorizado pela liberdade com que se debatia em Nápoles os argumentos relativos à religião, alimentava a esperança de aboli-la com o apoio do governo de Viena, e que somente as circunstâncias desfavoráveis tornaram impossível a realização de seu projeto”<sup>101</sup>.

Além dos conflitos entre Roma e Espanha, a Nápoles de Vico estava em meio a uma disputa entre as nobrezas espanhola, austríaca e francesa.

---

100 COSTA, 2013, p. 45.

101 Ibid., p. 47.



### ***A conjura da Macchia e o domínio estrangeiro***

Para situar Vico em sua Nápoles, faremos breves comentários sobre o seu contexto político. Assim, no ano de 1656, Nápoles contava com cerca de 350.000 habitantes, antes da peste<sup>102</sup>. Era considerada uma das maiores cidades da Itália. Além de problemas com a peste, ela também sofria com as guerras e as disputas entre a nobreza espanhola, francesa e austríaca para dominar o seu território<sup>103</sup>.

Durante o século XVII, Nápoles estava sob o domínio do reino da Espanha. O rei Carlos II da Espanha (1661–1700) não tinha filhos e protelou muito para decidir quem seria seu sucessor. Com o agravamento da saúde do rei, surgiu, em Nápoles, uma polêmica antiespanhola que andava em direção à constituição de um Reino independente<sup>104</sup>. Sob as mãos de dinastias estrangeiras, desde a divisão do Sul da Itália em dois reinos, o da Sicília e o de Nápoles, surgiu o desejo de independência. “A partir de então, o reino de Nápoles havia iniciado a sua longa e difícil história ‘autônoma’, entre guerras, conflitos de dinastias, lutas internas (...)”<sup>105</sup>. Em 1700, com a morte do rei Carlos II, iniciou-se a Guerra da Sucessão Espanhola e alguns nobres napolitanos tentaram desvencilhar-se do reino espanhol, criando um Estado autônomo e governado provisoriamente por um filho do imperador austríaco.

Em 1701, o episódio ficou conhecido como a Conjura de Macchia, liderado por Gaetano Gambacorta, príncipe de Macchia<sup>106</sup>. Com a morte do rei Carlos II, os conjurados não aceitaram a sucessão de Felipe Bourbon, neto de Luís XIV. Eles reivindicavam Carlos D’Asburgo, filho segundo do imperador Leopoldo I da Áustria. Os espanhóis agiram violentamente e reprimiram a conjura. Filipe V assumiu a ordem do reino<sup>107</sup>. Em 1703, Vico escreveu *De partenopea conjuratione, IX Kal. Octobris 1701*, tratando da conjura e de seus participantes e condenando a relação filo-austríaca. No entanto, essa obra permaneceu inédita até 1837, quando G. Ferrari a publica no quinto volume de *Opere*.

---

102 PINTON, 1997, p. 119.

103 GALLO, 2017, p. 116 – 143.

104 Ibid., p. 119 – 120.

105 Ibid., p. 128.

106 Outros membros da aristocracia envolvidos na conjura foram: Francesco Spinelli, duque de Castelluccia, Tiberio Carafa, príncipe de Chiusano, Malizia Carafa, Bartolomeo Ceva-Grimaldi, duque de Telese, Giuseppe Capece, irmão Gerolamo, marquês de Rofrano, e Carlos di Sangro. Ibid., p. 128, nota 40.

107 SCANDELLARI, 2008, p. 92.

Em uma Nápoles politicamente fragmentada, sob domínio espanhol desde o século XVII, a aristocracia se dividia entre pretensões feudais e estatais. A Igreja tinha dificuldades em exercer plenamente o seu poder e conflitou com o domínio espanhol. Esse breve conflito permitiu que as academias tivessem alguma autonomia de leitura e discussão de teorias, mas não muita.

Alguns aristocratas napolitanos mantinham relações com a Áustria. Em 1707, o reino de Nápoles foi conquistado pelas tropas da armada austríaca de Carlos D'Asburgo (1685-1740), sem guerra. Em 1711, ele se converterá em rei Carlos VI. Durante um período de 10 anos, o reino esteve sob domínio ora espanhol ora francês e ora austríaco em meio a revoltas, confiscações, prisões, torturas e exílios. Em 1734, Carlos III de Bourbon (1716-1788), da Espanha, assumiu oficialmente o reino do Sul da Itália, das duas Sicílias, formando um reino “independente” de Madrid, permanecendo no poder até o ano de 1759, quando assumiu o reino da Espanha. Inicialmente, experimentou alguns conflitos com o papa Clemente XII para que este pudesse reconhecê-lo como governante de Nápoles, mas foi um problema que se resolveu. Seu filho Fernando IV (1751-1825) lhe sucedeu em Nápoles, embora ainda fosse menor. Ele foi tutelado por Bernardo Tanucci, ex-professor da Universidade de Pisa<sup>108</sup> e secretário de justiça de Carlos III.

Vico manteve relação de amizade com vários intelectuais que tomaram posicionamentos políticos como o anticurialismo e que discutiram os problemas de sua cidade. O jurista Giuseppe Valletta<sup>109</sup>, assim como Paolo Mattia Doria<sup>110</sup>, a quem Vico dedicou sua *De Ant*, e Pietro Giannone<sup>111</sup>, entre outros, são exemplos de

---

108 SCANDELLARI, 2008, p. 100 – 103.

109 Célebre jurista que recebia os intelectuais em sua casa, possuía uma grande biblioteca e escreveu *Considerazioni teologiche-politiche fatte a pro' degli Editti di S. M. Cattolica intorno alle rendite ecclesiastiche del Regno di Napoli* (1708-1709) e *Memorie di un anticurialista del Settecento* (escrito provavelmente entre 1734-1735). Ibid., p. 100.

110 Genovês que partilhava de uma visão filosófica neoplatônica com Vico, porém foi mais dedicado à análise dos sistemas políticos e das formas de governo do que seu amigo. Publicou *Vita civile* (1709), *L'educazione del principe* (1709). A obra *Massime del governo spagnolo a Napoli* ficou apenas em manuscrito. O príncipe de Angri tentou publicar postumamente o seu ensaio *Idea di una perfetta Repubblica*, concluído em 1741, mas a obra foi condenada à fogueira pela Inquisição em 1753. Em *Massime*, Doria fez um balanço negativo do domínio espanhol, que dividia Nápoles para poder governá-la, empobreceu o reino com sua equivocada política comercial, penalizando as exportações, e impusera um regime fiscal sufocante que prejudicou o artesanato e as atividades produtivas. SCANDELLARI, 2008, p. 92; 99; 101-102. GALLO, 2017, p. 131.

111 “(...) sócio da *Accademia de Medinacoeli* (onde conheceu Vico), elaborou sua *Istoria civile del Regno di Napoli* (1723); por seu racionalismo aplicado à religião, foi perseguido e morreu no

peças próximas a Vico e que estavam no centro das discussões intelectuais a respeito das questões políticas que envolviam o vice-reino.

As obras que Vico publicou durante a sua vida não dialogam abertamente com todos os conflitos de poder que vivenciou em sua cidade, mas, de alguma forma, eles estão presentes em sua teoria e impactaram diretamente nas suas orações inaugurais. A condenação que ele escreveu em 1703 contra a relação filo-austríaca da Conjura de Macchia só foi publicada em 1837, quase cem anos após a sua morte. Em 1707, estando Nápoles sob domínio austríaco, Vico produz as inscrições fúnebres para honrar a memória dos nobres executados pelos espanhóis durante a repressão da conjura de Macchia atendendo a ordem do comandante dos exércitos austríacos, Ph. L. Wierich von Daun<sup>112</sup>. Na cerimônia de abertura dos estudos de 1708, Vico dedica a sua sétima oração inaugural ao rei austríaco Carlos de D'Asburgo, futuro Carlos VI, pronunciada na presença do vice-rei de Nápoles, o Cardeal Vincenzo Grimani (1655-1710)<sup>113</sup>. A partir do texto de sua sétima oração surge a sua primeira obra *De Ratione*, de 1709.

Em 1716, Vico publicou *De rebus gestis Antonii Caraphaei*. O texto havia sido encomendado pela família Carafa em meio às disputas de poder. O trabalho lhe rendeu mil escudos, o que permitiu dar um dote à sua filha Luisa<sup>114</sup>, enquanto que seu salário era de apenas cem escudos. Entre 1720 e 1722, Vico escreve seus textos que tratam sobre o direito e que compoem a obra *Diritto Universale*. A sua obra principal de 1725 trata das questões dos conflitos e disputas dos grupos no desenvolvimento das nações e dos riscos de se cair em uma barbárie, mesmo em uma sociedade de refinamento intelectual e cultural. A sua terceira oração inaugural, que ele relata em sua biografia ter acontecido em 1701, provavelmente ocorreu no ano seguinte, por causa da Conjura de Macchia<sup>115</sup>.

Na sua relação com os espanhóis, ele obteve alguns favores do rei Carlos III. Em 1734, período da posse do rei Carlos de Borboun, Vico dedicou-lhe

---

cárcere. Giannone centrou suas investigações nas relações entre o poder laico e eclesiástico, confiando à legislação a tarefa de assegurar a paz e a tranquilidade nos Estados". SCANDELLARI, 2008, p. 99.

112 GARCÍA; BISBAL, 1998, p. 60.

113 *Vita*, 1998, p. 123.

114 PINTON, 1997, p. 127.

115 *Vita*, 1998, p. 118.

um soneto e solicitou ser nomeado como historiador real. O pedido foi atendido em 1737 e isso dobrou o seu salário. Em 1738, Vico teve a honra de redigir a oração de bodas entre o rei Carlos III e Maria Amalia de Valburgo. No ano de 1740, Vico pediu ao rei espanhol que o seu filho Gennaro pudesse lhe suceder na cátedra de retórica. Seu filho tinha 25 anos. O rei atendeu ao seu pedido.

O período que Vico viveu em Nápoles foi repleto de disputas de poder, de muita divisão de interesses e de conflitos que envolviam intelectuais, aristocratas e religiosos. Ele mesmo se encontrava na situação de atender às solicitações ora austríacas ora espanhola, sendo esta mais próxima da nobreza francesa. Fernando IV, sucessor e filho do rei Carlos III, teve muitos problemas para manter Nápoles sob o seu domínio. Isso se deu porque crescia, na época de Vico, um intenso desejo pela autonomia política que conflitava com os interesses feudais de alguns aristocratas. De alguma forma, é muito provável que toda essa disputa de poder exigiu muitas reflexões de Vico e impactaram seus escritos.

No entanto, tentamos apenas traçar um amplo e geral aspecto desses conflitos. Mesmo assim, é importante descrever essa situação pelo motivo de apresentar como foi complexa a convergência entre as academias, a Igreja em Nápoles, a fragmentação e a dinâmica política, com a “alguma” autonomia que os intelectuais napolitanos tinham para elaborar as suas teorias sobre ciência e política, por exemplo. É possível que a obscuridade atribuída aos textos de Vico tenha alguma relação com esse contexto, pois, nesse tempo, ser muito claro em temas delicados seria arriscar a própria sorte e a de sua família. Esse é um trabalho que gostaríamos de desenvolver em outra oportunidade com a correta profundidade que o tema exige. Abordamos apenas alguns tópicos considerados mais importantes para compreender melhor o contexto.

Vico escrevia em meio ao “estrépito de seus filhos” em uma residência modesta, por conta de sua condição financeira, e isso lhe era uma dificuldade enquanto “lia, escrevia ou meditava”<sup>116</sup>. Além disso, ele também escrevia em meio a outros dois sérios problemas: entre o risco de ser condenado pela Inquisição; e entre a aristocracia e a nobreza espanhola, austríaca, francesa em um momento de intensa disputa de poder na qual resultou em prisões, tortura e exílio de algumas

---

116 *Vita*, 1998, p. 133; 144.

peessoas. Assim, encerramos o conturbado contexto de produção intelectual ao qual Vico pertencia e passamos a apresentar a amplitude que, apesar de tudo, a sua teoria pôde alcançar, baseando-nos na leitura de Berlin.

## **1.2 A amplitude das discussões da teoria de Vico a partir de uma leitura de Isaiah Berlin**

Nossa pesquisa concentra-se sobre o conceito de ciência em Giambattista Vico nas suas primeiras obras. Tal conceito teria uma relação de proximidade com o experimentalismo, discutindo as teorias de Bacon, Galileu e Descartes. Justificamos a decisão de nos dedicarmos às primeiras obras pelo motivo de que a obra viquiana versa sobre um universo muito amplo de temas que não conseguiríamos discutir dentro dos limites dessa dissertação. No intuito de ilustrar a amplitude dessa teoria e justificar o nosso recorte, recorreremos a um breve panorama de conceitos da obra viquiana apoiados pela leitura de Isaiah Berlin (1909-1997). Assim, pretendemos demonstrar sucintamente como o conceito de ciência em Vico relaciona-se com um vastíssimo espectro de discussões, de acordo com os estudos de Berlin. Ao que parece, o autor não se limitou a estudar apenas as primeiras obras de Vico, pois ele faz referências a vários conceitos que estão dispersos por suas obras e encontram especial atenção direcionada a eles na *Ciência nova*.

Berlin uniu a sua formação originária russo-alemã e sua maturidade intelectual no âmbito da cultura anglo-saxã às fortes influências italiana e francesa<sup>117</sup>. Quando estudava em Oxford, por volta dos anos 1930, não havia uma tradição de estudos da filosofia continental e predominava a filosofia analítica na cultura inglesa, “em fase de um nascente empirismo e de um positivismo a-histórico”<sup>118</sup>. O seu contato inicial com Vico deu-se pela leitura de Collingwood, do estudo da monografia de Croce de 1911 e, posteriormente, pela história da filosofia de Michelet. Collingwood, que havia se interessado por Vico e traduzido Croce, era tido como uma “figura isolada” em Oxford. Vico e Maquiavel tornaram-se os pontos de referência italianos dos estudos de Berlin. As teorias de Vico e Herder assumiram

---

117 VERRI, 1999-2000, p. 53.

118 BERLIN, 1999-2000, p. 18.

fundamental importância em sua discussão sobre *verstehen*, enquanto desenvolvimento de uma teoria compreensiva. Segundo Verri,

o conhecimento dos pensadores italianos e, posteriormente, de Herder, permitiu a Berlin libertar-se das formulações teóricas abstratas, acolhidas no passado sob o conceito de *philosophia perennis*, para chegar gradualmente à compreensão dos feitos humanos e da história, vistos em suas particularidades e concretude, em sua historicidade<sup>119</sup>.

Para entender o passado, Berlin compreendeu a necessidade de se libertar da pretensão de absolutização de nossos juízos com o auxílio de seu estudo sobre as teorias de Vico e Herder. “Não se pode examinar a poesia de Homero à luz do classicismo do século XVIII; e nem sequer se chegará a compreender a Bíblia e os primitivos personagens do mundo hebreu, que atravessavam os desertos da Arábia e da Palestina, sem antes entrar em sua mentalidade”<sup>120</sup>. Os estudos sobre Vico proporcionaram-lhe vislumbrar uma pluralidade de valores na sucessão das culturas. Essas culturas possuem núcleos centrais que obedecem certas diretrizes e se expandem como “raios” partindo de um centro, informando múltiplos aspectos compreensíveis.

Segundo o próprio Berlin, Vico é “um dos mais audazes inovadores do pensamento humano”<sup>121</sup>, “as realizações de Vico são assombrosas”<sup>122</sup>, “as ideias de Vico (...) seguem sendo transformadoras”<sup>123</sup>, é um “gênio”<sup>124</sup>, “em sua mente existe uma pressão enorme e simultânea de toda classe de ideias que chocam entre si, que demandam expressão ao mesmo tempo: isto é de uma grande intensidade e emoção em seus escritos, mas não oferece uma clara exposição”<sup>125</sup>. Além de toda a originalidade e inovação do pensamento de Vico, Berlin também reconhece a obscuridade e as dificuldades de leitura de suas obras que, em sua época, e ainda na nossa, permanecem na periferia da tradição filosófica principal, ora sendo redescobertas, ora caindo no esquecimento.

A principal razão deste destino [da falta de reconhecimento de Vico] reside, provavelmente, na obscuridade e na natureza caótica de sua obra. Seu pensamento é um intrincado bosque de frutíferas ideias, de citações e

---

119 VERRI, 1999-2000, p. 54.

120 Ibid., p. 54.

121 BERLIN, 1998, p. 11.

122 Ibid., p. 12.

123 Ibid., p. 21.

124 Id., 1999-2000, p. 18.

125 Ibid., p. 20.

germinais referências, de divagações e trechos inesperados, rico, estranho, confuso, surpreendente, imensamente sugestivo e ainda ilegível. Muitas ideias irrompem em encontrar expressão ao mesmo tempo, tentando dizer demasiado sobre demasiado; as ideias se expõem e se escurecem entre si e, ainda que isso lhe outorgue uma espécie de turbulenta vitalidade a tudo que ele escreve, nem por isso consegue ser lúcido ou elegante. (...) É um estilo sofrido (...) Apesar disso, muito que ele tem a dizer é de cardeal importância – original e convincente<sup>126</sup>.

Apesar da dificuldade de leitura constatada com relação a seus trabalhos, Vico é considerado como muito importante e a sua teoria versa sobre um espectro amplo de temas. Segundo Berlin, Vico deveria ser lido por causa de toda a sua originalidade e grande audácia que reúne um grande número de descobrimentos e teses que ele lista.

A primeira de todas foi que se opôs a toda uma teoria sobre o que era o homem, a natureza do homem, que prevalecia em sua época. Além disso, parece-me que deve ter sido o primeiro homem a conceber a ideia de cultura ou civilização da maneira como pensamos hoje. O fez antes de Voltaire, o ostensivo autor deste conceito. Também concebeu uma nova noção do que é a história e de como se deve estudá-la. Disse coisas inovadoras sobre a natureza do direito. Mais importante que isso, disse coisas sobre as matemáticas de tal originalidade que teriam sido apreciadas com propriedade até possivelmente somente no nosso próprio século. Sua concepção de estética foi igualmente inovadora e audaz, e agora constitui uma das concepções mais predominantes neste campo, mesmo que os autores oficiais são, uma vez mais, pessoas muito diferentes. Manteve uma nova teoria do que são os mitos, o simbolismo e a linguagem e do que alguém poderia conseguir entender estudando-os, uma teoria que não creio que alguém antes dele houvera enunciado, ou, pelo menos, de maneira tão vívida e profunda. É um dos verdadeiros fundadores das ciências sociais, da filologia comparada, da antropologia comparativa e da sociologia, do estudo comparativo das instituições humanas. Vico concebeu tudo isto de uma maneira audaciosa e atrevida, ainda quando fora um escritor exageradamente obscuro. No entanto, distinguiu uma classe de conhecimento que não creio que alguém o havia formulado antes que ele. Finalmente – e isto é, se não a coisa mais profunda que disse, talvez a razão mais perdurável de sua fama – traçou uma distinção entre o método e a natureza da ciência natural e aqueles que a empregam no estudo das coisas humanas(...)<sup>127</sup>.

Na concepção de Berlin, a teoria de Vico versa sobre uma ampla variedade de assuntos, como: a natureza do homem, a ideia de cultura e de civilização humana, sobre o que é a história e como estudá-la, sobre o direito, apresenta teorias originais sobre a matemática, discute uma estética inovadora e audaciosa, apresenta uma nova teoria sobre os mitos, o simbolismo e a linguagem, sendo um

---

126 BERLIN, 1998, p. 12. Sobre as dificuldades de leitura da obra de Vico e suas contribuições originais cf. BERLIN, 1982, p. 97.

127 id., 1999-2000, p. 19.

dos fundadores das ciências sociais, da filologia e da antropologia comparativa. E, além disso, apresenta originalidade na discussão entre o método da ciência natural e o seu emprego no estudo das coisas humanas, sendo esta uma de suas principais contribuições.

A respeito da originalidade de Vico sobre a teoria matemática, Berlin considerou que o século XVII foi conhecido como o período do triunfo das ciências naturais que tinham como paradigma de certeza a matemática. Nesse período, a matemática também teve um grande desenvolvimento<sup>128</sup>. Descartes tornou-se a referência nesse paradigma influenciando toda a Europa, inclusive a Itália de Vico. Segundo Descartes, alguém que fosse sério levaria em consideração que a classe de estudos que daria a esperança de realizar algum progresso deveria empregar métodos matemáticos ou quantitativos.

Possivelmente, Vico conheceu essa perspectiva em sua juventude e provavelmente converteu-se primeiramente a ela, mas se rebelou mais tarde<sup>129</sup>. Decorre do paradigma de uma ciência quantitativa que a história não seria um estudo sério, pois, além de não se utilizar do método matemático, ou quantitativo, os homens que participassem de seus sucessos estariam emocionalmente envolvidos e distorceriam a verdade a seu favor. Os historiadores não poderiam expressar a verdade de forma objetiva da mesma forma que poderia fazer um geólogo, ou um físico, ou um astrônomo. Questionava-se se os melhores historiadores de Roma saberiam menos do que uma escrava de Cícero. Vico teve uma formação em um ambiente profundamente teológico e tradicional. Berlin acredita que ele tenha ficado, ao menos, ofendido<sup>130</sup> diante do ataque que as humanidades recebiam, tanto que respondeu à questão sobre a matemática de forma interessante na obra *De Antiquissima*.

As matemáticas constituíram como um “êxito maravilhoso”<sup>131</sup>, pois produziram um conhecimento que o homem era capaz de compreender e com o qual podia estabelecer verdades irrefutáveis; por outro lado, toda a sua coerência e

---

128 BERLIN, 1999-2000, p. 20-21.

129 BERLIN, loc. cit.

130 “E me atrevo a dizer que se sentira ofendido, pessoalmente ofendido, por este ataque ao valor e ao *status* das humanidades, da crítica, da literatura, do direito, sobre todo o mundo dos estudos das antiguidades no qual se havia inserido tanto pessoalmente quanto por ser um cristão piedoso.” Ibid., p. 22.

131 BERLIN, loc. cit.



certeza ocorrem não porque ela constitua uma classe de representação de verdades eternas sobre a natureza ou o mundo, mas justamente por não ser uma informação sobre qualquer coisa<sup>132</sup>. A matemática é uma pura ficção humana. A sua coerência ocorre porque esta foi criada para ser coerente, como devem ser as regras de um jogo. Seus símbolos não correspondem à natureza, mas às criações humanas independentes das evidências. Berlin faz uma analogia entre a matemática e o jogo de xadrez<sup>133</sup>.

No xadrez, a regra estabelece que o rei deve mover-se uma casa de cada vez. Se alguém questionasse o porquê de se dever movê-lo por apenas uma casa e um segundo, a partir de suas observações, dissesse que isso não seria uma regra universalmente verdadeira, pois certa vez tenha visto alguém movê-lo três casas, as evidências deste não poderiam ser consideradas como uma prova válida para o movimento de três casas, mesmo que isso tenha ocorrido. As regras do xadrez, entretanto, independem de observações empíricas dos movimentos de suas peças. Elas foram criadas livremente pelos homens, que definiram a regra que o rei se move apenas uma casa, independentemente de qualquer evidência. Fora disso, não seria um jogo de xadrez.

Para Berlin, Vico considerou que as matemáticas seriam uma classe de conhecimento assim como um jogo, embora reconheça que ele jamais tenha utilizado dessa analogia em suas obras. Elas seriam totalmente independentes das evidências, não sendo de forma alguma uma descrição geral de alguma estrutura da realidade. Mesmo que as matemáticas tenham sido um sucesso do conhecimento humano pelos seus resultados de uma razão humana logicamente controlada, elas foram produzidas pela invenção humana. A matemática é uma ficção humana útil e coerente, como as regras de um jogo. Porém, quando as tendências científicas de seu tempo buscam unir a física à matemática, para estabelecer um conhecimento verdadeiro sobre a natureza, é preciso avaliar alguns aspectos.

---

132 “É um corpo de verdades irrefutáveis. No entanto, é um corpo de verdades semelhantes não porque constitua uma classe de armação ou representação de verdades eternas sobre a natureza e o mundo. É verdadeira a custo de não dar informação acerca de nada. Não descreve nada em absoluto. As matemáticas são uma concatenação de ficções. As regras da matemática são criadas por nós, pelos seres humanos. Os símbolos da matemática são inventados por nós.” BERLIN, 1999-2000, p. 22.

133 Ibid., p. 22-23.

A matemática é compreensível porque foi elaborada pelo homem. Isto está relacionado ao princípio *verum ipsum factum* de sua obra *De Ant.* A física trata de coisas do mundo externo, que não foram criadas pelo homem, e produz um conhecimento mais opaco que o da matemática. Os conhecimentos produzidos pela física não teriam como nos oferecer um conhecimento tão certo quanto aquelas que as matemáticas poderiam oferecer, pois eles se debruçam sobre algo que é independente da vontade humana<sup>134</sup>.

Dessa forma, a ciência sobre a natureza que se constrói com o paradigma da certeza matemática precisa ser repensada. A certeza matemática ocorre porque o homem a criou para que ela fosse assim. A natureza não pode ser forçada a agir conforme a vontade humana, nem lhe podemos impor regras acerca de como ela deveria ser<sup>135</sup>. O que o homem pode fazer é utilizar de sua matemática para compreender a natureza por meio da observação e da experimentação, que o proporcionariam um conhecimento provável, mas não uma certeza inquestionável. Berlin aponta que essa teoria, que haveria de ser admitida com tranquilidade somente no século XX, já havia sido discutida por Vico em sua obra de 1710.

Em outro tema, Vico dedicou-se a discutir sobre a linguagem e o mito de uma forma que pode aproximá-lo daquilo que constitui os fundamentos da filologia, da antropologia e das ciências humanas comparadas de hoje em dia<sup>136</sup>. Ao observar como os antigos escreveram e falaram, a partir da cultura grega e romana, dos hieróglifos egípcios ou dos ideogramas chineses, seria possível descobrir que esta gente utilizava a linguagem de maneira diferente da qual utilizamos hoje<sup>137</sup>.

---

134 BERLIN, 1999-2000, p. 23-24.

135 Vico condena o orgulho ímpio da teoria cartesiana de querer alcançar um conhecimento perfeito e exato da natureza. Sobre isso escreve Santos: “Um dos motivos da crítica de Vico [à física cartesiana] (...) é a condenação da postura agressiva da ciência nos seus confrontos com a natureza, tal comportamento se mostrava, por vezes, dissimulado pelos partidários do progresso. Essa agressividade, aos olhos de Vico, anda atrelada ao orgulho ímpio da ciência cartesiana que se vangloria de poder alcançar um conhecimento perfeito e exato da natureza. A violência faz-se sobretudo quando se pretende adequar a natureza à teoria, e não o inverso”. SANTOS, 2012, p. 172.

136 BERLIN, 1999-2000, p. 25-27.

137 A respeito da teoria de Vico sobre as primeiras nações e o uso da linguagem muda, que se vale dos corpos e depois se articula em hieróglifos e caracteres chineses por causa da “pobreza do falar articulado”, cf. ROSSI, 1992 – B, p. 141 – 142. Em “A morte de Adão”, p. 324 – 328, Rossi afirma que as discussões de Vico sobre a origem da linguagem e sua relação com a barbárie da humanidade eram lugares comuns em seu período. Vide também SANTOS, 2012, p. 161.

Hoje, nós tomamos algumas de suas expressões como simples metáforas, tais como “o sangue ferve em meu peito”: esse dizer não seria a respeito de um processo de aumento de temperatura do sangue e do risco de cozimento dos meus órgãos, mas sim uma simples metáfora de um calor que sinto no momento de ira. Porém, aquela sociedade antiga não tinha o refinamento racional da sociedade atual. Ela era plena dos sentidos, ou seja, os homens primitivos estariam imersos em seus sentidos e afastados das descrições detalhadas que uma sociedade de refinamento racional teria.

Ao estar tomado pela ira, o homem daquele tempo sentia-se como se o sangue realmente fervesse, não sendo isto apenas uma expressão metafórica, mas real para ele. As expressões “lábios dos vasos”, “bocas dos rios”, “pescoços de terra”, “veias de minerais”, “entranhas da terra” pertenciam a uma sociedade que acreditava que os rios possuíam bocas, a terra pescoços, que os arados tinham dentes e a terra entranhas. “Para os homens primitivos as árvores choram muito mais do que choram para nós, e agora todas essas maneiras de falar não têm sido mais do que clichês”<sup>138</sup>.

Na *Ciência nova*, a linguagem do homem primitivo era entendida como poética. Entretanto, tal compreensão se daria não com a poesia tida como ornamento, como maneira elevada de falar ou de esconder alguma verdade que poderia ser descrita em prosa. A poesia era a expressão natural e direta do mundo de toda uma sociedade que era poética, constituída por uma sabedoria, uma lógica e uma moral igualmente poéticas<sup>139</sup>.

A linguagem que os primitivos tinham para compreender o mundo ao seu redor era a linguagem poética. Ao afirmar que “tudo está pleno de Júpiter”, os homens primitivos teriam Júpiter como sinônimo de céu e de ar, algo muito distante

---

138 BERLIN, 1999-2000, p. 25.

139 “Vico vai mais longe [do que os renascentistas supunham sobre o mundo poético]. Ele não supõe apenas que os poetas criam mundos artificiais, mas também que todos os homens, durante o primeiro estágio ‘poético’ de uma cultura, somente podem conhecer o mundo real ‘dessa maneira’, que a imaginação criativa desempenha um papel dominante na consciência normal desse estágio de desenvolvimento, de forma que a canção é o modo natural de expressão anterior à palavra, da mesma maneira que a poesia vem antes da prosa, e os símbolos escritos antes que os falados; isso, ele mantém, constitui uma visão da realidade, que é mais primitiva, mas não necessariamente superior ou inferior àquela que a segue; mais grosseira, porém (se não espiritualmente, pelo menos esteticamente) não menos valiosa e, talvez, melhor dotada de força pura e vitalidade espontânea que suas sucessoras mais civilizadas.” id., 1982, p. 100 – 101.

de nossa sociedade atual. Cibele é uma mulher e a própria terra. Netuno é um deus de tridente e todos os mares do mundo. Hércules é o herói que matou a Hidra e limpou os estábulos, mas também é diferente em cada cidade. Há o Hércules tebano, o ateniense, o espartano e o coríntio, sendo ele um e muitos ao mesmo tempo.

Os mitos também foram um dos temas aos quais Vico se dedicou. Ele considerou os mitos como formas reais de os homens primitivos perceberem seu mundo e agir nele. Eles não seriam simples invenções de sacerdotes embusteiros para enganar o povo, nem elegantes ornamentos, nem uma forma de ocultar verdades objetivas que aquele povo pudesse conhecer. O mito era a maneira própria de aqueles homens primitivos agirem sobre o mundo. Seus rituais e valores estariam ligados à sua natureza brutal e selvagem. Sustentado pela noção de que os mitos não seriam invenções ou ornamentos de uma sociedade racional, mas que seriam a própria forma de entendimento daquela sociedade selvagem, Vico inviabiliza a possibilidade de que os bestiais poderiam ter conhecido verdades eternas e teriam algo de uma humanidade fixa e, igualmente, eterna<sup>140</sup>. Decorre disso, que não existe uma natureza humana imutável. Há sempre um devir da humanidade em constante formação e construção.

Os vestígios linguísticos que temos desse povo nos mostram que aquela gente era muito diferente de nós e que não compartilhavam os mesmos códigos de conduta. A humanidade estaria em um processo de desenvolvimento. Para conhecê-los, não se deve importar as ideias e comportamentos modernos para descrever tais homens primitivos. Vico propõe uma noção de evolucionismo que se confronta com a teoria do *contrato social* de seu tempo.

A teoria contratualista acreditava em um momento racional em que o homem deliberou e estabeleceu um contrato entre os seus, o que teria sido impossível para Vico, porque eles não teriam a mesma racionalidade que os modernos tinham. Além disso, a sua noção de evolucionismo é oposta à concepção de que exista uma natureza humana fixa para sempre, o que também se confronta com o fundamento

---

140 "(...) [Vico] pensava que os homens e as sociedades crescem e se modificam respondendo, não apenas aos fatores naturais, mas também a suas próprias atividades e capacidades para compreender e perseguir seus objetivos e que, conseqüentemente, não existe natureza humana inalterável nem inalterada, como também não existem quaisquer objetivos fixos e eternos." BERLIN, 1982, p. 109.

de todas as teorias do direito natural, que acreditam existir alguns elementos fixos que garantiriam alguma humanidade. Portanto, uma leitura política da teoria de Vico acaba por entrar em confronto com as teorias políticas do contratualismo e também com as teorias do direito natural, que eram discutidas na Nápoles de seu tempo.

Outro aspecto da teoria de Vico se refere à questão estética. Entre os séculos XVII e XVIII, também se formulava uma noção estética de que haveria certas regras universais, inalteráveis e eternas para realizar as obras de arte. Além disso, surgiram discussões sobre se a arte dos antigos seria ou não superior à dos modernos. Se assim fosse, tanto os antigos quanto os modernos deveriam conhecer essas regras para serem julgados. Respondendo à questão da *Querela entre os antigos e modernos*, Vico faz várias considerações sobre os aspectos diferentes entre o método dos antigos e o dos modernos em sua sétima oração inaugural, *De Ratione*, de 1709.

Outras discussões estéticas desse período dividiam-se entre a perspectiva de que a finalidade da arte era a de ser agradável, enquanto fonte de prazer, ou a de ser didática, ou seja, para ensinar algo. A proposta estética de Vico não estabelece relação com nenhuma dessas concepções<sup>141</sup>. Para ele, a arte é uma forma natural de expressão humana, que ele desenvolveu melhor em sua *Ciência nova*. A arte é uma forma que os homens utilizam para comunicarem-se entre si ou com deus. Ele percebeu que ela não seria apenas uma ação contingente dos homens primitivos, mas que estava indissolúvelmente ligada às atividades dos rituais religiosos.

As canções e danças são formas de expressão do homem que expõem a sua própria identidade, as suas relações com os outros, com a natureza e com deus. Essas formas de expressão se alteram de acordo com cada sociedade. Por exemplo: os poemas homéricos são a expressão de uma sociedade cruel, ambiciosa e severa que foi superada quando houve a mudança daquela sociedade. Dessa forma, não existe um progresso linear das diferentes formas de arte, pois elas são a forma de expressão de toda uma sociedade. Elas seriam incomensuráveis entre si, tanto quanto as sociedades seriam. Com isso, Vico inaugura uma forma de conhecimento pela compreensão que se aproximaria da *verstehen* dos alemães<sup>142</sup>.

---

141 BERLIN, 1999-2000, p. 28.

142 "Vico inventou, virtualmente, o conceito do conhecimento, do que Dilthey e outros chamam *verstehen*". BERLIN, 1982, p. 104. No entanto, DAMIANI, 2000, p. 125-126, adverte sobre o perigo de anacronismo quando se interpreta a *SN* a partir da perspectiva de Dilthey. Cf.

Vico abrange ainda outra discussão quando descreve a luta entre patrícios e plebeus, escravos e seus amos. Berlin considera que Vico torna-se um dos primeiros expoentes a ter uma visão do que seria a luta de classes na história, que altera o direito, as instituições, os mitos, as fábulas e os clássicos. As instituições jurídicas, suas palavras e rituais só podem ser compreendidas mediante o entendimento dos conflitos que existem entre os grupos envolvidos. Por exemplo, para Vico é um absurdo pensar que as leis romanas das doze tábuas teriam vindo de Atenas, como na antiga lenda segundo a qual uma delegação de romanos teria recebido as doze tábuas de Sólon.

Os selvagens que habitavam Roma teriam sido incapazes de entender a forma de vida sofisticada de Atenas. As leis que foram estabelecidas em Roma possuíam palavras que não existiam na Grécia, como *auctoritas*, que não tinha nenhum correspondente em grego. “Não é um termo traduzido, é parte de todo um modelo completamente diferente de linguagem, de compreensão, de comunicação, de forma de vida”<sup>143</sup>. As leis de uma sociedade são o produto das próprias relações e conflitos que são estabelecidas entre seus membros. Uma sociedade selvagem, como a dos romanos, não poderia se adequar às leis de uma sociedade racionalmente refinada como a ateniense. Eles estavam em períodos distintos de evolução.

Segundo Berlin, a concepção de que haveria estados da história e da individualidade dos processos sociais foi discutida primeiramente por Vico<sup>144</sup>. Os padrões culturais de uma sociedade não seriam passíveis de serem plenamente compreendidos por outra. Berlin dá o exemplo que seria impossível para Shakespeare ter escrito suas obras na corte de Gengis Khan, assim como a corte de Gengis Khan era incompatível com a linguagem, os símbolos, as visões e toda a sociedade de Shakespeare<sup>145</sup>.

Essas seriam apenas algumas contribuições da ampla obra sobre ciência que Vico proporcionou, segundo a leitura de Isaiah Berlin. Vico teria discutido e ampliado em seu conceito de ciência elementos como o direito, a estética, a linguagem, os mitos, a cultura, teoria política, o método das ciências e vários outros

---

DAMIANI, 1997, p. 357-375.

143 BERLIN, 1999-2000, p. 30.

144 id., 1982, p. 112-113.

145 id., 1999-2000, p. 30-31.

aspectos. Os seus estudos mais complexos sobre o direito romano, sobre a antiguidade clássica e sobre retórica, aliás, não tiveram o devido espaço nesse texto. Vico teria escrito de uma maneira de difícil compreensão, mas cheia de genialidade e inovadora. Isaiah Berlin, em seus textos, não se limitou a apresentar os conceitos de apenas uma obra, mas escreveu sobre os principais conceitos de Vico estabelecendo um diálogo entre as suas diferentes obras, com atenção maior direcionada à *Ciência nova*.

### **1.3 Considerações sobre a escolha das obras *De Antiquissima e Ciência Nova para a pesquisa***

A presente pesquisa dedicará seus esforços para o conceito de ciência nas primeiras obras de Vico. Enquanto professor de retórica, ele se utiliza de diversas técnicas estilísticas que conduzem à compreensão de sua obra e estão de acordo com o seu método de construção do conhecimento engenhoso, conforme sua concepção de educação presente em sua obra, *De Ratione*, de 1709. O título de suas obras oferece um fio condutor que permeia seu pensamento do início ao fim. A metafísica em Vico aborda o mundo das mentes e Deus, e a física depende da metafísica, porque a natureza é obra de Deus. Cada obra pode ser conhecida por seu criador. Portanto, o homem pode conhecer mais a metafísica do que a física ou a natureza.

No capítulo XII do *De Ratione*, intitulado “Sobre os ótimos modelos dos artistas”, Vico dirige uma crítica aos imitadores e um elogio aos inovadores e inventores que não tem outro modelo de criação senão a própria natureza<sup>146</sup>. Para ilustrar suas considerações, ele cita as pinturas de Ticiano em Veneza<sup>147</sup>, de grossas pinceladas, uma inovação em relação à grandiosidade das pinturas de Michelângelo e à sutileza das pinturas de Rafael. Vico tentaria a “grossas pinceladas” estabelecer um conceito próprio de ciência, diferente do cartesiano, sem sutilezas ou

---

146 Algo semelhante ao que Descartes fez ao criticar os seguidores de Aristóteles, comparando-os a hera que cresce por sobre as árvores, mas que não tem força para ir além da própria árvore, cf. DESCARTES, *Discurso do método*, 1983-A, p. 68.

147 Ticiano Vecellio, 1488 – 1576, artista veneziano representante do Renascimento, pintor de retratos e paisagens, de temas mitológicos e religiosos.

grandiosidades. Ele busca estabelecer uma ciência humana, uma ciência das nações, apoiado em suas observações e materiais disponíveis e segundo um conceito de ciência inovador e engenhoso. Levando em consideração alguns aspectos formais do texto, a relação entre metafísica e física e o estabelecimento de uma ciência inovadora e criativa, tentamos esclarecer a decisão de centrar os esforços desta pesquisa na obra *De Antiquissima*.

### **Os títulos das obras *De antiquissima* e *Ciência nova***

Muitos estudiosos que fizeram buscas pelo conceito de ciência em Vico utilizaram a obra *Ciência nova*. Em contraste com essa obra, as primeiras obras não seriam tão relevantes assim. O próprio Vico escreveu em sua *Vita* sobre a *Ciência nova*: “Nesta obra o autor encontra finalmente explicado em sua totalidade aquele princípio que havia entendido confusamente e não com suficiente distinção em suas obras precedentes”<sup>148</sup>. Ele atribui, por conseguinte, maior importância à *Ciência nova* do que às suas primeiras obras. Ademais, como observa Silva Neto, “o *De ant.* de Giambattista Vico foi o passo inicial de um projeto abandonado pelo autor. Ele almejava uma obra sistemática atinente à metafísica, à física e à moral, porém, não foi além da publicação, em 1710, do *Liber metaphysicus*”<sup>149</sup>. No mesmo texto, Silva Neto afirma que o autor Spaventa assevera que “investigar no ensaio de 1710 a chave metafísica, das sucessivas redações da *Ciência nova*, seria equiparar-se àqueles literatos que desejam compreender o drama de Shakespeare com a arte poética de Horácio nas mãos”<sup>150</sup>, ou melhor, para Spaventa, o livro *De Ant* não seria tão importante para a sua obra magna. Mesmo assim, Silva Neto resgata o valor do *De Ant* quando escreve: “entendemos o *De ant.* como a expressão inicial da concepção filosófica viconiana do *homem* criador, do *homem deus* de mundos infinitos”<sup>151</sup>. Já para Diana, a relevância do *De Ant.* se impõe em seu estudo, pois

---

148 *Vita*, 1998, p. 149.

149 SILVA NETO, 2012, p. 203. LOMONACO, 2018, apresenta as possíveis razões de Vico para o abandono do livro segundo sobre a física, devida a sua teoria de dessubstancialização do mundo nas p. 195 - 196, e a necessidade de ter reescrito toda uma obra moral, que não se realizou, de acordo com as páginas 205 – 206.

150 SILVA NETO, 2012, p. 204.

151 SILVA NETO, loc. cit.



nela “se encontra mais amplamente definido e discutido o critério viquiano de verdade”<sup>152</sup>.

É preciso nos determos um pouco mais sobre as primeiras obras para percebermos melhor o conceito de ciência ao qual Vico se propôs. Se na *Ciência nova* o “princípio” de sua filosofia está melhor explicado e entendido por ele, é provável que nas primeiras obras poderemos investigar a sua origem. No proêmio de *A antiquíssima sabedoria dos italianos a partir da língua latina*<sup>153</sup>, Vico indica as influências de jônios e etruscos, sua ciência e geometria, sua teologia civil. Revelar a antiga sabedoria dos italianos a partir das origens da língua latina não havia sido tentado por ninguém, segundo ele mesmo afirma. Seria uma novidade fruto do engenho do autor. A proposta de Vico é “indagar qual seria a sabedoria dos antigos italianos desde as origens próprias dos vocábulos”<sup>154</sup>. Na obra de 1710, buscar a origem do conhecimento pelo estudo da linguagem permite, de certa forma, entender a origem da ciência. Segundo Vico, o conhecimento é o resultado de três operações: a percepção, que deve ser regulada pela tópica; o juízo, sendo igualmente regulado pela crítica; e o raciocínio pelo método<sup>155</sup>. Na *Ciência nova*, a tópica e a crítica articulam-se com o método de conjugar filosofia e filologia<sup>156</sup>. No *De Antiquíssima* a análise filológica dos vocábulos latinos procura a sabedoria como objeto principal, do qual se deduz uma noção de metafísica e de ciência.

A *Ciência nova* não é uma obra que delimitará o conceito de ciência enquanto preocupação principal, mas antes se preocupa em aplicar a “ciência nova” ao seu objeto principal: a natureza comum das nações em uma “metafísica do gênero humano”<sup>157</sup>. Enquanto atitude científica, Vico definirá que na *Ciência nova* ele

---

152 DIANA, 2018, p. 227-243.

153 Arriscamos essa tradução em português da obra *De Antiquíssima* segundo as traduções do espanhol para o latim, conforme a revista *Cuadernos sobre Vico*.

154 “indagar cuál haya sido la sabiduría de los antiguos italianos desde los propios orígenes de los vocablos.” *De Ant.*, 1999-2000, p. 444.

155 “Pois o homem percebe, julga e raciocina; mas, com frequência percebe o falso, com frequência julga temerariamente e com frequência raciocina erroneamente. As escolas filosóficas gregas opinaram que estas faculdades haviam sido dadas ao homem para saber e que cada uma seria dirigida por sua própria disciplina: isto é, a faculdade de perceber pela tópica, a de julgar pela crítica e a de raciocinar, por fim, pelo método”. *De Ant.*, 1999-2000, p. 477.

156 “[Em Vico,] a união entre filosofia e filologia está para a pesquisa histórica assim como a interação entre teoria e produção de dados empíricos está para as ciências naturais”; SANTOS, 2012, p. 159.

157 LOMONACO, 2018, p. 208.

“descobre esta nova ciência graças a uma nova arte crítica para julgar o verdadeiro nos autores das nações mesmas dentro das tradições vulgares das nações que eles fundaram”<sup>158</sup>. Mais do que uma obra de epistemologia, a *Ciência nova* é a aplicação de um método e de um conceito de ciência à pesquisa da natureza comum das nações.

Ela é uma obra de teologia civil racional da Providência divina<sup>159</sup>, é uma filosofia da autoridade<sup>160</sup>. Para Vico, a obra é “a demonstração de um fato histórico da Providência, porque deve ser uma história das ordens universais e eternas que ela instituiu”<sup>161</sup>; ela “empreende uma severa análise dos pensamentos humanos em torno das necessidades humanas ou utilidades da vida social”<sup>162</sup>; ainda segundo ele, “esta Ciência é uma história das ideias humanas, com a qual deve proceder a metafísica da mente humana”<sup>163</sup>. Todas essas são definições que nos levam a perceber uma prática do desenvolvimento científico da teoria que o aproxima da história e da política<sup>164</sup>. Vários comentadores conduzem a definição do conceito de ciência em Vico ao âmbito histórico. No *De Antiquissima*, o conceito de ciência pode ser definido de maneira mais geral, mas na *Ciência nova* o conceito de ciência confunde-se com a teologia, o direito e a metafísica. A definição de tal caráter histórico encontra-se em grandes autores como Collingwood, Andrea Battistini, Fausto Nicolini, entre outros.

Realmente não há como separar história e ciência em Vico. De fato, a pesquisa da obra *De Antiquissima* pode vir a encontrar alguns outros aspectos que seriam mais gerais para o entendimento da ciência em Vico. Silva Neto apresenta que a *Ciência nova* e a *De ant.* são obras singulares em seu conteúdo e método, porém isso não impediria que “as ideias de um livro influenciem positivamente os rumos do outro”<sup>165</sup>. Todavia, é possível perceber no *De Ant.*, além da expressão de

---

158 *Vita*, 1998, p. 149. Ao que Vico assim complementa: “(...) E com a tocha de tal nova arte crítica se descobrem, muito diferente do que até agora havia se imaginado, as origens de quase todas as disciplinas, sejam ciências ou artes, que são necessárias para raciocinar com ideias esclarecidas e com a linguagem própria do direito natural das nações”; *ibid.*, p. 149.

159 *SN*, 2008, p. 42, 52 e 206. *SN*, 2005, §§ 342, 368, 1096.

160 *SN*, 2008, p.23. *SN*, 2005, § 7.

161 *SN*, 2008, p. 42. *SN*, 2005, § 342.

162 *SN*, 2008, p. 44. *SN*, 2005, § 347.

163 *SN*, 2008, p. 44. *SN*, 2005, § 349.

164 SILVA NETO, 2012, p. 204.

165 SILVA NETO, loc. cit.

*homem* criador ou *deus* de mundos infinitos, também um autor que está “em busca de uma teoria sobre Deus, sobre o conhecimento e a verdade, [na qual] Vico encontra principalmente uma teoria sobre a finitude e os limites humanos”<sup>166</sup>. É possível que Vico teria formulado um conceito de ciência nas primeiras obras e que, após os estudos de Grocio<sup>167</sup>, teria promovido alterações desse conceito em sua obra principal, como ele mesmo relatou em sua biografia.

Entre o *De Ant* e a *Ciência nova*, Vico escreveu a obra *Diritto universale*, na qual ele “introduz as questões do *direito natural das gentes* para encontrar o critério da *ordem* na nova conjugação de *verdadeiro* e *certo* que torna possível a trânsito do sujeito do pensamento para o mundo”<sup>168</sup>. Portanto, a *Ciência nova* é uma obra na qual o conceito de ciência de Vico se apresenta diferente de suas primeiras obras. O *De antiquissima* possibilitaria entender o conceito de uma ciência que posteriormente amadureceria com os estudos de Grocio e viria a ser aplicada ao mundo das nações, ou, como afirma Lomonaco, no *De Ant* encontramos uma “*metafísica* dessubstanciada” e na *Ciência nova* seria uma “*metafísica* do gênero humano”<sup>169</sup>.

Com base na autobiografia, cronologicamente, o livro *De Ant.* foi escrito antes do contato de Vico com a teoria de Grocio, um de seus quatro autores de referência. Vico afirma que esses quatro autores são: Platão, Tácito, Bacon e Grocio. Humberto Guido chama a atenção que Vico escolheu um par composto por um filósofo e um historiador que represente a antiguidade e a modernidade<sup>170</sup>. Platão e Tácito seriam o par de autores da antiguidade. Bacon e Grocio constituem o par mais próximo aos tempos de Vico. Embora Descartes seja um dos principais interlocutores de sua teoria de ciência, Vico não o elege como um de seus autores de referência. Entretanto, a sua presença na teoria viquiana não tem como ser ignorada. Isso é tão marcante ao ponto de Pierre Girard afirmar que as referências que Vico faz aos quatro autores seriam com a intenção de apenas mascarar as suas referências realmente determinantes. Segundo ele:

---

166 SILVA NETO, loc. cit.

167 Cf. LOMONACO, 2018, p. 207 – 208.

168 LOMONACO, 2018, p. 207.

169 Ibid., p. 208.

170 GUIDO, 2004, p. 29.

(...) a estratégia das referências no seio do sistema viquiano que faz com que, frequentemente, os autores colocados em destaque, notadamente aqueles que Vico denomina seus 'quattro auttori', a saber, Platão, Tácito, Bacon, Grócio, não o são senão de maneira artificial e servem para mascarar as referências subjacentes mais determinantes, como Lucrecio, Hobbes, Descartes, Bayle, assim como Spinoza, os quais são criticados e até mesmo aparentemente rejeitados por Vico<sup>171</sup>.

Descritos em sua *Vita*, o quatro autores compõem um sistema simbólico do método na *Ciência nova*. Platão representa o ideal, Tácito os fatos, Bacon um sistema completo do mundo humano e Grocio representaria as relações entre filologia e filosofia. Na *Vita*, Vico relaciona a formulação do conceito de *história ideal eterna* à leitura que teve a partir de Grocio. E na mesma obra, Vico dirige algumas críticas ao pensamento de Grocio. É possível que Grocio represente o refinamento de sua teoria de ciência. A *nova scientia tentatur*<sup>172</sup> surge, em sua descrição cronológica, após os estudos de Grocio, assim como o estudo sobre o verdadeiro Homero também será consequência dos princípios da filologia estudados após 1721<sup>173</sup>, enquanto Vico aguardaria pelos comentários de Le Clerc.

Contudo, nas primeiras obras encontraremos um conceito de ciência em formação. Essa pesquisa não se centrará no conceito de ciência da sua principal obra, *Ciência nova*. O conceito de ciência na obra principal é muito amplo e debate com uma gama muito variada de assuntos. Por conta disso, nosso limite será o estudo das primeiras obras.

### ***A conclusão do livro primeiro: Metafísica***

Na conclusão do primeiro livro que compõe o *De Antiquissima*, Vico afirmou que seu trabalho é uma metafísica digna da debilidade humana, pois para o homem não seria possível conhecer todas as verdades, mas sim apenas algumas. Adiciona ainda que a metafísica proposta está de acordo com a piedade cristã e que, portanto, não seria a imposição de uma ciência humana à divina, mas o seu oposto: uma ciência divina direcionada para a humana. Vico ainda destaca o papel da física

---

171 GIRARD, 2018, p. 276 – 277.

172 *Vita*, 1998, p. 139.

173 *Ibid.*, p. 141.

experimental que pode realizar algo similar à natureza, de modo a descobrir as verdades ao alcance da finitude humana.

Isso resume aspectos principais de sua concepção de ciência: existe uma ciência humana e outra divina. Existem filósofos que buscam por um saber claro e distinto, algo que somente seria possível a Deus, pois os homens são limitados. A solução é o modelo científico experimental de reprodução da natureza em situações que permitem controlar os processos naturais e então produzir ciência com máquinas e técnicas. Os homens precisam fazer uma redução das dimensões que a natureza possui, pois não se pode compreendê-la plenamente. Um tema que também está presente em seu conceito de ciência são os termos verdadeiro e verossímil.

Cumpre, então, neste trabalho, abordar os principais problemas da obra *De Antiquissima* para posteriormente verificar como alguns destes conceitos se articulam com a proposta viquiana de um conhecimento sintético.

## CAPÍTULO II: VICO E A PROPOSTA DE UMA NOVA CIÊNCIA

Vico estabelece uma diferença entre a verdade divina e a humana em seu primeiro capítulo do livro *Metafísico* da *De Antiquissima*. Um dos principais problemas enfrentados por ele para o estabelecimento de uma ciência é a capacidade humana de conhecer a verdade. Em seu tempo, os cartesianos buscam por uma ideia clara e distinta para o conhecimento científico, principalmente a partir da obra *Meditações*. Embora Descartes não seja um dos seus quatro autores de referência, o diálogo com a teoria cartesiana é intenso, principalmente em suas primeiras obras. O cartesianismo era uma das principais teorias discutidas em sua Nápoles, quando ele retorna de Vatolla, e se configura como principal modelo de ciência e de metafísica. Compreender as relações e diálogos que Vico estabelece com tal teoria em suas primeiras obras é fundamental para perceber qual o modelo científico que este propõe para a compreensão científica e verdadeira da humanidade.

O método cartesiano, portanto, pretende concentrar-se na produção de certezas. Vico denomina essa perspectiva como a nova crítica. Esta tem como características a dúvida hiperbólica e a busca de certezas. Para o cartesianismo, a norma é evitar as ideias obscuras e confusas. Isso implica em evitar todas as condições que possam viabilizar a menor dúvida, tais como: os sentidos, a imaginação, o senso comum, a verossimilhança...

Em alguns trechos do *De antiquissima*<sup>174</sup>, Vico compara a teoria de Descartes à dos estoicos. Descartes é “máximo metafísico e geômetra por igual”<sup>175</sup>, mas os estoicos, como Cícero, são “desconhecedores da geometria e inimigos da

---

174 *De Ant.*, 1999-2000, p. 451, 455, 460 e 461, 480.

175 *Ibid.*, p.461.

metafísica [...]”, e “tiveram um gravíssimo tropeço, como no umbral da porta, na explicação dos princípios”<sup>176</sup> enquanto explicavam o corpo extenso e a matéria. Vico reconhece a metafísica e geometria de Descartes, mas ainda o compara aos estoicos, que “tropeçaram no umbral da porta” no tema do corpo extenso. Essa crítica se dirige a Descartes por conta de sua tese de que a essência do corpo é a extensão. Vico a recusa e afirma que a essência é a força e não a extensão, preferindo uma concepção dinâmica da matéria em lugar do corpo extenso e inerte.

A dúvida hiperbólica dá lugar aos mais radicais argumentos céticos, como o do sonho e do deus enganador. Isolando os argumentos do restante das meditações, a metafísica seria também frágil para Descartes. No entanto, na quinta meditação, o reconhecimento de um Deus que não é um embusteiro garante que o conhecimento claro e distinto seja uma ciência verdadeira, assim como o proporcionado pela geometria de que a soma dos ângulos de um triângulo é igual a soma de dois ângulos retos<sup>177</sup>. Nas palavras do próprio Descartes “reconheço muito claramente que a certeza e a verdade de toda a ciência dependem do tão-só conhecimento do verdadeiro de Deus”<sup>178</sup>. E a natureza humana não conhece total e universalmente todas as coisas “posto que o homem, sendo de uma natureza finita, não pode ter senão um conhecimento de uma perfeição limitada”<sup>179</sup>. Ou seja, há um fundamento metafísico para ideia clara e distinta na teoria cartesiana.

A metafísica também assume radical importância para a teoria da ciência de Vico nas suas primeiras obras. Essa ciência humana para Vico é imperfeita, uma vez que somente uma ciência divina seria perfeita. As certezas que a geometria e a aritmética poderiam proporcionar são conhecimentos verdadeiros pois são produzidos pelo homem. De outra forma, Deus tudo sabe e conhece por ser um sumo autor de tudo. Por sua condição de imperfeição, cada verdade que o homem descobre é sempre superficial em comparação com a verdade divina, que conhece os aspectos essenciais e superficiais. Descartes, ao contrário, compreenderá que cada verdade descoberta pelos homens é igual em Deus. Por conseguinte, a sua verdade científica seria igual em Deus.

---

176 *De Ant.*, 1999-2000, p.460.

177 DESCARTES, *Meditações*, 1983-B, §§ 7-10, p. 124-126.

178 *Ibid.*, p. 128.

179 *Ibid.*, p. 138.

Outro ponto de destaque na teoria de Vico sobre a sua ciência é a questão de como ensiná-la aos jovens. Nessa questão, a linguagem própria da ciência assume papel importante na obra *De Ratione*. Vico se preocupa em fundar uma ciência capaz de compreender a humanidade em sua imperfeição e mudança.

### **2.1 Uma ciência que compreenda a humanidade em mudança**

A ciência moderna faz coincidir o conhecer e o fazer<sup>180</sup>. Existe a natureza criada por Deus e existe o mundo dos homens, criado por eles mesmos. A física é a tentativa de uma ciência sobre a natureza criada por Deus. No entanto, ela também é uma empresa que padece de uma restrição de base, segundo Vico. Só se pode conhecer bem aquilo que nós fazemos. À primeira vista, o homem só teria condições efetivas de conhecimento sobre o mundo dos homens, sua política, sua sociedade, sua moral, porque são obras suas<sup>181</sup>. A ciência em Vico deve ser dedicada a entender o mundo dos homens. Sobre a natureza, os homens, por princípio, têm uma visão superficial. Já o mundo dos homens é compreensível, porque é feito pelos próprios homens, segundo Vico. Esses homens estão sempre em processos de constantes mudanças ao longo da sua história. Justifica-se, a partir disto, a importância de uma ciência capaz de compreender o curso da história dos homens sempre inventivos e em mutação, que se aproximará em alguns aspectos da teoria de Bacon.

Segundo Berlin<sup>182</sup>, nesse contexto pode-se resgatar conceitos do *De Ratione* e do *De Atiquissima* sobre o *certum*, enquanto conhecimento de fatos concretos tratados pela filologia, e o *verum*, o conhecimento das verdades universais possibilitado pela filosofia. O critério de verdade é o *verum ipsum factum*, ou seja, “verdade é aquilo que é feito”. Só se faz ciência daquilo de que se é o autor. O

---

180 Segundo Collingwood “Vico encontra este princípio na doutrina de que *verum et factum convertuntur*: isto é, a condição de ser capaz de conhecer verdadeiramente qualquer coisa, de compreendê-la como oposta à sua simples percepção, é que o princípio conhecedor a tenha criado”, COLLINGWOOD, 1994, p. 93.

181 COLLINGWOOD, 1994.

182 BERLIN, 1982. p. 97 e 98.



*factum* humano é a criação da sociedade, e toda sua criação pode ser conhecida desde a origem.

Vico questiona a linguagem excessivamente objetiva e enxuta da ciência natural, que acabava por não produzir o conhecimento que deveria. Uma linguagem que se dirigia mais à produção de manuais, de procedimentos acerca de como fazer algo, do que à promoção da criatividade e inventividade. A partir de sua leitura de Bacon, Vico compreende que uma linguagem mais objetiva e simplificada deveria ser dedicada à produção de manuais, pois a organização em um sistema possibilitaria uma melhor articulação das ideias entre si; proporcionaria, ainda, um melhor assentimento, promovendo uma crença; ofereceria, por fim, uma ordem que permitiria a compreensão de todo um sistema global. Para Vico, o cartesianismo seria dedutivo, objetivo e sistemático. Os textos e os estudos de ciência ou metafísica de sua época configuravam-se como alinhadas com a produção de manuais. As verdades certas e evidentes do cartesianismo explicam uma linguagem simplesmente técnica, não sendo, a rigor, científica para Vico.

Os livros científicos deveriam promover a busca pela superação dos limites do conhecimento humano e apontar as suas lacunas, além de estimular no leitor a produção de conhecimento e não a sua simples repetição. O texto científico deveria se apresentar como um mapa sem as indicações, que o leitor deveria trilhar por si só. Por isso, Vico assume uma linguagem metafórica e busca o recurso poético. O estilo aforismático<sup>183</sup>, adotada por Francis Bacon no *Novum Organon*, é criativo, pontual, não sistemático e convida o leitor a seguir investigando. Sendo Bacon um de seus quatro autores de referência, é possível que Vico tenha buscado esse estilo de escrita científica nesse autor.

A linguagem técnica e a linguagem científica diferenciam-se pela criatividade. Diferentemente do cartesianismo que pretende conhecer a natureza como matemática, Vico compreende que a matemática é um produto humano<sup>184</sup>. A

---

183 Sobre Bacon, Paolo Rossi escreve que “o método aforismático dá a impressão de incompleto, do caráter não hiperconclusivo do saber, da necessidade de acrescentar sempre alguma coisa nos espaços vazios que todo saber contém e deve conter para ser capaz de crescimento e progresso”, ROSSI, 1992 – B, p. 55.

184 “[...] se só conhecemos o que criamos, a criação humana por excelência é a sociedade e a cultura, bem como a tradição constituída por esta cultura – sua história. O método de análise e interpretação desta tradição é a filologia [...]”; SOUZA FILHO, 1999.

física busca compreender o que Deus criou e não o que os homens criaram; assim, ela não teria como conhecer o que se propõe, não sendo o homem o criador da natureza. Tal como Euclides, Vico, na *Ciência nova*, utiliza-se de axiomas e corolários, “elementos” que formam uma base de pressupostos teóricos necessários para o desenvolvimento de sua ciência. Os “elementos” são ideias-chave, como os aforismos matemáticos. Sendo a matemática uma construção humana, isso coincide com o poético. Partindo dos axiomas ou “elementos”, Vico constrói os seus argumentos e estimula a criatividade e a inventividade do leitor.

A linguagem científica deve apelar para o engenho, entendido como a faculdade humana da inteligência. O conceito de engenho contrapõe-se à razão cartesiana. Ele é uma inteligência ligada à imaginação, criação e produção. É a faculdade humana de criações. O engenho deve se voltar ao conhecimento mais próprio do homem, que não é da natureza, mas o dele mesmo. O conhecimento que o homem produz sobre a natureza é apenas uma projeção do próprio homem. Buscar Deus na natureza também é uma tarefa infrutífera<sup>185</sup>.

Na *Ciência nova*, Vico estabelece uma tríade para o princípio de uma natureza comum das nações: religião, matrimônio e sepultura<sup>186</sup>. Este estabelecimento triplo está ligado ao engenho criativo humano, que se desenvolve em função não só da sobrevivência, como também de um simbolismo poético, mítico e religioso. A tríade surge de uma relação com o transcendente, com a Providência, uma experiência que não se explica pelo utilitarismo, mas antes envolve o aspecto religioso da humanidade. Através da experiência do espanto com o raio, que seria a manifestação de uma divindade, o homem imagina Deus no céu e estabelece a religião. Imagina que pode envergonhar-se diante de seu Deus durante os seus relacionamentos e, então, cria o matrimônio. Imagina que deve estar perto de seus mortos e então estabelece a sepultura. O engenho inventivo é como um motor da

---

185 Segundo Paolo Rossi, 1992 - A, p. 61-85, Francis Bacon entra em um confronto com os escolásticos por se apegarem mais as tradições filosóficas aristotélicas, um “anticristo”, do que a própria Palavra de Deus. Desta forma, o Salvador disponibilizaria dois livros: o das Escrituras, em que se encontra a vontade de Deus, e o das criaturas, em que se encontra a potência de Deus. Segundo ele, “a teologia natural [...] não pode extrair do conhecimento das coisas naturais conjecturas em torno dos mistérios da fé”; *Ibid.*, p. 74. Para Bacon, a natureza, que é obra de Deus, não revela o seu criador, mas a sua potência. Se Vico interpretou da mesma forma, a natureza, impenetrável e incognoscível, não é obra dos homens e também não seria capaz de revelar por si própria seu criador.

186 GUIDO, 2004, p. 65-66.

história humana que resolve necessidades mediadas pela fantasia e apresenta esses três aspectos comuns entre as diferentes nações da humanidade.

Essa ação inventiva está além das simples condições materiais ou da sua necessidade de sobrevivência. A inventividade e a criatividade estão no humano e lhe retiram da sua condição de animalidade. A religiosidade é o primeiro elemento comum para a produção das condições do humano que pensa pela imaginação. A natureza humana é sempre algo não acabado, sempre em criação.

Justifica-se, a partir disto, a importância de uma ciência da compreensão do curso de uma história sempre inventiva e em mutação. A imaginação, por meio da fantasia, tem o papel de fundação da própria humanidade. A ciência, enquanto produtora de conhecimento, precisa se adequar a esse aspecto humano de criatividade e inventividade. Ela não pode ser, simplesmente, reprodutora de conhecimento. Mas antes, deve ser inventiva e criativa como o próprio homem o é. O homem é o resultado de sua história enquanto desenvolvimento da sociabilidade. Disto, surge a crítica de Vico aos metafísicos de sua época que não se atentam a tal fato. O cartesianismo não compreende a construção desta humanidade ao longo do tempo e acaba por entender que existe uma natureza humana única e inalterável fundada no *cogito*.

Para Vico, o conhecimento não é algo dado, puro e natural. O conhecimento é um produto da mente humana que se altera ao longo de sua história. Os conhecimentos da geometria como o ponto e o plano não estão na natureza, pois são uma construção humana. A geometria e a aritmética são expressão do engenho humano que cria um mundo humano e produz conhecimento. A ciência é fruto da engenhosidade e inventividade. Mudam-se as eras, a linguagem, a economia, o governo, a mentalidade, a natureza humana, mas o seu desenvolvimento não é um simples acúmulo e progresso, há o curso e *re-curso*<sup>187</sup> de sua história numa figura de

---

187 LENZI; VICENTINI, 2002, utilizam-se do termo “recurso” por compreender uma ideia diferente de “retorno”. Segundo os autores: “Este curso e recurso da história ou das idades dos povos seria diferente da ideia de retorno, pois institui uma concepção de tempo helicoidal, espiral e não circular”, p. 206, conforme destacam na nota de rodapé Colingwood como pioneiro da concepção espiral de tempo em Vico. Optamos pelo uso do hífen para chamar a atenção sobre o termo “re-curso” no sentido de um “outro curso”. Mais adiante, o uso do hífen na palavra “retorno” tem a mesma intenção. Sobre o mesmo tema, Burke escreve: “As três idades de Vico [a saber: a dos deuses, a dos heróis e a dos homens,] são um ‘ciclo’, no sentido de que formam uma sequência necessária que pode ser encontrada em diferentes partes do globo e também no sentido de que sua sequência (*corso*) é seguida por uma espécie de recorrência (*ricorso*). Vico

desenvolvimento parabólico: origem, desenvolvimento, ápice e declínio. Nas palavras de Vico, todo o desenvolvimento humano chega a um ápice, um declínio e um re-curso a algo análogo ao que era antes. O ciclo reinicia-se por conta da Providência.

Para compreender melhor como se configura essa perspectiva que Vico tem da ciência, vamos esboçar os aspectos gerais sobre qual seria o ponto de vista de Vico sobre a teoria cartesiana de ciência.

## **2.2 A teoria cartesiana a partir de um ponto de vista viquiano**

Para Damiani<sup>188</sup>, alguns estudiosos, baseados nos primeiros escritos de Vico, sustentam sua refutação ao cartesianismo; enquanto outros afirmam mesmo um "cartesianismo viquiano inconsciente" com base nos projetos finais de Vico. Pereira Filho<sup>189</sup> afirma que o cartesianismo havia se transformado em uma "moda literária" em Nápoles, tendo sofrido inúmeras "deformações". Pierre Girard assevera que, para melhor entender a relação entre Vico e a tradição cartesiana, é "essencial determinar precisamente (...) qual é o Descartes que Vico leu" e "que talvez seja menos importante saber *quais textos* Vico leu exatamente, que determinar *com qual espírito* ele o fez, e qual era sua expectativa lendo esses textos"<sup>190</sup>.

Silva Neto indica que o Descartes lido na Nápoles do *Sei-Settecento* era "plurifacetado"<sup>191</sup>. Havia mais de uma interpretação sobre a teoria cartesiana em discussão nas academias napolitanas<sup>192</sup>. Descartes vinha se consolidando como o "principal autor" da chamada "filosofia livre", como propagador da "desconfiança diante do sectarismo e do acolhimento doutrinário das ideias"<sup>193</sup>, trazido na bagagem de Tommaso Cornelio, ainda no século XVII, junto com outros autores como Galileu,

---

não diz se a idade dos deuses alguma vez retornou, mas declarou bem firmemente que a idade heróica ou bárbara ressurgiu na Europa depois do declínio do Império Romano"; BURKE, 1997, p. 68.

188 DAMIANI, 2000, p. 11.

189 PEREIRA FILHO, 2012, p. 180 – 181.

190 GIRARD, 2018, p. 255 – 256. Grifos do autor.

191 SILVA NETO, 2015, p. 159.

192 GIRARD, 2018, p. 256.

193 SILVA NETO, 2015, p. 148.

Gassendi, Bacon, Harvey e Boyle. Os intelectuais Cornelio, D’Andreia e Leonardo Di Capua fundaram a *Accademia degli Investiganti* com uma leitura de um Descartes “físico investigador da luz, do movimento da matéria e dos organismos vivos num *mundo corpuscular* de regras que se demonstram geometricamente, ou melhor, o autor de *Dioptrice*, do *Meteora*, do *Principia philosophiae* e notabilizado propagandista do *atomismo*”<sup>194</sup>.

Os *investiganti* do final do *Seicento* interpretavam o atomismo da física cartesiana sobre um universo corpuscular composto por matéria e movimento, que abdicava das explicações aristotélicas de forma, substância e acidente. “Praticar o atomismo na Nápoles do último *Seicento*, como fizeram os *Investiganti*, implicava opor-se a toda pretensão da metafísica tradicional”<sup>195</sup> enquanto expressão da *Libertas philosophandi* e da dissociação da filosofia de “empresa escolástica”<sup>196</sup>. A consequência desse raciocínio foi a interpretação de D’Andrea que chegou a separar os domínios de fé e ciência, enquanto espécies de certezas diferentes entre si; o que, por sua vez, pode ser considerado como uma falha em relação à obra *Meditações metafísicas* de Descartes. “Fica claro então o alheamento dos *investiganti* da metafísica cartesiana”<sup>197</sup>. Os *investiganti* se interessavam pelo Descartes da Revolução Científica que atribuía valor a experiência orientada pela matemática, de uma filosofia que se “identificava com física e com a medicina”, enquanto filosofia natural, mas “de modo algum metafísica”<sup>198</sup>. Depreende-se disso que os *investiganti* não perceberam corretamente a relação de Descartes com a metafísica.

Em uma reação jesuíta ao cartesianismo, Giovanni Battista De Benedictus, de codinome Benedetto Aletino, publica *Lettere*, em 1694, em defesa da teologia e da filosofia peripatética. Ele ataca a concepção atomista da matéria de Descartes, que a entendia como pura coisa extensa, por esta “eliminar do mundo criado todo fim providencialístico e, por isso, embora não se declarasse ateuista, muito pelo contrário, servia a um próprio desestímulo à vontade de conhecer Deus”<sup>199</sup>,

194 SILVA NETO, 2015, p. 149.

195 Ibid., p. 150. Cf. *Vita*, 1998, nota 70, p. 113.

196 GIRARD, 2018, p. 256.

197 SILVA NETO, 2015, p. 152.

198 Ibid., p. 153.

199 Ibid., p. 154.

associando-o, assim, ao acaso de Epicuro e ao ateísmo. O cartesianismo vinha sendo associado a concepções de uma filosofia da natureza que tinha como consequência o ateísmo, sendo, assim, relacionado aos lugares onde o protestantismo avançava. Alguns jovens envolvidos com o cartesianismo acabam sendo julgados e condenados a alguns anos de prisão.

Quando Vico retorna de Vatolla, ele se depara com a agitação que o cartesianismo vinha causando entre os intelectuais, sentindo-se como um “estrangeiro” em sua própria pátria, conforme relata na *Vita*. Tal quadro desperta a sua curiosidade pela teoria cartesiana, que havia “obscurecido” a fama de toda a física antiga<sup>200</sup>. Vico relaciona o atomismo de Epicuro ao de Descartes tentando atenuar as críticas jesuíticas<sup>201</sup>. A partir de Gregório Caloprese<sup>202</sup>, reaparece uma outra perspectiva da obra de Renato, na qual este se verifica “imiscuído com elementos do platonismo renascentista”<sup>203</sup>, não contrário à fé católica e que relacionava física e metafísica, embora o fizesse em termos não escolásticos. Vico chega a relatar em sua biografia que o modismo metafísico napolitano preferia os textos cartesianos aos de Platão, Plotino e Marsílio; nas palavras dele:

assim aqueles valentes literatos, os quais três anos antes diziam que as metafísicas deveriam estar reclusas aos claustros, começaram a cultivá-las com o máximo ardor, não mais em torno de Platão, Plotino e Marsílio, (...) mas em torno das *Meditações* de Renato Descartes, às quais seguiram o seu livro do *Método*, no qual desaprova os estudos das línguas, dos oradores, dos historiadores e dos poetas, dando importância somente à sua metafísica, sua física e à sua matemática (...) <sup>204</sup>.

O mestre Caloprese, a partir das suas lições sobre as *Meditações*, retomava o *conhece-te-a-ti-mesmo* socrático interpretado pela chave de leitura do cartesianismo, dispensando o “desperdício de tempo” das discussões escolásticas. Segundo Silva Neto, é possível que Vico tenha herdado essa leitura da máxima socrática em sua primeira oração inaugural. A *mente* precederia a teologia, e a leitura de Caloprese se opunha à educação escolástica por meio das *Meditações*<sup>205</sup>.

---

200 “Desde o final de seu isolamento [em Vatolla], que durou bons nove anos, teve notícia de que a física de Renato Descartes havia obscurecido a fama de todas as anteriores, de forma que se interessou vivamente por se informar dela”. *Vita*, 1998, p. 102.

201 SILVA NETO, 2015, p. 156.

202 *Vita*, 1998, p. 104.

203 SILVA NETO, 2015, p. 158.

204 *Vita*, 1998, p. 113.

205 SILVA NETO, 2015, p. 161.

O Descartes da leitura de Caloprese, Doria e Vico considera a relação entre física e metafísica e ainda se configura como um modelo de oposição à educação escolástica. Havia, porém, entre os intelectuais, o cuidado em relação a um perigoso materialismo cartesiano desvinculado das ações providenciais na atmosfera de Nápoles. Além disso, Vico estaria atento às consequências da matematização da filosofia natural e sua relação com o experimentalismo.

Girard é da opinião que o Descartes que Vico lê no final do *Seicento* não ofereceria mais um modelo epistemológico forte e nem seria uma figura que ainda representasse o *Libertas philosophandi*<sup>206</sup>. Ele afirma que “ao fim do *Seicento*, o modelo cartesiano parece assim duplamente superado: do ponto de vista teórico, ele não parece oferecer mais que uma metafísica criticável e em parte obscura; do ponto de vista epistemológico, ele parece ter se tornado um freio para o desenvolvimento das ciências, doravante vinculado de maneira estreita aos newtonianos”<sup>207</sup>. Ainda assim, segundo o autor, Vico estaria mais articulado com o pensamento cartesiano do que seria seu opositor<sup>208</sup>. Girard chega a listar uma série de divergências de Vico com pensamento cartesiano, tais como: de que ele seguiu as críticas de Nápoles ao *cogito*, à evidência cartesiana e à teoria da glândula pineal<sup>209</sup>; criticou a metafísica cartesiana que não produziu nenhuma moral ou lógica ou medicina eficazes<sup>210</sup>; impossibilitou uma *mathesis universalis*<sup>211</sup>; interditou o uso da matemática na física<sup>212</sup>; e alertou para o perigo da tradição cartesiana ao querer se desligar da política<sup>213</sup>. Contudo, Girard sustenta que Vico dirige a sua crítica mais aos instrumentos e meios que Descartes utiliza do que ao fim a que sua teoria se propõe, o de uma ciência eficaz, “donde a impossibilidade de presumir um ‘anticartesianismo’ do filósofo napolitano”<sup>214</sup>.

---

206 GIRARD, 2018, p. 256.

207 Ibid., p. 257.

208 Ibid., p. 260; 267; 272; 276; e na conclusão, p. 280, Girard afirma: “não se pode dizer que Vico se oponha em sentido estrito à ciência cartesiana, na medida em que ele retoma para si a preocupação prática e concreta que a anima, e limita sua crítica aos meios e ao método adotado.”

209 Ibid., p. 263.

210 Ibid., p. 266.

211 Ibid., p. 271.

212 Ibid., p. 272.

213 Ibid., p. 278.

214 Ibid., p. 272.

Segundo Damiani<sup>215</sup>, no campo da física, o cartesianismo se aproxima de uma proposta dedutiva e unificada em uma *mathesis universalis*<sup>216</sup>. A física cartesiana não descarta totalmente os dados provenientes da experiência sensível<sup>217</sup>, mas os considera incertos e opta, ao invés disso, por um sistema dedutivo de ideias que refletem a estrutura da substância extensa com um rigor matemático a partir de uma base metafísica<sup>218</sup>, diferindo da proposta da física galileana.

Um dos problemas de se aplicar o método geométrico à física é a possibilidade de ser falseado mediante as observações da natureza<sup>219</sup>. Geometria e física têm uma diferença fundamental para Vico. Ambos são conhecimentos radicalmente diferentes, pois enquanto a matemática pode prescindir dos dados sensoriais, a física não poderia ignorá-los<sup>220</sup>. Além disso, a física aborda objetos que estão fora da mente humana e já são criados. De forma distinta, na geometria a mente humana cria os próprios objetos que estuda<sup>221</sup>. Ela mesma é produto da mente humana. Ponto e linha, enquanto objetos de estudo da geometria, não existem na natureza. Eles são uma ficção da mente humana que os criou<sup>222</sup>.

O debate sobre a aplicação da matemática no estudo da física remonta às discussões científicas do século XVII, quando o advento da ciência natural acirra a polêmica milenar entre Aristóteles e Platão sobre o papel e a natureza da matemática. O modelo aristotélico propõe a ideia de um cosmos qualitativamente diferenciado e hierarquicamente ordenado. Nesse modelo, conforme Damiani: "as diferenças aristotélicas entre lugares naturais e movimentos violentos requer a

---

215 DAMIANI, 2000, p. 21.

216 DAMIANI, loc. cit.

217 "Seria um erro sustentar que o racionalismo cartesiano nega absolutamente todo valor dos dados sensoriais na construção da ciência física". Ibid., p. 30.

218 "A aplicação do método geométrico a física leva Descartes a tentar deduzir as leis físicas partindo de premissas metafísicas e a Galileu à tentativa de tornar a física independente da metafísica." Ibid., p. 29.

219 Ibid., p. 24.

220 DAMIANI, loc. cit.

221 "No caso da geometria, a mente cria os objetos que estuda, enquanto que, no caso da física, a mente encontra os objetos já criados"; HERNÁNDEZ, 2004-2005, p. 111.

222 "(...) mediante ao que chamam de abstração, [o homem] fingiu para si duas coisas: o ponto, que poderia descrever, e o uno, ao qual poderia multiplicar. Mas ambos são fictícios: em efeito, o ponto, se o descreves, já não é ponto; o uno, se o multiplica, deixa de ser uno. Por acréscimo, tomou a liberdade de prosseguir desde eles ao infinito, de modo que pudesse traçar linhas até a imensidão e multiplicar o uno infinitas vezes"; *De Ant.*, 1999-2000, cap. I, seção II, p. 449.



independência recíproca de física e geometria [...], [logo] a extensão estudada pela geometria não seria mais que um acidente de substância"<sup>223</sup>. Galileu e seus contemporâneos defendem a aplicação do método geométrico à física, considerando-o como um novo platonismo, tendo em vista um universo escrito em caracteres matemáticos. Em outras palavras, a relação entre física e geometria envolvia questões como o espaço, a extensão, acidente e substância.

Sobre o assunto, Tessitore adiciona que:

De acordo com o Humanismo, este requisito é reforçado pela crise - dentro da razão tradicional - do conhecimento absoluto. O fim do logos coincide com a crise da cosmologia clássica e medieval, baseada na fusão aristotélica de Física e Metafísica. Reforçado pelas novas ciências políticas, matemáticas e experimentais, bem como pelo que mais tarde seria chamado, em sintonia com Vico, ciências humanas, este processo é consolidado pelo surgimento das novas ciências políticas, jurídicas e filológicas, cada uma reivindicando a sua própria Autonomia<sup>224</sup>.

Além dos pontos de fissão entre física e metafísica que surgem no processo de construção do conhecimento científico desse período, o humanismo também surge reivindicando um estatuto de ciência. Há um intenso processo de produção de ciências e essas pleiteiam sua autonomia em relação à tradição aristotélica-escolástica.

Damiani opõe duas concepções diferentes que reclamam a necessidade de se unir a física ao método geométrico: uma em Galileu e outra em Descartes. Tanto para um quanto para o outro, a natureza tem uma estrutura matemática que permite a formulação de uma ciência quantitativa sobre ela. Representando uma das concepções científicas em processo de consolidação, Galileu propôs que a experiência deveria ser anterior aos discursos<sup>225</sup>. A dedicação ao conhecimento dos fenômenos naturais da experiência deve ser a origem das investigações científicas. Para Galileu, existe uma fecundidade admirável da experiência e observação direta dos fenômenos naturais, que se sobrepõe à esterilidade do pensamento abstrato. Essa experimentação seria produzida por uma observação controlada de um cientista.

---

223 DAMIANI, 2000, p. 27.

224 TESSITORE, 2003, p. 195.

225 DAMIANI, 2000, p. 30. Sobre Galileo GALILEI, *Dialogo dei massimi sistemi*, Jornada primera, ed. F. Flora, *Opere*, cit., pp. 385-401.

Na leitura a partir de Damiani, o método geométrico cartesiano aplicado ao estudo da natureza pressupõe uma metafísica que dispensa os dados incertos provenientes dos sentidos. As leis que regem o movimento dos corpos da natureza poderiam ser deduzidas de três leis primeiras: a lei da inércia, a lei do movimento retilíneo e a lei do choque<sup>226</sup>. Já Galileu procura a matemática da experiência desde a hipótese de interrogação da natureza, que teria uma estrutura matemática, reduzindo os dados empíricos às magnitudes. Recorrendo aos experimentos, o cientista questiona a natureza para que ela responda<sup>227</sup>. Ademais, essas questões devem ser formuladas em linguagem matemática, pois é assim que o livro da natureza está escrito na concepção de Galileu<sup>228</sup>.

De acordo com Damiani, temos que: "Enquanto Vico rejeita a introdução cartesiana do método geométrico na física, defende a física experimental galileana"<sup>229</sup>. Vico distancia-se da teoria cartesiana da interpretação da natureza via matemática e aborda a teoria galileana da matemática dos dados da natureza observada pelos homens<sup>230</sup>. No entanto, isso não seria uma aproximação de Galileu tão fácil de ser explicada, uma vez que Vico afirma que a geometria é uma criação humana e não uma propriedade de uma espécie de linguagem que exprime a essência da natureza.

O conhecimento geométrico que o homem pode obter é o verdadeiro conhecimento para Vico. No entanto, o conhecimento físico seria apenas verossímil<sup>231</sup>. Isso pressupõe que o criador de algo é aquele que pode conhecê-lo. Se a geometria é uma criação humana, então ela pode ser plenamente conhecida

---

226 DAMIANI, 2000, p. 29.

227 Ibid., p. 30.

228 "Galileu vê na natureza a manifestação de uma ordem e de uma estrutura harmônica de tipo geométrico, vê um *livro* escrito em caracteres matemáticos, que só é legível quando se conhecem os caracteres particulares em que foi escrito. Esse livro, assim como o da Escritura, foi escrito por Deus. A ciência é capaz de dizer coisas verdadeiras sobre a 'verdadeira constituição do Universo' ou 'sobre a constituição das partes do Universo *in rerum natura*'. Só os filósofos naturais podem realmente 'ler' o livro divino da natureza". ROSSI, 1992 – A, p. 101.

229 DAMIANI, 2000, p. 32.

230 Damiani interpreta que Vico estaria ligado à corrente antiaristotélica. No entanto, "o programa antiaristotélico comum de uma física puramente quantitativa se apresenta sob versões muito distintas nos escritos de Galileu e nos de Descartes"; Ibid., p. 28.

231 Ibid, p. 26.

pelos homens. A natureza não é criação humana. Portanto, não pode ser plenamente conhecida pelos homens<sup>232</sup>.

Ao tornar a aplicação da geometria cartesiana à física apenas verossímil, Vico também invalida a intenção racionalista de uma *mathesis universalis*. Se conhecemos a geometria porque somos seus autores, a física marcada por uma heterogeneidade constitutiva escaparia ao seu conhecimento pleno por nós. Todo o rigor matemático resvala na incapacidade humana de conhecer a natureza. Não possuímos os elementos que compõem o mundo físico nem o modo de sua composição, porque o mundo físico não foi criado pelo espírito científico humano. Somente a matemática pode alcançar a verdade, porque é uma ciência independente do que é externo à mente. E esta verdade da matemática funda-se sobre ficções nominais do "defeito" humano<sup>233</sup>.

Enquanto Descartes propôs estabelecer uma nova ciência alicerçada sobre um método que resultasse em verdades tais como as matemáticas, Vico apresenta um outro modelo para a nova ciência que levasse em conta outros fatores que a teoria cartesiana não levou em consideração. Mesmo tomando a matemática inicialmente como modelo e depois marginalizando-a, para Vico era necessária uma ciência que pudesse se estender aos domínios considerados "confusos" e "obscuros", que não se descuidasse de seus efeitos sociopolíticos e que fosse eficaz em sua prática<sup>234</sup>.

### **2.3 A proposta de uma nova ciência**

A proposta de Vico visava ser o subsídio de uma tarefa inovadora de criar um novo ramo científico para a pesquisa social. Segundo Guido<sup>235</sup>, no tempo de Vico, as pesquisas sociais eram vistas como incertas e desnecessárias.

---

232 De acordo com o princípio *verum ipsum factum*. HERNÁNDEZ, 2004-2005, p. 106.

233 DAMIANI, 2000, p. 36. O homem possui o "defeito" de não conseguir entender a natureza e o infinito, mas deseja conhecer. Ele pode pensar as coisas, mas não é capaz de as entender. Por conta de seu defeito e de sua incapacidade maiúscula, ele passa a "fingir" ou imaginar e passa a produzir um conhecimento artificial que supera essa incapacidade ou defeito.

234 Cf. GIRARD, 2018, p. 280 – 281.

235 GUIDO, 2004, p. 31; 39; 59.

Predominava durante o iluminismo científico a concepção de que a verdade só poderia ser expressa pelo raciocínio matemático e pelas ciências naturais<sup>236</sup>. O projeto de reforma racional de Vico tomou um rumo diferente, pois valorizou a imaginação, a memória e a fantasia e realizou uma investigação pelo mundo da cultura. Seria uma formulação de um estatuto da ciência humana muito distante da futura proposta positivista, formulada por Auguste Comte<sup>237</sup>, por exemplo.

Vico está diante de duas situações: a consolidação das descobertas científicas dos modernos e a valorização da tradição humanista. Vico percebeu que o caminho das ciências mais próximas do cartesianismo, em seu tempo, afastava-se da compreensão da cultura humana e da sua elaboração. A compreensão da produção intelectual e da produção cultural do mundo humano não era conciliável, segundo os cartesianos, com o desejo de um conhecimento claro e distinto, tal qual o da matemática, recurso que deveria ser utilizado para um conhecimento verdadeiro. No entanto, Vico também não desabilita as verdades matemáticas e a sua necessidade, mas desautoriza a quantificação como o início e o fim de toda a construção do conhecimento humano científico. Segundo Berlin, Vico

admitiu que tudo o que Descartes havia dito sobre as matemáticas era verdadeiro, demonstrável, absolutamente claro e irrefutável; mas só porque as matemáticas não proporcionam informação alguma sobre o mundo. As matemáticas são um sistema criado pela mente humana, como as jogadas de um jogo que se inventam arbitrariamente, aparecem completamente inteligível precisamente porque são concebidas com esse propósito. (...) Com valentia, negou o que se havia acreditado desde Pitágoras e Platão: que as proposições das matemáticas representassem verdades perfeitas e eternas, acima do mundo das mudanças, representando as características

---

236 BERLIN, 1998, p. 13-16.

237 Enquanto a teoria da física social de Auguste Comte entende uma humanidade em desenvolvimento de estados e uma possibilidade de aplicar um conhecimento que seja semelhante ao desenvolvido pelos físicos cartesianos, o projeto viquiano de compreensão da pesquisa social mantém a posição de que a humanidade não se desenvolve de forma contínua. Há um curso, no qual as qualidades humanas se desenvolvem, e há um re-curso em que as qualidades humanas regridem. Em todos os períodos estudados por Vico, a humanidade avança em certos assuntos e regride em outros. Não há um crescimento contínuo e progressivo em direção a um aperfeiçoamento ou melhoramento sempre gradativo. Existe sempre a possibilidade de a humanidade cair na barbárie em qualquer período. Outro aspecto que o distancia de Comte é a compreensão de que a ciência é uma construção humana sobre coisas humanas. E a física cartesiana não poderia ter sucesso no conhecimento conforme ela mesma se havia proposto. Ou seja, a ciência é um conhecimento artificial que leva em conta a inventividade humana. Peter Burke aponta que alguns intelectuais europeus, como Wilhelm Dilthey, Benedetto Croce e Collingwood, interessaram-se pelos escritos de Vico durante a sua “revolta contra o positivismo”, na qual eles se negaram a estudar os seres humanos de acordo com a perspectiva dos “cientista sociais”, que percebia os seres humanos enquanto apenas objetos submetidos às leis naturais, cf. BURKE, 1997, p. 18.

mais gerais. (...) Somos capazes de compreender por completo a geometria porque a criamos e seríamos capazes de compreender todo o universo material se houvésssemos sido capazes de criá-lo, mas não podemos. (...) A natureza exterior obedece leis que não fizemos, que somente podemos catalogar e descrever, mas não compreender, não ao menos como faria aquele que as houvera feito de acordo com o seu propósito<sup>238</sup>.

Vico apropriou-se de uma analogia de Descartes, nas primeiras partes do *Discurso sobre o método*, a respeito de um prédio. Descartes queria demolir o edifício da ciência tradicional até as suas fundações<sup>239</sup>. Vico queria expandir o prédio e manter suas bases: a metafísica. A pedra angular permaneceria sendo a metafísica<sup>240</sup>. Isso ilustra o conflito que Vico tenta resolver “entre o velho e o novo”, entre uma teoria de ciência moderna que despreza tanto as criações que estejam em descompasso com a razão matemática quanto as disciplinas humanistas, que careciam de objetividade. “A posição de Vico foi inovadora, pois valorizou a ciência dos modernos, porém não deixou de apresentar as suas críticas à cultura matematizante da sua época”<sup>241</sup>.

Para Stephan Otto, a ciência que Vico propõe é uma crítica a todo o sistema científico em crise da primeira modernidade. Segundo o autor a crítica de Vico

(...) não aponta, no entanto, somente ao sistema metafísico de Descartes, que aos olhos de Vico pretende buscar seu apoio em uma “evidência” indemonstrável e não científica como a do *ego cogito*; aponta, em igual maneira, ao sistema de ciência natural de Galileu, que se esqueceu de considerar a física “à luz do metafisicamente verdadeiro”. E, por último, aponta – no marco de uma “nova” ciência das *cose umane e civili*, dos “estados das coisas” da vida humana e política – à ética de Spinoza, com sua tese *ordo et conexio idearum idem est ac ordo et conexio rerum*<sup>242</sup>.

O pensamento viquiano às vezes é interpretado como conservador e oponente da ciência por causa de sua crítica à física cartesiana. A crítica viquiana, entretanto, não é direcionada ao alcance e importância da ciência. Muito pelo contrário<sup>243</sup>, a sua crítica é dirigida à presunção dos cartesianos na busca pela obtenção de um conhecimento claro e distinto sobre a natureza<sup>244</sup>. Uma das

238 BERLIN, 1998, p. 14-15.

239 DESCARTES, *Discurso do método*, 1983-A, Segunda parte, p. 34-36.

240 GUIDO, 2004, p. 32-33.

241 Ibid., p. 34.

242 OTTO, 2003, p. 164.

243 GUIDO, 2004, p. 34.

244 Desde o período medieval, existe uma tríade na discussão sobre a possibilidade do conhecimento: Deus, o homem e a natureza. As interpretações sobre o papel da natureza e sua relação com o divino sofrem profundas alterações no período moderno, ao qual pertence Vico.

situações em que se atribui uma postura conservadora a Vico é em relação à sua concepção de uma ciência humana imperfeita e uma ciência divina, perfeita.

No *De Antiquissima*, Vico adotou uma posição humanista na divisão entre ciência humana e divina. A ciência humana imitaria a ciência divina<sup>245</sup>. A consequência disso não foi a negação do conhecimento e do progresso da ciência humana, mas a compreensão de que a ciência humana se desenvolve na história e não é um conhecimento claro e distinto. É um conhecimento humano, portanto incompleto, sobre a natureza e que se desenvolve ao longo da história. A compreensão humana, sua ciência e sua linguagem não são as mesmas sempre, nem mesmo sua racionalidade. A compreensão humana, embora seja diferente da divina, teria algo divino. Essas discussões sobre o papel do divino e sua relação com o humano eram algo comum em seu tempo.

Quando aplicamos a ciência humana para conhecer a natureza, o conhecimento que resulta disso é sempre superficial. Vico ilustra essa tese com o clássico modelo do conhecimento como representação pictórica. Quando um artista produz uma pintura, ele apenas cria uma imagem dela que não é a própria natureza. É apenas a sua imagem. A pintura não seria capaz de representar a natureza em sua essência<sup>246</sup>. Assim, a ciência humana não poderia pintar a natureza com total fidelidade. O que ela poderia fazer seria algo parecido com a natureza<sup>247</sup>. A ciência

---

Se no período medieval a natureza é obra divina e, portanto, sagrada, profanar corpos humanos seria um sacrilégio. No período moderno, a natureza, criada por Deus, é criatura com uma ordem matemática. Portanto, dissecar, investigar, “torturar” a natureza é buscar o conhecimento disponibilizado pelo próprio Deus sobre a natureza e deixa de ser um sacrilégio. A tríade Deus, homem e natureza está presente nos estudos de Vico. E a natureza é incognoscível a não ser por verossimilhança. A proposta baconiana de interrogar a natureza é presente igualmente nas perspectivas viquianas. Cf. DESCARTES, *Discurso do método*, 1983-A, p. 63, onde Descartes afirma que buscou por uma ciência tão necessária que poderia “nos tornar como senhores e possuidores da natureza”.

245 “(...) o mundo natural é produzido por Deus e só ele tem a ciência; o mundo social é produzido pelo intelecto humano e, portanto, desse mundo é possível fazer uma ciência rigorosa”. GUIDO, 2004. p. 60.

246 Ibid., p. 34.

247 Em sua terceira meditação, Descartes afirma sobre as ideias que ele teria sobre o mundo: “(...) toda a realidade ou perfeição esteja contida formalmente e em efeito, a qual só se encontre objetivamente ou por representação nessas ideias. De sorte que a luz natural me faz conhecer evidentemente que as ideias são em mim como **quadros, ou imagens**, que podem na verdade facilmente não conservar a perfeição das coisas de onde foram tiradas, mas que jamais podem conter algo de maior ou de mais perfeito.” DESCARTES, *Meditações*, 1983-B, p. 105, grifos nossos. A utilização do exemplo de representação do conhecimento humano como um quadro ou pintura da natureza era um argumento comum na época de Vico. Esses quadros não garantiriam um conhecimento verdadeiro. A diferença entre eles é que para Vico, embora o

humana, ao se dedicar a estudar a natureza, também seria criativa porque recria o objeto que estuda na mente humana. Mesmo quando se estuda a natureza, a ciência humana é engenhosa. A ciência experimental reproduz os fenômenos em sua exterioridade, como aparência, e os explica na forma de leis que observam a natureza como matéria e movimento.

De outro modo, o mundo da cultura, diferente do mundo da natureza, pode ser melhor conhecido em sua essência e não apenas na sua aparência. Como a cultura é uma construção humana, ela poderia ser conhecida por seu autor. Os homens podem ter um conhecimento não claro e distinto, mas ainda certo e verdadeiro daquilo que eles mesmos fazem. Não seria apenas o conhecimento das aparências, mas da própria essência. A geometria é um conhecimento humano porque é produzida pelo homem. Portanto, é conhecida pelos homens. A geometria não está no mundo da natureza. Ela é uma construção humana e pertence ao mundo humano. Portanto, sobre a geometria posso ter um conhecimento claro e distinto. Existe uma separação entre a física natural criada por Deus e a ciência humana da física elaborada pelos homens. A ciência humana, enquanto um empreendimento humano, seria imperfeita como o próprio homem.

Para Hernández, a proposta viquiana é uma investigação das leis próprias da história humana, da mesma forma que as ciências naturais buscam estabelecer leis<sup>248</sup>. Vico teria elaborado uma ciência que buscava investigar as leis do mundo da cultura humana a partir de um método que procedesse de forma similar ao método geométrico<sup>249</sup>. Na *Ciência nova* Vico afirma: “esta Ciência procede precisamente como a geometria, que constitui o seu próprio mundo de grandezas, enquanto sobre os seus elementos o constrói e os contempla”<sup>250</sup>. Esse conhecimento dos assuntos

---

conhecimento científico não seja igual à natureza, ele é um conhecimento útil sobre a natureza, assim como a geometria e aritmética também são úteis.

248 “Giambattista Vico se propôs instaurar uma ciência que tivesse por finalidade a investigação das leis próprias do mundo da história humana, do mesmo modo que a ciência natural busca leis do mundo natural; sua finalidade era encontrar a ordem do mundo histórico e expressá-lo em leis”. HERNÁNDEZ, 2004-2005, p. 105.

249 BURKE, 1997, p. 92. Sobre a passagem de uma ciência da geometria para uma ciência *em tanto que* da história, Stephan Otto interpreta tal mudança como uma *metabase*, própria de Vico, capaz de tal passagem. Segundo Otto: “Vico exhibe com ele o modelo de uma μεταβασις da ordem demonstrativa a partir de ‘fundamentos’ geométricos à ordem demonstrativa a partir de ‘feitos’ (*Tatsachen*) históricos”; OTTO, 2003, p. 173. Para ele, seu fundamento se encontra em relação com a *De Ant.*

250 SN, 2005, § 349, p. 187.

humanos pode ser científico e, ao mesmo tempo, a ciência deve ter fundamentos filosóficos que possam fornecer um domínio da verdade sobre o conhecimento humano e o mundo das nações. No entanto, o método que Vico propõe o distancia muito do modelo de ciência que outros teóricos vão buscar estabelecer para compreender a humanidade e relacionar isso à física social ou às ciências naturais. É preciso compreender melhor o objeto humano.

Segundo Berlin, não é possível conhecer outras pessoas pela simples observação de seus movimentos corporais e deduzir as suas causas, como faria um biólogo<sup>251</sup>. Por outro lado, posso compreendê-las por meio de suas respostas a um questionário, pelo que elas me falam, enquanto sou seu semelhante. Os homens do tempo civilizado utilizam-se de uma linguagem desenvolvida para se comunicarem. Não obstante, existem outras formas de comunicação que foram utilizadas pelo homem, como: gestos, hieróglifos, cantos e danças. Na concepção de Vico, as instituições do homem são moldadas em seu esforço de se comunicar. É possível compreender, enquanto homem, o que se passa com o outro pelas formas de comunicação que ele utiliza. Para Berlin: “compreender é entrar dentro da mentalidade daqueles que falam a outros e a quem também podemos ouvir”<sup>252</sup>. Ao traçar a história das palavras, também somos capazes de perceber as atitudes que tenham sofrido mudanças em seu sentido e o que essas palavras significavam.

A metáfora, o símile, no momento em que começaram eram formas naturais de expressão. Se o poeta da idade heroica falava do sangue que fervia em seus corações, o fazia porque a condição da raiva literalmente lhes parecia que se assemelhava mais estritamente a condição física de ferver-se interiormente mais que nenhuma outra coisa no mundo com a qual estava familiarizado. (...) Uma expressão natural e espontânea da maneira como eles sentiam o mundo<sup>253</sup>.

Assim, pode-se inferir que as metáforas usadas pelos homens primitivos eram as formas naturais de sua expressão. Esse entendimento só é possível com o uso de uma ciência que tente compreender a economia, a política, a linguagem que o homem desenvolve em cada período de sua história, conduzindo-se por uma perspectiva que admita um princípio, um apogeu e o seu ocaso. O desafio de Vico era propor uma compreensão de que não existia uma humanidade fixa e inalterável

---

251 BERLIN, 1998, p. 16.

252 Ibid., p. 18.

253 Ibid., p. 20.



ao longo da história. A vida humana e a história podem ser compreendidas ao longo de seu processo. Esse processo resulta cognoscível, pois segue um padrão inteligível que está de acordo com padrões dos princípios eternos e que foi proposto por Vico, no qual relacionam-se fatores espirituais com os econômicos e sociais<sup>254</sup>.

Faz-se necessário notar, ainda, que a escolha de Vico para se concentrar no mundo da cultura sofreu fortes influências dos autores do século anterior. Na sua busca por um conhecimento que é verdadeiro, pode-se perceber a influência do pensamento cartesiano. Como a ciência faz parte da sabedoria humana, não há como se dedicar a uma ciência em detrimento das outras. Com sua dedicação ao mundo da cultura admitindo a premissa de que só se pode conhecer bem aquilo de que se é o autor, segue-se a isto que a ciência humana teria um conhecimento verdadeiro sobre as realizações humanas. Vico negou a possibilidade de os cartesianos terem um conhecimento claro e distinto sobre a natureza, e afirma que o conhecimento verdadeiro cabe à investigação do mundo humano. A ciência humana é sempre a ciência daquilo que os homens são capazes de realizar. Quando essa ciência, que é humana porque é realizada por humanos, dedica-se a entender algo do qual não é autora, ela falha ou, pelo menos, não possui um conhecimento claro e distinto. Somente a ciência divina, que pertence ao autor da natureza, poderia ter um conhecimento claro e distinto sobre a natureza. Os homens e sua ciência podem conhecer verdadeiramente a cultura porque é de sua autoria<sup>255</sup>.

De acordo com Guido<sup>256</sup>, o objetivo principal de Vico, na *Ciência nova*, é fazer uma pesquisa da vida social e do nascimento de uma sociedade civil. Tal obra é sobre a natureza comum de todas as nações e seu desenvolvimento em curso e seus retrocessos em re-curso. A humanidade avança por entre diferentes estágios, comum a todas as nações. Um dos aspectos empíricos que evidenciam essa natureza comum de todas as nações<sup>257</sup> é a tríade religião, matrimônio e sepultura, presente em todos os povos e culturas estudados por Vico.

Para Vico, a razão humana se desenvolve em etapas. A razão não é acabada como se houvesse sempre uma racionalidade imutável e perpétua,

---

254 BERLIN, 1998, p. 21.

255 Outra vez o princípio *verum ipsum factum*. HERNÁNDEZ, 2004-2005, p. 106.

256 GUIDO, 2004, p. 36.

257 Sobre o desenvolvimento comum das nações vide ASSMANN, 1985, p. 55-66.

considerando o caráter histórico do desenvolvimento da racionalidade. Os cartesianos ignoravam as questões da história e das humanidades, porque estas resultariam em muitos erros e imprecisões e, portanto, não ofereceriam uma possibilidade de racionalização<sup>258</sup>. A emergência desse juízo em relação às disciplinas das humanidades resultou no distanciamento entre a ciência ativa e a vida diária. No lugar da tradição humanista, os filósofos modernos tentavam subordinar a realidade social às leis naturais, que seriam mais claras e não gerariam dúvidas. Nesse processo de subordinação da realidade social ao procedimento teórico utilizado para a compreensão das leis naturais, Vico percebeu uma situação de confusão quanto aos objetos de estudo da ciência. Assim como os autores de seu tempo, a proposta viquiana é também, à sua maneira, a busca por um conhecimento verdadeiro, mas o objeto de seu estudo seria outro que não a natureza.

Consequentemente, para Vico, há a necessidade de compreender corretamente os objetos de estudo para promover um método de estudo adequado. As leis da natureza não se aplicam à natureza comum das nações. Essa tem suas próprias leis. Sobre o objeto natureza não seria possível um método de conhecimento claro e distinto. Vico tenta reverter a crença na possibilidade de um conhecimento claro e distinto que se aplicaria sobre os estudos da natureza. Não seriam apenas as humanidades e a história desprovidas de um conhecimento claro e distinto, mas o homem em si não poderia ter sobre as próprias leis da natureza um conhecimento de tal monta. Um conhecimento verdadeiro só seria possível se fosse aplicado a outro objeto: às realizações humanas.

A tentativa de conhecer a natureza recorrendo às experiências e à matemática, conforme a proposta galileana, não seria um conhecimento da natureza enquanto tal, mas, ainda assim, uma ciência humana de algo que não seria a essência da natureza, mas apenas sua aparência, isto é, uma conjectura humana sobre o que seria a natureza. Assim, acaba por configurar-se como uma abstração humana sobre ela. Ou melhor, o conhecimento que estabelecemos sobre a natureza

---

258 Segundo GIRARD, 2001-2002, que destaca o desafio de Vico em racionalizar o que não era considerado racional para o seu tempo: a história e as humanidades. Destacamos a seguir um trecho do autor que reflete tal esforço de Vico: "(...) o interesse da *Scienza Nuova* está em constituir as condições da possibilidade de superar este paradoxo, ou seja, para criar o marco epistemológico para uma interpretação racional do irracional", p. 132.

não é a natureza em sua essência, mas o conhecimento humano que criamos sobre a natureza em sua exterioridade. É uma projeção humana sobre a natureza e não ela em si mesma, conclusão esta que desabilitaria a possibilidade humana de conhecer clara e distintamente a natureza. Aplicar o conhecimento claro e distinto que eles acreditavam ter da natureza sobre os assuntos humanos seria um duplo equívoco. Em primeiro lugar, a física cartesiana não obteve êxito em ter um conhecimento claro e distinto da natureza. Em segundo lugar, não faz sentido aplicar tal método sobre os assuntos humanos sem adequá-lo corretamente. Para compreender os assuntos humanos são necessárias a tópica e a crítica<sup>259</sup>. O método cartesiano do tempo de Vico despreza a tópica e valoriza apenas a crítica.

A proposta de Vico da construção de uma ciência nova não se concentrou na criação de uma ciência particular, como a história ou a linguística<sup>260</sup>. O termo história não se encontra no título de seu principal trabalho, a *Ciência nova*. A intenção de Vico é subsidiar as novas pesquisas sociais na formulação dos estatutos das ciências produzidas pelo homem. A revalorização de atividades relacionadas à memória, como os mitos, trouxe a pesquisa científica de volta ao mundo da cultura. É o estabelecimento de um novo ramo da ciência, diferente da de seu tempo, que foi classificada como impossível e desnecessária por sua imprecisão. Vico se esforça em demonstrar que a precisão científica é possível na investigação do mundo da cultura, mas que é necessária uma metodologia adequada para o seu objeto.

O cartesianismo despreza a verossimilhança<sup>261</sup>. No entanto, para a análise do desenvolvimento das nações e o estabelecimento das condições de sociabilidade, Vico percebe que ela é indispensável. A verossimilhança é usada pelo

---

259 Retomamos aqui a apresentação de GUIDO, 2004, p. 31: “Por filosofia crítica entenda-se a filosofia cartesiana, dirigida pelos juízos analíticos, cuja aridez é visível no solipsismo do cogito. A filosofia tópica, de matiz humanista, contribui para o desenvolvimento das ciências singulares e do saber prático, daí o seu vínculo com as noções de *techne* e *poiesis* da filosofia grega”.

260 De acordo com GUIDO, 2004, p.39.

261 “E jamais notei tampouco que, por meio de disputas que praticam nas escolas, alguém descobrisse alguma verdade até então ignorada, pois, enquanto cada qual se empenha em vencer, exercita-se bem mais em fazer valer a *verossimilhança* do que em pesar as razões de uma e de outra parte; e aqueles que foram durante muito tempo bons advogados nem por isso são, em seguida, melhores juízes.” DESCARTES, *Discurso do método*, 1983-A, 67. Grifo nosso. Conferir também as páginas 30-31, sobre o período de sua formação, e 68, sobre a comparação de disputa entre um cego e alguém que enxerga no fundo de uma adega escura; ver também *Meditações*, 2000-B, p. 270; 301. Descartes é muito enfático sobre o perigo da verossimilhança produzir um conhecimento falso.

legislador para assegurar o estabelecimento do padrão de vida na sociedade. Para Vico, o verossímil "é a matéria necessária da ciência social e disponibiliza o conhecimento da verdade das coisas humanas"<sup>262</sup>. Ao estabelecer padrões, leis e julgamentos, as coisas nem sempre são tão claras e distintas; mas é necessário estabelecer regras para a existência da vida social. A sabedoria do legislador está na formulação dessas regras de uma maneira verossímil. Diante de um caso específico em que ambas as partes se afirmam inocentes e culpam uma à outra, a sabedoria do juiz está em perceber a verossimilhança. O juiz não estava lá e nem testemunhou o fato para ter uma certeza indubitável acerca do ocorrido. O que ele pode julgar está no domínio do provável. A partir dessa percepção das nações, Vico tenta formular o que as nações tinham como certezas, isto é, verossimilhanças, para continuar a tarefa de entender o mundo da cultura humana. A verossimilhança é o *certum* que permite a existência da humanidade e a conserva.

A verossimilhança é o melhor critério possível para bem compreender a perspectiva social e a ação social. A análise não seria bem-sucedida quando se considerasse a perspectiva individual. A verossimilhança é um critério característico da análise de uma sociedade, uma vez que a maneira pela qual o grupo social particular expressa uma uniformidade é o senso comum, que responde às necessidades humanas e assume um caráter de verossimilhança. Antes do surgimento da filosofia, o homem usou a poesia para entender e resolver as necessidades que preservam a sociedade humana.

Vico realiza estudos sobre o desenvolvimento das nações na *Ciência Nova* e reflete sobre o papel de Homero na sociedade que precedeu a filosofia. Não se tratava apenas de um poeta, Homero, que existia naquela época, mas de toda uma sociedade poética<sup>263</sup>. Dessa forma, Homero é uma categoria que representa toda uma sociedade poética. E os signos das regras, de compreensão de mundo, de escrita e de leis foram todos baseados nessa percepção poética do mundo. Os textos atribuídos a um possível Homero<sup>264</sup> registraram o senso comum de toda uma

---

262 GUIDO, 2004, p. 39.

263 Quanto à percepção de Vico sobre Homero, Santos escreve: "Homero é a voz do povo bárbaro, que pensa apenas por imagens, ou seja, personagens poéticas ou universais fantásticos". SANTOS, 2009, p. 114. Cf. SANTOS, 2005, p. 21-30.

264 SANTOS, 2009, p. 95.

sociedade. Com relação a isto, Vico estabelece a existência de duas situações nas obras de Homero que registram duas sociedades diferentes: uma sociedade mais bárbara na *Ilíada* em Aquiles; e outra sociedade de valores mais urbanos na *Odisseia* em Ulisses<sup>265</sup>.

Aquiles e Ulisses não são apenas indivíduos, mas são arquétipos que representam modos de ser de uma sociedade. Antes do termo abstrato “coragem”, dizia-se de alguém que ele é tal como Aquiles. Para atribuir a alguém a “sabedoria”, dizia-se que alguém é tal como Ulisses<sup>266</sup>. Somente uma análise da verossimilhança poderia ser a base para essa pesquisa científica. Segundo Guido, "muito antes do aparecimento da filosofia, a comunidade humana foi capaz de entender, sob os signos poéticos, o certo que conserva a sociedade humana"<sup>267</sup>.

Não foi entre os antigos que Vico encontrou o modelo para a análise do mundo da cultura. Além disso, o modelo cartesiano mostrou-se inadequado para essa análise. Vico precisava demonstrar que a aplicação metodológica das ciências naturais da tradição cartesiana não seria eficaz para a análise do mundo da cultura. Desse ponto em diante, Vico propõe uma ciência e um método que deveria ser apropriado para a condução da pesquisa social. Em primeiro lugar, foi necessário demonstrar que o pensamento científico naturalista de seu tempo não seria eficaz na compreensão do fenômeno humano. É importante ressaltar, no entanto, que tal escolha não seria apenas a de estabelecer uma distinção entre os reinos do natural e o histórico. Antes, foi o estabelecimento de novas fundações para uma ciência sobre a humanidade. De qualquer forma, toda ciência que temos a possibilidade de ter é sempre humana.

Uma primeira distinção pode ser estabelecida entre as ciências divina e humana. Temos que, dentro da perspectiva da ciência, que é humana porque é produzida pelos humanos, um objeto *sui generis* pode ser investigado: a humanidade. Podemos investigá-la, aliás, sem tratá-la como se esta fosse um fenômeno da natureza, conferindo-lhe a sua própria especificidade científica e

---

265 SANTOS, 2009, p. 89. Ernesto Grassi também estabelece uma relação parecida quando analisa o papel de Aquiles e Hércules a partir de Vico, cf. RIVERSO, 1982, p. 137

266 São percebidas algumas referências a tais virtudes na *Ilíada*, como: “sábio Ulisses”, livro I, linha 384, *Ilíada*, p. 46; ou ainda “prudente Ulisses”, livro III, linha 173-174, p. 98; “Ajax fortaleza”, livro III, linha 197, p. 99; entre outros.

267 GUIDO, 2004, p. 40.

estabelecendo as suas próprias leis, distintas das chamadas leis da natureza. Vico argumenta que a física cartesiana não conheceu a natureza como pretendia. A alternativa para entender a natureza seria melhor sucedida de acordo com os métodos de Bacon e Galileu.

A distinção entre domínios naturais e históricos permitiu que Vico estabelecesse uma crítica da ciência que evidenciasse o caráter provisório do conhecimento científico sobre o mundo natural<sup>268</sup>. Todo conhecimento humano é finito e limitado. Se a ciência é humana, também terá sempre um caráter finito e uma limitação inerente à sua própria natureza. Este é um dos princípios que tem uma possível influência do pensamento agostiniano. A capacidade humana é sempre limitada, assim como a ciência. No entanto, isso não gera um ceticismo no pensamento de Vico. Segundo ele, é possível considerar o conhecimento da verossimilhança na perspectiva social. E, diante disso, conclui-se que o conhecimento sobre o mundo da cultura com o recurso do verossímil encontra o certo e o verdadeiro.

Toda possibilidade de conhecimento humano sobre a natureza é limitada e finita, assim como o homem. A limitação do conhecimento científico sobre a natureza não é o decreto da impossibilidade da ciência. Antes, a demonstração do caráter finito e limitado da ciência torna-se a força da sabedoria humana para reconhecer seus limites e então transpô-los. A ciência natural oferece um conhecimento válido. No entanto, não é a última verdade sobre o mundo físico e, portanto, todo o conhecimento se torna uma busca por novas verdades e por avanços no pensamento científico.

Vico percebe que estabelecer uma verdade clara e distinta pode ser o decreto de uma verdade inquestionável e, portanto, dogmática. O conhecimento humano é colocado na perspectiva de um horizonte a ser buscado, sempre criativo e engenhoso no curso da humanidade. Vico demonstra que a humanidade está sempre em desenvolvimento e que, ao mesmo tempo, sempre existe a possibilidade de cair na barbárie a qualquer momento ao longo deste curso.

---

268 GUIDO, 2004, p. 50.

Descartes foi o ponto de partida da nova ciência de Vico<sup>269</sup>, de acordo com Guido. Apesar de toda incompatibilidade entre os domínios do natural e do social, Vico dedicou-se na sua maturidade à tarefa de consolidar a moral como um ramo científico da "grande árvore do conhecimento", sendo essa uma tarefa incompleta de Descartes. Segundo Guido, "o anticartesianismo [de Vico] se dirige à hereditariedade cartesiana, que não soube atentar para os preceitos da atividade científica que já haviam sido enumerados pelo próprio Descartes nos vários escritos que trataram da formulação do método para a investigação da verdade"<sup>270</sup>. Suas duas primeiras obras, *De Ratione* e *De Antiquissima*, são uma crítica óbvia ao caráter provisório do conhecimento da natureza. E isso levou vários estudiosos a classificá-lo como anticartesiano, especialmente no final do século XIX e início do século XX. Para Guido, a crítica viquiana é dirigida aos cartesianos e não a Descartes, sendo tal conclusão alcançada por ele ao observar o desenvolvimento intelectual de Vico ao longo de seus escritos. De fato, a crítica de Vico seria direcionada aos horizontes estreitos do naturalismo científico cartesiano, que deixaram de lado os estudos sobre a moralidade e a humanidade; o que, por sua vez, deixou a construção do conhecimento de Descartes incompleta<sup>271</sup>.

Em Vico, encontra-se a proposta de uma ciência feita pelos humanos e que, ao lidar com as coisas humanas, precisava reajustar sua metodologia. Esta postura é decorrente do fato que não seria possível interpretar o mundo da cultura humana simplesmente aplicando a ele o mesmo método das ciências naturais de seu tempo. E, no entanto, os filósofos posteriores seguiram esse raciocínio já criticado antes por Vico. Foi negligenciado que a razão tinha um caráter histórico. Pela teoria de Vico,

---

269 No entanto, autores como Benedetto Croce, Fausto Nicolini, Andrea Battistini, Nicola Badaloni, Paolo Rossi, Alberto Damiani, Humberto Guido, entre outros, têm pontos de vista diferentes sobre o mesmo tema. Ora Vico é visto como um anticartesiano, ora como alguém que havia sofrido uma certa influência do cartesianismo. Talvez Vico possa ser lido como alguém que tem discordâncias e relações com o pensamento cartesiano. É nessa perspectiva que empreendemos nossa pesquisa, a leitura de um Vico que estabelece uma teoria científica da humanidade e que dialoga com a teoria cartesiana e dela se distancia, estabelecendo uma teoria original.

270 GUIDO, 2004, p. 51.

271 No *De Ant.*, Vico estaria mais próximo dos conceitos cartesianos. Por exemplo: a tripartição de sua obra em metafísica, física e moral teria uma clara relação com a árvore do conhecimento de Descartes, na qual a raiz é a metafísica, o tronco é a física, e o três ramos principais seriam a mecânica, a medicina e a moral. Entretanto, na *SN* a ordem é mais complexa, abrangente e com prioridades claramente mais férteis no campo das humanidades. Suas divisões se expandem pelos temas da metafísica, da lógica, da moral, da economia, da política, etc.

podemos aprofundar o exame desse desenvolvimento humano da história da razão, desde sua gênese até seu ápice na idade moderna.



### **CAPÍTULO III: A TEORIA DE CIÊNCIA DE VICO E O DIÁLOGO COM O CARTESIANISMO**

Vico foi um leitor das teorias de Descartes. Isso pode ser percebido pelas diversas referências que fez ao pensamento cartesiano ao longo de seus textos. As teorias de René Descartes, durante os séculos XVII e XVIII, são conhecidas por sua discussão matemática, filosófica e metafísica e por sua interpretação de mundo que abordava aspectos matemáticos<sup>272</sup>. Além disso, na Nápoles de Vico, a “moda cartesiana”<sup>273</sup> ora interpreta Descartes como um atomista físico mecanicista apartado dos assuntos metafísicos, ora ele é lido como um autor metafísico que proporciona uma física natural capaz de substituir a metafísica aristotélica escolástica<sup>274</sup>. Em ambos os casos, ele é percebido nas academias napolitanas como alguém que proporcionaria uma proposta para uma nova ciência e é estudado junto a outros autores como Galileu, Gassendi, Bacon, Harvey, Boyle, etc<sup>275</sup>. A partir de uma leitura das primeiras obras de Vico, cumpre, então, subsidiar uma análise mais detalhada de qual seria a visão dele sobre o papel da matemática para a concepção científica cartesiana e demonstrar que a proposta de ciência da qual Vico estaria mais próximo teria uma relação maior com as teorias de Bacon e de Galileu.

Existem indícios de que Vico talvez não tenha tido contato com todas as obras de Descartes. Segundo Pereira Filho, “Vico não tem preocupação de seguir rigorosamente os textos de Descartes ou tomá-lo ao pé da letra – em outros termos, isso quer dizer: Vico não lê Descartes, como este gostaria de ser lido”<sup>276</sup>. Mas, apesar disso, podemos perceber que suas primeiras obras dialogam com os textos

---

272 ROSSI, 2001, p. 34.

273 PEREIRA FILHO, 2012, p. 180.

274 SILVA NETO, 2015. Cf. GIRARD, 2018, p. 255 – 258.

275 SILVA NETO, 2015, p. 149.

276 PEREIRA FILHO, 2012, p. 181 – 182.

cartesianos *Discurso e Meditações*<sup>277</sup>. Segundo Damiani, “pode-se dizer, pois, que o *De Ratione* constitui uma resposta ao *Discurso do método*, assim como o Livro *Metaphysicus* [ou *De Antiquissima*] será a resposta a *Les Meditations Metaphysiques*”<sup>278</sup>. Lachterman<sup>279</sup> aponta, ainda, um outro problema que Vico enfrenta em sua oposição ao cartesianismo quando assinala as dificuldades que ele teria com os conhecimentos matemáticos, admitidas pelo próprio filósofo em sua *Autobiografia*, e que inviabilizaria o seu debate sobre qual seria a melhor via para a geometria, se sintética ou analítica, caso a disputa ocorresse exclusivamente no âmbito das discussões do conhecimento matemático. Faremos um breve percurso pela teoria cartesiana para avaliar como o pensamento cartesiano estabelece uma relação entre a matemática e o método, que culminam em uma proposta metafísica. A partir disso, buscaremos apresentar como Vico, em suas primeiras obras, apresentará divergências com relação à proposta cartesiana.

### **3.1 Uma nova ciência de rigor matemático: uma leitura da proposta cartesiana de ciência**

O pensamento cartesiano possui uma relação muito forte com a matemática. A partir de seus estudos de proporções matemáticas, Descartes percebe que uma “nova ciência” de rigor matemático seria possível<sup>280</sup>. Apesar de criticar a metafísica aristotélica, Descartes não abandona a metafísica ao longo de seus escritos, principalmente nas obras *Discurso e Meditações*. A conciliação entre a matemática e a ciência é algo comum entre algumas das propostas científicas que surgiram durante o período moderno. Para Paolo Mancosu<sup>281</sup>, a matemática seria algo tão presente em Descartes que só é possível uma interpretação que dê conta da complexidade e beleza das contribuições históricas cartesianas para a matemática e

---

277 Segundo BELGIOIOSO, 2005, p. 158, o livro *Principia* teria chegado em 1667 à Academia *Investiganti*, uma academia com fortes tendências atomistas, baconianas e também gassendista, cf. p. 174. Além disso, a obra *Discurso* era publicada juntamente com os três ensaios de *Dióptrica*, *Meteoros* e *Geometria*, que provavelmente chegaram ao conhecimento de Vico.

278 DAMIANI, 2000, p. 22.

279 LACHTERMAN, 1980, p. 20 – 29.

280 COTTINGHAM, 1999, p. 15 – 16. Cf. DESCARTES, 2016, prim. parte, art. 64, p. 90.

281 MANCOSU, 2011, p. 113-131.

para a filosofia se se considerar que, para ele, a prática matemática e o pensamento filosófico estão profundamente entrelaçados. Para Mancosu, não se pode ignorar nem um, nem outro desses aspectos da teoria cartesiana. É justamente sobre o estudo da matemática que haverá uma ruptura entre o pensamento de Vico e o cartesiano. Segundo Lomonaco: “o estudo das matemáticas torna-se o verdadeiro e próprio divisor de águas entre Vico e os cartesianos contemporâneos”<sup>282</sup>.

Gaukroger<sup>283</sup>, em seu estudo sobre a vida e a obra de Descartes, descreve que, durante o século XVII, a reputação cartesiana foi primeiramente reconhecida por sua teoria matemática e depois por sua cosmologia. Já no século XVIII, a reputação do filósofo mudou gradualmente, passando de sua posição como uma referência em cosmologia para o seu reconhecimento como um teórico que propunha uma fisiologia mecanicista, dando-lhe destaque especial a sua teoria dos “animais máquinas”. Por consequência, esta reputação acabou por lhe configurar como um materialista perigoso. Possivelmente, é esta última interpretação do pensamento cartesiano que levou alguns membros da academia *Investiganti* a serem condenados pela Inquisição em Nápoles<sup>284</sup>. No século XVIII, os jesuítas assumem uma campanha internacional de combate a esse aspecto mecanicista da teoria cartesiana, que era vista como perigosa para a metafísica e para a religião, tendo sido, inclusive, associada ao protestantismo<sup>285</sup>.

Em 1618, o jovem Descartes, por influência de Isaac Beeckman<sup>286</sup>, interessa-se por uma filosofia da natureza microcorpúscular quantitativa que combinava a física e a matemática. Em sua juventude, os seus estudos dedicavam-se às questões de matemática aplicada, à matemática da consonância em música, à mecânica, à hidrostática, à dinâmica, aos fluídos e seu comportamento matemático e físico<sup>287</sup>. Em torno de 1619, Descartes introduz em seus estudos uma série de compassos que seriam capazes de realizar uma articulação entre distintas áreas do conhecimento matemático, tal como a geometria, a aritmética e a álgebra. Esse estudo dos compassos assume um papel importante para a construção de sua

---

282 LOMONACO, 2018, p. 189.

283 GAUKROGER, 2011, p. 20 – 32.

284 SILVA NETO, 2015, p. 149 – 153.

285 Ibid., p. 153.

286 GAUKROGER, 2011, p. 21; MANCOSU, 2011, p. 114.

287 GAUKROGER, 2011, p. 21 – 22.

geometria analítica e da sua percepção de que haveria uma “nova ciência” capaz de conter em si “tudo quanto dá certeza às regras da aritmética”<sup>288</sup>. Aos 23 anos, Descartes, segundo ele mesmo relata no *Discurso*, precisava amadurecer o que havia descoberto do “melhor da análise geométrica e da álgebra”<sup>289</sup> para transformá-lo, futuramente, em seu método. A decomposição dos problemas matemáticos em linhas e a sua redução em equações de segundo grau proporcionariam a solução de problemas irresolúveis desde os antigos, como o problema de Pappus ou das quadratrizes<sup>290</sup>.

Mancosu<sup>291</sup>, a partir de uma descrição acerca de como Descartes teria utilizado o compasso mesolábio, demonstra como ele promoveu a articulação entre as áreas distintas do conhecimento matemático com os compassos proporcionais. O compasso mesolábio, conforme a figura 1, apresenta apenas um desses estudos de compassos feitos por Descartes. Ele o utilizou para solucionar uma equação cúbica com estudos de geometria, os quais foram por ele publicados posteriormente, em sua obra *Geometria*, de 1637<sup>292</sup>, um dos três textos publicados junto ao seu *Discurso do método*.

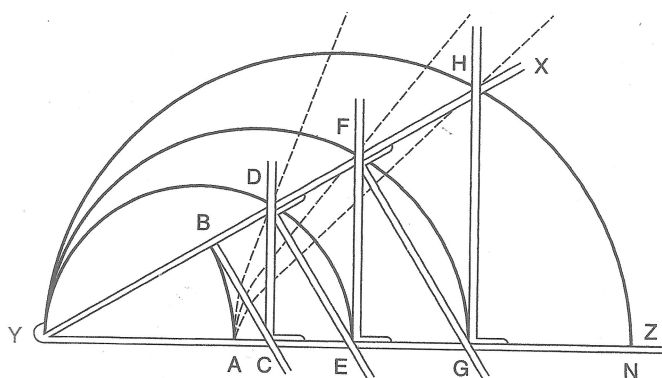


Figura 1. Compasso mesolábio. DESCARTES, 2017, p. 36.

O compasso é construído com uma série de réguas deslizantes e fixas. A quantidade de réguas é ilimitada, uma vez que GH não é a última régua. O ponto Y atua como um pivô. A reta Z permanece fixa. Quando a reta X é aberta em sentido

288 DESCARTES, *Discurso*, 1983-A, p. 40, final da segunda parte.

289 DESCARTES, loc. cit..

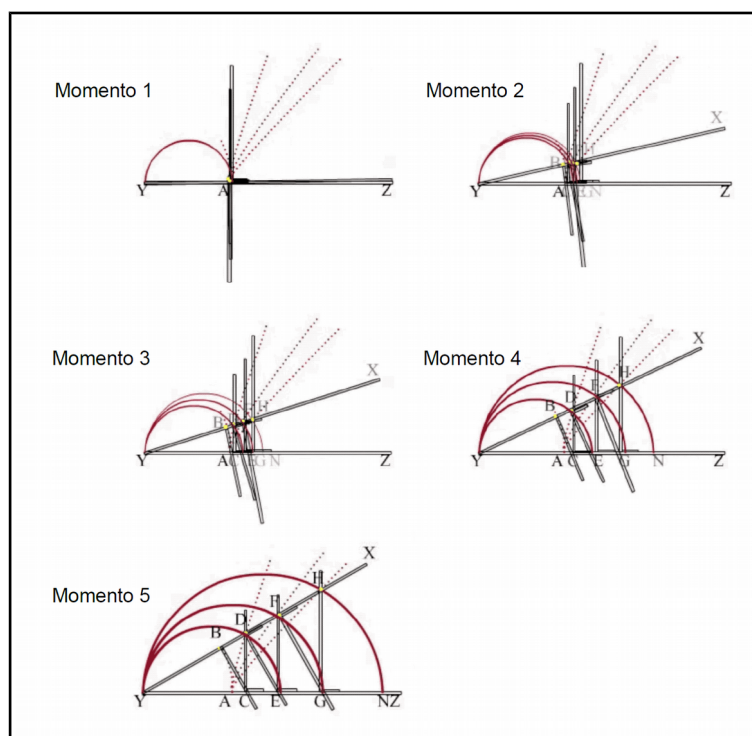
290 MANCOSU, 2011, p. 118.

291 Ibid., p. 114 – 116.

292 Ibid., p. 114.

anti-horário, as réguas deslizantes começam a correr as retas X e Z, abrindo-se como o movimento de uma sanfona, e se expandem da esquerda para a direita. A partir do ponto Y, podem ser geradas curvas que partem do ponto Y e passam pelos pontos D, F, H e assim por diante. Essas curvas possuem movimentos regulares. As linhas pontilhadas, que partem do ponto A e se expandem em direção ao alto do compasso, são uma perspectiva dos locais por onde os pontos da reta X se localizarão de acordo com o movimento de abertura dessa reta. Descartes percebeu que as curvas, que partem do ponto Y e cortam a reta x, possuíam proporções contínuas. Os estudos de quantidade contínua são temas que pertencem à área da geometria.

Com a abertura do compasso, os pontos móveis das réguas que tocam o eixo YX, além de desenharem curvas, também formam triângulos entre as réguas e as distâncias entre os braços sempre mantêm a mesma proporção. A régua BC é fixa. As réguas DE, FG, etc. são deslizantes. As réguas CD, EF, GH, etc. também são deslizantes.



Quadro 1. Movimento de abertura do compasso.<sup>293</sup>

293 Figura feita por composição de imagens a partir do arquivo GIF da página: <https://medium.freecodecamp.org/what-ren%C3%A9-descartes-can-teach-you-about-design-e0eace2ca268>. Acessado em 22 de novembro de 2018.

Quando aberto, o compasso descreve a formação de vários triângulos entre os pontos de suas retas. Os pontos  $Y\hat{B}C$  formam um triângulo com o ângulo reto em B. Os pontos  $Y\hat{C}D$  formam outro triângulo retângulo com o ângulo reto em C. Os pontos  $Y\hat{D}E$  também formam outro triângulo retângulo com ângulo reto em D, e assim por diante. Seguindo-se esta mesma regra, temos outros triângulos formados entre os pontos  $Y\hat{E}F$ ,  $Y\hat{F}G$ ,  $Y\hat{G}H$ , etc. Além das proporções contínuas entre as curvas, as relações entre os triângulos do compasso também chamam a atenção de Descartes.

Existem vários conceitos que podem ser extraídos das relações entre as curvas e os triângulos do compasso. No entanto, aqui nos interessa apenas apresentar que Descartes percebeu, por meio desse compasso, que haveria um ponto em comum entre áreas distintas da matemática. Isto é, seria possível convergir os estudos de quantidades contínuas, proporcionadas pela geometria, com os de quantidades discretas, proporcionadas pela aritmética. O compasso mesolábio nos fornece um exemplo da geometria analítica proposta por Descartes. Dessa forma, assim inicia Descartes a sua obra *Geometria*:

Todos os problemas de Geometria podem facilmente ser reduzidos a termos, tais que para construí-los, nada mais é necessário que o conhecimento do comprimento de algumas linhas retas. Como toda Aritmética consiste em apenas quatro ou cinco operações que são a adição, a subtração, a multiplicação, a divisão e a extração de raízes, que podemos considerar uma espécie de divisão; na Geometria, não há outra coisa a fazer com relação às linhas que procuramos, senão adicionar ou subtrair outras linhas. Ou então, poderemos estabelecer uma linha que chamarei de unidade para relacioná-la melhor com os números. Em geral, essa unidade poderá ser escolhida arbitrariamente e assim, dadas outras duas linhas, para encontrar uma quarta, uma das duas linhas previamente estará para a quarta, assim como a outra estará para a unidade. Ou o inverso, para encontrar uma quarta linha que está para uma das duas linhas dadas, como a unidade está para a outra linha, equivale à divisão. Ou finalmente, encontrar um, ou dois, ou vários meios proporcionais entre a unidade e qualquer outra linha, é o mesmo que extrair a raiz quadrada ou cúbica, etc. da linha dada. Eu não hesitarei em *introduzir tais termos aritméticos em Geometria* para me tornar mais claro<sup>294</sup>.

Indo mais além, Descartes consegue resolver uma questão cúbica com o compasso, algo que pertenceria a um terceiro campo, à álgebra. Solucionar uma equação cúbica, como  $x^3 = x + 2$ , exigiria uma outra metodologia de cálculo, tanto diferente da contínua, proporcionada pela geometria, quanto da discreta, fornecida

294 DESCARTES, 2017, p. 17-18. Grifos nossos.

pela aritmética. Mediante a teoria das proporções, ele estabeleceu proporções contínuas entre os pontos do compasso. Isso o permitiu traçar uma relação discreta entre os pontos contínuos do compasso e, assim, solucionar o problema algébrico<sup>295</sup>. Na Regra 4, Descartes descreve como a relação que ele percebe entre a geometria, a aritmética e a álgebra teria a sua origem em um método analítico semelhante ao dos antigos geômetras:

Com efeito, a mente humana tem não sei quê de divino, em que as primeiras sementes dos pensamentos úteis foram lançadas de tal modo que, muitas vezes, ainda que descuradas e abafadas por estudos feitos indiretamente, produzem um fruto espontâneo. É o que experimentamos, nas ciências mais fáceis, a Aritmética e a Geometria: de facto, vemos bastante bem que os antigos Geômetras utilizaram uma espécie de análise que estendiam à solução de todos os problemas, ainda que não a tenham transmitido à posteridade. E agora floresce um gênero de Aritmética, que se chama Álgebra, que permite fazer para os números o que os Antigos faziam para as figuras<sup>296</sup>.

A partir do estudo de compassos proporcionais, em 1619, Descartes aprimora o seu interesse pela matemática e começa a suspeitar que haveria algo capaz de unir as diferentes áreas da matemática e, além disso, que deveria existir algo que fosse anterior e universal a elas.

O compasso proporcional tornava possível que se realizasse operações geométricas, tais como a trissecção de ângulos, e operações aritméticas, tais como o cálculo de juros compostos, e Descartes se perguntou como era possível que o mesmo instrumento gerasse resultados em duas disciplinas tão diferentes como a aritmética, que trata de quantidades descontínuas (números), e a geometria, que trata de quantidades contínuas (linhas). Visto que o princípio subjacente ao compasso proporcional era o de proporções regulares, ele percebeu que havia uma disciplina mais fundamental, que inicialmente identificou com a teoria das proporções e, mais tarde, com a álgebra<sup>297</sup>.

À primeira vista, o uso do compasso possibilitaria unir duas disciplinas distintas: a geometria e a aritmética. Entretanto, haveria, segundo Descartes, uma disciplina ainda mais fundamental à geometria e à aritmética, sendo ela o princípio das proporções regulares, relacionada à teoria das proporções e à álgebra. Dessa forma, a geometria, a aritmética, a teoria da harmonia e a astronomia seriam apenas

---

295 Os triângulos formados pelas réguas do compasso possuem uma relação de proporção contínua entre si. As relações matemáticas que possibilitam relacionar geometria e álgebra estão detalhadas de melhor forma no apêndice A deste trabalho.

296 DESCARTES, 1989, p. 25.

297 GAUKROGER, 2011, p. 22.

tipos específicos de matemática. Descartes passa a suspeitar que haveria uma matemática universal que viabilizaria as áreas específicas da matemática, que ele intitulou de *mathesis universalis*<sup>298</sup> na Regra 4:

(...) deve haver uma ciência geral que explique tudo o que se pode investigar acerca da ordem e da medida, sem as aplicar a uma matéria especial: esta ciência designa-se, não pelo vocábulo suposto, mas pelo vocábulo já antigo e aceite pelo uso de Matemática universal, porque esta contém tudo o que contribui para que as outras ciências se chamem partes de Matemática<sup>299</sup>.

O tema da *mathesis universalis*, acerca da qual Descartes escreve apenas na Regra 4 e mais em nenhum outro lugar<sup>300</sup>, gerou inúmeros estudos na história da filosofia sobre o filósofo. No entanto, esse é um termo que precisa ser melhor avaliado. Note-se que, segundo Gaukroger, Descartes conseguiu resolver o Problema de Pappus, algo que desconcertava os geômetras desde a Antiguidade, “mostrando, assim, como suas novas técnicas algébricas poderiam transpô-lo sem esforço”<sup>301</sup>. Possivelmente fazendo uma referência a essa façanha de Descartes, Vico escreve: “Por sua parte, a análise, com grande facilidade de método, resolve problemas irresolúveis para os antigos”<sup>302</sup>.

Descartes suspeitou, aliás, que poderia haver algo ou uma disciplina ainda mais fundamental e anterior, inclusive, à tal matemática universal, que seria o “método universal”. A partir de tal suspeita, Descartes começa a trabalhar em sua obra *Regras*<sup>303</sup>. Sua previsão inicial era a de produzir uma obra em três partes, com 12 regras cada uma. O cerne do trabalho era estabelecer um método universal tendo por base a matemática universal. Entre as regras 12-14, há a descrição do mundo servindo-se da cognição perceptual quantitativa, proporcionada pela apreensão do mundo em termos geométricos. Essa teoria tem relação com os seus

298 GAUKROGER, 2011, p. 21 – 22; MANCOSU, 2011, p. 117 – 119.

299 DESCARTES, *Regras*, 1989, p. 29.

300 MANCOSU, 2011, p. 118.

301 GAUKROGER, 2011, p. 22.

302 *De Rat.*, 1998, seção II, p. 406. Francisco Gómez faz uma referência dessa passagem com o diálogo que Vico propõe com a geometria analítica de Fermat e Descartes, na nota 30, p. 266, quando descreve que o conhecimento humano opera como uma “sorte de anatomia”, dividindo para conhecer, cf. *De Ant.*, 2002, cap. I, seção II, p. 136.

303 Publicada postumamente em uma versão latina em 1701, Amsterdã. Não encontramos indícios de que Vico tenha tido contato direto com essa obra. É possível que ele não a conheceu. No entanto, as regras 15 e 18 nos chamam a atenção. Especialmente a regra 15 apresenta a importância do estudo de matemática por figuras, o que é um tema consoante com a proposta de ensino de geometria que Vico defenderá no *De Rat.* e no *De Ant.*



estudos em ótica, quando Descartes descobre a lei do seno da refração e tenta encontrar a curvatura necessária da superfície de uma lente para refratar raios paralelos. Mais tarde, com base nesse estudo, Descartes tentou explicar o funcionamento do sistema visual nos animais no *Tratado do homem*. Tentando compreender a nossa representação perceptual do mundo, ele se esforça em encontrar um meio de representar a informação em termos de verdade ou falsidade imediatamente aparente. Para alcançar esse objetivo, fazia-se necessária a matemática, assim como a escolha de generalizá-la em um “método universal”<sup>304</sup> direcionado tanto para a natureza quanto para o homem.

Para o sucesso de sua teoria, Descartes precisava conciliar dois processos de legitimação distintos entre si: ele deveria criar um sistema capaz de legitimar a sua proposta de um método universal e conciliar com outro sistema próprio e já existente de legitimação da álgebra. O método universal deveria ter um modo geral de legitimação do conhecimento, incluindo o matemático; já a álgebra, por sua vez, fornece o seu próprio tipo de legitimação do conhecimento matemático, estabelecendo-se, portanto, dois sistemas distintos de legitimação. Diante disso, Descartes não consegue conciliar esses dois sistemas distintos, o do método e o da álgebra. Logo, a obra *Regras* é interrompida e abandonada quando os dois modos de legitimação entram em conflito<sup>305</sup>. Descartes, portanto, dedica-se ao método universal e, para legitimar o conhecimento que dele resulta, ele apela às ideias claras e distintas.

Na Regra 14, isso significa “representar as entidades puras e abstratas com as quais a álgebra lida em termos de operações efetuadas sobre comprimentos de linha e, desta forma, a verdade ou a falsidade representada da proposição torna-se evidente”<sup>306</sup>. Na regra 18, Descartes apresenta que a verdade ou falsidade das operações não é imediatamente evidente na sua forma de representação, como por

---

304 GAUKROGER, 2011, p. 23.

305 GAUKROGER, loc. cit.

306 GAUKROGER, loc. cit. Descartes conclui a regra 14 com o seguinte texto: “Enfim, é pelas mesmas figuras que é preciso representar, ora grandezas contínuas, ora também uma pluralidade ou um número, e nada há de mais simples que a indústria humana possa achar para expor todas as diferenças que existem entre as relações”, DESCARTES, *Regras*, 1989, p. 102 – 103.

exemplo: a operação  $2+2=4$ <sup>307</sup>. Contudo, se a operação levar em conta a manipulação do comprimento de linha, e se a simplificarmos<sup>308</sup> para a conjugação de um par de pontos, “:”, com outro, “:”, pode-se perceber que o resultado da soma é “::”. A decisão de Descartes de colocar operações algébricas em um estudo de linhas tornam evidentes algumas soluções para os problemas algébricos; porém, quando envolvia operações mais sofisticadas e complexas, a solução apresentava muitas dificuldades. O estudo do compasso mesolábico<sup>309</sup>, por exemplo, exigia estabelecer muitos valores arbitrários para resolver as equações, sem os quais as soluções seriam impossíveis. Ao mesmo tempo em que se mostra como um avanço, isso também apresenta uma dificuldade nada simples de se transpor e exige profundo domínio dos conceitos matemáticos. Nas Regras 19-21, quando Descartes se propõe a dissertar sobre a extração de raízes de ordem superior, a manipulação do comprimento de linha já não seria capaz de gerar resultados satisfatórios.

Daí em diante, segundo Gaukroger, a obra *Regras* é definitivamente abandonada junto com a tentativa cartesiana de ter a matemática como um modelo de conhecimento, a não ser para utilizá-la em um sentido retórico<sup>310</sup>. Assim, a matemática passa a ser citada apenas como um paradigma de certeza, mudando o foco de interesse de Descartes para questões da metafísica, epistemologia e filosofia natural.

A partir daí, sempre que a matemática é mencionada, ela o será como um paradigma de certeza; mas, ao contrário do trabalho de 1620, isso não mais será acompanhado da tentativa de captar, em algum nível de detalhamento matemático, em que consistiria essa certeza ou de que fonte ela deriva. Na verdade, o interesse de Descartes em questões metodológicas em seus

---

307 A operação acima é um exemplo criado por Gaukroger para ilustrar a teoria. Na regra 18, Descartes utiliza vários exemplos das quatro operações: adição, subtração, multiplicação e divisão com segmentos de reta. Um dos exemplos que ele ilustra nessa regra é a adição de  $2+3=5$  e a multiplicação de  $2 \times 3=6$ , etc., com a demonstração geométrica das quantidades em linhas (DESCARTES, *Regras*, 1989, p. 114 - 120). A possibilidade da verdade de  $2+3=5$  também é retomada nas duas primeiras meditações (DESCARTES, *Meditações*, 2000-B, p. 253; 270).

308 A simplificação que substitui linhas e seus segmentos, conforme consta na obra original de Descartes, por uma dupla de pontos é uma proposta de GAUKROGER, 2011. Avaliamos a simplificação como pertinente por esta ter uma representação bastante compreensível.

309 Constitui-se em um estudo posterior às *Regras*, pois pertence ao texto da obra *Geometria*, de 1637. No entanto, ele ilustra a dificuldade de Descartes na conciliação entre a geometria, a aritmética, a álgebra e o método universal, além de ilustrar a sua geometria analítica.

310 GAUKROGER, 2011, p. 24.

escritos tardios foi muito determinado por questões de metafísica, epistemologia e filosofia natural<sup>311</sup>.

Os escritos tardios, principalmente aqueles que são encontrados nas obras *Discurso e Meditações*, têm essa preocupação com os aspectos metafísicos sem abandonar totalmente a matemática. É, principalmente, com essas duas obras que Vico dialogará em suas primeiras obras opondo-se a uma proposta analítica que não leve em conta a necessidade da síntese na sua conclusão<sup>312</sup>. Com relação a isso, cumpre ressaltar que Descartes aproximou-se do que seria o método analítico heurístico dos primeiros geômetras<sup>313</sup> e apresentou certa relutância em reconhecer o método silogístico, ao qual ele chamou de “dialéticos”, relacionados a um tipo de raciocínio que ele julgou não apresentar nada em sua conclusão que já não estivesse contido em suas premissas<sup>314</sup>.

---

311 GAUKROGER, 2011, p. 24.

312 Adiante, pretendemos esboçar qual é o entendimento que Vico teria sobre os conceitos de análise e de síntese e tentaremos apresentar qual seria a leitura que ele teria feito sobre os mesmos conceitos em Descartes. Os estudiosos de Descartes: MILES, 2011, e BATTISTI, 2010, em seus textos sobre o método de Descartes, apontam que a análise cartesiana havia se assumido enquanto uma investigação heurística, que buscava se aproximar da análise dos primeiros geômetras, tal como Pappus. Nessa perspectiva, a análise partiria dos efeitos para as causas, mas, assim como Pappus, suporia o problema geométrico resolvido e seria “como que” (*tanquam*) *a priori*, pois fingiria os efeitos como causas para, a partir daquilo que é conhecido, lançar-se sobre o desconhecido e produzir conhecidos novos, cf. BATTISTI, 2010, p. 590 – 591; cf. DESCARTES, 2017, livro I, p. 20: “se queremos resolver qualquer problema, devemos primeiro considerá-lo como já resolvido e dar nomes a todas as linhas que parecem necessárias para a sua construção, bem como para aquelas que são desconhecidas”. De outra forma, segundo tais autores, a proposta cartesiana de síntese teria sofrido interpretações variadas entre os leitores de Descartes. Para Battisti, que de certa forma também corresponde a interpretação de Miles, a síntese, ao mostrar quais efeitos são produzidos a partir das causas, “não é *a posteriori* verdadeiramente, mas como que feita *a posteriori*”, BATTISTI, 2010, p. 593. De acordo com essa leitura, a análise heurística, tendo presumido os efeitos como uma “causa”, estabelece axiomas, assim como os primeiros geômetras fizeram, indo do conhecido para o desconhecido; só a partir daí, descobertas as causas, que até então seriam desconhecidas, sucede-se a síntese que procede das causas para os efeitos, sendo, portanto, mais *a priori* do que a análise, a qual teria assim procedido apenas por simulação, BATTISTI, op. cit.

313 Cf. BATTISTI, 2010, p. 571 – 575; ANDRADE, 2009; RAMOS, 2013, p. 25 – 28.

314 MILES, 2011, p. 156. Segundo Descartes: “para que se torne ainda mais evidente que esta arte de raciocinar [isto é, a dialética] em nada contribui para o conhecimento da verdade, importa observar que os Dialéticos não podem construir com a sua arte nenhum silogismo cuja conclusão seja verdadeira, a menos que se tenha já a sua matéria, isto é, a não ser que já antes conheçam a mesma verdade que nele se deduz. Daqui claramente se conclui que uma tal forma lógica não lhes permite conhecer nada de novo e que, por conseguinte, a Dialética vulgar é totalmente inútil para os que desejam descobrir a verdade das coisas”; DESCARTES, *Regras*, 1989, regra X, p. 60. Miles entende que Descartes propõe o método “analítico da descoberta” em lugar da “lógica da escolástica”, a qual Descartes associaria ao raciocínio dialético silogístico que ele condena, em obras como *Discurso e Meditações*, como ineficaz para a descoberta; cf. MILES, 2011, p. 155, porém, o próprio Miles destaca trechos que Descartes assume a importância do raciocínio lógico, sem desprezá-lo totalmente. No prefácio da obra *Princípios*, Descartes escreve: “(...) [para que alguém possa bem compreender a obra *Princípios*] deve

A partir de 1629, há uma mudança nos estudos de Descartes. Ele dedicou-se ao projeto das obras *O mundo*, sobre a natureza inanimada, e *O tratado do homem*, sobre as funções não conscientes humana e animal, que seriam complementadas por uma terceira parte que nunca chegou a ser lançada, sobre a “alma racional”<sup>315</sup>. No entanto, após a condenação de Galileu, Descartes prefere não publicar essas duas obras, que só chegaram ao conhecimento público postumamente<sup>316</sup>. Tais obras conferiam um aspecto mecanicista à teoria de Descartes. É possível que Vico não tenha tido contato com tais obras, mas reconhecia a fama mecanicista atribuída à Descartes.

Ao teorizar que o mundo físico consiste de uma matéria homogênea constituída por três tipos de corpúsculos, distintos apenas pelo tamanho, Descartes, na obra *O mundo*, estabelece uma cosmologia mecanicista. A imagem perceptual que temos do mundo pode ser diferente do que ele realmente é. Ou seja, nossos sentidos não apresentariam o mundo tal como ele é. Essa relação entre os nossos sentidos e a realidade também é um tema que será explorado por Vico, no entanto, ele indicará que “vendo, fazemos as cores”, ou seja, para Vico os sentidos são um recriar o mundo, é a recriação do mundo humano. Já para Descartes, essa imagem promovida pelos sentidos não seria uma orientação confiável para a definição do mundo. Como o corpo pode ser dividido em partes muito pequenas, é necessário que haja uma força para separá-las quando elas estiverem fixas uma em relação às outras, pois elas não separariam por si mesmas. Alguns corpos seriam sólidos rígidos e outros seriam extremamente fluidos. Esse aspecto fornece a base para a teoria de matéria de Descartes, permitindo reduzir as propriedades da matéria à velocidade que as partes se movem umas em relação às outras<sup>317</sup>.

---

estudar também a Lógica; não a da Escola [ou escolástica], porque esta, falando com propriedade, é apenas uma dialética tendente a ensinar os meios de fazer compreender a outrem as coisas conhecidas, e a dizer, sem prévio juízo, várias palavras referentes ao que não se sabe, corrompendo mais o bom senso do que enriquecendo-o. Deve-se estudar a Lógica que ensina a bem conduzir a razão com o objetivo de descobrir as verdades desconhecidas; e porque depende bastante do uso, o estudioso deve exercitar-se durante algum tempo a praticar as regras referentes às questões fáceis e simples, como as das Matemáticas”, DESCARTES, 2016, p. 21.

315 GAUKROGER, 2011, p. 24.

316 Ibid., p. 28. As obras foram publicadas postumamente entre 1662 e 1664.

317 Ibid., p. 24 – 25.

Todo corpo, fluído ou sólido, é constituído por um tipo de matéria. O universo é um *plenum*, não havendo um vácuo entre as partes. Deus, no primeiro instante da criação, conferiu movimento às partes e não interferiria mais nos seus movimentos. Da teoria do *plenum*, surge a teoria dos vórtices. O universo, para se mover, assume a forma de deslocamento em curva fechada, se movendo em torno de um centro ou vários centros. Quanto mais distante do centro a matéria estiver, maior será a sua agitação, pois seu movimento descreverá círculos maiores e quanto maior a circunferência, mais próxima ela estará de um movimento retilíneo. Essa teoria aproxima-se de uma cosmologia heliocêntrica e, por consequência, recorda a teoria de Galileu. O universo seria composto por um número indeterminado de vórtices contíguos, cada um com um sol ou estrela no centro. Os movimentos são explicados no capítulo 7 de *O mundo* pelas três leis do movimento e pela noção de força centrífuga<sup>318</sup>. A obra *O mundo* permite dois êxitos a Descartes: explicar a teoria da centralidade do Sol no sistema solar, derivada da sua teoria sobre a matéria, das três leis do movimento e da sua noção de força centrífuga; e, em segundo lugar, permite que Descartes demonstre as principais propriedades conhecidas da luz, fornecendo uma base física para a ótica geométrica que ele procurava<sup>319</sup>.

A partir dessa teoria, que entende a matéria enquanto mecânica, o programa mecanicista de Descartes, presente na obra *O mundo*, é estendido para a fisiologia na obra *O tratado do homem*. Posteriormente, o mecanicismo de Descartes será muito questionado pelos jesuítas na Nápoles de Vico e também pelo próprio Vico, quando ele percebe que é utilizado indevidamente na compreensão do homem. Para Descartes, a fisiologia animal seria como o funcionamento de uma máquina. O processo de digestão de comida é descrito em termos da mecânica e da química. O coração seria como uma fornalha, assim como o princípio do sol central, e a circulação do sangue levaria os “espíritos animais” pelo interior das artérias carótidas e estes, por sua vez, entrariam no cérebro pela glândula pineal. Logo, o sistema nervoso funcionaria por intermédio dos espíritos animais que entrariam nos

---

318 Sobre as três leis da natureza, “[a] primeira, um corpo permanecerá em seu estado de movimento a menos que um outro corpo o pare ou o retarde; segunda, em colisões entre tais corpos, a quantidade total de movimento se conserva; terceira, qualquer que seja a direção de um corpo em movimento, sua tendência de movimento é sempre retilínea”; GAUKROGER, 2011, p. 25.

319 Ibid., p. 25 – 26.

nervos e mudariam a forma dos músculos. Os dois principais desafios para a fisiologia mecanicista, sendo eles a formação do feto e a cognição perceptual, que eram temas considerados incontestáveis para noção de finalidade, passariam a ser explicados em termos do mecanicismo<sup>320</sup>.

Da condenação de Galileu em diante, em 1633, as explicações do movimento físico da Terra não poderiam ser feitas valendo-se da filosofia da natureza<sup>321</sup>. Descartes decide suspender a publicação de seus trabalhos *O mundo* e *O tratado do homem* e, no lugar deles, publica seus três ensaios sobre ótica, meteorologia e geometria<sup>322</sup>, junto com o seu *Discurso do método*, em 1637. A condenação da obra *O diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo*, de Galileu, leva Descartes a mudar a direção de sua teoria ao escrever as obras *Discurso* e *Meditações*. Desde então, Descartes procura legitimar sua filosofia natural mecanicista por meios metafísicos e epistemológicos<sup>323</sup>, não mais por uma discussão exclusiva de uma filosofia natural<sup>324</sup>. E é, provavelmente, esse Descartes que é lido na Nápoles de Vico: o autor das obras *Discurso*, com os três textos, e *Meditações*, pois Vico faz referências a essas duas obras em sua *Vita*.

Na obra *Meditações*, Descartes recorre a uma epistemologia orientada pelo ceticismo para desconstruir o mundo do senso comum e da filosofia da natureza de Aristóteles. A filosofia da natureza de Descartes busca se afastar das formas e qualidades aristotélicas para que o mundo não seja nada além de uma extensão geométrica quantificável. Para construir o mundo conforme os primeiros princípios, Descartes recorre à noção de ideias claras e distintas com sustentação na garantia divina.

---

320 GAUKROGER, 2011, p. 26 – 28.

321 “Na condenação de 1633, estabeleceu-se essa interpretação, o que implicava que o movimento físico da Terra não poderia ser explicado por meio da filosofia da natureza. Assim, não apenas ao tipo de argumento que Galileu ofereceu no *Diálogo* faltava poder para decidir a questão como também ao tipo de argumento oferecido por Descartes em *O mundo*”. GAUKROGER, 2011, p. 28.

322 “Descartes teve uma dupla reação a isso. Em primeiro lugar, recolheu alguns de seus trabalhos científicos que não foram tocados pela condenação de 1633 e os publicou como três ensaios sobre ótica, meteorologia e geometria. (...) O segundo tipo de reação, apresentada no *Discurso* e nas *Meditações*, foi mais radical. A consequência última da crise provocada pela condenação do heliocentrismo de Galileu foi mudar de direção do trabalho de Descartes”. Ibid., p. 28-29.

323 Ibid., p. 29.

324 SILVA NETO, 2015, apresenta como ocorreu, em Nápoles, uma duplicidade de interpretação de Descartes que ora era visto apenas como um mecanicista e ora como um metafísico.

Talvez elas não sejam, todavia, inteiramente como nós as percebemos pelos sentidos, pois essa percepção dos sentidos é muito obscura e confusa em muitas coisas; mas, ao menos, cumpre confessar que todas as coisas que, dentre elas, concebo clara e distintamente, isto é, todas as coisas, falando em geral, compreendidas no objeto da Geometria especulativa, aí se encontram verdadeiramente<sup>325</sup>.

A existência do mundo só pode ser garantida por meio de uma concepção clara e distinta e as características não seriam apenas determinadas, mas percebidas com segurança. A concepção de mundo corpórea que poderia oferecer uma percepção clara e distinta é a percepção matemática de mundo. As coisas que percebemos do mundo pelos sentidos são obscuras e confusas, mas as que são compreendidas com o auxílio da geometria especulativa seriam verdadeiras para Descartes. A filosofia compatível com essa teoria é o mecanicismo estabelecido na teoria da matéria e da mecânica na obra *O mundo*. As *Meditações* estão intimamente relacionadas com a obra *O mundo* e fornecem um caminho metafísico para a sua filosofia da natureza<sup>326</sup>.

Nesse sentido de buscar uma via mais próxima do caminho metafísico, pouco depois, Descartes inicia sua obra *Princípios*<sup>327</sup> dialogando com as *Meditações*, mas define um vocabulário metafísico de substância distanciado da obra *O mundo*. A introdução do aparato metafísico na primeira parte dos *Princípios*<sup>328</sup> tem a função de utilizar a dúvida cética na fundação de sua filosofia da natureza e estabelecer ideias claras e distintas. Até mesmo a questão da existência precisa de uma percepção clara e distinta. A existência do mundo e suas propriedades somente poderiam ser concebidas de determinada maneira para que pudéssemos propor as questões acerca de sua existência e, do mesmo modo, para que pudéssemos definir quais seriam as suas propriedades<sup>329</sup>.

A relação entre o ideal matemático, proposto por Descartes, e o seu método fica evidente na segunda parte de seu *Discurso*. A primeira publicação do *Discurso do método* de Descartes vinha acompanhada dos ensaios da *Dióptrica*, *Meteorologia* e *Geometria*, tendo sido publicado na França em 1637. Segundo

---

325 DESCARTES, *Meditações*, 1983-B, § 21, p. 135. No parágrafo anterior, Descartes recusa que Deus possa ser, de qualquer forma, um embusteiro.

326 GAUKROGER, 2011, p. 29 – 30.

327 DESCARTES, 2016.

328 “Dos princípios do conhecimento humano”.

329 GAUKROGER, 2011, P. 30 – 31.

Mancosu, a matemática exerce influência direta na formação do método proposto por Descartes<sup>330</sup>. A lógica, a análise heurística dos antigos e a álgebra contribuíram para a formação do método, no entanto Descartes faz críticas à lógica silogística por sua ineficácia na descoberta de verdades, sendo esta útil apenas para explicar verdades que já haviam sido encontradas<sup>331</sup>. Segundo Descartes:

(...) com respeito à Análise dos Antigos e à Álgebra dos modernos, além de se estenderem apenas a matérias muito abstratas, e de não parecerem de nenhum uso, a primeira permanece sempre tão adstrita à consideração das figuras, que não pode exercitar o entendimento sem fatigar muito a imaginação; e esteve-se de tal forma sujeito, na segunda, a certas regras e certas cifras, que se fez dela uma arte confusa e obscura que embarça o espírito, em lugar de uma ciência que o cultiva. Por esta causa, pensei ser mister procurar algum outro método que, compreendendo as vantagens desses três, fosse isento de seus defeitos<sup>332</sup>.

Adiante no texto, Descartes propõe o seu método resumido em apenas quatro preceitos em lugar da análise por figuras, da álgebra e da lógica. No entanto, apesar das imperfeições da lógica, da análise e da álgebra, Descartes propõe extrair o seu método a partir delas. Embora apareçam apenas quatro regras em seu *Discurso*, a lista de princípios presente na obra *Regras* é mais extensa. A intenção de Descartes naquela obra é de apenas falar sobre seu método e não o de ensiná-lo<sup>333</sup>. Segundo ele, o método apresentado no *Discurso* consistiria mais em sua prática do que em sua teoria. Descartes, impressionado com as demonstrações dos geômetras em suas longas cadeias de raciocínio, estaria mais interessado na abstração que os raciocínios certos e evidentes da matemática proporcionavam do que, propriamente, no conhecimento detalhado das ciências matemáticas.

A verdade nas ciências deveria estar diretamente relacionada aos raciocínios mais simples e mais fáceis como os proporcionados pelos geômetras, como ele mesmo apresenta:

(...) entre todos os que precedentemente buscaram a verdade nas ciências, só os matemáticos puderam encontrar algumas demonstrações, isto é, algumas razões certas e evidentes, não duvidei de modo algum que não fosse pelas mesmas que eles examinaram (...) <sup>334</sup>

---

330 MANCOSU, 2011, p. 119.

331 DESCARTES, *Discurso*, 1983-A, p. 37.

332 DESCARTES, loc. cit.

333 MANCOSU, 2011, p. 120.

334 DESCARTES, *Discurso*, 1983-A, p. 39.



Com relação as verdades que a matemática é capaz de oferecer, Vico não discorda de Descartes, pois a matemática produz um conhecimento verdadeiro. O que irá distanciá-los diz respeito ao campo de aplicação dessas verdades matemáticas e a crença de que elas possam se estender sobre a natureza sem a devida compreensão de que a matemática que conhecemos é, ainda, um conhecimento do homem e, portanto, imperfeito e não divino. Descartes procura, através do método, estender essa capacidade de conhecer a verdade, que a matemática proporciona, para outras áreas além da própria matemática. No trecho a seguir, Mancosu percebe que Descartes fez uma referência indireta à sua proposta de uma *mathesis universalis*, tal como se segue:

(...) e, vendo que, embora seus objetos serem diferentes, não deixam de concordar todas, pelo fato de não conferirem nesses objetos senão as diversas ações ou proporções que neles se encontram, pensei que valia mais analisar somente estas proporções em geral, e supondo-as apenas nos suportes que servissem para me tornar o seu conhecimento mais fácil; mesmo assim, sem restringi-las de forma nenhuma a tais suportes, a fim de poder aplicá-las tão melhor, em seguida, a todos os outros objetos que conviessem<sup>335</sup>.

Porém, diante da necessidade de considerar cada objeto em sua particularidade, Descartes simplificaria os problemas em linhas e, posteriormente, em símbolos, e além disso tomaria por “empréstimo o melhor da análise geométrica e da álgebra, e corrigiria todos os defeitos de uma pela outra”. Estender o método para outros problemas que não sejam de natureza matemática requer “uma investigação prévia de certos princípios metafísicos dos quais dependem os princípios das várias ciências”<sup>336</sup>. Segundo Mancosu, os problemas que adviriam de se estender o método para além do domínio da matemática iriam muito além de simplesmente aplicar a teoria das proporções a assuntos de natureza não matemática. É um tema que se relaciona com os princípios metafísicos das demais ciências. Por exemplo, se a história não for capaz de fornecer ideias claras e distintas de seu objeto, o método não seria capaz de produzir um conhecimento científico sobre ela. A mesma dificuldade haveria de ser encontrada com relação aos assuntos que envolveriam a moral e os costumes.

---

335 DESCARTES, *Discurso*, 1983-A, p. 39.

336 MACONSU, 2011, p. 120.

Portanto, partindo de uma reflexão matemática, Descartes elabora um método para investigar todas as matérias que estão ao alcance do conhecimento humano. Para que o método possa produzir um conhecimento certo e evidente, as ideias claras e distintas são o seu ponto de partida. A partir de seu estudo da matemática, Descartes adotou um modelo de conhecimento analítico da descoberta<sup>337</sup> para o estabelecimento da nova ciência à qual ele se propôs. Vico, nas suas primeiras obras, vai adotar o princípio *verum ipsum factum*<sup>338</sup> para explicar como são produzidas as certezas matemáticas e para avaliar como procede o conhecimento humano da natureza, enquanto uma “sorte de anatomia” seguida de uma recomposição sintética, que vai buscar na teoria galileana um outro modelo de física, diferente da proposta cartesiana.

### **3.2 *Verum e certum: sobre a possibilidade de um conhecimento científico***

Na obra *De Antiquíssima*, Vico evidencia o seu diálogo com o cartesianismo fazendo várias referências diretas a Descartes. Em alguns trechos, Vico escreve citando diretamente o pensamento e o nome de Descartes e em outros, como ocorre também na obra *De Ratione*, Vico dirige sua crítica ao cartesianismo de Port Royal. Alberto Damiani<sup>339</sup>, em seu texto sobre a ciência anticartesiana de Vico, destaca três elementos importantes: *verum*, *certum* e *factum*. Sobre a relação entre *verum* e *certum*, Damiani dedica os capítulos 2 e 6 de sua obra, estabelecendo um *pars destruens* e um *pars construens*, segundo o próprio autor, para evidenciar em que Vico se contrapõe ao cartesianismo e em que ele não se distancia da teoria de Descartes.

A constatação de Damiani partiu de seu estudo sobre a seção II do *De Ratione*, “as vantagens do nosso método de estudos a partir dos instrumentos e das ciências” e também da terceira seção do capítulo primeiro do livro *Metafísico*, “da verdade primeira sobre a qual medita René Descartes”.

---

337 MILES, 2011, p. 150.

338 Sobre as origens do critério viquiano do *verum-factum* vide o texto IVANOV, 2018, p. 245 – 253.

339 DAMIANI, 2000.

Segundo Damiani, quando Vico afirma no Capítulo I do *De Ant*: “(...) a ciência é o conhecimento do gênero, ou do modo em que a coisa se faz, e por qual meio – sendo assim que a mente conhece o modo, já que compõe os elementos – se faz a coisa”<sup>340</sup> pode-se afirmar que ali se encontra o seu conceito de ciência enquanto estudo das causas, ou de ciência como *scire per caussas*<sup>341</sup>. Para que um discurso possa ter *status* de científico, é preciso que o seu investigador tenha formulado o objeto de estudo a partir de seus elementos. Segundo ele, “a ciência somente é possível se a mente conter dentro de si as causas do objeto e produz o objeto a partir de suas causas”<sup>342</sup>. Portanto, a causa do objeto é sempre a mente<sup>343</sup>. Essa concepção de ciência da causa recorre à influência do pensamento aristotélico<sup>344</sup>, do qual Vico toma emprestado o princípio do intelecto agente a partir da máxima aristotélica: *nihil est in intellectu quod prius nos fuerit in sensu*<sup>345</sup>. Embora a mente seja a causa do objeto, a consequência que se extrai dessa afirmação de Vico é a de que o *cogito* cartesiano não possui a condição de ser uma ciência, pois não se dedica às causas, sendo apenas uma constatação de que se pensa. Ao reformular a máxima de Descartes, Vico reescreve e substitui a proposição cartesiana do “penso, logo existo” por “penso, logo sou”<sup>346</sup>. Na visão de Vico, essa

340 *De Antiquissima*, 1999-2000, p. 447.

341 DAMIANI, 2000, p. 33. Sobre a teoria de Vico do conhecer as causas e o fazer; cf. também MARTIRANO, 2012, p. 259 – 261 em seu texto sobre a *Risp. II*. Lomonaco considera a criação do ponto e do uno como uma imitação humana da criação divina *per caussas*, LOMONACO, 2018, p. 189. OTTO, 2003, entre as p. 167-169, vai aproximar a proposta de uma “nova” ciência de Vico, *per caussas*, com a teoria de ciência que já havia sido proposta por Aristóteles em seus *Analytica Posteriora*.

342 DAMIANI, 2000, p. 33.

343 Sobre a mente enquanto ativa na construção de mundos, a partir do estudo de Badaloni, Santos escreve: “A ideia de que o mundo está em contínua criação pode ser inferida a partir da teoria do *conatus* do *De ant.*, pois o movimento é constituído por infinitos *conatus*. Isso implica que a relação da alma com o mundo também é uma criação contínua. (...) A *facultas* (da mesma origem de *facilitas*, facilidade), isto é, a pronta imediatez e naturalidade do fazer, é a chave de uma teoria da experiência contrária àquela baseada numa reificação das sensações: as cores, os sabores, os sons, os cheiros, o frio e o calor, são feitos pelos sentidos, e não recebidos como qualidades próprias das coisas”; SANTOS, 2012, p. 170.

344 DAMIANI, 2000, p. 45.

345 “Não há nada na inteligência que não tenha sido primeiro percebido pelos sentidos”. Cf. *De Ant*, 2002, cap. VI, p. 174; cap. VII, III, p. 179 – 180.

346 “(...) Descartes nos põe em manifesto que a primeira verdade é esta: ‘Penso, logo sou’”; *De Ant*, 2002, Cap. I, III, p. 141. Embora o próprio Descartes não faça uma distinção entre “sou” e “existo”, afirmando em algumas passagens que “eu sou, eu existo”, para Vico essa diferença é importante, segundo o tradutor Francisco Gómez. Reproduzimos adiante, no corpo do texto, parte da nota 61 de sua tradução do *De Ant*: “‘Penso, logo sou’ e não como, segundo Vico, deveria haver afirmado: ‘Penso, logo existo’, já que não se trata de uma ciência da própria essência, senão de uma consciência da própria existência”; *De Ant*, 2002, p. 270, nota 61. Dessa forma, acreditamos que, provavelmente, a substituição que Vico faz da palavra “existo”

verdade intuída de Descartes seria apenas como uma consciência de sua mente<sup>347</sup>. O *cogito* não seria uma ciência, pois não se pode conhecer a sua causa.

Certamente há um feito indubitável (*cogito*) do qual temos consciência, mas não temos desse feito uma explicação científica verdadeira a partir das causas do mesmo. (...) [pois,] o pensamento humano não é causa de si mesmo, e, portanto, não pode ter conhecimento verdadeiro de si mesmo. (...) As causas da natureza e do pensamento humano se encontram na mente de Deus<sup>348</sup>.

O pensamento humano não é criado pelo homem, mas por Deus. Logo, o homem somente poderia ter consciência de que está pensando. Ele, porém, não poderia ter uma ciência do pensamento. A constatação cartesiana de que se pensa seria capaz apenas de proporcionar um conhecimento verossímil, não científico<sup>349</sup>. Sobre o tema, Francisco Gómez acrescenta na forma de nota ao *De Ant*:

(...) “Penso, logo sou” e não como, segundo Vico, deveria haver se afirmado: “penso, logo existo”, já que não se trata de uma ciência da própria essência, senão de uma consciência da própria existência, pois, ao ser a essência humana uma criatura de Deus, não está ao alcance do homem o conhecimento de tal ciência, que estaria reservada à esfera divina. Somente em Deus, por consequência, conhecemos nossa mente<sup>350</sup>.

O *certum* é o conhecimento verossímil da humanidade. É o conhecimento comum. Ele está relacionado ao *dictum*. Para Vico, o cogito cartesiano é apenas um conhecimento intuitivo de caráter verossímil e, portanto, um *certum*. Quando Descartes tenta estabelecer um método para o conhecimento de algo certo e evidente com a formulação do “penso, logo existo”, ele afirma chegar a uma ciência ou verdade que nem mesmo os cétricos poderiam abalar. Em outras palavras, ele pretendia que o cogito fosse um *verum*, e Vico vai aproximá-lo dos dogmáticos por conta disso. Para os cétricos, o *cogito* seria apenas um *certum*. Segundo Damiani, Vico teria contornado os problemas que surgiriam entre cétricos e dogmáticos em sua formulação de ciência das causas. Conforme ele escreve: “O recurso ao conceito clássico de ciência como conhecimento por causas permite que Vico impugne o

---

por “sou” não seria sem motivo.

347 Descartes recebeu essa mesma crítica em vida e a respondeu, conforme estudo de MILES, 2011, p. 150-154.

348 DAMIANI, 2000, p. 45-46.

349 Sobre a viabilidade do *cogito* ser uma ciência para Vico, Girard afirma: “vê-se de maneira recorrente o filósofo napolitano [Vico] criticar o valor metafísico que Descartes lhe atribuía, sublinhando que o *cogito* se limita a oferecer tão somente um simples ‘signo indubitável’ de meu ser, mas jamais uma ‘ciência’”; GIRARD, 2018, p. 256.

350 GÓMEZ, Francisco J. N., 2002, nota 61 ao *De Ant*, 2002, p. 270.

*cogito* cartesiano como não verdadeiro; ao mesmo tempo que refuta o ceticismo mediante a formulação do princípio *verum ipsum factum*<sup>351</sup>.

Para Vico, o cogito não tem condição de ser um *verum*, pois o homem não é o autor da mente e nem do pensamento. Segundo Silva Neto, o cogito sequer teria condição de ser um fundamento metafísico. As certezas que foram proporcionadas pela ciência foram confundidas pela metafísica moderna com uma sublime iluminação divina e com a existência de ideias inatas, tal como as verdades matemáticas ou de que penso e existo, desprezando que eram conhecimentos criados pelos homens e não eram divinos. De acordo com a interpretação da teoria de Vico, ele afirma que “o cogito cartesiano seria, por isso, um fundamento infundado da metafísica”<sup>352</sup>.

Somente Deus teria a condição de ter inteligência, porque ele é capaz de ter todos os elementos que Ele criou em sua mente. O homem teria o *cogito*, que é a faculdade de representação das coisas que estão fora de si em sua mente. Os pensamentos se formam em sua mente como uma imagem das coisas que poderiam ser entendidas pela inteligência, e no homem essa inteligência opera de forma limitada. Enquanto Deus teria um entendimento “tridimensional” da natureza, o homem formaria apenas um pensamento “bidimensional” das coisas<sup>353</sup>.

O *factum* é o feito que pode ser conhecido por seu autor. De acordo com o princípio *verum ipsum factum*, somente o autor de algo é que pode conhecer plenamente a sua obra. A consciência de que se está pensando não é um *factum*, porque não foi produzido, mas antes, teria sido apenas intuído por Descartes<sup>354</sup>. No campo da intuição estão os conhecimentos do *certum*, que preservaram a humanidade. O *verum*, conhecimento verdadeiro, só poderia ser estabelecido sobre o *factum* humano, ou seja, o que foi produzido pelo próprio humano, como sua história, poesia, aritmética e geometria<sup>355</sup>.

---

351 DAMIANI, 2000, p. 51.

352 SILVA NETO, 2012, p. 216.

353 *De Ant*, 2002, cap. I, I, p. 134.

354 Silva Neto afirma: “o *cogito* estaria fundado, então, num senso comum ou numa consciência vulgar”; SILVA NETO, 2012, p. 217.

355 DAMIANI, 2000, p. 125 – 126.

Para Vico, a união entre o *factum* e o *verum* gera o *verbum*<sup>356</sup>. O *verbum* é a própria criação de Deus, que no Gênesis aparece na expressão “no princípio era o verbo”<sup>357</sup>. Segundo ele, o ato de criação se converte com a palavra. Na *Ciência nova*, os homens também criam o mundo humano pelo uso de uma linguagem de gestos e, mais tarde, pela palavra.

Para Damiani, o princípio do *verum* e *certum* de Vico é uma oposição ao critério de evidência pretendido por Descartes, pois a tentativa deste de estabelecer um conhecimento verdadeiro a partir de seu *cogito* implicaria fundar o método em uma intuição não científica. E isso, por sua vez, inviabilizaria o conhecimento pelas causas, pelas quais Vico pretendia estabelecer sua ciência ao se dedicar ao *factum* humano.

### **3.3 “Sobre o verdadeiro e o feito”: o conhecimento humano é criador**

Na primeira seção do primeiro capítulo de sua obra *De Ant.*, Vico estabelece a relação entre o *verum* e o *factum*. A ciência só é possível se for sobre o conhecimento verdadeiro. Em Vico, também permanece o ideal de que a ciência se faz sobre o verdadeiro. Em Deus há o *verum* de todas as coisas, pois sendo Ele o criador de tudo, todas as coisas estão n’Ele e convertem o *verum* e o *factum*<sup>358</sup>. A conversão que se dá entre *verum* e *factum* é um ato de criação que Vico explora no capítulo VIII, seção II, intitulada “Da vontade divina”, e seção III, intitulada “Do destino e o acaso”, quando afirma que a conversão entre *verum* e *factum* gera o *verbum* ou “palavra”.

O *verum* e o *factum* são conversíveis ou recíprocos<sup>359</sup>. Enquanto que em Deus o conhecimento é pura inteligência, no homem o conhecimento é apenas pensamento<sup>360</sup>. Vico utiliza de uma imagem para apresentar a limitação do conhecimento humano quando afirma que a mente divina vê as coisas sob a luz do

356 Cf. *De Ant*, 2002, cap VIII, III, p.189.

357 No *Antigo testamento*, *Gênesis* 3, 1; também encontrado no *Novo testamento*, em *João* 1, 1.

358 Cf. *De Ant*, 2002, cap. VIII, I, p. 188.

359 *De Ant*, 2002, p. 133.

360 *De Ant*, loc. cit.

Sol, enquanto que a mente humana, quando as concebe distintamente, ainda as vê à noite sob a luz da lâmpada e, enquanto as vê, não consegue perceber as demais coisas ao seu redor<sup>361</sup>. Esses argumentos tentam delimitar a respeito da possibilidade de os homens terem ou não uma ciência. Deus teria condições de conhecer o todo das coisas, enquanto que o homem poderia apenas conhecer os seus aspectos mais exteriores<sup>362</sup>. Ao que Lomonaco afirma que “a filosofia de Vico [...] persegue o duplo escopo de humilhar e exaltar o pensamento humano, constringendo-o, nos seus limites, à confiança de imitar a ciência divina com a liberdade poética do fazer engenhoso”<sup>363</sup>. Se a ciência é algo sobre o verdadeiro, seria possível ao homem uma ciência ou um conhecimento sobre o verdadeiro? Essa preocupação de Vico, que é apresentada como introdução em seu livro *Metafísico*, é um problema que se assemelha à dúvida cartesiana que está expressa nas *Meditações*.

No início das *Meditações*, Descartes se depara com a dificuldade do homem em ter um conhecimento verdadeiro, claro e distinto, sobre o qual possa fazer ciência. Até mesmo a verdade matemática que garante que a soma de dois mais três é cinco é colocada em dúvida, pois ela poderia ter sido colocada em seu espírito por um gênio enganador. Diante disso, o argumento do *cogito ergo sum* torna-se um alicerce de sua teoria e a sua ciência propõe estabelecer um método universal que seja capaz de produzir um conhecimento com clareza e distinção, evitando basear-se apenas em conhecimentos que sejam obscuros e confusos<sup>364</sup>, como aqueles que são proporcionados pelos sentidos e pela imaginação. A própria existência de um Deus perfeito, que me garante a verdade de que dois mais três é cinco, é uma verdade clara e distinta. Na obra *Princípios de Filosofia*, Descartes define a percepção clara da seguinte forma: “chamo conhecimento claro àquilo que é manifesto a um espírito atento: tal como dizemos ver claramente os objetos perante

---

361 *De Ant.*, 2002, IV, II, p. 161.

362 Sobre a dificuldade dos homens conhecerem os objetos da física, o autor Diana escreve: “podemos concluir, que, para Vico, tudo isso que, no mundo, ultrapassa os confins do *fazer* humano (os objetos da física, por exemplo), permanece para ele irremediavelmente *estranho*: por maiores esforços que possa realizar, o conhecimento que obterá dessas coisas será sempre incompleto, cheio de névoas e obscuridade”; DIANA, 2018, p. 233. Grifos do autor.

363 LOMONACO, 2018, p. 205.

364 Sobre o conhecimento claro e distinto em oposição ao obscuro e confuso, ver PATTERSON, 2011, p. 216 – 233.

nós, os quais agem fortemente sobre os nossos olhos dispostos a fitá-los”<sup>365</sup>. Ele apresenta, ainda, o conhecimento distinto como “aquela apreensão de tal modo precisa e diferente de todas as outras que só compreende em si aquilo que aparece manifestamente àquele que a considera de modo adequado”<sup>366</sup>.

Sobre a dificuldade humana de produzir o conhecimento, Descartes, na quarta meditação, afirma que “... minha natureza é extremamente fraca e limitada, ao passo que a de Deus é incompreensível e infinita...”<sup>367</sup>. Ele apresenta a limitação da capacidade humana do conhecimento, comparando-a com a divina, e elabora o argumento de que o homem só poderia conhecer algumas coisas e não tudo<sup>368</sup>. Nessa meditação, Descartes reconhece uma capacidade infinita de conhecimento em Deus<sup>369</sup>. Essa reflexão antecede a sua dissertação sobre as causas que geram o equívoco no espírito humano<sup>370</sup>, a saber: a sua capacidade de conhecer versus a sua capacidade de escolher:

(...) olhando-me de mais perto e considerando quais são meus erros (que apenas testemunham haver imperfeição em mim), descubro que dependem do concurso de duas causas, a saber, do poder de conhecer que existe em mim e do poder de escolher, ou seja, meu livre-arbítrio; isto é, do meu entendimento e conjuntamente de minha vontade<sup>371</sup>.

Nessa meditação, as causas do engano humano ocorrem pela aplicação da faculdade de julgar sobre a nossa capacidade de conhecer<sup>372</sup>. As causas do engano estariam relacionadas ao fato de nossa capacidade de escolher ser ampla e extensa e acabar por escolher as coisas que não entendemos, pois o entendimento é

---

365 DESCARTES, *Princípios*, 2016, primeira parte, art. 45, p. 43.

366 DESCARTES, loc. cit.

367 Id., *Meditações*, 2000-B, p. 294.

368 “Nas palavras finais das *Meditações*, ‘devemos reconhecer a fragilidade da nossa natureza’. Nossa falibilidade é inescapável; mas, uma vez que Descartes não está investido do objetivo de fornecer uma panaceia contra todo erro possível, isso não é fatal para seu projeto”. PATTERSON, 2011, p. 232.

369 A afirmação de Descartes é reforçada no artigo 24, primeira parte dos *Princípios*, cujo título é “Depois de termos conhecido que Deus existe, é necessário lembrarmo-nos de que o nosso entendimento é finito e que o poder de Deus é infinito”; DESCARTES, 2016, p. 36.

370 Id., *Meditações*, 1983-B, §§ 5-6, p. 116.

371 Ibid., quarta meditação, § 9, p. 117.

372 Ibid., quarta meditação, § 10, p. 119. No artigo 33, primeira parte dos *Princípios*, Descartes afirma: “Contudo, o que geralmente origina os nossos enganos é emitirmos juízos quando não temos ainda um conhecimento muito exato daquilo que julgamos”; id., *Princípios*, 2016, p. 39.



limitado e imperfeito, e o resultado disso seria a escolha de “o mal pelo bem ou o falso pelo verdadeiro”<sup>373</sup>.

Para Descartes, a imaginação e o pensamento do homem são limitados e imperfeitos<sup>374</sup>. Pelo contrário, a capacidade humana de escolher, ou livre arbítrio, seria infinita<sup>375</sup>. Dessa forma, para ele, os hipogrifos, as quimeras e as sereias surgem na imaginação humana pela recomposição na ideia dos homens de partes desses seres, que são, por sua vez, percebidos pelos sentidos<sup>376</sup>. Essas partes percebidas pelos sentidos devem ter alguma correspondência com a realidade, mas elas se configuram equivocadamente pelo uso da imaginação. Como a capacidade de conhecimento é finita e a de escolher é infinita, o homem acaba escolhendo o duvidoso como verdade e se engana. Na teoria cartesiana, a imaginação, enquanto um pensar e também como um sentido<sup>377</sup>, pode promover o engano e, portanto, não seria totalmente confiável para a fundação de um conhecimento claro e distinto. Descartes, então, prefere se deter naquilo que se apresenta ao seu espírito somente de forma clara e distinta ao entendimento e despreza os conhecimentos que lhe causem a menor dúvida<sup>378</sup>. O imaginar é um conhecimento limitado pelos sentidos; já o puro ato de compreender ou de conceber através do entendimento, diferentemente do anterior, viria a ser sua escolha para o fundamento de sua ciência<sup>379</sup>.

Essa escolha de Descartes fica destacada em sua sexta meditação, na qual ele apresenta os argumentos do triângulo e do quiliógono no confronto entre a capacidade da imaginação versus a do entendimento. Segundo Descartes:

---

373 Vico, quando discute a teoria do livre arbítrio versus a vontade divina segundo a teoria de Agostinho, escreve: “daí sucede que até mesmo em nossos erros não perdemos Deus de nossa vista: pois abraçamos o falso sob a aparência de verdadeiro, o mal sob a aparência de bem”; *De Ant*, 1999-2000, VI, p. 473.

374 DESCARTES, *Meditações*, 1983-B, quarta meditação, § 9, p. 118.

375 DESCARTES, loc. cit.

376 Ibid., terceira meditação, § 10, p. 101-102.

377 Ibid., segunda meditação, § 9, p. 95.

378 De acordo com Descartes: “Será mesmo muito útil rejeitarmos como falsas todas aquelas coisas em que pudermos imaginar a menor dúvida, de modo a que [se descobrirmos algumas que apesar de tal precaução] nos pareçam claramente verdadeiras, possamos considerar que também elas são muito certas e as mais fáceis que é possível conhecer”; Id., *Princípios*, 2016, primeira parte, art. 2, p. 27.

379 Id., *Meditações*, 1983-B, sexta meditação, §§ 2-6, p. 130 – 131.

Quando quero pensar em um quiliógono, concebo na verdade que é uma figura composta de mil lados tão facilmente quanto concebo que um triângulo é uma figura composta de apenas três lados; mas não posso imaginar os mil lados de um quiliógono como faço com os três lados de um triângulo, nem, por assim dizer, vê-los como presentes com os olhos de meu espírito<sup>380</sup>.

O entendimento teria uma capacidade superior à da imaginação, mesmo que a capacidade de escolha do homem seja infinta. O homem consegue compreender coisas pelo entendimento que a imaginação, ligada aos sentidos, teria dificuldades de compor, como por exemplo: imaginar, na mente, mil lados de uma figura geométrica seria muito difícil, mas ele pode entender perfeitamente os mil lados sem o recurso de uma imaginação que precise recompor o seu sentido de visão. Embora seja um recurso de abstração, o entendimento se distancia de algo que dependeria exclusivamente de algum dos sentidos corporais para a sua recomposição.

Outro exemplo utilizado por Descartes para demonstrar os limites dos sentidos e da imaginação frente ao entendimento é o argumento do pedaço de cera<sup>381</sup>. Na segunda meditação, ele esgota todas as possibilidades de conhecimento que os cinco sentidos e a imaginação poderiam lhe oferecer sobre a cera e demonstra que por meio do entendimento ele conseguiria ter um conhecimento sobre a cera que superaria os limites da imaginação, sendo ele um entendimento claro e distinto de que a cera seria algo “extenso, flexível e mutável”. Segundo o filósofo, “essa concepção que tenho da cera não se realiza por intermédio da minha faculdade de imaginar”<sup>382</sup>. Embora ele tenha diante de si um pedaço de cera que ele pode perceber pelos cinco sentidos e recompô-lo pela imaginação, o entendimento de que ele é extenso, flexível e mutável supera os simples dados dos sentidos e permite conhecer algo que seria incapaz de imaginar, como todas as formas que a cera poderia assumir.

Quando Descartes afirma que “(...) o homem, por ser de uma natureza finita, só pode ter um conhecimento de uma perfeição limitada”<sup>383</sup> ele admite que o homem poderia ter apenas um conhecimento limitado. Muitos equívocos advêm dos sentidos; portanto, deveria ser considerado como verdadeiro apenas aquilo que se

---

380 DESCARTES, *Meditações*, 1983-B, sexta medit., § 2, p. 130.

381 Ibid., segunda medit., § 12, p. 96.

382 DESCARTES, loc. cit.

383 Id., *Meditações*, 2000-B, sexta medit., p. 327.

apresentar como claro e distinto ao entendimento. Reforçando essa tese, ele recorre a outro exemplo: o caso dos doentes que, enganados por sua natureza, desejam beber ou comer coisas que poderiam prejudicar ainda mais a sua saúde<sup>384</sup>. Outro exemplo, ainda, é o caso da dor. É possível ter um conhecimento claro de que se sente dor, mas ele se apresenta como confuso a respeito de sua natureza ou até mesmo sobre em que local ela se encontraria exatamente no corpo extenso<sup>385</sup>. Algumas pessoas que sofreram amputação relatam que ainda sentem dores ou coceira nos membros que lhe foram amputados. Disso tudo, depreende-se que a dor pode se apresentar de forma clara no que diz respeito ao sentir a dor, mas ela é confusa quanto às suas causas ou aonde ela estaria<sup>386</sup>. A dor é um exemplo de algo que não poderia compor a ciência para Descartes, pois é um conhecimento claro e confuso. Na teoria cartesiana, somente o entendimento permitiria que o conhecimento claro possa ser distinto. Sobre o tema da dor, Vico concorda que ela proporcionaria um “conhecimento indefinido”, mas, ao mesmo tempo, ela representa os próprios limites do conhecimento do homem. Segundo Vico: “Sinto dor e não conheço forma alguma da dor, nenhum limite da enfermidade anímica: o conhecimento é indefinido, e, enquanto indefinido, digno do homem; a ideia de dor é vívida e luminosa como nenhuma outra”<sup>387</sup>.

Na conclusão das *Meditações*, Descartes ainda afirma que “é preciso confessar que a vida do homem está sujeita a falhar muito frequentemente nas coisas particulares; e, enfim, é preciso reconhecer a imperfeição e a fraqueza de

---

384 DESCARTES, *Meditações*, 1983-B, § 32, p. 139.

385 A dor é um exemplo de conhecimento claro sem ser distinto. No artigo 46, da primeira parte dos *Princípios*, Descartes escreve: “quando alguém sente uma dor aguda, o conhecimento que tem dessa dor é claro em relação a si, mas nem por isso é distinto, dado que geralmente o confunde com o falso juízo que faz acerca da natureza do que pensa estar na região da ferida, que crê ser parecido à ideia ou à sensação da dor que está no pensamento, embora só percepcione claramente a sensação [ou o pensamento confuso que está nele]. Assim, o conhecimento pode ser claro sem ser distinto; mas nunca pode ser distinto se não for claro [pelo mesmo processo]”; id., *Princípios*, 2016, p. 43.

386 Cf. PATTERSON, 2011, p. 219 – 223. No art. 67, da primeira parte do *Princípios*, Descartes escreve: “embora não acreditássemos que fora de nós, nos objetos exteriores, houvesse coisas semelhantes ao prazer ou à dor que sentíamos, por isso não consideramos tais sentimentos como ideias que estivessem apenas na nossa alma; todavia acreditávamos que estavam nas mãos, nos pés e noutra partes do nosso corpo. E no entanto não há razões para acreditarmos que a dor que sentimos no pé, por exemplo, seja algo fora do nosso pensamento mas que está no pé, ou que a luz que pensamos ver no Sol esteja no Sol, assim como a sentimos em nós. E se alguns ainda se deixam persuadir por uma opinião tão falsa é porque dão grande importância aos juízos que formularam quando eram crianças”; DESCARTES, *Princípios*, 2016, p. 52 – 53.

387 *De Ant.*, 1999-2000, IV, II, p. 464.

nossa natureza”<sup>388</sup>. Aqui, ele admite que a natureza humana é débil para o trabalho da produção de conhecimento. A saída que ele aponta para superar a proposta cética, que inviabilizaria o conhecimento, é o seu método universal, que produziria um conhecimento claro e distinto, quer ele esteja acordado, quer esteja dormindo. Além disso, Descartes retoma a dificuldade humana para construir o conhecimento, porque o homem é de natureza finita e limitada.

Vico, em sua *De Ant*, faz o mesmo esforço que Descartes se propôs nas *Meditações*: estabelecer uma ciência sobre o verdadeiro e demonstrar qual é a dificuldade humana nessa empreita. Em seu livro *Metafísico*, ao demonstrar as dificuldades humanas para estabelecer um conhecimento verdadeiro, Vico não elege a presença de um gênio enganador ou maligno que possa confundir o homem com relação a verdades matemáticas, assim como aparece em Descartes. Aliás, Vico até critica esse artifício do *gênio falaz* utilizado por Descartes, comparando-o ao estoico nas *Academicæ quaestiones* de Cícero, que recorre a um *deus ex machina* exterior que surge de repente e resolveria todos os problemas<sup>389</sup>. Este era um artifício comum ao drama grego na qual uma divindade surgia em cena e resolveria uma situação-problema na peça. Vico inicia sua obra estabelecendo a debilidade humana de conhecer e delimita que o conhecimento verdadeiro pertence a Deus, porque Ele seria o sumo “fazedor”, ou seja, é Ele quem primeiro fez todas as coisas e no conhecimento que tem de tudo convergem o verdadeiro e o feito<sup>390</sup>.

No *Discurso do método*, pode-se notar algumas coincidências entre Vico e Descartes, como por exemplo: “(...) não se pode compreender tão bem uma coisa, e torná-la sua, quando se aprende de outrem, como quando a gente mesmo a inventa”<sup>391</sup>. Descartes vale-se da identidade entre o conhecer e o fazer, como Vico. Em outro trecho, também do final do *Discurso*, Descartes afirma: “E se existe no mundo alguma obra que não possa ser tão bem executada por nenhum outro a não ser pela mesma pessoa que a iniciou, é naquela que eu trabalho”<sup>392</sup>. Nesse trecho,

---

388 DESCARTES, *Meditações*, 1983-B, §43, p. 142.

389 *De Ant*, 2002, I, III, p. 141

390 *Ibid.*, p. 134.

391 DESCARTES, *Discurso do método*, 1983-A, p. 67. O texto de Descartes que se segue depois do trecho citado parece ser uma crítica a Regius, pois, segundo ele, as pessoas que pareciam entender as suas teorias perfeitamente, quando as repetiam mudavam-nas de tal sorte que nem poderia mais confessá-las como sendo suas.

392 *Ibid.*, p. 69.

Descartes refere-se novamente à produção de seu método e de suas teorias científicas, nas quais somente o seu autor pode realmente conhecê-las. No entanto, Descartes deixa transparecer sua pretensão de conceber métodos e teorias definitivas. A afirmação toma maior distância da teoria de Vico se levarmos em consideração que, para Descartes, isso não significa que o objeto do conhecimento é o feito. Quando Vico discute sobre “os inconvenientes do método geométrico importado à física”, no *De Rat.*, ele afirma que “demonstramos as questões geométricas porque as fazemos; se pudéssemos demonstrar as físicas as faríamos”<sup>393</sup>, e apresenta um importante ponto de divergência com a teoria cartesiana, que pretendia ter verdades claras e distintas sobre a física ao importar o método geométrico para entendê-las. De acordo com Martirano:

É no *De rat.*, portanto, que Vico reconhece claramente os limites da análise e da crítica, que negam o verossímil e o senso comum, suplantando-os com a investigação de um critério rigorosamente racional e verdadeiro, que leva ao sujeito a consciência de pensar, mas incapaz de conduzir à ciência de si mesmo, dado que a consciência não pode atingir o nível do conhecimento das causas do próprio ser<sup>394</sup>.

Mesmo que aparente existir um ponto em comum entre o pensamento cartesiano e o viquiano na afirmação de que aquele que realmente pode conhecer algo é aquele que fez esse mesmo algo, deve se levar em conta que o princípio *verum ipsum factum* é um lugar-comum desse período da filosofia. Ele não é um princípio que foi estabelecido por Vico, mas é anterior e comum a este. Vico apropria-se de tal princípio para estabelecer a sua teoria sobre a ciência. Percebemos, inclusive, que esse é um argumento da conclusão da obra cartesiana e que também está presente no início do livro *Metafísico* de Vico. No entanto, Vico faz uso desse princípio para se distanciar em alguns pontos da teoria de Descartes.

Embora Vico, assim como Descartes nas *Meditações*, inicie a sua obra refletindo sobre a dificuldade humana de se estabelecer o conhecimento verdadeiro, ele adota a afirmação de que só se pode conhecer algo quando se é o autor desse algo como fundamento de sua teoria sobre a ciência humana. Ele emprega esse princípio como uma máxima para o estabelecimento de um conhecimento verdadeiro. Assim, Descartes pode conhecer bem o seu método, porque este foi por

---

393 *De Rat.*, 1998, IV, p. 411.

394 MARTIRANO, 2012, p. 253.

ele elaborado. E o homem, o que poderia conhecer? Qual ciência poderia ser estabelecida pelo homem?

Em Vico, os limites da capacidade humana de conhecer algo verdadeiro e estabelecer uma ciência verdadeira decorrem da própria forma como o homem produz o seu conhecimento. No texto de Vico, não há o recurso de um gênio maligno que possa iludi-lo ou de uma dúvida metódica que possa conduzi-lo. Não obstante, há o seu esforço por demonstrar como se procede e se constrói o conhecimento para o homem e como isso pode produzir um conhecimento verdadeiro ou não, sem necessariamente recorrer ao critério da clareza e distinção.

Vico delimita o termo *cogitare*, próprio do humano, como “pensar e andar recolhendo”, e o termo *intelligere* refere-se a “ler perfeitamente” e “conhecer abertamente”, o que seria uma atividade exclusiva de Deus<sup>395</sup>. Em Deus, o conhecimento é inteligência, no homem este é apenas pensamento<sup>396</sup>. O procedimento que o homem promove quando constitui uma ciência da natureza se dá pela decomposição dessa natureza em partes, em forma de análise. Para se estabelecer o conhecimento, é necessário que, após dividir as coisas em partes, o homem proceda a sua recomposição por meio de um processo criativo de síntese. Segundo Vico: “Deus conhece o todo, porque contêm em Si os elementos que compõe o todo; o homem, por sua vez, se empenha em sabê-lo dividindo. Assim, pois, a ciência humana parece uma sorte de anatomia das obras da natureza”<sup>397</sup>.

Para descrever como é possível uma ciência humana verdadeira, Vico reconstitui a forma como o homem produz o seu conhecimento. Ao deparar-se com os fenômenos que ocorrem na natureza, o homem não os compreende sem antes decompor a natureza em partes e depois reconstituí-las para integrar o seu conhecimento. A ciência humana, quando se debruça sobre seu objeto, decompõe as partes conforme elas se apresentam em sua exterioridade, como uma “sorte de anatomia”, e depois, com o uso da mente humana, tenta recompô-las de acordo com o modo como funcionariam na natureza. Esse processo de recomposição que é feito pela mente humana assume a característica de um conhecimento sintético, de

---

395 *De Ant*, 2002, p. 133. Cf. MARTIRANO, 2012, p. 257 – 258.

396 *De Ant*, 2002, p. 134.

397 *Ibid.*, p. 136.

criação e recomposição para Vico. O termo que ele utiliza para explicar esse processo no *De Ant.* é abstração<sup>398</sup>. Ou seja, o que Vico entende por abstração estaria relacionado a um tipo de conhecimento de recomposição pelo método criativo proporcionado pela síntese, não sendo análise.

Para Vico, a limitação da mente humana impõe que o homem, ao se deter sobre as coisas, perceba apenas os seus aspectos mais extremos e lhe torna incapaz de abranger o todo em seu entendimento<sup>399</sup>. Dessa forma, seria possível ao homem pensar nas coisas da natureza, mas ele não seria capaz de entender como elas realmente procedem. O homem seria um partícipe da razão<sup>400</sup>, no entanto ele não a possuiria e nem seria o seu “dono”. Se para o homem o conhecimento que lhe é possível é apenas aquele oriundo do que é mais externo das coisas, o conhecimento que ele terá da natureza será limitado.

Como Deus é o criador da natureza, a ciência divina sobre a natureza converte o verdadeiro no feito a partir de seus aspectos interiores e somente Ele poderia compreendê-la perfeitamente. No que concerne ao homem, o seu conhecimento da natureza é também sobre o feito que ele mesmo produz através de um conhecimento sintético dos seus aspectos mais exteriores, formando apenas uma imagem das coisas como uma espécie de pintura ou quadro. Sobre o conhecimento sintético no *De Ant.*, Martirano escreve:

Na realidade, em sentido plenamente dinâmico e criativo, a tópica é aquela arte que conhece o mundo da experiência com os caracteres poéticos (identificados na *Sn*): os lugares por meio dos quais os homens se reconhecem criando um senso comum. O nexa entre tópica e síntese permite descobrir a modalidade genética da invenção, cuja atividade consiste em chegar até os elementos simples para recompô-los ordenadamente, operação que coloca em evidência a relação que subsiste com o fazer-se originário das coisas. São argumentações que encontram uma elaboração teórica precisa no *De ant.*, no qual o critério da ciência

---

398 Vico reconstitui o termo abstração aproximando-o do método sintético. Segundo ele mesmo escreve: “mediante ao que **chamam abstração** [o homem] fingiu para si duas coisas: o ponto, ao que poderia descrever, e o uno, ao qual poderia multiplicar”; *De Ant*, 2002, I, II, p. 137. Grifos nossos. O processo de abstração pode se referir a duas coisas muito distintas entre si: a imaginação e o entendimento. Entretanto, Vico parece querer aproximar o termo abstração mais da imaginação do que do entendimento.

399 *De Ant*, 2002, p. 134.

400 Segundo Silva Neto: “o humano participa da razão já que é dotado da faculdade de colher os elementos das coisas e pode pensá-las (o *cogitare*), porém, não possui a razão absolutamente e está essencialmente impossibilitado de *reunir* a totalidade dos elementos da obra de Deus, não possuindo, portanto, a inteligência das coisas, a faculdade de demonstrá-las (o *intelligere*)”; SILVA NETO, 2012, p. 214. Também em MARTIRANO, 2012, p. 258.

cartesiana é suplantado definitivamente pela nova formulação centrada na capacidade produtiva da mente<sup>401</sup>.

Vico estabelece uma diferença entre o conhecimento que converte o verdadeiro e o feito enquanto gerado, que pertenceria a Deus, e o que converte o verdadeiro criado, próprio dos homens<sup>402</sup>. No homem, o que se pode constituir como ciência da natureza é um conhecimento sempre artificial, que não abarca todos os elementos, pois sua compreensão é finita e o procedimento que ele opera não consegue decompor todos os elementos, por sua própria limitação. Assim, a abstração<sup>403</sup> torna-se uma ferramenta importante para superar tal limitação quando proporciona ao homem recompor pelo processo sintético aquilo que foi decomposto pelo processo analítico. A aritmética, a geometria, sua própria história, estes seriam alguns dos exemplos daquilo que o homem é capaz de gerar e que ele pode conhecer e entender inteiramente, pois é seu autor.

Sobre a capacidade humana de estabelecer um conhecimento, Vico define a *ratio* humana como um recolhimento de informações, que diferencia o homem dos “animais brutos”<sup>404</sup>. A capacidade que este tem é a de recolher e recompor as informações das quais ele dispõe. Pensar, que é a propriedade humana, é “andar recolhendo”. Entender, que é a faculdade divina, é compreender inteiramente as coisas. As ideias são símbolos e sinais das coisas e as palavras são também símbolos e sinais das ideias<sup>405</sup>. A propriedade de entender compreende todos os elementos de uma coisa, sejam seus aspectos mais exteriores ou interiores<sup>406</sup>. Como o homem não é o criador da natureza, os elementos que ele pode recolher pela razão e compor em ideia são apenas os exteriores. Daí, a importância que Vico atribui à abstração<sup>407</sup>, como elo para a produção do conhecimento humano.

---

401 MARTIRANO, 2012, p. 255.

402 *De Ant*, 2002, p. 134. Cf. SILVA NETO, 2012, p. 214.

403 Retomamos a perspectiva que a palavra abstração é tomada em um sentido que a aproxima mais do raciocínio sintético do que propriamente analítico e, portanto, é reconstituída.

404 De acordo com Vico: “Razão”, por outro lado, significava para eles tanto uma agrupação de elementos aritméticos como um dom próprio do homem pelo qual se diferencia e se eleva por sobre os animais brutos: vulgarmente descreviam ao homem como animal ‘partícipe da razão’, de modo algum seu dono”; *De Ant*, 2002, p. 133. Vico apresenta uma diferença que os antigos estabeleciam entre os “animais brutos” e os “animais ‘partícipes da razão’” no início do capítulo I, seção I do *De Ant*, atribuindo aos homens a característica de animais partícipes da razão.

405 *De Ant*, loc. cit.

406 *Ibid.*, p. 136.

407 *Ibid.*, p. 137.



Se diante das coisas o homem só é capaz de conhecer os seus aspectos mais exteriores e, ao decompô-las por análise, somente por abstração pode recompô-las e organizá-las em uma síntese de um conhecimento artificial, o conhecimento que o homem tem sobre a natureza não teria a condição de ser claro e distinto, como desejava a teoria cartesiana<sup>408</sup>. A abstração, ou imaginação, que recompõe aquilo que é percebido pelos sentidos, assume o papel de recomposição e produção de um conhecimento não perfeito, pois é sobre o feito da criatura, ou seja, algo que foi criado pelo homem, uma imagem. “O físico não pode definir as coisas segundo a verdade”<sup>409</sup>. O homem recompõe a natureza pela síntese e pela imaginação.

Essa divisão que a mente humana precisa executar sobre a natureza para produzir algum conhecimento consiste em um tipo de anatomia da natureza. No entanto, a abstração é relacionada às faculdades dos sentidos, da memória, da fantasia e do intelecto<sup>410</sup>. Semelhante a Descartes, Vico afirma que os “hipogrifos e centauros são verdades da natureza falsamente mesclados”<sup>411</sup>. Mesmo assim, no *De Ratione* Vico afirma que “a memória, que, se não o mesmo, é certamente quase o mesmo que a fantasia, é preciso que se cultive encarecidamente nos jovens, que não se sobressaem em nenhuma outra faculdade mental”<sup>412</sup>. Vico não despreza tais faculdades da memória, da fantasia e dos sentidos para o conhecimento do homem, porém percebe que elas podem levar ao falso e ao engano. Para que se evite o falso e o engano, Vico recomenda o emprego das três faculdades do conhecimento: perceber, julgar e raciocinar. A capacidade de perceber e de descobrir se daria por meio da tópica, enquanto ação de unir os extremos distantes; a de julgar ocorreria por meio da crítica, enquanto capacidade de análise; e a de raciocinar seria por meio método. Mesmo assim, o homem precisaria estar atento, pois geralmente ele

---

408 Martirano afirma que “de fato, o critério das ideias claras e distintas é declarado inaplicável [...], bem como a separação entre razão e corpo, e o fazer geométrico torna-se o modelo exemplar de toda a ciência humana em virtude de seu caráter sintético. Assim, se deve afirmar que, contra Descartes [...], Vico põe o homem concreto, cujo comportamento opera de acordo com uma dimensão cognitiva que, participando daquela divina, torna verdadeira toda a realidade humana e por isso desloca o interesse próprio das disciplinas científicas àquelas humanistas”. MARTIRANO, 2012, p. 255.

409 *De Ant*, 2002, p. 138.

410 *Ibid.*, p. 179.

411 *De Ant*, loc. cit.

412 *De Rat*, 2002, III, p. 82.

percebe o falso, julga temerariamente e raciocina erroneamente. A construção de um conhecimento que procura pela verdade não poderia dispensar a abstração e a imaginação em seu processo. A ordem entre os raciocínios analítico e sintético fica mais complexa quando comparamos as obras primeiras. Porém, avaliando melhor os conceitos de abstração e imaginação pode-se desfazer uma possível confusão.

### ***Abstração e imaginação em Vico***

Sobre o processo de abstração, Vico afirma na *De Ant.* que “mediante ao que chamam abstração [o homem] fingiu para si duas coisas: o ponto, que poderia descrever, e o uno, que poderia multiplicar”<sup>413</sup>. Em Vico, a abstração está relacionada ao processo humano criador que permitirá a construção da geometria e da aritmética. Vico assume um novo sentido para o termo abstração que o aproxima da síntese e da imaginação, sem afastá-lo definitivamente do entendimento, o qual parece estar mais próximo de um raciocínio analítico.

Manuela Sanna<sup>414</sup> apresenta que a tradição moderna, principalmente em Descartes, Leibniz e Espinosa, promoveu uma separação entre os domínios do entender e do imaginar. De maneira geral, o entender estaria relacionado ao intelecto, *intelligere*, sendo algo que o homem poderia entender mas que ele não seria capaz de imaginar. De outra forma, o imaginar, relacionado ao imaginário, *imaginatio*, seria algo que estaria relacionado ao sentir, porém que não seria possível de entender. No campo da abstração, a tradição teria a imaginação e o entendimento como duas coisas distintas. Segundo a autora, essa tradição conceberia que o processo de evolução da humanidade permitiu entender coisas que não se podia imaginar pois o processo de abstração privou o homem de pensar com o corpo<sup>415</sup>, levando-o a “despir-se” do hábito corporal para “vestir-se” do raciocínio “geométrico” de nexos dedutivos. Ou seja, para a tradição moderna a imaginação estaria presa aos sentidos, portanto ao corpo, e o entender estaria livre das limitações sensoriais.

---

413 *De Ant.*, 1999-2000, I, II, p. 449.

414 SANNA, 2018, p. 285 – 304.

415 *Ibid.*, p. 286.

Se, para a tradição, a imaginação está relacionada aos sentidos e os sentidos estão diretamente ligados ao corpo, Vico reconsidera o papel do corpo e sua relação com o conhecimento; o que, por consequência, vai impactar em sua concepção sobre a função da imaginação na produção do conhecimento. Para Vico, a existência do homem no mundo se dá com o corpo, e a possibilidade de ele perceber esse mundo também se dá com esse corpo, a partir de sua corporeidade; o corpo é, portanto, indispensável para o conhecimento. Para ele, o próprio corpo fornece um modo de ver o mundo enquanto um “pensamento do coração”<sup>416</sup>. No *De Ant.*, Vico associa coração e sabedoria com o termo *cordatus* e a estupidez ele associa à ausência de coração com o termo *excors*<sup>417</sup>. Segundo a sua reflexão, o coração seria o primeiro órgão a existir e palpitar na vida animal e o último a ser abandonado pelo movimento e o calor na morte. Isso se dá em oposição a teoria cartesiana de que a alma e o corpo estariam unidas pela glândula pineal, pois ele entende que o homem é alma e corpo, inseparável também de sua história. Segundo Vico:

E certamente nenhuma das escolas pagãs reconhece uma mente pura de corporeidade. E por esse motivo pensaram que toda obra da mente é sentido, isto é, que qualquer coisa em que a mente seja agente ou paciente é um contato de corpos. Mas, nossa religião ensina que esta é totalmente incorpórea, e nossos metafísicos afirmam que, enquanto os órgãos corpóreos da sensibilidade são movidos pelos corpos, nessa ocasião, eles são movidos por Deus<sup>418</sup>.

Embora os modernos tratem de elementos que pertençam aos sentidos e da inteligência de maneira separada, Vico se esforça para demonstrar que eles não estão isolados, mesmo concordando com a constatação de que são diferentes. Na *Ciência nova*, quando se dedica a explicar como eram os primeiros homens, os *bestioni*, ele afirmará que a vasta imaginação de suas mentes estaria toda imersa nos sentidos, tendo estas sido tiranizadas pelas paixões e sepultadas nos corpos<sup>419</sup>.

---

416 SANNA, 2018, p. 301.

417 cf. *De Ant.*, 1999-2000, V, II, p. 471.

418 *Ibid.*, VII, II, p. 475.

419 SANNA, 2018, p. 291. Segundo Vico, nem sequer é possível entrar na vasta imaginação daqueles primeiros homens, pois: “assim nos é agora naturalmente negado poder entrar na vasta imaginativa daqueles primeiros homens, cujas mentes em nada eram abstractas, em nada eram subtis, em nada espiritualizadas, porque estavam todas imersas nos sentidos, todas reprimidas pelas paixões, todas sepultadas nos corpos: pelo que dissemos acima que agora apenas se pode compreender, não se podendo completamente imaginar, como pensariam os primeiros homens que fundaram a humanidade gentílica.” *SN*, 2005, § 378, p. 215 – 216.

Para Descartes, os homens primitivos sequer teriam alma<sup>420</sup>, conceito ao qual Vico se opõe. A primeira idade da história dos homens, por um erro da imaginação, criou deuses por meio da fantasia<sup>421</sup>. Ao perceberem o raio no alto da montanha, eles acreditaram que um deus do raio se manifestava para eles e, por consequência disso, se estabeleceram na montanha para se aproximar desses deuses, dando início à religião pagã; tempos depois, eles celebrariam matrimônios para não ofender tais deuses, e determinariam propriedades por meio da experiência de permanecerem junto às sepulturas de seus antepassados e suas terras, originando a vida em sociedade por meio de três elementos comuns a toda a humanidade: a religião, o matrimônio e a sepultura. Entretanto, estando totalmente imersos no corpo até então, esses homens ainda não teriam a capacidade de reflexão, e os seus sentidos permitiriam que estivessem cheios da capacidade inventiva de fantasia. De acordo com Vico:

(...) os povos [primitivos], os quais eram quase todos corpo e quase sem nenhuma reflexão, deviam possuir todos vívido sentido para sentirem os particulares, forte fantasia para os aprender e aumentar, agudo engenho para os reportar aos seus gêneros fantásticos e robusta memória para os reter. Faculdades essas que pertencem, é verdade, à mente, mas adentram as suas raízes no corpo e pelo corpo ganham vigor<sup>422</sup>.

Conforme o curso das nações avança, o homem tende a afastar o seu conhecimento dos sentidos e do corpo. Um pouco mais adiante na *Ciência nova*, Vico afirma que o entendimento buscou distanciar-se dos sentidos quando ele escreve que “a metafísica abstrai a mente dos sentidos”<sup>423</sup>.

420 Na quinta parte do *Discurso*, ao dissertar sobre a alma humana, Descartes estende sua concepção de natureza, enquanto mecânica, ao corpo extenso da natureza. Dessa forma, os animais seriam comparados a um relógio ou máquina em seu funcionamento mecânico. Quando ele reflete sobre a possibilidade de um corpo humano sem alma, ele assim descreve: “(...) satisfiz-me em imaginar que Deus formasse o corpo de um homem inteiramente semelhante a um dos nossos, tanto no aspecto exterior de seus membros como na conformação interior de seus órgãos, sem compô-lo de outra matéria exceto aquela que eu descrevera, e sem colocar nele, no início, alma racional alguma, nem qualquer outra coisa para servir-lhe de alma vegetativa ou sensitiva, mas sim avivasse em seu coração um desses fogos sem luz que eu já explicara, e que não concebia outra natureza a não ser a que aquece o feno quando o guardam antes de estar seco, ou a que faz ferver os vinhos novos quando fermentam sobre o bagaço”; DESCARTES, *Discurso*, 2000, p. 73. Para Descartes, a capacidade de “ordenar palavras” em um discurso, cf. p. 82, presente até mesmo nos loucos ou pessoas nascidas “surdas e mudas”, é um sinal da diferença entre os homens e os animais. Um homem sem alguma forma de linguagem não seria um homem, mas apenas um animal inanimado determinado por ações mecânicas.

421 *SN*, 2005, § 916, p. 669.

422 *Ibid.*, § 819, p. 623 – 624.

423 *Ibid.*, § 821, p. 625.

Mesmo assim, Vico não separa por completo a corporeidade do intelecto, pois as faculdades da mente do homem são: o sentido, a fantasia, a memória e o intelecto<sup>424</sup>. Ou seja, o entendimento, que fora entendido pelos modernos como algo abstraído dos sentidos, é, segundo Vico, proporcionado pelo intelecto, que, por sua vez, é uma das faculdades da mente humana entre outras, tal como: a memória, a fantasia e o sentido. Sobre a capacidade que o sentido tem de criação Vico escreve: “pois, se os sentidos são faculdades, vendo fazemos as cores das coisas; degustando-lhes, seus sabores; ouvindo-as, seus sons; e tocando-as, fazemos o frio e o quente”<sup>425</sup>. Ou seja, é a mente humana que cria as cores, os sabores, os sons, o frio e o quente. Todos eles são construções humanas que passam pelos sentidos e a mente humana dá sentido, ou melhor, um significado àquilo que ela percebe<sup>426</sup>. O intelecto que se debruça sobre os dados provenientes dos sentidos não pode dispensá-los porque ele também é uma construção a partir das sensações do corpo. O sentido, a fantasia, a memória e o intelecto são igualmente faculdades humanas. A imaginação do homem é composta pela memória, que recorda; pela fantasia, que modifica e falsifica; e pelo engenho, que acomoda e arranjam as coisas<sup>427</sup>. O conhecimento do homem é sempre uma criação que ele faz sobre a natureza, sendo esta a sua criação sobre algo. Ou melhor, o conhecimento humano sobre o mundo, em essência, é sempre sua própria imagem criativa sobre ele. No entanto, isso gera muitas dificuldades.

A tradição moderna, principalmente em Descartes, Leibniz e Espinosa, associa a imaginação não à existência, mas à representação e ao domínio da fantasia e do erro, enquanto que a memória seria resultante daquilo que é percebido pelos sentidos e estaria livre dos produtos da fantasia<sup>428</sup>. Ainda assim, “a imaginação tem, considerando a percepção, um caráter de imperfeição, porque evoca um objeto

---

424 De maneira mais completa, podemos afirmar que aquilo que compõem as faculdades da mente do homem, são: o sentido, a fantasia, a memória, o intelecto e a vontade. Contudo, para nos manter mais próximos ao texto do *De Ant.* excluiremos, por enquanto, a vontade.

425 *De Ant.*, 1999-2000, VII, I, p. 474.

426 Cf. LOMONACO, 2018, p. 200 – 201.

427 *SN*, 2005, § 819, p. 624. Cf. SANNA, 2018, p. 294 – 295. Embora a literatura aponte imaginação e fantasia como idênticas, aqui faremos tal distinção para facilitar a explicação, pois memória, fantasia e imaginativa seriam como uma mesma coisa para Vico. Daí preferirmos tentar seguir as descrições que foram apresentadas no *De Ant.* para organizar melhor o texto. Sanna apresenta o engenho como parte da capacidade imaginativa.

428 SANNA, 2018, p. 288 – 289.

posto como nada (...); ela conserva, com um esforço mental, o ‘objeto da imagem’<sup>429</sup>. Essa tradição toma a imaginação como *fictio*, isto é, algo fantástico, irreal, e como uma combinação entre elementos conhecidos gerados como imagem. Por outro lado, a memória, que é relacionada ao já vivido e ao real, é mais conservadora do que criativa; porém, por sua característica de *eikòn*<sup>430</sup>, ela ainda assim enganaria mais do que a imaginação<sup>431</sup>.

Para Vico, a chave da racionalidade estaria entre o imaginar e o entender<sup>432</sup>. Pela dificuldade que se configura entre o imaginar e o entender “o homem luta para conhecer e reconhecer aquilo que não está diante dos seus olhos”<sup>433</sup>, tentando conceber como presente aquilo que não está diante de seus sentidos. A abstração que foi promovida ao longo do curso das nações pela linguagem, pela escrita e pela matemática resultou em um distanciamento do saber poético e passional privado de consciência, que pertencia à primeira natureza humana<sup>434</sup>. O saber do tipo intelectual não configura em Vico, ainda assim, como uma superação cronológica do saber imaginativo. Essa distinção entre o imaginar e o entender é fundamental para Vico distinguir a sabedoria recôndita, ou refinada, da sabedoria vulgar<sup>435</sup>, do saber enquanto um “*sentir renovado*” próprio da vida humana<sup>436</sup>. Tempos depois de Vico, percebe-se na teoria de David Hume que, quando imaginamos, estamos imitando percepções advindas dos sentidos e as ideias da memória não seriam mais vivas do que as que advém da imaginação<sup>437</sup>.

---

429 SANNA, 2018, p. 289.

430 Um ícone de algo.

431 Ibid., p. 293.

432 Ibid., p. 286.

433 Ibid., p. 287.

434 Ibid., p. 291.

435 Vico apresenta uma diferença entre a sabedoria *riposta*, ou recôndita ou ainda refinada, e a sabedoria vulgar ou comum. Sobre a sabedoria *riposta*, Santos escreve: “A tradução desse termo é muito difícil. Sabedoria *riposta* significa literalmente ‘recolocada’. Nesse sentido, a sabedoria seria ‘recolocada’ pelo fato de a sabedoria poética haver já estabelecido mediante a fantasia todos os elementos do conhecimento humano sob a forma de conceitos fantásticos; mais tarde, na idade da razão, tais elementos teriam sido ‘recolocados’ sob a forma de conceitos abstratos. Entretanto há um outro sentido de matiz sociológico, segundo o qual a sabedoria *riposta* estaria em oposição à sabedoria vulgar, significando assim ‘reservada’, vale dizer, sabedoria que não seria acessível a todos”; SANTOS, 2005, p. 22.

436 cf. SANNA, 2018, p. 287.

437 Ibid., p. 288.

Para Sanna, a “imaginação se oferece assim como um saber específico da linguagem do mito, isto é, como um conhecimento peculiar à infância da humanidade porque vinculado à esfera mais propriamente emotiva, mas, ao mesmo tempo, uma forma cognitiva contraposta ao entender”<sup>438</sup>. Ou seja, os primeiros homens, imersos nos sentidos, teriam na fantasia a criação do mundo humano. O processo que distanciou o homem do saber poético, ou mítico, também resultaria de uma categoria de abstração que ocorreu por meio da linguagem, da escrita e da matemática. De acordo com Sanna: “A abstração marcada pelo nascimento da linguagem, o aguçamento produzido pela escrita e a materialidade decorrente do uso da linguagem matemática foram delineando a distância de um saber poético passional e privado de consciência”<sup>439</sup>.

Tanto Intelecto quanto fantasia são *facultates* humanas. Por meio de três operações mentais o homem percebe, julga e raciocina. E com frequência, ele percebe o falso, julga temerariamente e raciocina erroneamente<sup>440</sup>. Segundo Vico, a capacidade de perceber e de descobrir se dá pela tópica, a de julgar ocorre por meio da crítica e a de raciocinar pelo método. Assim, as três operações mentais são dependentes entre si, pois a tópica não funciona corretamente sem a crítica; e a arte da descoberta não pode se desfazer da arte do juízo; da mesma forma, o intelecto não funciona sem o engenho. O “olho” do intelecto é o juízo e o “olho” do engenho é a fantasia<sup>441</sup>. Ou seja, no processo de abstração da mente humana, o intelecto não tem como atuar sozinho porque ele não tem capacidade criativa, pois isso cabe ao engenho. A fantasia e a memória, que estariam mais próximos dos sentidos e das imagens, são importantes para a criatividade do engenho, que, por sua vez, deve ser investigado pelo intelecto a fim de produzir conhecimentos verdadeiros e novos.

Para Vico, a fantasia é uma “faculdade certíssima, pois enquanto a usamos fingimos em nós as imagens das coisas”<sup>442</sup>. Para ele, o certo e o verdadeiro não são as mesmas coisas. Ao afirmar que a fantasia é certíssima, podemos dizer que ela é criadora de ficções que o homem finge para si, tal como as ficções que ele cria da

---

438 SANNA, 2018, p. 290.

439 Ibid., p. 291.

440 *De Ant*, 1999-2000, VII, V, p. 477.

441 Ibid., VII, V, p. 480.

442 Ibid., VII, I, p. 474.

geometria e aritmética, da história, da poesia<sup>443</sup> e da linguagem, assim como das coisas relativas ao sentido, como: as cores, o frio e o quente, etc. O certo é sempre um conhecimento verossímil, diferente do verdadeiro. Sentido, fantasia, memória e intelecto operam, enquanto faculdades humanas, na construção de seu conhecimento por meio das operações mentais de perceber, julgar e raciocinar. Sanna afirma que “a fantasia é também uma capacidade, porque produz uma representação do seu objeto e põe assim em movimento um juízo, que é da alma”<sup>444</sup>. Sendo assim, a mente humana celebra a sua divina<sup>445</sup> natureza com a imagem que produz sobre a natureza de forma engenhosa por meio da fantasia. A categoria viquiana da imaginação se constitui enquanto perspectiva de um conhecimento “ingênito” do homem<sup>446</sup>.

A faculdade do intelecto depende do engenho, que é a “virtude mental de unir rápida, apta e felizmente coisas separadas”<sup>447</sup>. Engenho e natureza seriam o mesmo para os latinos, pois o engenho humano poderá ser a natureza humana. As ciências da aritmética e da geometria são atribuídas à prática dos engenheiros. O saber por imagens fez com que a língua italiana, rica em imagens, produzisse um saber agudo em pintura, escultura, arquitetura e música superior ao das demais nações, segundo afirma Vico no *De Rat.*<sup>448</sup>. A fantasia, “olho” do engenho humano, é o que permitiu aos homens criar a matemática quando fingiram o ponto e também o uno. Inclusive, Vico considera a geometria como uma *poiesis*, comparando os primeiros geômetras a poetas, enquanto criadores de algo.

Vico considera no *De Ant.* que a memória, para os latinos, é o mesmo que recordar e também é a faculdade pela qual configuramos a imagem; ele também

---

443 Vico não despreza o conhecimento dos poetas como uma criação falsa. Ele afirma que “os poetas miram a verdade na ideia, isto é, no universal”; *De Rat*, 1998, VIII, p. 418.

444 SANNA, 2018, p. 298.

445 Divina porque ela se assemelha em imagem ao Deus criador da natureza. A mente humana, sendo imagem da perfeição, sempre será imperfeita. O modelo de conhecimento que pode ter melhores resultados sobre a natureza seria aquele que, entendendo sua maiúscula limitação de conhecimento, opera por instrumentos sobre a natureza e a interroga por meio de experimentos para confirmar seus juízos imperfeitos sobre aquilo do qual ele não é autor. O conhecimento que surge disso é uma ficção humana da natureza que pode ser aceita se resultar em um conhecimento útil para a humanidade.

446 SANNA, 2018, p. 299.

447 *De Rat*, 1998, VII, p. 417. No *De Ant*, Vico a define escreve: “Engenho é a faculdade de unir em um só coisas dispersas e diversas; os latinos o chamaram ‘agudo’ ou ‘obtusos’”; *De Ant*, 1999-2000, VII, IV, p. 476.

448 *De Rat*, 1998, VII, p. 418.



considera que a fantasia seria o mesmo que “imaginação” tanto para gregos quanto para italianos<sup>449</sup>. No *De Ratione*, ele afirmará que memória é “quase o mesmo que fantasia”<sup>450</sup>. A pintura, a poética, a oratória e a jurisprudência são áreas do conhecimento ricas em memória e fantasia; ainda segundo Vico, o agudo poder do engenho está em relacionar as imagens, o que seria semelhante à arte indutiva que os médicos realizam para descobrir o tratamento de diferentes doenças. A fantasia é mais próxima da poesia e da pintura, enquanto que a memória o seria da jurisprudência<sup>451</sup>. Ambas, memória e fantasia, devem ser valorizadas no processo de formação e educação dos jovens para garantir que eles sejam verazes nas ciências, experimentados na prudência e férteis na eloquência. Tal atitude evitaria que estes se tornassem temerários ou dogmáticos<sup>452</sup>.

Dessa forma, a memória, a fantasia e o engenho são os componentes da imaginação humana que criam o mundo humano e a sua ciência. A imaginação, além de necessária para a educação dos jovens, é também necessária para a produção da ciência, que precisa de engenho para unir elementos distantes e produzir um conhecimento sempre criativo e dinâmico. Os erros da fantasia devem ser depurados pelo método crítico em um outro momento do conhecimento, no qual atua o intelecto, o entendimento. A respeito da teoria de Vico sobre os erros da fantasia que criam hipogrifos, centauros e outros seres, Lomonaco escreve que:

a mente humana não pode imaginar objetos inexistentes ou que não foram por ela experimentados e metidos na memória, como atesta o exemplo da origem lucreciana dos Centauros (combinado com a ‘reminiscência’ platônica e a concepção epicurista dos deuses) como imagens constituídas de elementos realmente existentes na natureza, mas ‘*vera naturae falso mixta*’<sup>453</sup>.

Mesmo que a fantasia crie centauros, há alguma relação desses seres com elementos que foram antes apresentados aos sentidos, guardados na memória e combinados pela fantasia. Vico não ignora o princípio aristotélico de que nossos conhecimentos provêm das sensações, ou melhor, *nihil est in intellectu quod prius*

---

449 *De Ant*, 1999-2000, VII, II, p. 475.

450 *De Rat*, 1998, III, p. 408.

451 *Ibid.*, III, p. 410.

452 *De Rat.*, loc. cit.

453 LOMONACO, 2018, p. 203.

*non fuerit in sensu*<sup>454</sup>. Por outro lado, no processo de abstração que depura o falso, temos que o entendimento sozinho não é capaz de produzir novos conhecimentos. O seu papel é muito específico e estaria mais próximo ao do método crítico. Vemos isso claramente no *De Rat.*, quando Vico afirma que o método crítico de seu tempo, que pretende afastar-se da corporeidade, “cega a fantasia e sepulta a sua memória”<sup>455</sup> resultando em uma deficiência para o engenho criativo na formação dos jovens e em prejuízos para o pensamento científico na descoberta de novos conhecimentos. A imaginação, que comporta as faculdades da memória, da fantasia e do engenho, é indispensável para o processo de abstração do homem que cria a ciência.

### **3.4 Análise e síntese: a ciência humana enquanto uma sorte de “anatomia” das obras da natureza**

Para explicar como ocorre o processo de análise e síntese do conhecimento<sup>456</sup>, Vico recorre a uma analogia da anatomia humana. Deste modo, a ciência humana constitui-se numa divisão das partes elementares da natureza, na qual, por exemplo, o homem separa corpo de alma, intelecto de vontade, e assim por diante:

(...) do corpo separou-se ou, segundo dizem, abstraiu-se a figura, o movimento, e desses, como de todas as demais coisas, extraiu-se o ser e o

---

454 “Não há nada na inteligência que não tenha sido primeiro percebido pelos sentidos”; cf. *De Ant.*, 1999-2000, VII, III, p. 475, vide nota 172.

455 *De Rat.*, 1998, VIII, p. 418.

456 De maneira muito simplificada, identificamos que Vico entende por análise o raciocínio com características silogísticas que não acrescentariam um conhecimento novo. Por síntese, Vico irá se referir a um tipo de conhecimento criativo que produz sempre algo de novo, criativo. Para essa simplificação, nós aqui adotamos uma interpretação das críticas de Vico ao cartesianismo presente na obra *De Ratione*. O estudo torna-se complexo porque o entendimento de análise e síntese em Descartes não é o mesmo que o de Vico, como tentamos organizar ao longo desse texto. Descartes assume uma perspectiva de que o raciocínio analítico tem características de descoberta, portanto, heurístico. E, para ele, a síntese estaria relacionada a conhecimentos *a priori*, indo das causas aos efeitos, não trazendo novidades. Se existe algum ponto em comum entre ambos filósofos talvez seja a preocupação de que a ciência deveria produzir sempre conhecimentos novos. No entanto, até mesmo o uso dos termos analítico e sintético foram tomados em sentidos opostos entre eles, até onde conseguimos perceber. A interpretação que Vico assume por analítico e por sintético talvez esteja mais próxima daquilo que, mais tarde, foi desenvolvida por Kant, quando buscou compreender os diferentes tipos de juízos. No entanto, essa aproximação a outro teórico tão denso não nos cabe nesse momento.

uno. E a metafísica contempla o ente, a aritmética o uno e sua multiplicação, a geometria a figura e suas dimensões, a mecânica o movimento desde sua órbita, a física o movimento desde o centro, a medicina o corpo, a lógica a razão, a moral a vontade<sup>457</sup>.

As áreas de conhecimento são divisões de partes de um todo, o que remete ao seu aspecto analítico. Essas áreas dedicam-se especificamente a partes e não ao todo que pode ser conhecido, como a metafísica dedica-se à contemplação do ente, a aritmética ao uno e sua multiplicação, a geometria à figura, e assim por diante. Vico compara essa anatomia das coisas com a anatomia habitual do corpo humano, na qual “os mais rigorosos físicos divergem não pouco sobre a situação, estrutura e função das partes”<sup>458</sup>. Após a morte do corpo, os líquidos coagulam e a estrutura de corpo vivo se perde. Não é possível explorar as funções que o corpo vivo tinha antes, pois elas não reagem da mesma forma após a morte e a dissecação<sup>459</sup>. Assim, em Deus todas as coisas vivem, e nos homens elas estão divididas e perecem<sup>460</sup>. Recorrendo a Platão, Vico atribui “o ser” a Deus. As demais coisas seriam relativas ao ser. Essas demais coisas, as quais o homem se dedica a conhecer, decorrem de um processo de “dissecação”, ou seja, por meio delas não se pode compreender a sua totalidade ou seu funcionamento plenamente. Essa analogia apresenta os limites do conhecimento analítico.

Para Vico, Deus reúne os atributos de ser, e ao homem não caberia o ser. Por conhecer a natureza pela exterioridade e pelo movimento, a razão humana concebe apenas raciocínios, enquanto que em Deus o entendimento é pleno e se faz, portanto, em obras, convertendo o verdadeiro e o feito. Recorrendo à etimologia de *minuere*, Vico entende que as coisas que se apresentam ao homem estão divididas ou corrompidas<sup>461</sup>. Uma vez divididas, elas não retornam ao que eram em sua totalidade. A exterioridade, fluindo ao longo do tempo<sup>462</sup> em contínuo movimento da extensão, é a própria divisão das coisas e se apresenta de forma imperfeita ao homem.

---

457 *De Ant.*, 2002, p. 136.

458 *De Ant.*, loc. cit.

459 Cf. SILVA NETO, 2012, p. 215.

460 *De Ant.*, 2002, p. 136.

461 *Ibid.*, p. 137; 164; 166. Cf. SILVA NETO, 2012, p. 217.

462 *De Ant.*, 2002, p. 166.

Essa incapacidade humana de compreender o fluxo das coisas, decorrente do fato de o homem só poder apreender seus aspectos exteriores em constante mudança, torna-se o “defeito da mente humana”. A mente humana tem o defeito de querer conhecer, mas não consegue conhecer as coisas porque lhe são exteriores e em movimento. Devido ao seu desejo de conhecer e de investigar a natureza das coisas, o homem acaba por converter o seu “defeito”<sup>463</sup> em aplicações úteis e dá origem à ciência humana. Segundo Vico:

a ciência humana nasceu de um defeito de nossa mente, a saber, sua maiúscula limitação, pela qual se encontra fora de todas as coisas e pela qual não contem o que aspira conhecer, e, posto que não a contem, não opera as verdades que estuda, são mais certas aquelas ciências [aritmética, geometria e mecânica] que apresentam este pecado original e resultam, em sua forma de operar, semelhantes à ciência divina, pois nelas o verdadeiro e o feito são conversíveis<sup>464</sup>.

Por meio de sua capacidade de imaginação e de abstração, o homem “fingiu para si duas coisas: o ponto, que poderia descrever, e o uno, que poderia multiplicar<sup>465</sup>. Mas, na perspectiva humana, ambos são fictícios”<sup>466</sup>. Sobre a capacidade do homem de “fingir” um mundo humano, Silva Neto assevera: “Vico faz questão de ressaltar que o homem inventa, finge para si um mundo de objetos que ele conhece perfeitamente, precisamente por causa da finitude do espírito e do fato de não saber a verdade das coisas que o cerca”<sup>467</sup>. Trata-se de uma antropologia da incapacidade humana de conhecer e de um reconhecimento de que o homem cria um mundo com o uso de sua imaginação, tornando-se como um “Deus” do mundo humano<sup>468</sup>.

Para Vico, embora o homem finja para si o ponto e o uno, eles de fato existem e podem ser pensados, mas não podem ser conhecidos por ele. No capítulo IV da *De Ant.*, Vico discute a teoria dos pontos metafísicos, do *conatus* e do movimento. Na base dessa discussão está a distinção entre os campos da física e da metafísica que, segundo Lomonaco, promoverá, na *De Ant.*, uma “desubstancialização do

---

463 O seu defeito é a sua incapacidade de conhecer as coisas, embora ele deseje conhecê-las.

464 *De Ant.*, 2002, p. 138 – 139.

465 MARTIRANO, 2012, p. 259.

466 *De Ant.*, 2002, p. 137.

467 SILVA NETO, 2012, p. 221.

468 *Ibid.*, p. 211; 220-221.

mundo”<sup>469</sup>, ou ainda uma “*metafísica* dessubstanciada”<sup>470</sup> por meio de uma doutrina das formas. A proposta que Vico defende critica as relações que foram feitas entre metafísica e física pelos filósofos Aristóteles e Descartes. Aristóteles teria transferido elementos da metafísica para a física, mediante a teoria das potências e faculdades; enquanto que Descartes fez o caminho inverso ao importar temas da física para a metafísica, e teria pensado em questões metafísicas mediante atos e formas<sup>471</sup>. Segundo Lomonaco: “os erros opostos, mas equivalentes de Aristóteles e de Descartes nascem do desconhecimento da heterogeneidade de física e metafísica e dos respectivos campos de competência”<sup>472</sup>. Vico propõe uma distinção profunda entre os campos da física e da metafísica e, ao mesmo tempo, evita criar uma distância absoluta entre ambas, pois, segundo Vico, “a metafísica é a fonte de toda verdade da qual as demais ciências são derivadas”<sup>473</sup>.

Vico indica a teoria dos pontos metafísicos como a saída para o impasse entre metafísica e física. Muito provavelmente, essa teoria baseou-se em Zenão de Eleia<sup>474</sup>. Nesse tema dos pontos, Vico teria uma relação com o neoplatonismo, o qual concebe o universo enquanto uma relação matemática, mas ele aplica tal relação ao mundo humano. Diante disso, Vico propõe uma ruptura com o materialismo mecanicista. A teoria do defeito da mente humana o leva a uma proposta de idealização da realidade e a apresentar uma solução por meio do platonismo. Sobre essa teoria, Vico faz o seguinte resgate em sua *Vita*:

E o salto que antes havia dado desde a lógica à metafísica fez com que Vico pouco depois se interessasse pela física de Aristóteles, pela de Epicuro e ultimamente pela de Renato Descartes; então encontrou-se disposto a satisfazer-se com a física de Timeo seguida por Platão, a qual sustém que o mundo está feito de números; e a evitar depreciar a física estoica, que afirma que o mundo consta de pontos, não havendo entre elas nenhuma diferença substancial, como depois tratou de deixar estabelecido no livro *De Antiquissima Italorum Sapientia*; e, finalmente, a não tomar nem por

---

469 LOMONACO, 2018, p. 196.

470 Ibid., p. 208.

471 De Ant., 1999-2000, IV, II, p. 463 – 464. Cf. LACHTERMAN, 1980, p. 13.

472 LOMONACO, 2018, p. 192.

473 De Ant., 1999-2000, IV, II, p. 459.

474 Segundo Lomonaco: “Vico faz referência a Zenão de Eléia (fonte confundida com o filósofo estóico de Citium e um tanto comprometedor dada sua fortuna no pensamento libertino contemporâneo de La Mothe le Vayer e no criticismo bayleano) sem contribuir, porém, com uma ‘invenção filosófica’, mas com o fito de compartilhar da teoria dos pontos metafísicos muito discutida e partilhada na cultura filosófica e científica do seu tempo”; LOMONACO, 2018, p. 195.

brincadeira nem por sério as físicas mecanicistas de Epicuro, assim como a de Descartes, pois ambas mantêm posturas falsas<sup>475</sup>.

Adiante, ele ainda afirma:

e [Vico] aplaude a física timaica, isto é, a de Pitágoras, que afirma que o mundo consta de números, que são, em certo modo, mais abstratos que os pontos metafísicos, nos quais se apoiou Zenão para explicar com eles as coisas da natureza, como depois Vico demonstra em sua *Metafísica*, como mais adiante se dirá<sup>476</sup>.

Para Vico, o ponto metafísico produz a extensão a partir do inextenso. Os pontos metafísicos e o conato garantiriam o conhecimento da extensão em movimento e legitimariam e, ao mesmo tempo, definiram os limites da inteligibilidade de uma ciência humana da natureza. De outra forma, a própria extensão em movimento é uma evidência de que teria sido causada por um conato, que partiu de um ponto metafísico e criou a natureza a partir do nada em Deus.

Para reconhecer os diferentes domínios do físico e do metafísico, Vico atribui o movimento ao corpo físico que se manifesta em atos. Por outro lado, a metafísica estaria relacionada ao repouso, a potência do movimento e ao conato<sup>477</sup>. Para Aristóteles, na natureza estariam contidos o ato e a potência. Em oposição, Vico concebe, portanto, que na natureza há apenas o movimento, isto é, ato, enquanto que a potência pertenceria ao domínio metafísico do conato.

As verdades matemáticas, ou “aparências de verdade”, que são promovidas pela geometria são derivadas da metafísica por meio da teoria do ponto<sup>478</sup>. Dessa forma, o que garante a verdade à geometria é a teoria metafísica do ponto. Segundo Vico, “a geometria assumiu da metafísica a potência de estender, que, enquanto potência do extenso é anterior ao extenso e, evidentemente, inextensa”<sup>479</sup>. O ponto é algo inextenso que garantiria a extensão. O uno e o número também teriam um fundamento metafísico anterior à multiplicidade, seriam apenas nomes ou representações da “mente” ou da “pena”<sup>480</sup>.

---

475 *Vita*, 1998, p. 95.

476 *Ibid.*, p. 101.

477 *De Ant.*, 1999-2000, IV, II, p. 458.

478 Segundo Vico: “Se alguém, no entanto, investigar de que maneira essa verdade, ou essa aparência de verdade, derivou da metafísica para a geometria, não há outro acesso além do insignificante ponto”; *Ibid.*, IV, II, p. 459.

479 *Ibid.*, p. 458.

480 *Ibid.*, IV, II, p. 460.

O conato possui duas manifestações diferentes entre si, pois para a matéria extensa o conato é a potência de movimento; enquanto que em Deus, o conato é ainda repouso. O conato é o ponto médio entre o movimento e o repouso, sendo apenas potência e algo específico da metafísica. A divisão e o movimento são atributos da extensão e pertencem ao ambiente físico; enquanto que a potência da divisão e do movimento pertencem ao metafísico. Dessa forma, Deus estaria em repouso, a matéria em conato e os corpos extensos em um incessante movimento<sup>481</sup>. O conato é considerado como o “dom do ponto metafísico”, pois através do ponto e do conato é que as coisas seriam criadas a partir do nada no tempo. O tempo, atributo da extensão, é divisível indefinidamente, assim como o corpo e o mundo físico são de coisas imperfeitas e divisíveis ao infinito. Enquanto que a eternidade, porque ilimitada, é indivisível e o mundo metafísico seria de potências indivisíveis e de eficácia infinita. A mente, nesse caso sendo diferente do corpo, não permite partes nem divisão.

Na metafísica existe um gênero de coisas que não são extensas mas que são capazes de extensão. Segundo Vico, Aristóteles e Descartes não conseguiram perceber isso por admitirem no mundo físico o ato e potência. Para Vico “a metafísica transcende a física, porque trata das potências e do infinito; a física é parte da metafísica, pois trata das formas e do determinado”<sup>482</sup>. De acordo com Lomonaco:

Se o universal abstrato não pode representar a dimensão ideal do conhecimento humano, é a doutrina das formas que de novo fundará a sabedoria por meio da conexão entre as formas e conteúdos da realidade, da relação de todas as coisas com os seus princípios constitutivos<sup>483</sup>.

Assim, a metafísica se debruça sobre o infinito. A mente humana não é capaz de entender esse infinito, mas pode pensá-lo e recompô-lo em sua mente de forma artificial. O homem tem a capacidade de pensar o ponto, daí resulta fingí-lo para si e a partir dele criar o seu conhecimento. O homem não pode entender o conato, mas pode fingir a extensão a partir do ponto, que também fingiu para si, e, de forma sintética, criar conhecimento.

---

481 *De Ant.*, 1999-2000, IV, II, p. 462.

482 *Ibid.*, IV, II, p. 464.

483 LOMONACO, 2018, p. 192.

O movimento na natureza vem da potência do conato, mas na extensão não aparece o conato. Quando percebemos o movimento de um peixe que se move pela costa contra a correnteza ou de um braço que tenta romper uma parede, os efeitos da natureza, nascem do movimento e não do conato<sup>484</sup>. Para Vico, a natureza é plena de movimento e não há espaço para o vazio. Vico também recorre ao exemplo da luz, da qual nós percebemos o movimento. Vico considera que a luz estaria relacionada a um evento que se faz no tempo, portanto, a origem da luz ocorre por meio de um processo temporal e com um autêntico movimento que, assim como acreditava Galileu, poderia ter sua velocidade medida. Portanto, até mesmo a luz, que percebemos vir do Sol, e parece aos sentidos surgir de um ponto, não nasce de um ponto, mas ela surge a partir do movimento e demonstra ser algo da extensão; portanto, ela é imperfeita, limitada e relativa aos assuntos da física. Segundo Vico:

A natureza é movimento; o conato é a indefinida potência de mover este movimento, que suscita uma infinita mente que repousa em si: Deus. As obras da natureza se perfeccionam pelo movimento e começam a produzir-se pelo conato; de modo que a gênese das coisas segue o movimento, o movimento o conato e o conato Deus<sup>485</sup>.

Os movimentos que ocorrem na natureza são compostos por outros movimentos que são indefinidos e múltiplos, de forma que quando percebemos um corpo avançar sobre a superfície da terra ou sobre o mar, parece, aos nossos sentidos, que ele descreve uma linha reta, porém, enquanto movimento inscrito no ambiente da extensão, ele jamais será reto<sup>486</sup>. Se os movimentos fossem retos, os corpos, sem obstáculos, se moveriam em linha reta até a imensidão. Aqui percebemos um Vico leitor das discussões físicas que lhe são contemporâneas, quando ele afirma que existe uma certa resistência entre os corpos, sendo maior ou menor em alguns casos. Assim, o universo também estaria pleno para Vico. Na matéria extensa não há como existir o vazio nem a potência. Se não existisse tal resistência entre os corpos, não só o movimento não existiria na extensão como também as paredes ou os limites das coisas se uniriam imediatamente e um corpo levado ao vazio se dissiparia<sup>487</sup>.

---

484 *De Ant.*, 1999-2000, IV, III, p. 465.

485 *Ibid.*, IV, III, p. 466.

486 *Ibid.*, IV, IV, p. 466.

487 *Ibid.*, IV, IV, p. 467.



Para a metafísica as coisas podem ser concebidas como retas e perfeitas, porém o que podemos perceber é que na física, no sentido de coisa extensa, elas não são retas. Enquanto que para a metafísica há o repouso, para a física tudo está em movimento. As coisas estão sempre se alterando e se modificando, portanto, para Vico, o perfeito repouso deveria ser eliminado da física<sup>488</sup>. Os assuntos sobre o que a física deveria se ater se dão em relação ao movimento e a extensão. A metafísica deve se dedicar ao repouso e à potência. Essa metafísica que o homem é capaz de produzir, através da forma sintética, contempla o ponto metafísico e o conato que pertencem a Deus. Mas, o homem faz a sua metafísica por sobre a ficção que ele criou a partir de um ponto e de um conato que fingiu para si, após ter decomposto o movimento por meio da forma analítica. Ao fingir o ponto, o homem criou a geometria e do uno a aritmética. Ao fingir a potência do movimento, ele criou a mecânica<sup>489</sup>. Toda a metafísica e, portanto, toda a ciência que o homem cria será sempre imperfeita em relação à metafísica e à ciência divina. Mesmo que o homem pudesse conhecer perfeitamente a natureza, o que é impossível porque ele não é dela o autor, ela está sempre em movimento e é imperfeita em si mesma.

Vico considera que as categorias de ponto e de uno conhecidas pelo homem são fictícias. Se o ponto for descrito, ele não será mais um ponto, pois o próprio conceito de ponto não permite uma descrição. Se o uno for multiplicado, ele deixa de ser uno<sup>490</sup>. Não há o que ser somado ou ser multiplicado ou dividido, pois ele é uno, único. O ponto e o uno são entidades abstratas criadas sinteticamente pelo homem em meio à sua dificuldade de compreender o mundo<sup>491</sup>. O homem estendeu as linhas até a imensidão e multiplicou o uno ao infinito<sup>492</sup>. A partir de tais princípios, foram criados formas e números que o homem poderia conter totalmente dentro de si. As linhas estendidas à imensidão e o uno multiplicado ao infinito são compreendidos não apenas em sua exterioridade, mesmo porque não há pontos ou linhas na natureza extensa, mas em relação à interioridade, pois eles existem

---

488 *De Ant.*, IV, IV, p. 467.

489 LOMONACO, 2018, p. 195.

490 Vico afirma que: "(...) mediante aquilo que chamaram de abstração [o homem] fingiu para si duas coisas: o ponto, que poderia descrever, e o uno, que poderia multiplicar. Mas ambos são fictícios: com efeito, o ponto, se o descreves já não é ponto; o uno, se o multiplicas deixa de ser uno"; *De Ant.*, 2002, p. 137.

491 SILVA NETO, 2012, p. 222 – 223.

492 *Vita*, 1998, p. 130 – 131.

apenas na mente humana<sup>493</sup>. A multiplicação do uno deu origem ao conhecimento de aritmética. A extensão das linhas deu origem às formas e à geometria.

A síntese que permitiu a construção humana dessas duas ciências, a aritmética e a geometria, permitiu, ainda, que essa mesma capacidade pudesse se estender por sobre uma infinidade de obras, pois as verdades matemáticas estão dentro da mente humana e são por ela engendradas. As ficções do ponto e do uno permitiram ao homem o desenvolvimento do conhecimento matemático e possibilitaram um conhecimento útil. Faz-se necessário aqui retomar um aspecto importante que foi destacado por Lomonaco. Segundo ele: “longe de serem arbitrárias, as definições do ponto e do uno implicam uma relação de alteridade com o mundo físico”<sup>494</sup>. Ou seja, mesmo que o ponto e o uno humanos sejam fictícios, eles são compostos em uma relação de alteridade com a extensão. Por isso, são ficções úteis do engenho humano que interagem com a realidade física, mesmo que os conhecimentos que são daí derivados não sejam plenamente verificáveis em tal realidade, por exemplo: é impossível a existência de uma linha reta na natureza. Os conhecimentos humanos sobre o movimento em linha reta ou até mesmo da suposição de uma linha reta na natureza não deixam de ser úteis para a ciência humana, que os aplica em diversos campos do saber e é capaz de interagir com a natureza a partir deles, por exemplo: a construção de cartas náuticas com a representação em linhas permitiram o deslocamento das embarcações marítimas de um continente a outro.

Ao mesmo tempo em que a teoria viquiana situa as verdades matemáticas como um engenho humano, ela assume a função de refutar a teoria do inatismo das ideias matemáticas<sup>495</sup>. As verdades do conhecimento aritmético e geométrico são perfeitamente conhecidas pelos homens, pois estas são construções humanas que se valem da abstração. Isto é, elas foram constituídas enquanto conhecimentos ficcionais humanos e foram perfeitamente compreendidos. Para Lachterman, Vico não teria condições de debater a proposta de uma geometria sintética em lugar da geometria analítica, que havia sido proposta por Descartes, por meio da teoria matemática. Pois, o próprio Vico havia admitido, em sua *Vita*, que não teria

---

493 *De Ant*, 2002, p. 138.

494 LOMONACO, 2018, p. 189.

495 SILVA NETO, 2012, p. 222.

ultrapassado o Quinto teorema de Euclides, no livro I dos *Elementos*<sup>496</sup>. Francisco Gómez, tradutor do *De Ant.*, chega a destacar, em nota de rodapé, a possibilidade de um *lapsus calami* de Vico no final do capítulo VII, V, do *De Ant.* Quando Vico afirma que “dois ângulos de um triângulo são, ambos, maiores que o terceiro”<sup>497</sup>, seria algo possível apenas para um tipo exclusivo de triângulo com ângulos agudos, assim como uma pirâmide. Se foi uma ação intencional ou não de Vico se referir a uma pirâmide, tal afirmação põe em dúvida os conhecimentos matemáticos de Vico. No entanto, Lachterman nos alerta que a oposição de Vico à geometria analítica não se dá em questões específicas da matemática, mas ela ocorre “do ponto de vista psicológico/pedagógico”<sup>498</sup>. Ou seja, Vico se atenta à natureza da mente humana e ao processo de construção do conhecimento humano.

As certezas que essas duas áreas do conhecimento, a geometria e a aritmética, promovem decorrem do fato de terem sido produzidas pelo homem<sup>499</sup>. As construções que são delas derivadas são todas humanas, portanto, o conhecimento estabelecido pode ser plenamente apreendido, pois a sua construção é humana. Nessa situação, essa construção do conhecimento humano converte o verdadeiro e o feito e se assemelha ao entendimento divino<sup>500</sup>. É importante destacar que tal conhecimento é “semelhante” ao divino, portanto, ele não é igual ao divino, pois o homem é a imagem e semelhança de Deus. Sobre essa semelhança do homem com Deus, Silva Neto escreve;

Em Vico, a antropologia da *imago Dei* é uma teoria do conhecimento. A participação do *humano* nas coisas de *Deus* é a melhor ideia para explicar a natureza da ciência finita. Tanto num caso quanto no outro, a condição de artífice leva a um *status* cognitivo superior: o de conhecedores da verdade e possuidores de ciência. A semelhança do homem e de Deus não está nas ideias inatas. De Deus copiamos o ato criador, a capacidade de criar mundos infinitos e de fazer, assim, ciência<sup>501</sup>.

Sobre a geometria e a aritmética, o homem pode ter o entendimento, e não apenas pensamento. Eles são conhecimentos artificiais humanos que têm por

---

496 *Vita*, 1998, p. 96. Cf. LACHTERMAN, 1980, p. 20.

497 *De Ant.*, 1999-2000, p. 481, vide nota 199.

498 LACHTERMAN, 1980, p. 29.

499 Assim como o exemplo de BERLIN, 1999-2000, p. 22, sobre o argumento de que a aritmética e a geometria podem ser conhecidas pelo homem porque ele é o seu autor, do mesmo modo que ele conhece o jogo de xadrez por ele mesmo ser o autor de suas regras.

500 *De Ant.*, 2002, p. 139.

501 SILVA NETO, 2012, p. 220.

fundamento a sua produção ficcional da existência do ponto e do uno. Deus é o uno e o ser. Ao homem cabe apenas a produção ficcional desse uno, ou seja, um conhecimento imperfeito do uno.

De forma semelhante à criação divina, o homem cria do nada o ponto e o uno, a reta e a superfície<sup>502</sup>. De fato, o homem se assemelha a Deus quando cria a geometria e a aritmética. Para Vico, ao mesmo tempo em que a mente humana reúne as verdades matemáticas que ela contempla, não seria possível ela deixar de produzir as verdades que conhece. Ao estabelecer as verdades da aritmética e da geometria, o homem atribui a cada coisa a sua natureza e os seus nomes e as cria do nada, à imagem da criação divina. Ao contemplar o “ponto”, a mente humana produz o conhecimento de que seria algo que não possui partes, que é algo indivisível; ao definir “linha”, o homem considera um prolongamento do ponto pela longitude, sem largura, nem altura; por fim, atribui ao nome “superfície” o encontro de linhas distintas em um único ponto, com largura e comprimento, mas que não teria altura<sup>503</sup>.

A incapacidade humana de possuir os elementos das coisas da natureza levaria o homem a “fingir” os elementos das palavras de onde se originam as ideias, sem cometer nisso nenhuma contradição<sup>504</sup>. É a própria situação da incapacidade humana de apreender a natureza que leva o pensamento, por meio da abstração, à construção de palavras que evocam as ideias e estabelecem um conhecimento fictício. Ou, melhor, que o levam a “fingir” um conhecimento que se assemelha à natureza. Na *Ciência nova*, essa construção por meio da abstração não se daria por palavras, mas antes teria características do gestual e mímico<sup>505</sup>. Ou seja, Vico vai ainda mais longe com tal princípio em sua obra da maturidade.

---

502 *De Ant*, 2002, p. 138.

503 *De Ant*, loc. cit. Descartes discute a questão da dimensão, unidade e figura que o ponto, a largura e a superfície apresentam na geometria e aritmética em sua regra XIV. Nessa regra, Descartes se esforça para demonstrar que eles são elementos abstraídos da extensão e que necessitam do auxílio da imaginação, porém, somente o entendimento pode evitar os equívocos de tal conhecimento. DESCARTES, *Regras*, 1989, p. 94 – 100.

504 “E, assim, ao lhe estar vedada a posse dos elementos das coisas, dos quais estas certamente nascem, finge para si os elementos das palavras dos quais se evocam as ideias sem controvérsia alguma”. *De Ant*, 2002, p. 138.

505 Cf. GÓMEZ, nota 43 ao *De Ant*, 2002, p. 268.

No *De Ant*, quando o homem produz esse conhecimento há a criação de algo que pode ser plenamente conhecido. Criam-se ideias e nomes, sendo ambos de autoria da natureza humana. Se esse conhecimento é produzido, ele é, portanto, verdadeiro. Essa perspectiva refuta o ceticismo. Há a possibilidade de se conhecer plenamente aquilo de que se é o autor, assim como seus aspectos essenciais e acidentais, interiores e exteriores.

A curiosidade humana que aspira a conhecer o verdadeiro gerou duas ciências úteis: a geometria e a aritmética. Essas duas ciências geraram a mecânica, que Vico considera como a “progenitora de todas as artes necessárias ao gênero humano”<sup>506</sup>. No *De Ant.*, Vico considera como ciências primeiras a aritmética e a geometria, das quais foi gerada a mecânica, uma ciência das mais necessárias<sup>507</sup>. Por meio da abstração, o homem busca superar o defeito humano, que é a sua exterioridade em relação à natureza, construindo uma ficção. Essa ficção, que gera as duas ciências, permite ao homem se assemelhar à divindade quando produz o conhecimento. Nessas duas ciências, o verdadeiro e o feito são conversíveis. O argumento de que o verdadeiro e o feito se convertem e possibilitam a ciência será utilizado por Vico para refutar o princípio de ideia clara e distinta cartesiano. Em sua principal obra, *Ciência nova*, Vico irá supor que a mente humana cria um outro ponto: a ideia de uma divindade<sup>508</sup>. A suposição de que o homem é criador de um mundo de abstrações é ampliada sobre o mundo histórico, considerando também as suas criações artísticas e poéticas. Com relação a isto, Silva Neto reflete: “mas parece haver um problema nessa ampliação: *como expandir uma teoria das criações abstratas da mente, como as matemáticas, à explicação do universo histórico concreto?* A singularidade de Vico é exatamente não encontrar aí nenhuma incompatibilidade”<sup>509</sup>. Assim, o homem, que começa a contemplar o mundo todo imerso em seu corpo e com o recurso da plena fantasia, criaria um mundo humano que poderia ser compreendido. O ponto e o uno, relacionados ao conhecimento

---

506 *De Ant.*, 2002, p. 138.

507 De acordo com Lomonaco: “situado entre a física e a matemática, a mecânica é um galileano ‘*facere per experimentum*’ que descobre sempre algo verdadeiro da natureza. O fazer do experimento é um fazer a coisa mesma na sua consistência física, é um conhecer progressivamente os fenômenos, recriando-os com método não analítico, para alcançar um ‘algo semelhante à natureza’”; LOMONACO, 2018, p. 190.

508 SILVA NETO, 2012, p. 223.

509 SILVA NETO, loc. cit.

matemático, são obtidos a partir de um processo de abstração e imaginação, quando ele decompõe o movimento e depois procede as reconstruções que surgem a partir de tais ficções por meio da síntese.

## CONCLUSÃO

No *De Ant.*, após fundar a ciência humana na conversão entre o verdadeiro e o feito, e tendo exemplificado o modo como surgiram a aritmética, a geometria e a mecânica, Vico refuta diretamente o argumento cartesiano de que uma ideia clara e distinta do *cogito* possa ser o critério da ciência. Segundo Vico, temos:

E do que até aqui dissertamos podemos inferir, com toda segurança, que o critério e a regra do verdadeiro é tê-lo feito: daí que nossa ideia clara e distinta da mente não possa ser critério, não somente das demais verdades, mas também da própria mente; pois, enquanto a mente se conhece, não se faz e, posto que não se faz, desconhece o gênero ou a forma pelo que se conhece<sup>510</sup>.

Com o argumento de que só se pode conhecer aquilo de que se é o autor, Vico busca refutar o critério cartesiano que fundamenta o seu método, ou seja, a exigência de somente acolher em seu espírito aquilo que proporcionar uma ideia clara e distinta para conhecer a verdade. O conhecimento que o homem estabelece sobre a aritmética e a geometria são conhecimentos claros e distintos. Porém, a clareza e a distinção de tal conhecimento sobre essas duas ciências ocorrem porque elas são conhecimentos artificiais criados pelo próprio homem<sup>511</sup>. Como o homem é o autor de tais conhecimentos, todo o conhecimento gerado sobre elas será, por conseguinte, claro e distinto.

Apoiado nos seus estudos sobre os compassos, Descartes percebe que há a possibilidade de uma “nova ciência” maior e mais geral que a aritmética e a geometria e que abrangeria todas as demais ciências<sup>512</sup>. A partir dessa tese, ele escreve a obra *Regras*. Essa obra, no entanto, não se completou, conforme a intenção que o autor havia demonstrado inicialmente<sup>513</sup>. Em meio às dificuldades em

---

510 *De Ant.*, 2002, p. 139.

511 BERLIN, 1999-2000, p. 20 – 22; DAMIANI, 2000, p. 125 – 126.

512 GAUKROGER, 2011, p. 22; MANCOSU, 2011, p. 114 – 120.

513 GAUKROGER, 2011, p. 23.

encontrar uma *Mathesis universalis* e de se estabelecer uma ciência da natureza, no contexto que levou Galileu à retratação pública, Descartes procurou fundamentar a sua ciência em um método, sendo este de caráter metafísico<sup>514</sup>. No livro *Meditações*, ele busca fundamentar um método capaz de produzir um conhecimento verdadeiro, exposto também nas obras *Discurso do método* e *Princípios*. A ideia clara e distinta, de acordo com o cartesianismo, é o que proporcionaria um critério eficaz para produzir um conhecimento científico.

Vico, entretanto, se opõe ao critério de clareza e distinção de Descartes e também ao seu *cogito*. Em seu raciocínio, verifica-se que o próprio processo de conhecimento humano inviabilizaria um conhecimento claro e distinto sobre a natureza. Segundo Vico, o conhecimento humano recolhe da natureza os dados que são exteriores. Aliás, só é possível conhecer os seus aspectos exteriores, ou seja, suas características acidentais em movimento. Isso que o homem recolhe da natureza é decomposto em partes, como em uma anatomia, pelo que percebe apenas partes da realidade e não consegue compreender a sua totalidade. Para proceder à compreensão e ter algum conhecimento daquilo que foi decomposto, o homem precisa reintegrar essas partes. Mas, uma vez dissecadas, já não é possível reunir essas partes, a não ser pelo exercício da abstração acerca de como seriam essas mesmas partes em sua totalidade. Disso resultaria um conhecimento não da natureza em sua essência, mas sim um conhecimento artificial criado pela abstração humana e semelhante à natureza.

Nessa situação, o conhecimento humano sobre a natureza sempre será imperfeito. Não será possível estabelecer sobre a natureza um conhecimento claro e distinto, pois a própria forma pela qual o homem produz o conhecimento impede que ele possa conhecer algo que esteja além das características dessa natureza em sua exterioridade.

A imaginação, que para Descartes não poderia sozinha promover um conhecimento claro e distinto, já que proporcionaria um conhecimento confuso e obscuro, é para Vico o único meio pelo qual se supera o “defeito” humano de não poder conter em si mesmo as verdades sobre a natureza. Por seu desejo de conhecer e por sua incapacidade de alcançar esse mesmo conhecer, o homem cria

---

514 GAUKROGER, 2011, p. 24; MILES, 2011, p. 163.



os conhecimentos artificiais da aritmética e da geometria a partir de conceitos simples como a ficção do uno e do ponto<sup>515</sup>. A história e o mundo das nações também serão consideradas como criações ficcionais humanas que poderão produzir um conhecimento tão verdadeiro, ou tão útil, quanto a aritmética e a geometria podem proporcionar.

Descartes, embasado em seus estudos sobre os compassos, percebe na conciliação de problemas aritméticos e geométricos a possibilidade de um método anterior a essas duas ciências e que poderia proporcionar uma ciência nova maior, mais geral e anterior<sup>516</sup>. Ou seja, se o compasso pode unir duas áreas diferentes do conhecimento matemático, deveria existir algo maior que as produziu em primeiro lugar. Para se estabelecer um conhecimento verdadeiro, era necessário que este fosse claro e distinto e tão simples quanto a própria aritmética e a geometria. Esse conhecimento, ademais, seria proporcionado por um método próprio.

Para Vico a aritmética e a geometria seriam produtos da capacidade humana<sup>517</sup>. A aritmética e a geometria criadas pelo homem são um conhecimento artificial humano útil, mas que não necessariamente correspondem à natureza<sup>518</sup>. Elas são parte de um conhecimento humano sobre algo e surgem de sua própria incapacidade de conhecer plenamente as coisas. Os conhecimentos que o homem pode criar partindo dessas duas ciências podem ser compostos até o infinito, dada a capacidade criativa que o homem tem de produzir conhecimento por meio da síntese. O método, a aritmética, a geometria, a mecânica, a física, a moral são todos conhecimentos humanos estabelecidos a partir do próprio defeito humano de não conseguir conter em si as essências das coisas que lhe são apresentadas pela natureza. Isto ocorre por conta de a natureza ser impenetrável em sua interioridade ou essência. A própria condição humana impede que se possa compreender a natureza de forma clara e distinta. Porém, isso não impede que o homem possa conceber conhecimentos certos e seguros, e esses conhecimentos certos e seguros

---

515 Segundo Santos, “a diferença é que para Descartes a mente em estado de confusa imersão no corpo é a fonte de todos os erros, enquanto para Vico é, além disso, o começo da história humana, a qual se inicia com o estado psicológico dos primeiros homens que, não obstante, têm ‘sementes’ de razão”; SANTOS, 2012, p. 160.

516 MANCOSU, 2011, p. 114.

517 *De Ant*, 2002, p. 138.

518 *Ibid.*, p. 151.

só podem ser sobre aquilo cujo autor é o homem. Quando Descartes cria um método que une geometria e aritmética, ele não descobre uma “ciência nova” anterior, mas antes produz um conhecimento novo a partir daqueles conhecimentos que possuía anteriormente.

Ao radicalizar o princípio segundo o qual somente o autor pode conhecer a sua obra, Vico busca inviabilizar até mesmo a certeza cartesiana do *penso, logo existo*, enquanto fundamento para o método. Ao pensar e duvidar, a única consciência que posso ter é a de que eu teria uma mente. Mas, o homem não é o autor da mente. Logo, se não é o autor da mente, ele não a produziu e não pode conhecê-la plenamente, pois não conhece o seu gênero ou a sua forma. Com isso, Vico estabelece os níveis das ciências conforme a sua relação entre abstração e matéria<sup>519</sup>.

Em Vico, a ciência humana surge de um processo de abstração. Assim, quanto mais abstrata é a ciência, mais certa ela o será<sup>520</sup>. E, quanto mais a ciência se relaciona com a matéria corpórea ou a natureza, menos certa será. Para Francisco Gómez, tradutor do *De Ant.*, isso ocorre por três motivos:

a) pelos limites da mente humana que não possuem em si os elementos de que as coisas se compõem; b) “nossa ideia clara e distinta...”, pela qual vemos os elementos de forma diferenciada, isolados do universo; c) a imersão da ciência humana na matéria corpórea<sup>521</sup>.

Em um processo parecido com o dos níveis das ciências que foram delineados por Descartes, Vico indica graus das ciências. Para Vico, a mecânica é uma ciência mais certa do que a física, pois aquela contempla o movimento externo das circunferências, enquanto que a física consideraria o movimento interno desde os centros. Ainda, a moral seria menos certa do que a física, pois enquanto a física contempla os movimentos internos dos corpos, a moral contemplaria os movimentos profundíssimos do ânimo, que em certa medida viriam dos caprichos que são infinitos. Conclui-se que quanto mais profundo se vai na matéria corpórea, menos certa é a ciência<sup>522</sup>.

---

519 *De Ant.*, 2002, p. 154 – 155;

520 *Ibid.*, p. 154.

521 *Ibid.*, p. 268, nota 47.

522 *Ibid.*, p. 134.

Mesmo assim, Vico atribui à física experimental o valor de “brilhantíssimas reflexões sobre a natureza”<sup>523</sup>. A física experimental reproduz uma imagem da natureza e torna-se um conhecimento humano artificial sobre a natureza. Quando se produz um conhecimento na física experimental que possa ser reproduzido, não é a própria natureza que se manifesta e apresenta, mas sim um conhecimento que o homem estabelece sobre ela e o repete experimentalmente com resultados semelhantes. É a imagem de algo que se encontra na natureza e a projeção de um conhecimento humano dado por semelhança. Para Vico, “a mente humana cria a verdade derivando-a de uma hipótese”<sup>524</sup>.

Na compreensão dos mecanicistas contemporâneos de Vico, a física experimental repetiria em laboratório os fenômenos da natureza e também seria um conhecimento científico desta, pois produziria um conhecimento certo e evidente. Diante disso, Vico deixa em evidência que, mesmo concordando em parte com a teoria cartesiana no que diz respeito à importância da física experimental, distancia-se dela pelo fato de que o conhecimento estabelecido por tal ciência ainda é uma abstração da natureza. Em outras palavras, não é o domínio de sua essência. Essa física ainda seria uma produção humana sobre a natureza, e o fato de ser reproduzida fora das condições naturais reforça que ela é a reprodução de um conhecimento humano e, portanto, passível de falhas.

Segundo Santos, Vico assume, a partir da teoria de Bacon, a preocupação de que tanto a ciência quanto a filosofia tenham uma função prática. De acordo com o autor:

Em Vico, ressoam as críticas à esterilidade das filosofias que se esgotam no formalismo lógico-abstrato, num conhecimento puramente mental e dedutivo, e não inventivo nem operativo, além da censura ao abandono da indução e da observação da natureza dos fatos. A esses temas, Vico associa a crítica à barbárie da razão, que seria o resultado da convergência de dois fatores culturais: o individualismo e o ateísmo<sup>525</sup>.

A física seria, além disso, um conhecimento humano útil, tal como a aritmética ou a geometria. No entanto, ela é menos perfeita que a mecânica<sup>526</sup>. Essa

---

523 *De Ant.*, 2002, p. 139.

524 MARTIRANO, 2012, p. 260 – 261.

525 SANTOS, 2009, 40.

526 *De Ant.*, 2002, p. 134.

física experimental constitui-se em um conhecimento artificial humano que se aproxima da natureza por semelhança, conforme a concepção mecanicista, mas que não é capaz de deter em si os aspectos essenciais de tal natureza. Continua sendo um conhecimento humano sobre a natureza, uma recriação humana realizada em um processo de divisão e recomposição pela imaginação com efeitos úteis. Os eventos realizados sob o controle do experimento não são os mesmos eventos que ocorrem naturalmente. Mesmo sob tais circunstâncias, este seria um conhecimento imperfeito sobre a natureza; contudo, embora imperfeito, ainda assim é um conhecimento de cuja utilidade Vico não duvida.

Portanto, temos nas primeiras obras de Vico a sua crítica a geometria analítica e sua proposta por uma geometria sintética, pois assim opera a mente humana. Ele se opõe ao método e à física mecanicista propostos por Descartes, mas não os rejeita por completo, pois sua ciência nova é uma nova arte crítica. Impõe o domínio da metafísica sobre as questões matemáticas e físicas. E, anos mais tarde, a sua *Ciência nova* será um outro momento do desenvolvimento de sua teoria na qual apresenta uma metafísica do mundo humano, não se limitando mais à origem da linguagem dos sábios italianos e promove uma original e audaciosa teoria sobre os homens fera e de uma natureza comum das nações que se desenvolve em idade dos deuses, dos heróis e dos homens.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Érico. A função do método de análise na constituição do argumento do cogito nas meditações: uma leitura do cogito através da reductio ad absurdum. *Veritas*. Porto Alegre, v. 54, n. 2, p. 155 – 171, maio/ago. 2009.

ASSMANN, Selvino José. Vico, um gênio solitário e renovador. *Revista de Ciências Humanas*. Universidade Federal de Santa Catarina, vol. 4, n. 7, Mar. 1985.

BADALONI, Nicola. *Introduzione a Vico di Nicola Badaloni*. Roma: Laterza, 2008.

BATTISTI, César Augusto. O método de análise cartesiano e o seu fundamento. *Scientiae studia*. São Paulo, v. 8, n. 4, p. 571-596, 2010.

BELGIOIOSO, Giulia. Images of Descartes in Italy. Trad. Julie Singer. In: SCHMALTZ, Tad M. *Receptions of Descartes: Cartesianism and anti-Cartesianism in early modern Europe*. New York: Routledge, 2005. cap. 10, p. 157 – 180.

BERLIN, Isaiah. Vico and the ideal of the enlightenment. *Social Research*. New York: New School for Social Research. pp. 640-653. Autumn 1976.

\_\_\_\_\_. *Vico e Herder*. Trad. Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: Editora UnB, 1982.

\_\_\_\_\_. Uno de los más audaces innovadores em la historia del pensamiento humano. Trad. Enrique Bocardo Crespo. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 9/10, p. 11 – 22, 1998.

\_\_\_\_\_. Giambattista Vico. Trad. Enrique Bocardo Crespo. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 11/12, p. 17-32, 1999-2000.

BURKE, Peter. *Vico*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

BROUGHTON, Jane; CARRIERO, John (orgs.). *Descartes*. trad. Ethel Rocha; Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011.

COLLINGWOOD, Robin George. *A ideia de história*. Trad. Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 1994. 8. ed.

COSTA, Gustavo. Vico y la Sagrada Escritura a la luz de un fascículo de la inquisición. Trad. Jéssica Sánchez Espillaque. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 27, p. 35 - 49, 2013.

COTTINGHAM, John. *Descartes: a filosofia da mente de Descartes*. Trad. Jesus de Paula Assis. São Paulo: Unesp, 1999.

DAMIANI, Alberto Mario. *Giambattista Vico: la ciencia anticartesiana*. Buenos Aires: Almagesto, 2000.

\_\_\_\_\_. Vico y Dilthey. La comprensión del mundo histórico. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 7/8, p. 357 - 375, 1997.

DESCARTES. *Regras para a direção do espírito*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. *Discurso do método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 – A. p. 25 – 71.

\_\_\_\_\_. *Meditações*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 – B. p. 73 – 142.

\_\_\_\_\_. *Discurso do método*. Trad. Enrico Corvisieri. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000-A. p.33 – 100.

\_\_\_\_\_. *Meditações*. Trad. Enrico Corvisieri. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000-B. p. 231 – 334.

\_\_\_\_\_. *Carta-Prefácio dos Princípios da Filosofia*. Trad. Homero Santiago. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Princípios de Filosofia*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2016.

\_\_\_\_\_. *Geometria*. Trad. Raquel Ana Sapunaru et al. 2.ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

DIANA, Rosario. Vico moderno além da modernidade. Trad. Sertório de Amorim e Silva Neto. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 227–243.

GALLO, Francesca Fausta. Tra francesi, spagnoli e austriaci. Uso della storia e lotta politica a Napoli (1680-1707). *Megallánica, revista de Historia Moderna*, Mar del Plata – Argentina, n 3/6, p. 116 – 143, 2017.

GARCÍA, Moisés González; BISBAL, Josep Martínez. *Autobiografía de Giambattista Vico*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1998.

GAUKROGER, Stephen. Vida e obra. In: BROUGHTON, Jane; CARRIERO, John (orgs.). *Descartes*. trad. Ethel Rocha; Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011. cap. 1, p. 20 – 32.

GIRARD, Pierre. Las condiciones y los límites de la racionalidade en la Scienza Nuova. Las metamorfosis de la razón. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 13-14, p.127-137, 2001-2002.

\_\_\_\_\_. Vico e a tradição cartesiana. Trad. Enoque M. Portes. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 255 – 284.

GUIDO, Humberto. *Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012.

HERNÁNDEZ, Silvestre Manuel. La cuestión de la ciencia en la filosofía de Vico. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 17-18, pp.105-115, 2004-2005.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2010. 2ª reimpressão.

IVANOV, Andrey. O critério do *verum-factum* de Vico e seus antecedentes escolásticos e medievais. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 245 – 253.

LACHTERMAN, David. Vico, Doria e la geometria sintetica. *Bolletino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, v. X, p. 10-35, 1980.

LENZI, Eduardo Barbosa; VICENTINI, Max Rogério. Vico e a história como ciência. *Acta Scientiarum, Human and Social Sciences*, Maringá, v. 24, n.1, p. 201-210, 2002.

PDF. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2436>. Acessado em: 19 de setembro de 2016.

LOMONACO, Fabrizio. Vico e a metafísica de 1710. Trad. Sertório de Amorim e Silva Neto. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 183 – 211.

MANCOSU, Paolo. Descartes e a matemática. In: BROUGHTON, Jane; CARRIERO, John (orgs.). *Descartes*. trad. Ethel Rocha; Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011. cap. 7, p. 113 – 131.

MARÍAS, Julián. *História da filosofia*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARTIRANO, Maurizio. Vico e a construção do mundo humano. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 251 – 274.

MILES, Murray. O método de Descartes. In: BROUGHTON, Jane; CARRIERO, John (orgs.). *Descartes*. trad. Ethel Rocha; Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011. cap. 9, p. 150 – 166.

NUZZO, Enrico. Bruno, Vico y el barroco. Trad. María Lida Mollo. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 23/24, p. 43 – 64, 2009-2010.

OTTO, Stephan. “Contextualidad” científica y “convertibilidad” filosófica. La repuesta de Scienza Nuova a la crisis epistemológica de la primera modernidad. Trad. Luis Chaparro Caballero. in *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 15-16, p. 163-177, 2003.

PATTERSON, Sarah. Percepção clara e distinta. In: BROUGHTON, Jane; CARRIERO, John (orgs.). *Descartes*. trad. Ethel Rocha; Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011. cap. 313 p. 216 – 233.

PEREIRA FILHO, Antonio José. O discurso e o método: Vico leitor de Descartes e a Autobiografia. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 179-202.

PINTON, Giorgio Alberto. La Nápoles de Vico. Trad. Enrique Bocardo. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 7/8, p. 115 – 139, 1997.



PONS, Alain. Vico en su tiempo y en el nuestro. Trad. María Fernanda Pérez Alors. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 30/31, p. 335-338, 2016-2017.

RAMOS, José Portugal dos Santos. *Método e ciência em Descartes*. Tese. Orientador Fátima Regina Rodrigues Évora. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2013.

ROSSI, Paolo. *Il pensiero di Giambattista Vico: una antologia dagli scritti*. Turim: Loescher, 1987.

\_\_\_\_\_. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1992 - A.

\_\_\_\_\_. *Os sinais do tempo*. Trad. Julia Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1992 – B.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Trad. Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2001.

SANNA, Manuela. Manifestações da aparência e engano da presença no conceito moderno de imaginação. Trad. Humberto Guido. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim (orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 285 – 304.

SANTOS, Vladimir Chaves dos. Vico e a descoberta do verdadeiro Homero. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, v. 27, n. 1, 2005, p. 21-30.

\_\_\_\_\_. *O conceito de engenho e de invenção na Scienza Nuova de Giambattista Vico*. Tese. Orientador Roberto Romano da Silva. Universidade de Campinas. Campinas, 2009.

\_\_\_\_\_. A propósito do lugar de Vico na modernidade. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 157-178.

SCANDELLARI, Simonetta. El settecento italiano: del reformismo a la Republica. *Cuadernos de Historia Moderna*, Madrid, Anejo VII, pp. 91 – 114, 2008.

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. Vico e a fundamentação antropológica da Metafísica. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 203 – 224.

\_\_\_\_\_. Atomismo e metafísica notas sobre o cartesianismo na Nápoles de Vico. *Educação e filosofia*, Uberlândia, v. 29, n. especial, p.147 – 167, 2015.

\_\_\_\_\_. Apresentação das traduções sobre a índole poética de Dante e Gherardo Degli Angioli. *Cadernos de ética e filosofia política*, São Paulo, n. 28, p. 178 – 192, 2016.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. O argumento do conhecimento do Criador e o Ceticismo Moderno. In: CHAUÍ, Marilena; ÉVORA, Fátima. Org. *Figuras do racionalismo*. Campinas: Assoc. Nacional de Pós-graduação em Filosofia, 1999.

TESSITORE, Fulvio. Pietro Piovani: Introducción al pensamiento de Vico. Trad. O. Astorga, J. R. Herrera, C. I. Pavan. traducción del inglés por J. A. Marín Casanova. Caracas, Ediciones de la Universidad Central de Venezuela, 1987. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 3, pp. 195-196, 1993.

VERRI, Antonio. Berlin y Vico. Trad. José M. Sevilla. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 11/12, p. 51 – 62, 1999-2000.

VICO, Giambattista. Del método de estudios de nuestro tiempo. 1708. Trad Francisco J. Navarro Gómez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 9/10, 1998.

\_\_\_\_\_. La antiquíssima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina. 1710. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 11-12, 1999-2000.

\_\_\_\_\_. *Princípios de ciência nova: acerca da natureza comum das nações*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ciência nova*. Trad. Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obras: Oraciones inaugurales. La antiquíssima sabiduría de los italianos*. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. *Vita*. in GARCÍA, Moisés González; BISBAL, Josep Martínez. *Autobiografía de Giambattista Vico*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1998.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – O compasso mesolábio e a geometria analítica

Ao combinar curvas com retas e operações algébricas, Descartes torna-se em uma referência na geometria analítica. O compasso mesolábio é uma máquina simples, como compasso e régua, que é capaz de produzir curvas geométricas<sup>527</sup> que poderiam ser compreendidas por meio de equações, diferentemente das curvas mecânicas que, desde os antigos geômetras, não poderiam ser compreendidas matematicamente. Na obra *Geometria*, o compasso é apresentado nos livros II e III. O autor Paolo Mancosu<sup>528</sup>, em seu texto *Descartes e a matemática*, apresenta como Descartes chegou a solução da equação cúbica  $x^3 = x + 2$  apenas com o uso de “compasso e régua”.

Na *Geometria*, Descartes descreve o movimento do compasso com uma linguagem matemática mas escolhe o termo “empurra” para explicar como as régua deslizam. O compasso YZ é composto por inúmeras régua articuladas entre si que, quando fechado, coincide os pontos B, C, D, E, F, G, H com o ponto A. Ao abrir o ângulo  $\hat{X}YZ$ , mantendo YZ fixa e abrindo o eixo YX em sentido anti-horário, a régua BC, que está fixa mantendo um ângulo reto no ponto B, empurra a régua CD em direção a Z, que escorrega ao longo de YZ. Dessa forma, DE empurra também EF, que empurra FG, que empurra GH. Conforme o ângulo  $\hat{X}YZ$  é aumentado, o ponto B descreve a linha curva AB, enquanto que os pontos D, F, H descrevem as linhas curvas  $\overline{AD}$ ,  $\overline{AF}$ ,  $\overline{AH}$  que são mais compostas do que os círculos.

527 Para Descartes as curvas geométricas são aquelas “que admitem medidas precisas e exatas, têm necessariamente alguma relação com todos os pontos de uma linha reta, que pode ser expressa por meio de uma equação”; DESCARTES, 2017, p. 36 – 37.

528 MANCOSU, 2011, p. 114 - 116.

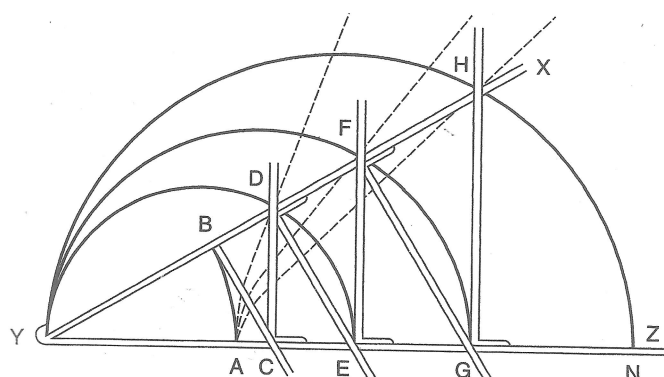


Figura 1. Compasso mesolábio. DESCARTES, 2017, p. 36.

Dentro do compasso são formados os triângulos  $Y\hat{B}C, Y\hat{C}D, Y\hat{D}E, Y\hat{E}F$ , e assim por diante, que possuem uma relação de proporção contínua entre si. Ao se aplicar a teoria das proporções na relação entre os triângulos, considerando as distâncias a partir do ponto Y até os pontos dos eixos X e Z, tendo sempre o ângulo reto como numerador e as distâncias com ângulo agudo como denominador, é possível estabelecer uma proporção contínua entre os triângulos que se formam entre os pontos do compasso.

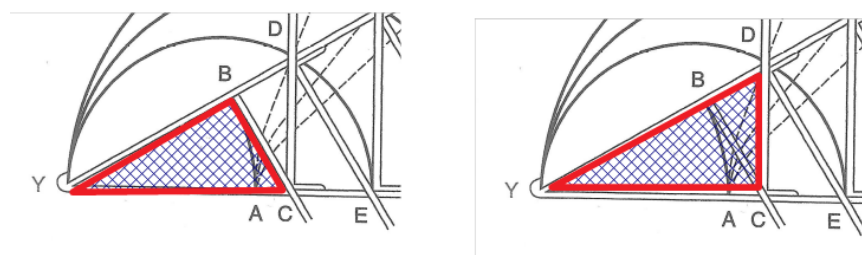


Figura 2: Detalhes dos triângulos<sup>529</sup>

Por exemplo, para encontrar pontos proporcionais entre YA e YE, é preciso considerar o círculo cujo diâmetro seja igual a  $\overline{YE}$ . O círculo corta a linha curva AD no ponto D. Então, YD deve ser considerado com um dos meios proporcionais a ser procurado. Assim temos a formação do triângulo  $Y\hat{B}C$ , cuja relação pode ser descrita como  $\frac{YB}{YC}$ . O triângulo  $Y\hat{C}D$  tem a relação  $\frac{YC}{YD}$ , e assim por diante. Dessa forma, temos que as relações proporcionais entre os pontos e os triângulos é

<sup>529</sup> Figura à esquerda o triângulo  $Y\hat{B}C$ ; e à direita o triângulo  $Y\hat{C}D$ .

$$\frac{YB}{YC} = \frac{YC}{YD} = \frac{YD}{YE}$$

A partir disso, simplificamos as duas últimas igualdades como:

$$\frac{1}{YE} = \frac{YC}{YD^2}$$

$$\text{ou } YE = \frac{YD^2}{YC} .$$

Segundo a teoria das proporções, é permitido que percebamos a seguinte igualdade

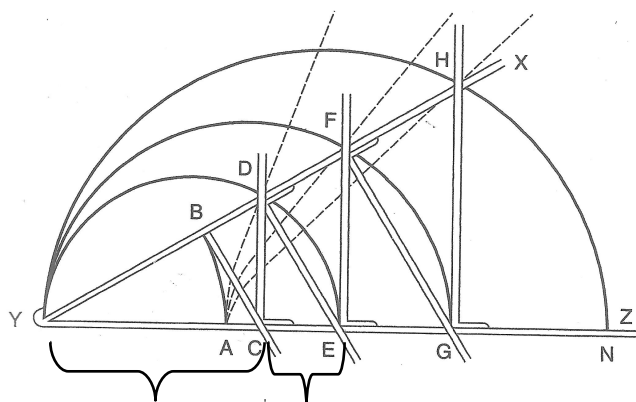
$$\frac{1}{x} = \frac{x}{x^2} = \frac{x^2}{x^3} = \frac{x^3}{x^4}$$

Portanto, a partir dessa teoria das proporções, podemos inferir que a equação

$$YE = \frac{YD^2}{YC}$$

possa continuar sendo escrita na seguinte expressão<sup>530</sup>:

$$YE = \frac{YD^2}{YC} = \frac{YC^3}{YB^2}$$



Admitindo que a relação entre os pontos CE do compasso pode ser descrita pela equação  $CE = YE - YC$ . Ao substituímos o YE pela igualdade que chegamos acima por meio da teoria das proporções, nós podemos afirmar que:

<sup>530</sup> A teoria das proporções admite mais do que uma raiz para o valor de x. De qualquer forma, é possível chegar ao mesmo resultado fazendo as devidas substituições na expressão que considera as proporções dos triângulos, a saber:  $\frac{YB}{YC} = \frac{YC}{YD} = \frac{YD}{YE}$

$$CE = YE - YC$$

$$CE = \left[ \frac{(YC)^3}{(YB)^2} \right] - YC$$

Se considerarmos arbitrariamente no compasso que a distância  $YB=1$  e que  $YC=x$ , obteremos o resultado que

$$CE = x^3 - x$$

$$\text{ou } x^3 = x + CE$$

$$\text{ou } YC^3 = YC + CE$$

A equação cúbica pela qual procuramos a solução é  $x^3 = x + 2$ . Dessa forma, para resolvermos tal equação cúbica, devemos atribuir, arbitrariamente, que a distância entre os pontos CE do compasso seja duas vezes 1, ou duas vezes a unidade de medida estabelecida entre os pontos YA e YB. Disso resultará que o valor da distância entre os pontos YC será uma raiz real positiva para a equação<sup>531</sup>  $x^3 = x + 2$ , chegando-se ao resultado de  $x$ . Ou seja, quando abrimos o compasso e a distância entre os pontos CE for igual a duas vezes a distância entre os pontos YA ou YB, o resultado de  $x$  para a equação cúbica será igual à distância entre os pontos YC.

Descartes percebe que haveria uma “ciência nova” que envolveria qualquer tipo de quantidade, fosse ela discreta ou contínua no estudo dos compassos. Em outras palavras, em tal quadro tudo poderia ser resolvido com compasso e régua, respeitando-se as complexidades que cada tema exige. O desenvolvimento da solução da equação cúbica com o compasso mesolábio é uma demonstração de como a geometria analítica cartesiana procede. Nele temos um exemplo de como as figuras geométricas relacionam-se com os cálculos algébricos para Descartes.

---

531 Conforme a simplificação proposta por MANCOSU, 2011, p. 114 – 115.

### **APÊNDICE B - 1 Breve cronologia da vida e das obras de Vico a partir da Vita**

Giambattista Vico (1668-1744) nasceu em Nápoles em 23 de junho de 1668<sup>532</sup>. Era filho de Antonio Vico (1638-1706), proveniente de Maddaloni, feudo dos Carafa, e que chegou a possuir uma pequena e modesta livraria em Nápoles, que influenciou a vida de Giambattista. Seu pai provavelmente foi alfabetizado por ter trabalhado em tipografia. Sua mãe, Candida Masullo (1633-1699), era filha de um construtor de carroças chamado Giambattista. Vico foi o sexto de oito filhos do matrimônio<sup>533</sup>.

Em sua autobiografia, intitulada *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*<sup>534</sup>, de 1728, Vico relata que nasceu em 1670, provavelmente um equívoco de sua memória. Ele relata em terceira pessoa o seu itinerário intelectual, suas obras, sua sólida formação filosófica, seu domínio dos oradores latinos, seu interesse pela história universal e avalia sua formação intelectual. Isso era uma prática comum à época e um tanto semelhante aos memoriais descritivos dos percursos intelectuais de nosso tempo. Ele dedica poucas páginas a relatar a sua infância, assumindo, segundo Guido, um forte estilo alegórico<sup>535</sup>.

Vico afirmou que seu pai era de humor alegre. Em relação à mãe, julgava ter um temperamento bastante melancólico. Os ânimos de ambos contribuíram para a sua formação. Quando criança, ele se julga vivaz, mas quando sofre o evento de uma queda do alto de uma escada, aos sete anos, muda o seu comportamento<sup>536</sup>

---

532 Segundo GARCÍA; BISBAL (1998, p. 81) a data está conforme a sua certidão de batismo da paróquia de San Gennaro all'Olmo. O pesquisador BADALONI (2008, p. 121) repete a mesma data.

533 Ibidem, 1998, p. 81; ROSSI, 1987, p. 5. PINTON, 1997, p. 120.

534 "Vida de Giambattista Vico escrita por ele mesmo". Ao nos referirmos a autobiografia de Vico resumiremos o nome da obra de Vico como *Vita*. A obra que utilizamos como referência é o estudo e tradução realizados por GARCÍA; BISBAL, 1998, originalmente em espanhol. Portanto, as referências à tradução da obra de Vico serão dadas como *Vita*, 1998; e quando se tratar do estudo de ambos autores sobre a biografia do autor citaremos conforme a primeira citação acima. Tomamos a liberdade de realizar traduções do espanhol para o português.

535 GUIDO, 2004, p. 20.

536 BADALONI, 2008, p. 121. As descrições que se seguem têm por base o estudo de Nicola Badaloni e sua *Cronologia da vida e da obra* de Giambattista Vico na obra supracitada. Adiante, haverá controvérsias entre os biógrafos de Vico. Buscaremos manter no corpo do texto, na medida em que for possível, a cronologia de Badaloni. As controvérsias consideradas

para “uma natureza melancólica e áspera, qual deve ser a dos homens engenhosos e profundos”<sup>537</sup>. A queda quebrou a parte direita do seu crânio, fazendo-o permanecer desmaiado por algum tempo. O médico fez o prognóstico de que ele ou morreria ou ficaria tolo. Por conta da queda<sup>538</sup>, Vico não frequentou a escola de gramática como as outras crianças e foi educado em casa durante três anos.

A partir de 1678, Vico frequenta de forma irregular a escola de gramática com dedicação, recordando-se de ter um extraordinário progresso e considerando-se como “mestre de si mesmo”, e em pouco tempo é admitido na classe superior. Em outubro de 1679, é admitido no curso inferior de humanidades. Em outubro de 1680, assiste, enquanto aluno externo, as aulas na escola dos padres jesuítas<sup>539</sup>, tendo como mestre o jesuíta e filósofo nominalista Antonio Del Bazo (1650-1725). Vico, de saúde frágil, sofre algumas crises de origem nervosa. Entre 1681 e 1682, as crises se agravam e ele fica cerca de um ano e meio afastado dos estudos; acreditando ter sido vítima de injustiça escolar, abandona a escola jesuítica. Estuda gramática por conta própria com o manual do jesuíta português M. Álvarez. Também estuda as *Summulae logicales* de P. Hispano, mas abandona os estudos de lógica por conta de sua dificuldade. Em 1683, devido à assistência a uma sessão de uma Academia, retorna ao Colégio Massimo dos Jesuítas, dedicando-se aos estudos de filosofia orientado por P. Giuseppe Ricci de Lecce (1650-1713), considerado por Vico como “seguidor de Escoto, mas [que] no fundo é um seguidor de Zenão”<sup>540</sup>. Vico atribui a Ricci o despertar de sua paixão pela teoria platônica em oposição ao nominalismo de Balzo. Isso influenciará Vico na constituição de sua obra *De Antiquissima*, embora, ele critique a excessiva atenção dada à explicação da distinção entre ente e substância de Ricci.

---

importantes e que nos colocaram em dúvida serão descritas em notas de rodapé.

537 *Vita*, 1998, p. 81.

538 Em 1725, enquanto Vico escreve a *Vita* ele também publica a primeira edição da *Ciência Nova*. Segundo GUIDO (2004, p. 20-21) Vico tenta organizar a autobiografia de acordo com a teoria do desenvolvimento da humanidade e suas sucessivas quedas e mudanças. A descrição de sua queda e da alteração de sua personalidade seria um esforço de Vico em relacionar a sua história pessoal à regra que permeia a história da humanidade, na qual a queda do homem se relaciona à alegoria que dá origem aos tempos históricos na tradição judaico-cristã. A sua queda seria a primeira alegoria da infância.

539 Collegio Massimo al Gesù Vecchio, sede da escola dos jesuítas.

540 *Vita*, 1998, p. 85.



Em janeiro de 1684, abandona o colégio Massimo. Retorna à livraria de seu pai e dedica-se ao estudo de *Disputationes Metaphysicae*<sup>541</sup> de Francisco Suárez (1548-1617), um jesuíta espanhol escolástico de amplo destaque no século XVI. Ele promoveu uma sistematização de metafísica e destacou-se em sua filosofia política e jurídica. Os estudos de Suárez tinham como referência o estudo de Santo Tomás de Aquino e exerceu influências nos pensamentos de Descartes, Spinoza e Leibniz<sup>542</sup>. Vico concluiu o seu estudo em 1685.

Entre 1684 e 1685, Vico dedicou-se à poesia e teve Francisco Verde de Sant'Antimo (1636-1701) como professor particular. Vico queixou-se do ensino de Verde, que valorizava mais o uso da memória do que o do intelecto. Após dois meses de estudos com Verde, Vico pôs-se a estudar as *Institutiones iuris civilis* de Ernano Vulteio, cuja obra conseguiu com certa dificuldade.

Em 1686, por indicação de D. Carlo Antonio de Rosa (1638-1712), marquês de Villa-rosa, iniciou seus estudos legais de práticas de foro com Fabrizio del Vecchio. Em junho, aos dezoito anos, Vico assume a sua primeira e única causa ao defender o seu pai de outro livreiro, Bartolomeo Moreschi, no Sacro Conselho. Ante sua vitória, Vico recebe o reconhecimento de Francesco Antonio Aquilante, o advogado adversário.

No mesmo ano, Vico encontrou-se em uma livraria com o monsenhor Geronimo Rocca (1623-1691), que lhe induziu a aceitar o convite de ser prelator de seus quatro sobrinhos no castelo de Vatolla, no Cilento, filhos de seu irmão Domenico Rocca. Vico, a convite de Domenico Rocca, permaneceu nesse castelo até 1695, dos 18 aos 27 anos. Durante esse período de nove anos, dedicou-se aos estudos de Platão e do platonismo e estudou os clássicos latinos Cícero, Virgílio e Horácio, assim como os italianos Dante, Petrarca e Boccaccio. Em sua *Vita*, Vico sustenta que, durante o período que habitou o castelo de Vatolla, vivia isolado nas florestas de Cilento, sem contato com Nápoles. Seus biógrafos não têm tanta certeza a respeito de tal afirmação, uma vez que os Rocca passavam longas temporadas em Nápoles nesse período. A afirmação de Vico contribui para a

---

541 "Discussões metafísicas" ou, conforme tradução de 2011 da editora portuguesa Humus, "Disputações metafísicas".

542 *Vita*, 1998, p. 85-86. Nota 13.

formação do mito da solidão, que destaca a solidão necessária para a originalidade do pensamento, distante das modas da grande metrópole de Nápoles, e lembra os nove anos que Descartes utilizou para suas meditações. Em 1689, matriculou-se na universidade e provavelmente concluiu seus estudos entre 1693 ou 1694, talvez em Salerno e não em Nápoles<sup>543</sup>.

Entre 1687 e 1695, Vico aperfeiçoa-se nos estudos de filosofia. Nesse mesmo período, antes de Vico concluir o curso de Direito, o Tribunal da Santa Sé moveu processos contra alguns intelectuais em Nápoles, acusados de ateísmo por terem aderido à filosofia cartesiana<sup>544</sup>. O processo ocorreu entre os anos de 1686 e 1693<sup>545</sup>, e os acusados foram condenados à prisão por alguns anos. Eles eram advogados e matemáticos que admiravam e publicizavam a teoria cartesiana. Segundo Guido, seu fim não foi mais violento porque eles pertenciam a famílias de prestígio. Durante esses anos, Vico conheceu Giuseppe Valleta e diversos seguidores que eram chamados de “ateístas”.

Em 1692, Giuseppe Valleta fez Vico ingressar na *Accademia degli Uniti*. Em 1693, a pedido de Valleta, Vico publica *Gli affetti di un disperato*<sup>546</sup>, obra que não é relatada em sua *Vita* possivelmente devido a repercussão negativa que algumas teorias tiveram em Nápoles; tal canção teve influências lucrecianas. Anos depois, Vico assumiria uma postura contrária à filosofia epicúrea. Uma possibilidade interpretativa dessa mudança na atitude de Vico e da omissão de tal obra em sua *Vita* é a de que ela aconteceu pelo motivo de que essas teorias, tanto a moral estoíca quanto a epicúrea, serviram de base teórica para os “ateístas” napolitanos<sup>547</sup>.

No outono de 1695, Vico retorna de Vatolla para sua cidade, Nápoles, sentindo-se um estrangeiro em sua própria terra<sup>548</sup>. Ele passa a frequentar o salão

---

543 BADALONI, 2008, p. 122. GARCÍA; BISBAL (1998, p. 58) divergem de Badaloni e afirmam que a matrícula ocorreu na Faculdade de Direito de Nápoles e que ele se licenciou em direito civil e canônico no ano de 1694. Já PINTON, 1997, p. 122, sustenta que Vico completou seus estudos universitários em Salerno. Há controvérsias entre os estudiosos.

544 GUIDO, 2004, p. 27.

545 De acordo com o estudo de SILVA NETO, 2015, p. 153, nota 22, o processo ocorreu entre 1688-1697, a partir da obra de OSBAT, L. *L'inquisizione a Napoli. Il processo agli ateisti. 1688-1697*.

546 “As afeições de um desesperado”. BADALONI, 2008, p. 122.

547 *Vita*, 1998, p. 95, nota 36.

548 “Com toda essa doutrina e com toda essa erudição Vico foi recebido em Nápoles como um forasteiro em sua própria pátria”. *Ibid.*, p. 106.

literário de Niccolò Caravita<sup>549</sup>, expoente do ambiente anticurialístico. Em 1696, publicou a oração *Pel ritorno in Ispagna di Don Francesco Benavides Conte di Santisteban del Puerto Viceré di Napoli*. No ano de 1697, publica também *In funere excellentissimae Catharinae Aragoniae Segorbiensis decis ecc. Oratio a Johanne Baptista a Vico cive neapolitano habita*. Em 9 de dezembro<sup>550</sup> do mesmo ano, morre Giuseppe Toma, titular da cátedra de retórica da Universidade de Nápoles.

Com o apoio de Niccolò Caravita, Vico inscreveu-se no concurso para a cátedra de retórica. Percebendo a grande oportunidade para a carreira universitária, Caravita buscou vencer a resistência de Vico com relação à realizar o concurso. Ele cuidou de todos os trâmites administrativos, das visitas e recomendações aos membros do tribunal, sobrando para Vico apenas a preocupação de preparar a sua lição, que era um exame de sessenta minutos de exposição de uma lição sobre um texto de Quintiliano, que o candidato deveria escolher entre três trechos sorteados, com vinte e quatro horas de antecedência.

Em 24 de outubro de 1698<sup>551</sup>, Vico participou do processo de seleção diante da comissão julgadora para obtenção da cátedra de Eloquência da Universidade de Nápoles. O trecho escolhido para a aula de sessenta minutos foram as primeiras linhas do capítulo *De statibus causarum*, capítulo sexto, terceiro livro da obra *Institutio oratoria* de Quintiliano. Ele dedicou-se à etimologia e à distinção do “Estado” do trecho. O tribunal examinador era composto por 22 membros. Vico recebeu 12 votos favoráveis, ou seja, a metade mais um, embora tenha descrito em sua *Vita* que a aprovação se deu por ampla maioria.

Em 3 de janeiro de 1699<sup>552</sup>, aos 31 anos de idade, Vico recebe o comunicado de que havia sido aprovado para a cátedra de Eloquência. Em 31 de

---

549 Niccolò Caravita (1647-1717), de influências cartesianas e neopetrarquistas, abrigava em sua casa um salão literário para discussão de poesia, filosofia e política. Vico refere-se a ele como “grande protetor” dos intelectuais. Vide *Vita*, p.110, nota 64.

550 A data de morte é controversa. Segundo os autores GARCÍA; BISBAL (1998, p. 111) a morte ocorreu em 19 de dezembro de 1697.

551 Segundo a cronologia de BADALONI (2008, p 123) a data é 24 de novembro. No entanto, NICOLINI (sem data, p. 30); ROSSI (1987, p. 30) e GARCÍA; BISBAL (1998, p. 112) descrevem que a data foi em 24 de outubro de 1698. E a aula aconteceu vinte e quatro horas depois, ou seja, no dia 25. Nesse caso, alteramos a data que permanece no corpo de texto devido às controvérsias dos biógrafos.

552 BADALONI, 2008, p. 123.

janeiro de 1699, Vico é nomeado<sup>553</sup> e passa a receber um soldo de 100 escudos<sup>554</sup> por ano pela cátedra universitária. A carreira universitária promove uma pequena ascensão social e certa independência para Vico. No entanto, ele ainda precisará dar lições particulares e abrir uma academia particular para complementação de sua renda durante o resto de sua vida<sup>555</sup>.

Em 18 de outubro de 1699, Vico fez a sua primeira oração inaugural da Universidade, com o título *Orazioni Inaugurali: Suam ipsius cognitionem ad omnem doctrinarum orbem brevi absolvendum maximo cuique esse incitamento*<sup>556</sup>. Em 2 de dezembro, esposou Teresa Caterina Destito, filha de um vizinho que conhecia desde a infância<sup>557</sup>. Juntos, eles tiveram oito filhos, dos quais apenas cinco chegaram a idade adulta. No ano seguinte ao matrimônio, nasceria sua primogênita chamada Luisa Gaetana.

Em 18 de outubro de 1700, pronunciou a sua segunda oração com o título *Hostem hosti infensioem infestioemque quam stultum sibi esse neminem*<sup>558</sup>. Em 18 de outubro de 1701<sup>559</sup>, a sua terceira oração inaugural da universidade intitulava-se *A literaria societate omnem malam fraudem abesse oportere, si nos vera non simulata, solida non vana eruditione ornatos esse studeamus*<sup>560</sup>. Em 1703, compôs *De partenopea coniuratione IX kal. Octobris MDCCI a Johanne Baptista a Vico regio*

---

553 ROSSI, 1987, p. 30. Segundo NICOLINI (sem data, p. 30), o bilhete do Vice-rei de Medinaceli data de 31 de janeiro de 1699. É o mesmo ano em que morre sua mãe.

554 PINTON, 1997, p. 123.

555 GARCÍA; BISBAL, 1998, p. 50.

556 “Oração inaugural: Que o conhecimento de si próprio sirva a cada qual de máximo incentivo para completar, brevemente, todo o orbe de doutrinas”. As traduções dos títulos das orações inaugurais a seguir terão por modelo os textos vertidos do latim ao espanhol traduzidos por Francisco J. Navarro Gómez, do texto VICO, 2002.

557 PINTON, 1997, p. 123.

558 “Ninguém pode ser um inimigo mais hostil e devastador para com seu adversário do que o néscio é para si mesmo”.

559 Apesar de Vico relatar tal data, é possível que esta seja um erro de sua memória. E isso ocorre com as datas da terceira, quarta e quinta orações relatadas por ele. As próximas datas das orações inaugurais seguirão a seguinte organização: no corpo do texto relataremos as datas que o próprio Vico descreveu em sua obra *Vita*. Nas notas de rodapé, nos esforçaremos para descrever as datas em que elas provavelmente ocorreram, segundo os estudiosos pesquisados. Sobre a data da terceira oração, Badaloni, Rossi e Nicolini apresentam a possível data de 1702. GARCÍA; BISBAL (1998, p. 59) relatam que em 1701 não houve inauguração solene devido a repressão cruenta da conjura de Macchia, na qual alguns nobres napolitanos fracassaram em tentar deixar de ser submissos à Espanha para tornar-se em um Estado autônomo, que viria a ser inicialmente governado por um filho do imperador austríaco.

560 “Que toda perfídia deve manter-se à margem da comunidade das letras, se desejamos estar adornados de uma erudição verdadeira e não simulada, sólida e não vã”.

*eloquentiae professore, conscripta*<sup>561</sup>, que permaneceu inédito até a publicação de *Opere* por G. Ferrari, no quinto volume da obra de 1837. Nessa obra, Vico condena o objetivo filo-austríaco da conjura.

Em 18 de outubro de 1704<sup>562</sup>, Vico reinicia o ano acadêmico com sua quarta oração *Si quis ex literarum studiis maximas utilitates easque semper cum honestate coniunctas percipere velit, is reipublicae seu communi civium bono erudiat*<sup>563</sup>. Em outubro de 1705<sup>564</sup>, Vico pronuncia sua quinta oração inaugural que intitulava-se *Res Publicas tum maxime belli gloria inclytas et rerum imperio potentes, quum maxime literis floruerunt*<sup>565</sup>.

Em outubro de 1707, pronunciou a sua sexta oração inaugural com o título *Corruptae hominum naturae cognitio ad universum ingenuarum artium scientiarum que orbem absolvendum invitat, ac rectum, facilem ac perpetuum in iis addiscendis ordinem exponit*<sup>566</sup>. O texto com as cinco primeiras orações permaneceu inédito até 1869. Em 1823, a segunda oração já havia sido publicada no *Opuscoli* de Villarosa. Ainda em 1707, sob a ordem do comandante dos exércitos austríacos, Ph. L. Wierich von Daun, ele produz as inscrições fúnebres para honrar a memória dos nobres executados pelos espanhóis durante a repressão da conjura de Macchia.

No ano de 1709, Vico reelabora a sua sétima oração, que havia sido pronunciada em 1708, em uma redação definitiva, ampliada e publicada com o título *De nostri temporis studiorum ratione*<sup>567</sup>.

---

561 Conhecida como “A conjura partenopeia” ou “A conjura de Macchia”.

562 Nicolini, Rossi e Badaloni afirmam que a data é 18 de outubro de 1703. Com base na correção da cronologia das orações inaugurais de Vico proposta por G. Monti, *Sulla tradizione e sul testo delle orazioni inaugurali*, GARCÍA; BISBAL (1998, p. 59-60; 116) afirmam que houve intervalos nas orações nos anos de 1701, 1703 e 1704. Portanto, segundo os autores, a quarta oração ocorreu no ano de 1705.

563 “Se alguém quiser receber o maior proveito dos estudos das letras, e esteja sempre a par da dignidade, que se instrua para o Estado ou ao bem comum dos cidadãos”.

564 Os autores concordam que a oração ocorreu em 1706. No mesmo ano, faleceu seu pai Antonio Vico.

565 “Que os Estados, quanto mais floresceram nas letras, tanto mais foram inclinados para a sua glória bélica e mais fortes pelo poderio em seus domínios”.

566 “O conhecimento da natureza corrupta dos homens convida a completar o orbe inteiro das artes liberais e das ciências, e expõe a reta, descomplicada e perpétua ordem para sua aprendizagem”.

567 Existem muitas traduções possíveis para o título. Embora a tradução mais comum seja “Sobre o método de estudos de nosso tempo”, deve-se levar em conta a possível referência ao *Ratio Studiorum* jesuíta.

Em 1710, o *Giornale de'Letterati d'Italia*, de Veneza, publica uma crítica positiva ao *De nostri* de Vico. No mesmo ano, ele publica a obra *De antiquissima italarum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*<sup>568</sup>. Em sua introdução, Vico apresenta a obra em três livros: livro I: Metafísico, livro II: Físico, e, livro III: Moral. Temos acesso apenas ao livro I. Os livros II e III perderam-se ou não foram escritos. O livro I apresenta-se como uma carta aberta a Paolo Matia Doria, um estudioso do cartesianismo.

No ano de 1711, Vico inicia a redação das *Institutiones Oratoriae*. São publicadas críticas negativas no *Giornale* ao seu livro Metafísico e Vico publica *Risposta* às críticas do *Giornale de letterati d'Italia*. Em 1712, é publicado um novo escrito em relação à polêmica sobre o livro *De Antiquissima*.

Em 1713, começou a compor *De rebus gestis Antonii Caraphaei*. Dedicava-se ao trabalho durante as noites “em meio ao estrépito de seus filhos”. Publicou a obra apenas em 1716, quando também iniciou um comentário à obra *De iure belli et pacis* de Hugo Grocio, que se tornaria seu quarto autor de referência, junto aos autores Platão, Tácito e Francis Bacon.

Em 1719, ainda realizou uma abertura pública solene dos estudos com o tema *Omnis divinae atque humanae eruditionis elementa tria: nosse, velle, posse; quorum principium unum mens, cuius oculus ratio, cui aeterni veri lumen praebet Deus*<sup>569</sup>.

No mês de julho de 1720, Vico publicou um breve ensaio ainda sem título, que atualmente é intitulado *Synopsi del 'Diritto universale'*. No mês de setembro, Vico publicou *De uno universi iuris principio et fine uno*, primeiro tomo dos três que comporiam a obra *Diritto Universale*.

Em 1721, compôs *Giunone in danza*. A partir do desenvolvimento do *De uno*, Vico publicou *De constantia iurisprudientis*, em duas partes: *De constantia philosophiae* e *De constantia philologiae*. Foi em 19 de outubro de 1719 que

---

568 “Sobre a revelação da antiquíssima sabedoria dos italianos partindo das origens da língua latina”.

569 “Os elementos de toda erudição, divina e humana, são três: conhecer, querer, poder; o princípio dos quais é um só, a mente, e seu olho a razão, ao que Deus confere a luz da verdade eterna”.

Francesco Ventura apreciou a abertura realizada por Vico e o convidou a realizar um trabalho abrangente, daí surgindo o projeto do *De constantia*.

Em 13 de agosto de 1722, Vico publicou *Notae* ao *De uno universi* e ao *De constantia*, com o apoio do jovem e rico Giambattista Filomarino. Em 08 de setembro, Vico recebe uma carta de elogio de Jean Le Clerc seguido de uma longa revisão dos *De Uno* e *De Constantia* na *Bibliothèques ancienne et moderne pour servir de suite aux "Bibliothèques universelles" et "Choisie"*.

Em 1723, Vico participa do concurso para a cátedra matutina de Direito Romano da Universidade de Nápoles. Nessa época, ele tinha 55 anos de idade, dos quais 24 anos foram dedicados à cátedra de retórica. A sua família já era composta por quatro filhos. Em meio ao “estrépito”<sup>570</sup> de seus filhos, Vico preparou-se para participar do concurso, que remunerava com um soldo de 600 escudos por ano. Dessa vez, Vico contou com a ajuda de D. Domenico Caravita. Ele era filho de D. Nicoló Caravita, que lhe havia auxiliado no concurso para a cátedra de Retórica. A esperança de Vico depositava-se em seu conhecimento em jurisprudência, que as obras anteriores lhe proporcionaram, e na reputação que havia conquistado em Nápoles. Seus concorrentes apostavam que a confiança de Vico nisso seria-lhe um obstáculo, como ele relata em sua *Vita*.

Para a prova do concurso, foram sorteadas três leis do *Digesto* para Vico: *De rei vindicatione*; *De peculio*; e, *De praescriptis verbis*. O prazo de preparação para a prova era de 24 horas. Vico ainda solicitou que se elegessem uma das leis para que ele pudesse se aprofundar melhor. Não o fizeram. Por conta própria, Vico elegeu a última, por pertencer a Papiniano, e que se dedicava a definição dos nomes das leis, que ele considerava como uma das atividades mais difíceis para a jurisprudência. A estratégia de Vico para a aula consistiu em iniciar com o esclarecimento da delimitação do tema que havia escolhido, para prosseguir com uma interpretação efetuada “palavra por palavra” da lei e com a exposição dos

---

<sup>570</sup> Vico fez duas referências ao “estrépito” de seus filhos em sua *Vita*. A primeira aparece quando ele descreve que durante o ano de 1715 escrevia a *Vita* de Antonio Carafa (*Vita*, p. 133). Nessa época ele tinha três filhos: Luisa de 15 anos, Inacio de 9 e Angela Teresa de 6 anos. Devido a uma residência modesta e estreita, a presença habitual de seus filhos fazia-se notar enquanto ele “lia, escrevia ou meditava”. A segunda referência é a de 1723 (*Vita*, p. 144) enquanto ele se preparava para o concurso da cátedra de Direito Romano. São raras as referências à sua vida pessoal em sua obra. Isso demonstra o caráter impessoal que sua autobiografia assumiu, como era comum em sua época, apresentando somente o seu percurso intelectual.

principais autores e suas contradições sobre o tema, apontando uma solução para o impasse. Ele ainda utilizou das “elegâncias da jurisprudência” e empregou termos em grego.

Com a quantidade de aplausos que Vico recebera, ele acreditou que havia conquistado o concurso. Mas, ao saber do “infeliz” resultado do concurso, que o havia incluído junto aos recém-licenciados, e por conselho de D. Domenico Caravita, Vico renunciou ao concurso da cátedra. Vico consolou-se com a leitura elogiosa que Jean Le Clerc lhe havia feito.

A primeira parte da autobiografia de Vico, intitulada como *Vita*, foi escrita durante o ano de 1723, quando ocorreu o concurso. O primeiro texto de sua *Vita* provavelmente encerra-se nesse duplo fato: o fracasso do concurso e o consolo de Le Clerc. Ele a envia para publicação no mesmo ano. Em março de 1728, como a obra ainda não havia sido publicada, Vico enviou uma nova parte a ser adicionada à sua autobiografia que dissertava sobre sua obra *Ciência nova em forma negativa* e que depois tornou-se a *Ciência nova*, de 1725.

Uma das principais características de sua *Vita* é que ela descreve o seu percurso intelectual em terceira pessoa. Outra característica importante é que ela foi escrita em italiano, não em latim. A sua maior obra, que será conhecida por *Ciência nova*, também não foi escrita em latim, mas em italiano. E na sua terceira edição houve o esforço de se escrever em estilo barroco<sup>571</sup>. O motivo dessa opção talvez seja a desilusão que o concurso lhe causara. Vico chegou a afirmar que não escreveria mais para a Universidade, mas que se dedicaria a escrever para os verdadeiros doutos do mundo<sup>572</sup>. Já o seu último discurso inaugural, *De mente heroica*, foi escrito e proferido em latim. Talvez este tenha sido um momento de reconciliação com sua universidade, estando Vico já com uma idade mais avançada.

---

571 A opção de uma leitura de um Vico que se distancia ou se aproxima do barroco é controversa entre os estudiosos de Vico. Nuzzo (2009-2010) separa os autores que seguiram uma vertente baseada na leitura de Croce que consideraram Vico um “solitário que superou o barroco”. Outros autores como Grassi, Verene, Battistini, Rossi, etc., reconheceram as dívidas de Vico com o barroco. Nuzzo conclui que alguns elementos da teoria de Vico estão relacionados ao barroco, como a metáfora sobre o “sangue” que deve alimentar todo o organismo com a *Ciência nova*. Mas, que contrasta com o ponto principal da teoria de Vico que seriam “as sementes do eterno verdadeiro”, que possui uma herança estoica e também havia sido apropriada pelo aristotelismo, portanto, distante do barroco.

572 GUIDO, 2004, p. 13.



Durante 1725, Vico trabalhou na obra que possivelmente se intitulava *Scienza nuova d'intorno ai principj dell'umanità*. Segundo o próprio Vico, em sua *Vita*, ele escreveu no primeiro livro sobre o princípio do direito natural dos povos e da humanidade das nações. No segundo livro, Vico esclarece a geração dos costumes humanos em uma cronologia racionalizada dos tempos obscuros e fabulosos dos gregos. A obra em uma forma negativa não foi publicada e o seu manuscrito se perdeu. Vico fez algumas críticas às teorias dos séculos XV e XVI. Os estudiosos designaram essa obra como *Ciência nova em forma negativa*.

Em setembro de 1725, Vico entrega ao editor Felice Mosca a obra com o título: *Principj di una scienza nuova d'intorno alla natura delle nazioni per la quale si rituovano i principj di altro sistema del diritto naturale delle genti*. A obra foi publicada mesmo sem o patrocínio solicitado ao cardeal Lorenzo Corsini (1652-1740), futuro papa Clemente XII, que inicialmente havia se comprometido a financiá-la ao aceitar que a obra fosse dedicada a ele. Isso obrigou Vico a custear sozinho a publicação, que acabou sendo uma edição reduzida do manuscrito original. Sempre em dificuldades financeiras, Vico vendeu uma joia familiar para custear os gastos de impressão. Era um anel “que tinha um diamante de cinco grãos de puríssima água”<sup>573</sup>. A primeira impressão contou com mil exemplares. Foram enviados exemplares para Antonio Conti, de Veneza; a Giuseppe Athias, de Livorno; Giuseppe Averani, de Pisa; Anton Maria Salvini, de Firenze; Jean Le Clerc, de Amsterdã; Isaac Newton, de Londres; Giovan Burcardo Mencken, de Lipsia. Entre novembro e dezembro, ele escreveu a *Vita*. Em 26 de dezembro, escreveu “carta” para Gherardo Degli Angioli sobre a índole da verdadeira poesia com comentários sobre Dante<sup>574</sup>.

Em 1727, Vico escreveu a oração *In morte di Donn'Angela Cimmino, marchesa della Petrela*. O conde de Porcia possibilita que Vico possa complementar sua obra *Vita*, iniciada em 1723. Na *Acta eruditorum lipsiensia* é publicada uma crítica anônima e difamatória de sua obra *Ciência nova*, de 1725.

Em 15 de janeiro de 1728, P. Carlo Lodoli e o abade Antonio Conti propuseram que Vico fizesse uma nova edição da *Scienza nuova prima*. Isso estimulou Vico a produzir suas notas e comentários da obra. Em abril, foi editada a

---

573 *Vita*, p. 148, nota 152.

574 Os textos foram traduzidos para o português por SILVA NETO, 2016, p. 178-192.

*Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* in *Raccolta di Opuscoli scientifici e filologici* di Angelo Calogerà, publicada em Veneza, acima mencionada apenas como *Vita* ou autobiografia. Uma outra parte do texto foi adicionada em sua *Vita* em 1731, com o nome de *Aggiunta*, com anotações primeira e segunda, que foram escritas enquanto ele ainda aguardava a impressão da segunda edição da *Ciência nova*. Elas descrevem as diversas orações que Vico fora convidado a realizar para pessoas importantes de Nápoles.

No ano de 1729, Vico produziu uma resposta a um parecer desfavorável a sua primeira edição da *Ciência nova*, que apareceu na *Acta eruditorum lipsiensia*, em 1727. A sua resposta foi intitulada como *Notae in "Acta eruditorum", lipsiensia mensis augusti a. MDCCXXIX, ubi inter 'nova literaria' unum extat de ejus libro, cui titulus: "Principj di una scienza nuova d'intorno alla natura delle nazioni"*, conhecida também como *Vici vindiciae*. A partir de setembro dedicou-se a ampliar sua *Ciência nova*. Entre dezembro e a Páscoa de 1730, Vico continuou a trabalhar em sua principal obra.

Entre agosto e setembro de 1730, foi impressa a segunda edição da *Ciência nova*, em Nápoles. O texto original tinha mais de mil páginas, mas como os custos tiveram que ser novamente arcados pelo próprio Vico, imprimiu-se apenas a metade da obra original, excluindo até mesmo o texto sobre a dificuldade da reedição em Veneza. Em dezembro foi publicada "*Cinque libri di Giambattista Vico de' principj d'una Scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni*, in questa seconda impressione com più própria maniera condotti e accresciuti. Alla Santità di Clemente XII dedicati". A segunda edição da obra foi dedicada ao papa Clemente XII, anteriormente cardeal Lorenzo Corsini, que havia desistido de lhe custear a primeira.

Em 1731, Vico continua trabalhando em sua principal obra e produz 190 páginas de correções, melhoramentos e a terceira adição da obra *Ciência nova*. Produz a *Aggiunta* que complementa a sua obra *Vita*. Em 1732, é reiniciada a tradição das inaugurações solenes do curso universitário de Nápoles. Vico, com cerca de 64 anos de idade, 33 anos de magistério na Universidade de Nápoles e 9 anos após o fracasso do concurso da cátedra de direito, pronunciou o discurso

inaugural em latim e publicou sua oração *De mente heroica*, dedicada ao vice-rei de Nápoles.

Em 1734, Vico dedica um soneto encomiástico ao novo rei Carlos de Borbone e solicita a sua nomeação como historiador real. Em 1737, ele foi nomeado como historiador real, duplicando o seu salário de cem escudos<sup>575</sup>. Em 1738, Vico escreve a oração de bodas entre o rei Carlos de Borbone e Maria Amalia de Valburgo, com o título *In Regis Caroli Borbonj et Amaliae Saxonicae nuptiis regiae neapolitanae Academiae obsequentis officium*.

Em 1740, ele solicita e consegue que o rei Carlos de Borbone nomeie seu filho Gennaro, que na época tinha cerca de 25 anos de idade, para lhe suceder na cátedra de retórica. No entanto, por conta da saúde debilitada de Vico, Gennaro vinha substituindo seu pai em algumas aulas já há alguns anos. Em 1742, aos 74 anos de idade e 43 anos de dedicação ao magistério superior, Vico deixou definitivamente o ensino universitário. Em 1743, concluiu a terceira edição da *Ciência nova*, que havia começado a reescrever do início ao fim, em 1736. Em dezembro, Vico corrigiu as provas de impressão de metade do livro. A redação definitiva foi publicada em 2 de julho de 1744, com o título: "*Principj di Scienza nuova* di Giambattista Vico *d'intorno alla comune natura delle nazioni*, in questa terza impressione dal medesimo autore in un gran numero di luoghi corretta, schiarita e notabilmente accresciuta". Essa obra continha dois volumes e uma numeração que ia do 1 ao 528.

Vico morreu em Nápoles entre a noite do dia 22 e a manhã do dia 23 de janeiro de 1744, aos 75 anos de idade. A luta contra a miséria fez parte de toda a sua vida. Nos últimos anos, era considerado ainda mais tranquilo, porém taciturno. A autobiografia *Vita* é um livro que oferece uma cronologia de suas obras, mas, principalmente, uma excelente síntese de suas principais obras e teorias. Para Pereira Filho<sup>576</sup>, a *Vita*, escrita por Vico, é uma narrativa sincera dos acertos e fracassos do percurso intelectual do autor e se opõe diretamente à dissimulação que Descartes fez de sua própria história quando redigiu a obra *Discurso*. Segundo ele:

---

575 PINTON, 1997, p. 127.

576 PEREIRA FILHO, 2012, p. 187.

o que Vico acentua na sua *Autobiografia* são os vários obstáculos que teve que superar: as doenças, o desgosto com a vida acadêmica, a luta contra seus detratores, as dificuldades econômicas. Não se trata aqui de nenhum auxílio da Providência na condução de uma vida intelectual, mas sim do esforço do próprio Vico que, “com mente heroica”, construiu uma obra de pensamento que não se ergueu por obra do destino<sup>577</sup>.

Segundo os autores García e Bisbal<sup>578</sup>, a autobiografia viquiana é como uma tragédia, pois descreve uma vida real e todos os desafios que seu autor enfrentou, ao passo que o *Discurso* de Descartes seria como uma comédia, pois esconde os verdadeiros percursos do autor; sendo esta obra o fruto da ambição de Descartes pela fama houve a necessidade de esconder os dissabores ao longo de sua carreira intelectual. De outra forma, o relato dramático de Vico é uma autocompreensão de sua trajetória e de seu saber, os quais cumprem o princípio de uma consciência em crescimento em que “os homens primeiro sentem sem advertir, depois advertem com ânimo perturbado e comovido, finalmente refletem com mente pura”<sup>579</sup>. Da mesma forma que a humanidade avança, o indivíduo também avança. Vico teria tentado deixar isso ficar claro com sua *Vita*. Na sequência, buscaremos organizar as principais obras de Vico publicadas em vida e as obras póstumas.

## **2 A produção bibliográfica de Vico**

A seguir, estabelecemos uma relação da produção bibliográfica de Vico com base nos estudos de Guido<sup>580</sup>, que divide entre obras publicadas em vida e obras póstumas.

### **2.1 As obras de Giambattista Vico publicadas em vida**

– *De nostri temporis studiorum ratione. Dissertatio a Ioh. Baptistae a Vico neapolitano, eloquentiae professore regio, in Regia Neapolitani Academia XV. kal. nov. MDCCIX ad literarum studiosam iuventutem solemniter habita, deinde aucta.* Nápoles: Felice Mosca, 1709.

---

577 PEREIRA FILHO, 2012, p. 190.

578 GARCÍA; BISBAL, 1998, p. 6.

579 SN, 2005, § 218, p. 135.

580 GUIDO, 2004, p. 122-124.

- *De Antiquissima Italarum Sapientia ex Linguae Latinae Originibus eruenda. Libri tres Joh. Baptistae a Vico Neapolitani Regi Eloquentia Professoris.* Nápoles: Felice Mosca, 1710.
- *De rebus gestis Antonj Caraphaei. Libri quatuor. Excellentissimo Domino Hadriano Carapheo. Trajacetinorum duci Forolivensium Dom. XII S. R. I. Comiti Hisp. Magnati amplissimo inscripti.* Nápoles: Felice Mosca, 1716.
- *De Universi Juris uno principio, et fine uno. Liber alter qui est de constantia jurisprudentis. Notae in duos libros alterum de uno universi juris principio et fine uno, alterum de constancia jurisprudentis.* Nápoles: Felice Mosca, 1720-1722.
- *Principi di una Scienza Nuova intorno alla natura delle nazioni per la quale si ritrovano i principi di altro sistema del diritto naturale delle genti.* Nápoles: Felice Mosca, 1725.
- *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo,* in “Raccolta di opuscoli scientifici e filologici”. Venezia: Zane, 1728.
- *Vici Vindiciae Ioh. Baptistae Vici Notae in Acta Eruditorum Lipsiensis mensis augusti A. MDCCXXVII.* Nápoles: Felice Mosca, 1729.
- *Cinque libri di Giambattista Vico De’Principj d’una Scienza Nuova d’intorno alla comune natura delle nazioni.* Nápoles: Felice Mosca, 1730.
- *De mente heroica. Dissertatio habita in Regia Academia Neapolitana XIII Kal. Novembris Anno 1732.* Nápoles: Paci, 1732.
- *Principj di Scienza Nuova di Giambattista Vico d’intorno alla comune natura delle nazioni. In questa terza impressione dal medesimo autore in gran numero di luoghi corretta, schiarita e notabilmente accresciuta.* Nápoles: Muzio, 1744.

## 2.2 Obras póstumas

- *Lettere ed altri pezzi inediti.* Testi tratti da un manoscritto della Biblioteca Reale e pubblicati dal bibliotecario della stessa, A. Giordano, unitamente all’ *Ode in morte di Angiola Petrella.* Nápoles: Giovanitti, 1818.
- *Q. Horatii Flacci de Arte Poetica Librum cum notis Ioannis Baptistae Vici,* a cura di A. Giordano. Nápoles: Biblioteca Analitica, 1819.
- *Poesie varie.* In *Opere*, vol. II, a cura di N. Corcia. Nápoles: Tipografia della Sibilla, 1834.
- *De partenopea conjuratione, IX Kal. octobris 1701.* In *Opere*, vol. I a cura di G. Ferrari. Milão: Classici Italiani, 1837.

- *Delle istituzioni oratorie*, a cura di L. Parchetti. Novi: Moretti, 1844.
- *Cinque orazioni latine inedite*, pubblicate da un Cod. MS. Della Biblioteca Nazionale per cura del bibliotecario Antonio Galasso. Nápoles: Morano, 1869.